

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES E DO USA TODAY

TAHEREH MAFI



INTOCÁVEL



~~AS MINHAS MÃOS SÃO LETAIS.~~
AS MINHAS MÃOS SÃO PODER.

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES E DO USA TODAY

TAHEREH MAFI



INTOCÁVEL



~~AS MINHAS MÃOS SÃO LETAIS.~~
AS MINHAS MÃOS SÃO PODER.

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES E DO USA TODAY

TAHEREH MAFI



INTOCÁVEL



~~AS MINHAS MÃOS SÃO LETAIS.~~
AS MINHAS MÃOS SÃO PODER.

ÍNDICE

UM
DOIS
TRÊS
QUATRO
CINCO
SEIS
SETE
OITO
NOVE
DEZ
ONZE
DOZE
TREZE
CATORZE
QUINZE
DEZASSEIS
DEZASSETE
DEZOITO
DEZANOVE
VINTE
VINTE E UM
VINTE E DOIS
VINTE E TRÊS
VINTE E QUATRO
VINTE E CINCO
VINTE E SEIS
VINTE E SETE
VINTE E OITO
VINTE E NOVE

TRINTA

TRINTA E UM

TRINTA E DOIS

TRINTA E TRÊS

TRINTA E QUATRO

TRINTA E CINCO

TRINTA E SEIS

TRINTA E SETE

TRINTA E OITO

TRINTA E NOVE

QUARENTA

QUARENTA E UM

QUARENTA E DOIS

QUARENTA E TRÊS

QUARENTA E QUATRO

QUARENTA E CINCO

QUARENTA E SEIS

QUARENTA E SETE

QUARENTA E OITO

QUARENTA E NOVE

CINQUENTA

EPÍLOGO

AGRADECIMENTOS

*Para os meus pais e para o meu marido, porque,
quando disse que queria tocar a lua,
pegaram-me na mão, abraçaram-me
e ensinaram-me a voar.*

*Duas estradas bifurcavam numa floresta e eu...
seguí pela menos percorrida
e isso fez toda a diferença.*

Robert Frost, *A Estrada Não Percorrida*

UM

Estou trancada há 264 dias.

Não tenho nada que me faça companhia além de um pequeno caderno, de uma caneta partida e dos números na minha cabeça. 1 janela. 4 paredes. 13 metros quadrados de espaço. 26 letras num alfabeto que não pronunciei em 264 dias de isolamento.

6336 horas desde que toquei noutro ser humano.

— Vais ter um companheiro de cela quarto — disseram-me.

— Esperamos que apodreças aqui Por bom comportamento — disseram-me.

— Outro psicopata como tu Acabou-se o isolamento — disseram-me.

São os servos do Restabelecimento. A iniciativa que, supostamente, devia ajudar a nossa sociedade moribunda. As mesmas pessoas que me arrancaram à casa dos meus pais e me trancaram num asilo por qualquer coisa fora do meu controlo. A ninguém importa que não soubesse do que era capaz. Que não soubesse o que fazia.

Não faço ideia do sítio onde estou.

Sei apenas que fui transportada por alguém numa carrinha branca que viajou 6 horas e 37 minutos para me trazer até aqui. Sei que fui algemada ao banco. Sei que fui atada à minha cadeira. Sei que os meus pais não se deram ao trabalho de dizer adeus. Sei que não chorei enquanto me levavam.

Sei que o céu desaba todos os dias.

O sol mergulha no oceano e projeta castanhos, vermelhos, amarelos e laranjas sobre o mundo fora da minha janela. Um milhão de folhas de

uma centena de ramos diferentes caem com o vento, esvoaçando com uma falsa promessa de voo. O vento sopra as asas mirradas e força-as a cair, esquecidas, para serem pisadas pelos soldados posicionados imediatamente por baixo.

Não existem tantas árvores como antes, é o que dizem os cientistas. Dizem que o nosso mundo era verde. Que as nossas nuvens eram brancas. Que o nosso sol irradiava sempre o tipo certo de luz. Mas tenho memórias muito vagas desse mundo. Não me lembro de muita coisa do que existia antes. A única existência que conheço agora é a que me foi dada. Um eco do que existiu.

Pressiono a palma da mão contra a pequena vidraça e sinto o frio a dominá-la com uma avidez familiar. Estamos ambos sozinhos, ambos existindo como a ausência de outra coisa.

Pego na minha caneta inútil com o resquício de tinta que aprendi a racionar todos os dias e olho-a fixamente. Mudo de ideias. Abandono o esforço necessário para escrever coisas. Ter um companheiro de cela poderá ser agradável. Falar com um humano verdadeiro poderá tornar as coisas mais fáceis. Experimento usar a voz, moldando com os lábios as palavras familiares que me soam estranhas na boca. Treino o dia inteiro.

Surpreende-me que ainda saiba como falar.

Enrolo o meu pequeno caderno e enfio-o na parede. Sento-me sobre as molas revestidas a pano em que sou forçada a dormir. Espero. Abano-me para trás e para a frente e espero.

Espero demasiado e adormeço.

Os meus olhos abrem-se e vejo 2 olhos 2 lábios 2 orelhas 2 sobranceiras.

Abafo o grito, a minha vontade urgente de fugir, o horror debilitante que me prende os membros.

— És um r-r-r-r...

— E tu és uma rapariga. — Arqueia uma sobranceira. A linha da sua boca ergue-se nos cantos, mas não sorri e eu quero chorar. Os meus olhos desesperam atarrasados, movendo-se para a porta que tentei abrir tantas vezes que perdi a conta. Prenderam-me com um rapaz. Um

rapaz.

Santo Deus.

Tentam matar-me.

Fizeram de propósito.

Para me torturarem, para me atormentarem, para me impedirem de voltar a dormir à noite. Tem os braços tatuados e mangas curtas pelo cotovelo. Percebe-se na sua sobrançelha que lhe falta aí um brinco que devem ter confiscado. Olhos azul-escuros, cabelo castanho-escuro, maxilar definido, corpo forte e esguio. Belo Perigoso. Assustador. Horrível.

Ri-se e caio da cama e corro para o canto.

Vejo-o tirar mentalmente as medidas à almofada modesta no divã que enfiaram no espaço vazio naquela manhã. O colchão fino e o cobertor gasto, quase sem tamanho suficiente para suportar o seu corpo da cintura para cima. Olha para a minha cama. Olha para a sua.

Aproxima as camas com uma mão. Usa o pé para empurrar as duas armações de metal para o seu lado do quarto. Estende-se atravessado nos dois colchões, pegando na minha almofada para colocar por baixo do pescoço. Comecei a tremer.

Mordo o lábio e tento enterrar-me no canto escuro.

Roubou-me a minha cama, o meu cobertor, a minha almofada.

Resta-me apenas o chão.

Restar-me-á apenas o chão.

Nunca resistirei porque estou demasiado petrificada, demasiado paralisada, demasiado paranoica.

— Então és... o quê? Louca? É por isso que aqui estás?

Não sou louca.

Ergue-se sobre os cotovelos para me ver a cara. Volta a rir-se.

— Não te vou fazer mal.

Quero acreditar nele Não acredito nele.

— Como te chamas? — pergunta.

Mete-te na tua vida. Como te chamas tu?

Ouçõ a sua expiração irritada. Ouçõ-o virar-se na cama que costumava pertencer-me em parte. Passo a noite acordada. Puxo os joelhos até ao queixo, com o meu cabelo castanho longo a formar a

única cortina entre nós.

Não vou dormir.

Não consigo dormir.

Não consigo voltar a ouvir aqueles gritos.

DOIS

De manhã, cheira a chuva.

O cheiro a pedra molhada e terra remexida é intenso dentro do quarto. O ar está húmido e terroso. Inspiro fundo e vou em bicos de pés até à janela só para pressionar o nariz contra a superfície fria. Sinto a minha respiração embaciar o vidro. Fecho os olhos ao som de um gotejar manso acelerado pelo vento. As gotas de chuva são a única coisa que me recorda de que as nuvens têm um batimento cardíaco. Que também eu tenho um.

As gotas de chuva fazem-me sempre pensar.

Penso que estão sempre a cair, tropeçando umas nas outras, partindo as pernas e esquecendo os paraquedas enquanto se despenham do céu em direção a um fim incerto. É como se alguém esvaziasse os bolsos sobre a terra sem se preocupar com o sítio onde cai o conteúdo, sem se importar se as gotas de chuva rebentam quando atingem o solo, se quebram quando caem no chão, se as pessoas amaldiçoam os dias em que as gotas ousam bater nas suas portas.

Sou uma gota de chuva.

Os meus pais esvaziaram-me dos bolsos e deixaram-me evaporar numa placa de betão.

A janela diz-me que não estamos longe das montanhas e que, definitivamente, estamos perto da água, mas tudo está perto da água hoje em dia. Só não sei de que lado estamos. Em que direção estamos virados. Semicerro os olhos com a primeira luz da manhã. Alguém apanhou o sol do chão e voltou a espetá-lo no céu, mas, todos os dias, está pendurado um pouco mais abaixo do que no dia anterior. É como

um pai negligente que só conhece uma metade de um filho. Nunca vê como a sua ausência muda as pessoas. Como somos diferentes na escuridão.

Um ruído súbito significa que o meu companheiro de cela acordou.

Viro-me como se voltasse a ser apanhada a roubar comida. Só aconteceu uma vez e os meus pais não acreditaram quando disse que não era para mim. Disse que tentava salvar os gatos vadios que viviam do outro lado da esquina, mas não acreditaram que fosse suficientemente humana para me importar com um gato. Eu não. Não uma coisa alguém como eu. Mas também é verdade que nunca acreditavam nas minhas palavras. É precisamente por isso que aqui estou.

O companheiro de cela estuda-me.

Adormeceu vestido. Veste uma t-shirt azul-marinho e calças caquís de estilo militar enfiadas nas botas altas pretas.

Algodão áspero cobre-me os membros e há um rubor rosado na minha cara.

Os olhos dele movem-se pela silhueta da minha estrutura e o movimento lento acelera-me o coração. Apanho as pétalas de rosa que me caem das bochechas, flutuando à volta do meu corpo, cobrindo-me com algo que se assemelha à ausência de coragem.

O que quero dizer é: Para de olhar para mim.

Para de me tocar com os olhos, mantém as mãos em baixo e por favor e por favor e por favor...

— Como te chamas? — A inclinação da cabeça dele parte a gravidade ao meio.

Fico suspensa no momento. Pestanejo e asfixio as inspirações.

Mexe-se e os meus olhos estilham em mil pedaços que ricocheteiam pelo quarto, capturando um milhão de instantâneos, um milhão de momentos. Tremeluzentes imagens fátuas gastas pelo tempo, pensamentos paralisados pairando precariamente em espaço morto, um turbilhão de memórias que me dilaceram a alma. Lembra-me alguém que conheci.

Uma inspiração repentina e o choque puxa-me de volta para a realidade.

Chega de fantasias.

— Porque estás aqui? — pergunto às rachas na parede de betão. 14 rachas em 4 paredes de mil tonalidades de cinzento. O chão, o teto: uma laje contínua. As armações da cama de construção patética: construídas com velhas tubagens de água. O pequeno quadrado de uma janela: demasiado resistente para partir. A minha esperança esgotou-se. Os meus olhos estão desfocados e doridos. O meu dedo traça um padrão preguiçoso no chão frio.

Estou sentada no chão, onde cheira a gelo, metal e pó. O companheiro de cela senta-se à minha frente, com as pernas dobradas por baixo do corpo e botas que são um pouco brilhantes demais para este sítio.

— Receias-me. — A sua voz não tem forma.

Os meus dedos transformam-se num punho.

— Receio que te enganes.

Posso mentir, mas isso não lhe diz respeito.

Funga e o som ecoa pelo ar morto entre nós. Não ergo a cabeça. Não retribuo o olhar penetrante que me dirige. Provo o oxigénio bafiento e esgotado e suspiro. Tenho a garganta apertada com alguma coisa que me é familiar, alguma coisa que aprendi a engolir.

2 batidas na porta sobressaltam-me as emoções e fazem-nas regressar ao sítio certo.

Levanta-se de imediato.

— Não é ninguém — digo-lhe. — É só o nosso pequeno-almoço. — 264 pequenos-almoços e ainda não sei de que é feito. Cheira a demasiados químicos numa amálgama amorfa sempre em extremos. Por vezes, demasiado doce, por vezes, demasiado salgada. Sempre nojenta. Na maioria das vezes, estou demasiado faminta para notar a diferença.

Ouçoo hesitar apenas por um instante antes de se dirigir à porta. Abre uma pequena fresta e espreita um mundo que já não existe.

— Merda! — Quase atira o tabuleiro pela fresta, parando para bater com a mão na camisa. — Merda, merda. — Fecha a mão e pressiona o maxilar. Queimou a mão. Tê-lo-ia avisado se me tivesse dado ouvidos.

— Tens de esperar pelo menos três minutos antes de tocares no

tabuleiro — digo à parede. Não olho as cicatrizes ténues que me cobrem as mãos pequenas, as marcas de queimadura que ninguém poderia ter-me ensinado a evitar. — Acho que fazem de propósito — acrescento em voz baixa.

— Ah, então falas comigo hoje? — Está zangado. Os seus olhos lampejam antes de virar a cara e percebo que está sobretudo envergonhado. É um tipo duro. Demasiado duro para cometer erros estúpidos à frente de uma rapariga. Demasiado duro para mostrar que sente dor.

Pressiono os lábios e olho fixamente pelo pequeno quadrado de vidro a que chamam janela. Não restam muitos animais, mas ouvi histórias de animais capazes de voar. Talvez um dia possa ver um. As histórias são tão mirabolantes, por estes dias, que há muito pouco em que acreditar, mas ouvi mais de uma pessoa dizer que viu um pássaro a voar nos últimos anos. É por isso que olho pela janela.

Haverá um pássaro hoje. Será branco com riscas douradas sobre a cabeça, como uma coroa. Voará. Haverá um pássaro hoje. Será branco com riscas douradas sobre a cabeça, como uma coroa. Voará... Haverá um...

A mão dele.

Em mim.

2 pontas

de 2 dedos roçam o meu ombro coberto com pano durante menos de um segundo e cada músculo e cada tendão no meu corpo fica tenso, formando nós que me puxam a espinha. Fico muito quieta. Não me mexo. Não respiro. Talvez se não me mexer, aquela sensação dure para sempre.

Ninguém me toca há 264 dias.

Às vezes, penso que a solidão dentro de mim explodirá para fora da minha pele e, às vezes, não sei se chorar, gritar ou rir enquanto dura a histeria resolverá alguma coisa. Às vezes, estou tão desesperada pelo toque, por ser tocada, que *sinto* quase uma certeza de que cairei de um penhasco num universo paralelo onde nunca ninguém conseguirá encontrar-me.

Não parece impossível.

Grito há anos e nunca ninguém me ouviu.

— Não tens fome? — A voz dele está mais baixa e um pouco preocupada.

Estou faminta há 264 dias.

— Não. — A palavra é pouco mais que uma expiração interrompida que me escapa entre os lábios e, não devendo fazê-lo, viro-me, e ele olha-me. Estuda-me. Os seus lábios estão ligeiramente abertos, os seus braços pendem de cada lado, as suas pestanas reprimem a confusão.

Algo me esmurra no estômago.

Os olhos dele. Alguma coisa nos olhos dele.

Não é ele não é ele não é ele não é ele não é ele.

Guardo o mundo. Tranco-o. Rodo a chave com força.

O negrume sepulta-me nas suas pregas.

— Ei...

Os meus olhos abrem-se de repente. 2 janelas partidas que me enchem a boca de vidro.

— Que foi? — A voz dele é uma tentativa falhada de frieza, um ansioso esforço de apatia.

Nada.

Concentro-me no quadrado transparente cravado entre mim e a liberdade. Quero rebentar este mundo de betão e remetê-lo ao esquecimento. Quero ser maior, melhor, mais forte.

Quero ficar *furiosa furiosa furiosa*.

Quero ser o pássaro que voa para longe.

— Que escreves? — O companheiro de cela volta a falar.

Estas palavras são vômito.

Esta caneta trémula é o meu esófago.

Esta folha de papel é a minha sanita.

— Porque não me respondes? — Está perto demais perto demais perto demais.

Nunca ninguém está perto que chegue.

Sustenho a respiração e espero que se afaste como todos os outros na minha vida. Os meus olhos focam-se na janela e na promessa do que poderia ser. Na promessa de algo mais grandioso, de algo maior, de algum motivo para a loucura que se acumula nos meus ossos, de

alguma explicação para a minha incapacidade de fazer qualquer coisa sem arruinar tudo. Haverá um pássaro. Será branco com riscas douradas sobre a cabeça, como uma coroa. Voará. Haverá um pássaro. Será...

— Ei...

— Não podes tocar-me — sussurro. Minto. Isso é o que não lhe digo. Pode tocar-me. Isso é o que nunca lhe direi. Toca-me, por favor. Isso é o que quero dizer-lhe.

Mas acontecem coisas quando as pessoas me tocam. Coisas estranhas. Coisas más.

Coisas mortas.

Não recordo o calor de qualquer tipo de abraço. Sinto nos braços a dor do isolamento a que não consigo escapar. A minha própria mãe não conseguia abraçar-me. O meu pai não conseguia aquecer-me as mãos geladas. Vivo num mundo de nada.

Olá.

Mundo.

Esquecer-me-ás.

Truz-truz.

O companheiro de cela levanta-se com um salto.

É hora do duche.

TRÊS

A porta abre-se para um abismo.

Do outro lado, não há cor, luz ou a promessa de qualquer coisa além de horror. Não há palavras. Não há indicações. Apenas uma porta aberta que significa o mesmo todas as vezes.

O companheiro de cela tem perguntas.

— Mas que raio? — Move o olhar de mim para a ilusão de fuga. — Deixam-nos sair?

Nunca nos deixarão sair.

— É hora do duche.

— Duche? — A voz dele perde a entoação, mas continua carregada de curiosidade.

— Não temos muito tempo — digo-lhe. — Temos de ser rápidos.

— Espera, o quê? — Ergue a mão para o meu braço, mas afasto-me.

— Mas não há luz... Nem sequer conseguimos ver para onde vamos...

— Depressa. — Fixo o olhar no chão. — Segura a minha camisa.

— Que estás para aí a...

Um alarme soa à distância. Uma vibração cada vez mais próxima. Pouco depois, a cela inteira vibra com o alerta e a porta começa a fechar-se. Seguro-lhe a camisa e puxo-o para o negrume a meu lado. — Não. Digas. Nada.

— Mas...

— *Nada* — silvo. Puxo-lhe a camisa e ordeno-lhe que me siga enquanto tateio pelo labirinto da instituição psiquiátrica. É um lar, um centro para jovens perturbados, para crianças negligenciadas de famílias destruídas, um abrigo para os psicologicamente afetados. É

uma prisão. Não nos alimentam e os nossos olhos nunca veem nada além dos raros clarões que se infiltram por fissuras de vidro que fingem ser janelas. As noites são povoadas por gritos, choro descontrolado e urros de agonia, pelos sons de carne e ossos a partir, à força ou por escolha. Nunca saberei. Passei os primeiros 3 meses acompanhada pelo meu próprio fedor. Nunca ninguém me disse onde ficavam as casas de banho e os chuveiros. Nunca ninguém me disse como funcionava o sistema. Apenas falam connosco para dar más notícias. Nunca ninguém nos toca. Os rapazes e as raparigas nunca se cruzarão.

Até ontem.

Não pode ser coincidência.

Os meus olhos começam a reajustar-se ao manto de noite artificial. Os meus dedos orientam-me pelos corredores de paredes ásperas e o companheiro de cela não diz uma palavra. Quase me orgulho dele. É quase 30 centímetros mais alto. O seu corpo é duro e sólido, com os músculos e a força de alguém próximo da minha idade. O mundo ainda não o quebrou. Tamanha liberdade na ignorância.

— O que...

Puxo-lhe a camisa com um pouco mais de força para o impedir de falar. Ainda não saímos dos corredores. Sinto-me estranhamente protetora em relação a ele, aquela pessoa que, provavelmente, me destruiria com 2 dedos. Não percebe como a sua ignorância o deixa vulnerável. Não percebe que poderão matá-lo sem qualquer motivo.

Decidi não ter medo dele. Decidi que as suas ações são mais imaturas do que genuinamente ameaçadoras. Parece-me tão familiar tão familiar tão familiar. Outrora, conheci um rapaz com os mesmos olhos azuis e as minhas recordações não me permitem odiá-lo.

Talvez me agradasse ter um amigo.

Mais 1 metro e 80 até a parede passar de áspera a lisa e virarmos à direita. 60 centímetros de espaço vazio antes de chegarmos a uma porta de madeira com trinco partido e alguns pontos lascados. 3 batimentos cardíacos para assegurar que estamos sozinhos. 30 centímetros adiante para empurrar a porta. 1 rangido ténue e a fissura

alarga, não revelando nada além do que imagino que aquele espaço seja.

— Por aqui — sussurro.

Puxo-o em direção aos chuveiros alinhados e estudo o chão à procura de fragmentos minúsculos de sabão presos no ralo. Encontro 2 pedaços, um com o dobro do tamanho do outro.

— Abre a mão — digo à escuridão. — É viscoso. Mas não o largues. Não há muito sabão por aqui, hoje estamos com sorte.

Não diz nada durante uns segundos e começo a preocupar-me.

— Ainda aí estás? — Penso se seria essa a armadilha. Se seria esse o plano. Talvez tivesse sido enviado para me matar sob a camuflagem da escuridão naquele espaço apertado. Nunca soube realmente o que me fariam no asilo, nunca soube se achariam que prender-me seria suficiente, mas sempre pensei que poderiam matar-me. Sempre me pareceu uma opção viável.

Não posso dizer que não o mereceria.

Mas estou aqui por alguma coisa que nunca quis fazer e parece que ninguém se importa que tenha sido um acidente.

Os meus pais nunca tentaram ajudar-me.

Não ouço chuveiros abertos e o meu coração suspende o seu batimento. Aquela divisão em particular raramente está cheia, mas costuma haver outras pessoas, mesmo que apenas 1 ou 2. Aprendi que os residentes do asilo são legitimamente loucos e não conseguem encontrar os chuveiros ou simplesmente não se importam.

Engulo em seco.

— Como te chamas? — A voz dele fratura o ar e a minha consciência num único movimento. Sinto-lhe a respiração mais próxima que antes. O meu coração bate mais depressa e não sei porquê, mas não consigo controlá-lo. — Porque não me dizes o teu nome?

— Tens a mão aberta? — pergunto. Tenho a boca seca e a voz rouca.

Aproxima-se e quase temo respirar. Os seus dedos quase roçam o tecido áspero da única roupa a que alguma vez chamarei minha e consigo expirar. Desde que não me toque na pele. Desde que não me toque na pele. Desde que não me toque na pele. Parece ser esse o segredo.

A minha t-shirt foi lavada tantas vezes na água inclemente daquele edifício que parece um saco de serapilheira contra a minha pele. Largolhe o pedaço maior de sabão na mão e recuo.

— Vou abrir-te o chuveiro — explico, tentando não erguer a voz para que os outros não me ouçam.

— Que faço com a roupa? — O seu corpo continua demasiado próximo do meu.

Pestanejo 1000 vezes na escuridão.

— Terás de a despir.

Ri-se, gargalhando enquanto expira.

— Eu sei. Mas que faço com ela enquanto tomo banho?

— Tenta não molhá-la.

Inspira fundo.

— Quanto tempo temos?

— Dois minutos.

— Jesus, porque não disseste an...

Abro o chuveiro dele e o meu em simultâneo e os seus queixumes são abafados pelos jatos irregulares de chuveiros que mal funcionam.

Os meus movimentos são mecânicos. Fiz aquilo tantas vezes que já decorei os métodos mais eficientes de ensaboar e passar por água, racionando o sabão tanto no meu corpo como no meu cabelo. Não há toalhas e o truque é tentar não molhar demasiado nenhuma parte do corpo. Quem o fizer, nunca conseguirá secar-se adequadamente e passará a semana seguinte quase a morrer de pneumonia. Sabia-o bem.

Em exatamente 90 segundos, torci o cabelo e volto a vestir o meu traje gasto. Os meus ténis são a única coisa que tenho em estado aceitável. Não andamos muito aqui.

O companheiro de cela imita-me quase de imediato. Agrada-me que aprenda depressa.

— Segura a minha camisa — digo-lhe. — Temos de nos apressar.

Os seus dedos deslizam pelo fundo das minhas costas por um momento vagaroso e preciso de morder o lábio para acalmar a intensidade. Quase paro. Nunca ninguém põe as mãos perto do meu corpo.

Preciso de me apressar para deixar os dedos dele para trás. Cambaleia para me alcançar.

Quando finalmente ficamos aprisionados dentro das familiares 4 paredes claustrofóbicas, o companheiro de cela não para de olhar para mim.

Encolho-me no canto. Ainda tem a minha cama, o meu cobertor, a minha almofada. Perdoo-lhe a ignorância, mas talvez seja demasiado cedo para sermos amigos. Talvez tenha sido demasiado precipitada em ajudá-lo. Talvez esteja aqui só para me tornar miserável. Mas, se não ficar quente, adoço. O meu cabelo está demasiado molhado e o cobertor em que costume enrolá-lo continua do lado dele do quarto. Talvez ainda tenha medo dele.

Suspendo a respiração de modo demasiado brusco e ergo o olhar com demasiada rapidez na luz baça do dia. O companheiro de cela cobriu-me os ombros com 2 cobertores.

1 meu.

1 dele.

— Desculpa ter sido um idiota tão grande — sussurra à parede. Não me toca e sinto-me desiludida feliz por não fazê-lo. Gostava que me tocasse. Não deve tocar-me. Ninguém deve tocar-me.

— Chamo-me Adam — diz, lentamente. Afasta-se de mim até ao lado oposto do quarto. Com uma mão, empurra a minha cama de volta para a minha metade do espaço.

Adam.

Que belo nome. O companheiro de cela tem um belo nome.

É um nome de que sempre gostei, mas não me lembro porquê.

Não demoro a trepar para as molas cobertas à justa do meu colchão e estou tão exausta que mal sinto as espirais metálicas ameaçando furar-me a pele. Não durmo há mais de 24 horas. *Adam é um belo nome* é a única coisa em que consigo pensar antes de a exaustão me paralisar o corpo.

QUATRO

[illegible]

O horror abre-me as pálpebras à força.

Tenho o corpo ensopado em suor frio e o meu cérebro nada em ondas de dor que não consigo esquecer. Os meus olhos fitam círculos de negro que se dissolvem na escuridão. Não faço ideia de quanto tempo dormi. Não faço ideia se assustei o meu companheiro de cela com os meus sonhos. Às vezes, grito.

O Adam olha-me fixamente.

Estou ofegante e consigo levantar-me com esforço. Tapo-me melhor com os cobertores e percebo que lhe roubei a única forma de se aquecer. Nunca me ocorreu, sequer, que poderia sentir-se tão enregelado como eu. Tremo, mas o corpo dele não vacila na noite, a sua silhueta permanece uma linha forte recortada contra o fundo negro. Não sei o que dizer. Não há nada para dizer.

— Os gritos nunca param neste sítio, pois não?

Os gritos são apenas o início.

— Não — murmuro, quase sem som. Um rubor ténue tinge-me a cara e sinto-me grata pela escuridão que o impedirá de reparar. Deve ter ouvido os meus gritos.

Por vezes, desejo não precisar de dormir. Por vezes, penso que, se ficar muito, muito quieta, se nunca me mover, as coisas mudarão. Penso que, se me paralisar, conseguirei paralisar a dor. Por vezes, não me movo durante horas. Não me movo um único centímetro.

Se o tempo ficar suspenso, nada poderá correr mal.

— Sentes-te bem? — Há preocupação na voz do Adam. Olho os punhos fechados de cada lado do seu corpo, a testa franzida, a tensão no maxilar. Esta pessoa, que me roubou a cama e o cobertor, é a mesma que dormiu sem cobertor esta noite. Tão arrogante e insensível tão poucas horas antes. Tão cuidadoso e silencioso agora. Assusta-me que este sítio possa tê-lo destruído tão depressa. Penso no que terá ouvido durante o meu sono.

Gostava de poder salvá-lo do horror.

Algo se estilhaça. Um som agonizante à distância. Estes quartos estão sepultados sob uma grossa camada de betão, com paredes mais grossas do que o piso e o teto juntos, para impedir que os sons se propaguem demasiado. Se consigo ouvir a agonia, é porque será avassaladora. Todas as noites, há sons que não ouço. Todas as noites, penso se serei a próxima.

— Não és louca.

Abro os olhos de repente. Inclinou a cabeça. Os meus olhos estão focados e límpidos apesar do manto que nos envolve. Ouço-o inspirar fundo.

— Pensei que todos aqui fossem loucos — continua. — Pensei que me tivessem fechado com uma chanfrada.

Inspiro bruscamente.

— Engraçado. Também eu.

1

2

3 segundos passam.

Esboça um sorriso tão rasgado, tão divertido, tão refrescantemente sincero que é como um trovão ecoando pelo meu corpo. Alguma coisa me pica os olhos e me quebra os joelhos. Não vejo um sorriso há 265 dias.

O Adam está de pé.

Estendo-lhe o seu cobertor.

Aceita-o apenas para o enrolar mais ainda ao meu corpo e, de repente, há um aperto no meu peito. Os meus pulmões estão espalmados um contra o outro e, quando acabo de decidir que jamais voltarei a mexer-me, ouço-o.

— Que se passa?

Os meus pais pararam de me tocar na idade em que comecei a gatinhar. Os professores obrigaram-me a trabalhar sozinha para não magoar as outras crianças. Nunca tive um amigo. Não conheço o conforto de um abraço de mãe. Nunca senti a ternura de um beijo de pai. Não sou louca.

— Nada.

Mais 5 segundos.

— Posso sentar-me ao teu lado?

Isso seria maravilhoso.

— Não. — Volto a olhar fixamente a parede.

O maxilar dele fica tenso e volta a descontrair. Passa uma mão pelo cabelo e percebo pela primeira vez que não tem camisa. Este quarto está tão escuro que só consigo ver a sua silhueta. A lua consegue entrar por uma pequena janela para iluminar aquele espaço, mas vejo os músculos dos seus braços retesar-se com cada movimento e, de repente, estou em chamas. Chamas dançam-me sobre a pele e há uma explosão de calor roendo-me o estômago. Cada centímetro do corpo

dele vibra com energia pura, cada superfície consegue tornar-se, de algum modo, luminosa na escuridão. Em 17 anos, nunca vi nada como ele. Em 17 anos, nunca conversei com um rapaz da minha idade. Porque sou um monstro.

Fecho os olhos até ficar com as pálpebras fundidas.

Ouçó a cama dele chiar, o gemido das molas enquanto se senta. Forço os olhos a abrir-se e estudo o chão.

— Deves estar enregelado.

— Não. — Um suspiro forte. — Na verdade, estou a arder.

Levanto-me tão depressa que os cobertores caem ao chão.

— Estás doente? — Os meus olhos percorrem-lhe a face à procura de sinais de febre, mas não me atrevo a aproximar-me mais. — Senteste zozzo? Doem-te as articulações? — Tento recordar os meus sintomas. Passei uma semana inteira presa à cama pelo meu próprio corpo. A única coisa que conseguia fazer era rastejar até à porta e cair de cara sobre a comida. Nem sequer percebo como sobrevivi.

— Como te chamas?

Fez a mesma pergunta 3 vezes.

— Deves estar doente — é tudo o que consigo dizer.

— Não estou doente. Estou apenas com calor. Não costumo dormir vestido.

Sinto borboletas esvoaçando-me na barriga. Uma vergonha inexplicável queima-me a carne. Não sei para onde olhar.

Uma inspiração profunda.

— Fui estúpido ontem. Tratei-te como merda e sinto muito. Não devia tê-lo feito.

Ouso enfrentar o seu olhar.

Os seus olhos têm uma perfeita cor de cobalto, azuis como um hematoma recente, cristalinos, profundos e determinados. O maxilar está firme e as feições desenham uma expressão cuidadosa. Passou a noite inteira a pensar naquilo.

— Está bem.

— Então porque não me dizes como te chamas? — Inclina-se para a frente e congelo.

Descongelo.

Derreto.

— Juliette — sussurro. — Chamo-me Juliette.

Os seus lábios esboçam um sorriso que me arrepiava a espinha. Repete o meu nome como se o divertisse. Como se o animasse. Como se o deleitasse.

Em 17 anos, ninguém disse o meu nome assim.

CINCO

Não sei quando começou.

Não sei porque começou.

Não sei nada de nada. Sei apenas dos gritos.

Os gritos da minha mãe quando percebeu que já não podia tocar-me. Os gritos do meu pai quando viu o que eu tinha feito à minha mãe. Os gritos de ambos quando me trancaram no quarto, dizendo que eu devia sentir-me grata. Pela comida que me davam. Pelo seu tratamento humano àquela coisa que não podia ser a sua filha. Pela vara com que mediam a distância a que precisavam de me manter.

Destruí-lhes as vidas, foi o que me disseram.

Roubei-lhes a felicidade. Destruí a esperança da minha mãe de voltar a ter filhos.

Não percebia o que tinha feito?, perguntavam-me. Não via que tinha acabado com tudo?

Esforcei-me tanto para emendar o que tinha estragado. Todos os dias tentei ser o que queriam que fosse. Tentei sempre ser melhor, mas nunca soube como.

Só sei que os cientistas estão enganados.

O mundo é plano.

Sei isto porque fui atirada do limiar do mundo e tento não cair há 17 anos. Tento voltar a subir há 17 anos, mas é quase impossível vencer a gravidade quando ninguém está disposto a estender-nos a mão.

Quando ninguém quer arriscar tocar-nos.

Hoje, neva.

O betão está gelado e mais duro do que o habitual, mas prefiro estas temperaturas negativas à humidade abafada dos dias de verão. O verão é como um fogão a ferver o mundo inteiro 1 grau de cada vez. Promete um milhão de adjetivos felizes e enche-nos as narinas com fedor e esgoto para o jantar. Odeio o calor e a imundície suada e pegajosa que deixa no seu rasto. Odeio o tédio indolente de um sol demasiado preocupado consigo mesmo para perceber as horas infinitas que passamos na sua presença. O sol é uma coisa arrogante, deixando sempre o mundo para trás quando se cansa de nós.

A lua é uma companheira leal.

Nunca parte. Está sempre lá, atenta, firme, conhecendo-nos nos nossos momentos de luz e de sombra, mudando sem cessar, tal como nós. Em cada dia, é uma versão diferente de si mesma. Por vezes, fraca e baça, por vezes, forte e cheia de luz. A lua compreende o que significa ser humano.

Incerteza. Solidão. As múltiplas imperfeições.

Olho pela janela durante tanto tempo que me esqueço de mim. Estendo a mão para apanhar um floco de neve e o meu punho fecha-se sobre o ar gelado. Vazio.

Quero atravessar a janela com este punho que está ligado ao meu pulso.

Apenas para sentir alguma coisa.

Apenas para me sentir humana.

— Que horas são?

Pestanejo por um momento. A voz dele puxa-me de volta para um mundo que tento esquecer.

— Não sei — digo-lhe. Não faço ideia das horas. Não faço ideia do dia da semana, do mês em que estamos ou até se estaremos em alguma estação específica.

Deixámos de ter estações.

Os animais morrem, os pássaros não voam, as colheitas são difíceis, as flores quase não existem. O clima deixou de merecer confiança. Por vezes, os nossos dias de inverno chegam aos 33 graus. Por vezes, neva

sem qualquer motivo. Já não conseguimos cultivar comida suficiente, não conseguimos fazer crescer vegetação suficiente para os animais e não conseguimos alimentar as pessoas com aquilo de que necessitam. A nossa população morria a um ritmo alarmante antes de o Restabelecimento subir ao poder, prometendo-nos que tinham uma solução. Os animais estavam tão desesperados por comida que se dispunham a comer animais envenenados. Matávamo-nos uns aos outros para tentar sobreviver. O clima, as plantas, os animais e a nossa sobrevivência humana estão inextricavelmente ligados. Os elementos naturais estão em guerra uns com os outros porque abusámos do nosso ecossistema. Abusámos da nossa atmosfera. Abusámos dos nossos animais. Abusámos dos outros humanos.

O Restabelecimento prometeu que resolveria as coisas. Mas, mesmo que a saúde humana tenha alcançado alguma aparência de alívio sob o novo regime, mais pessoas morreram à frente de armas carregadas do que de estômago vazio. E não para de piorar.

— Juliette?

Ergo a cabeça.

Os olhos dele estão receosos, preocupados, analisando-me.

Afasto o olhar.

Ouço-o pigarrear.

— Então... humm... só nos alimentam uma vez por dia?

A pergunta dele faz-nos olhar em simultâneo para a pequena fresta na porta.

Aperto os joelhos contra o peito e equilíbrio os ossos sobre o colchão. Se me mantiver muito imóvel, quase consigo ignorar a pressão do metal sobre a minha pele.

— A comida não segue um sistema — digo-lhe. O meu dedo traça um novo padrão pelo tecido rijo do cobertor. — Costuma haver alguma coisa de manhã, mas não há garantias de mais nada. Às vezes... temos sorte. — Os meus olhos erguem-se para a vidraça encaixada na parede. Rosas e vermelhos são filtrados pelo quarto e sei que é um novo começo. O início do mesmo fim. Outro dia.

Talvez morra hoje.

Talvez um pássaro voe hoje.

— Então é assim? Abrem a porta uma vez por dia para as pessoas fazerem as necessidades e, se tivermos *sorte*, talvez nos alimentem? É isso?

O pássaro será branco com riscas douradas sobre a cabeça, como uma coroa. Voará.

— É isso.

— Não há... terapia de grupo? — Quase se ri.

— Até chegares, não dizia uma única palavra há 264 dias.

O silêncio dele diz demasiado. Quase consigo estender a mão e tocar a culpa que lhe cresce nos ombros.

— Quanto tempo ficarás aqui? — pergunta finalmente.

Para sempre.

— Não sei. — Um som mecânico guincha/geme/estala à distância. A minha vida resume-se a 4 paredes de oportunidades perdidas despejadas em moldes de betão.

— E a tua família? — Há mágoa real na voz dele, quase como se já soubesse a resposta a essa pergunta.

Eis o que sei sobre os meus pais: Não faço ideia de quem sejam.

— Porque estás aqui? — Falo para os meus dedos para evitar o olhar dele. Estudei as mãos com tanta minúcia que sei exatamente onde cada corte e nódoa negra me marcaram a pele. Mãos pequenas. Dedos esguios. Fecho-os num punho e volto a abri-los para libertar a tensão. Ainda não respondeu.

Olho-o.

— Não sou louco — é tudo o que diz.

— Isso é o que dizemos todos. — Inclino a cabeça e abano-a uma fração de centímetro. Mordo o lábio. Os meus olhos não conseguem evitar virar-se ocasionalmente para a janela.

— Porque não paras de olhar lá para fora?

As perguntas dele não me incomodam, a sério que não. É apenas estranho ter alguém com quem falar. É estranho precisar de gastar energia para mover os lábios e pronunciar as palavras necessárias à explicação das minhas ações. Nunca ninguém se importou durante tanto tempo. Ninguém me olhou com atenção suficiente para se questionar acerca do que me faz olhar fixamente por uma janela.

Nunca ninguém me tratou como um semelhante. Mas também é verdade que não sabe que sou um monstro o meu segredo. Penso quanto tempo aquilo vai durar antes de fugir.

Esqueci-me de responder e ele continua a olhar-me atentamente.

Prendo uma madeixa atrás da orelha e mudo de ideias.

— Porque não paras de olhar para mim?

Os seus olhos são cautelosos, curiosos.

— Calculei que o único motivo para me trancarem com uma rapariga seria por seres maluca. Pensei que tentassem torturar-me, prendendo-me com uma psicopata. Pensei que fosses o meu castigo.

— Foi por isso que me roubaste a cama. — Para mostrar força. Para marcar uma posição. Para desferir o primeiro golpe.

Baixou o olhar. Abre e fecha as mãos antes de esfregar a nuca.

— Porque me ajudaste? Como soubeste que não te faria mal?

Conto os dedos para ter a certeza de que continuam ali.

— Não.

— Não me ajudaste ou não saberias se te fizesse mal?

— Adam. — Os meus lábios moldam-lhe o nome. Surpreende-me descobrir a que ponto amo o som fácil e familiar que a minha língua produz.

Senta-se quase tão imóvel como eu. Os seus olhos brilham com um novo tipo de emoção que não consigo identificar.

— Sim?

— Como é? — pergunto, com cada palavra mais baixa que as anteriores. — Lá fora? — No mundo real. — É pior?

Uma dor altera os traços da sua face perfeitamente cinzelada. Demora alguns batimentos cardíacos a responder. Olha pela janela.

— Queres a verdade? Não sei se as coisas são melhores aqui dentro ou lá fora.

Sigo-lhe o olhar até à vidraça que nos separa da realidade e espero que os seus lábios se abram. Espero para o ouvir falar. A seguir, tento prestar atenção enquanto as suas palavras ressaltam na névoa dentro da minha cabeça, toldando-me os sentidos, turvando-me a visão, dificultando-me a concentração.

Sabias que era um movimento internacional?, pergunta-me o

Adam.

Não, não sabia, digo-lhe. Não lhe digo que fui arrastada de casa 3 anos antes. Não lhe conto que fui levada exatamente 7 anos depois do início da pregação do Restabelecimento e 4 meses depois de tomarem conta de tudo. Não lhe conto quão pouco conheço do nosso novo mundo.

O Adam diz que o Restabelecimento se alastrou por todos os países, pronto para elevar os seus líderes a uma posição de controlo. Diz que a terra habitável que resta no mundo foi dividida em 3333 setores e que cada espaço passou a ser controlado por um Líder diferente.

Sabias que nos mentiram?, pergunta-me o Adam.

Sabias que o Restabelecimento disse que alguém precisava de assumir o controlo, que alguém precisava de salvar a sociedade, que alguém precisava de restaurar a paz? Sabias que disseram que matar todas as vozes da oposição era a única forma de alcançar a paz?

O Adam pergunta-me se sabia aquilo.

E é aí que aceno com a cabeça. É aí que digo que sim.

O que me lembro é disto: A ira. Os motins. A raiva.

Os meus olhos fecham-se num esforço subconsciente para bloquear as más memórias, mas o esforço ricocheteou. Protestos. Comícios. Gritos de sobreviventes. Vejo mulheres e crianças morrendo de fome, casas destruídas e sepultadas em entulho, o campo reduzido a uma paisagem queimada, produzindo como único fruto a carne podre dos caídos. Vejo morte morte morte de vários tons de vermelho, incluindo o tom mais intenso do batom preferido da vossa mãe espalhado pela terra.

Tanto de tudo e todas as coisas mortas.

O Restabelecimento esforça-se para manter o controlo sobre o povo, diz o Adam. Diz que o Restabelecimento trava uma guerra contra os rebeldes que não obedecem ao novo regime. O Restabelecimento esforça-se para se enraizar como uma nova forma de governo em todas as sociedades do mundo.

A seguir, penso no que terá acontecido às pessoas que costumava ver todos os dias. Que terá acontecido às suas casas, aos seus pais, aos seus filhos. Penso quantos já estarão enterrados.

Quantos foram assassinados.

— Destroem tudo — diz o Adam. E a sua voz torna-se, de repente, um som solene no silêncio. — Todos os livros, todos os artefactos, todos os vestígios de história humana. Dizem que é a única forma de resolver as coisas. Dizem que precisamos de começar do princípio. Dizem que não podemos cometer os mesmos erros das gerações anteriores.

2

batidas

na porta e voltamos a levantar-nos, abruptamente puxados outra vez para este mundo sombrio.

O Adam arqueia uma sobrancelha.

— Pequeno-almoço?

— Espera três minutos — recordo-lhe. Somos tão bons a camuflar a fome até as batidas na porta mutilarem a nossa dignidade.

Fazem-nos passar fome de propósito.

— Sim. — Os seus lábios esboçam um sorriso ligeiro. — Não quero queimar-me. — O ar é deslocado pelo seu avanço.

Permaneço como uma estátua.

— Continuo sem perceber — diz, baixando muito a voz. — Porque estás aqui?

— Porque fazes tantas perguntas?

Deixa menos de meio metro de espaço entre nós e estou a menos de 30 centímetros da combustão espontânea.

— Os teus olhos são tão profundos. — Inclina a cabeça. — Tão calmos. Quero saber em que pensas.

— Não devias. — A minha voz vacila. — Nem sequer me conheces.

Ri-se e o ato aviva a luz nos seus olhos.

— Não te conheço.

— Não.

Abana a cabeça. Senta-se na sua cama.

— Certo. Claro que não.

— Que foi?

— Tens razão. — Sustém a respiração. — Talvez seja louco.

Recuo 2 passos.

— Talvez sejas.

Volta a sorrir e apetece-me tirar uma fotografia. Gostaria de olhar fixamente a curva dos seus lábios durante o resto da minha vida.

— Não sou, sabias?

— Mas não me dizes porque estás aqui — provoco.

— Nem tu.

Caio de joelhos e puxo o tabuleiro pela fresta. Algo impossível de identificar fumega em 2 canecas de latão. O Adam senta-se no chão à minha frente.

— Pequeno-almoço — digo, empurrando-lhe o tabuleiro.

SEIS

1 palavra, 2 lábios, 3 4 5 dedos formam 1 punho.

1 canto, 2 pais, 3 4 5 motivos para me esconder.

1 criança, 2 olhos, 3 4 17 anos de medo.

Uma vassoura partida, um par de caras furiosas, sussurros enraivecidos, batidas na minha porta.

Olhem para mim, é o que queria dizer-vos. Falem comigo de vez em quando. Encontrem-me uma cura para estas lágrimas, gostaria muito de respirar pela primeira vez na minha vida.

Passaram 2 semanas.

2 semanas da mesma rotina, 2 semanas apenas de rotina. 2 semanas com o companheiro de cela que esteve demasiado perto de me tocar que não me toca. O Adam adapta-se ao sistema. Nunca se queixa, nunca diz demasiado, continua a fazer demasiadas perguntas.

É simpático comigo.

Sento-me junto à janela e vejo a colisão da chuva, das folhas e da neve. Alternam-se a dançar ao vento, executando movimentos coreografados para multidões desprevenidas. Os soldados pisam pisam pisam através da chuva, esmagando folhas e neve caída sob os pés. As suas mãos estão envoltas em luvas e cobrem armas capazes de trespassar com uma bala um milhão de possibilidades. Não se dão ao trabalho de ser afetados pela beleza que cai do céu. Não compreendem a liberdade de sentir o universo na sua pele. Não se importam.

Gostava de poder encher a boca com gotas de chuva e os bolsos com neve. Gostava de seguir com os dedos um veio de uma folha caída e

sentir o vento a beliscar-me o nariz.

Ao invés, ignoro o desespero que me funde os dedos e procuro o pássaro que vi apenas nos meus sonhos. Os pássaros costumavam voar, dizem as histórias. Antes da degradação da camada de ozono, antes de os poluentes terem transformado as criaturas em algo horrível diferente. Dizem que o tempo nem sempre foi assim tão imprevisível. Dizem que existiam pássaros que costumavam pairar nos céus como aviões.

Parece estranho que um pequeno animal conseguisse um triunfo tão complexo como algo conseguido pela engenharia humana, mas a possibilidade é demasiado cativante para ignorar. Sonho com o mesmo pássaro voando pelo mesmo céu há exatamente 10 anos. Branco com riscas douradas sobre a cabeça, como uma coroa.

É o único sonho que me dá paz.

— Que escreves?

Semicerro os olhos para a sua estatura vigorosa, para o sorriso fácil na sua cara. Não sei como consegue sorrir apesar de tudo. Penso se conseguirá manter aquela forma, aquela curva especial da boca que transforma vidas. Penso como se sentirá daqui a 1 mês e o pensamento faz-me estremecer.

Não quero que acabe como eu.

Vazia.

— Ei... — Puxa o cobertor da minha cama e agacha-se a meu lado, apressando-se a tapar-me com o cobertor os ombros mais finos que os seus. — Sentes-te bem?

Tento sorrir. Decido evitar a pergunta.

— Obrigada pelo cobertor.

Senta-se a meu lado e encosta-se à parede. Os seus ombros estão tão próximos demasiado próximos sempre longe demais. O calor do seu corpo aquece-me mais do que o cobertor. Algo nas minhas articulações é corroído por um desejo agudo, por uma necessidade desesperada que nunca conseguirei satisfazer. Os meus ossos suplicam algo que não posso permitir.

Toca-me.

Ele olha o pequeno caderno preso na minha mão e a caneta partida

que aperto no punho. Fecho o caderno e enrolo-o. Enfio-o numa racha na parede. Estudo a caneta na palma da minha mão. Sei que me olha.

— Escreves um livro?

— Não. — Não escrevo um livro.

— Talvez devesses fazê-lo.

Viro-me para fitar os seus olhos e arrependo-me imediatamente. Estamos separados por menos de 10 centímetros e não consigo mexer-me porque o meu corpo só sabe ficar imóvel. Cada músculo, cada movimento fica hirto, cada vértebra na minha coluna é um bloco de gelo. Sustenho a respiração e arregalo os olhos, presa pela intensidade do seu olhar. Não consigo afastar os olhos. Não sei como recuar.

Oh.

Deus.

Os olhos dele.

Tenho mentido a mim mesma, determinada a negar o impossível.

Conheço-o conheço-o conheço-o conheço-o

O rapaz que não se lembra de mim que conheci.

— Vão destruir a língua inglesa — diz, com voz cuidadosa.

Esforço-me para recuperar o fôlego.

— Querem recriar tudo — continua. — Querem redesenhar tudo. Querem destruir tudo o que possa ter estado na génese dos nossos problemas. Pensam que precisamos de uma língua nova e universal. — O volume da sua voz reduz-se. Baixa o olhar. — Querem destruir tudo. Todas as línguas da história.

— Não. — A minha respiração prende-se. Surgem-me manchas nos olhos.

— Eu sei.

— Não. — Desconhecia aquilo.

Olha para cima.

— É bom que escrevas coisas. Um dia, o que fazes será ilegal.

Comecei a tremer. De repente, o meu corpo luta contra um turbilhão de emoções. O meu cérebro é atormentado pelo mundo que me escapa e por aquele rapaz que não se lembra de mim. A caneta cai ao chão e aperto tanto o cobertor que temo que se rasgue. O gelo corta-me a pele, o horror entope-me as veias. Nunca pensei que ficasse assim

tão mau. Nunca pensei que o Restabelecimento levasse as coisas tão longe. Incineraram a cultura, a beleza da diversidade. Os novos cidadãos do nosso mundo serão reduzidos a meros números, facilmente substituíveis, subtraíveis, destruídos por desobediência.

Perdemos a nossa humanidade.

Cubro os ombros com o cobertor até ficar envolvida por um casulo de tremores que não para de aterrorizar o meu corpo. Sinto-me horrorizada pela minha falta de autocontrole. Não consigo parar quieta.

De repente, a mão dele está nas minhas costas.

O seu toque queima-me a pele através das camadas de tecido e inspiro tão depressa que os meus pulmões esmorecem. Estou presa em torrentes contraditórias de confusão, tão desesperada tão desesperada tão desesperada para estar perto, tão desesperada para estar longe. Não sei como me afastar dele. Não quero afastar-me dele.

Não quero que tenha medo de mim.

— Ei. — A voz dele é tão meiga tão meiga tão meiga. Os seus braços são mais fortes do que todos os ossos do meu corpo. Puxa o meu corpo embrulhado no cobertor contra o peito e despedaço-me. Dois três quatro cinquenta mil pedaços de sentimento apunhalam-me no coração, fundindo-se em gotas de mel quente que acalmam as cicatrizes na minha alma. O cobertor é a única barreira entre nós e puxa-me mais para ele, com mais força, até ouvir o batimento ecoando nas profundezas do seu peito e até o aço dos seus braços à volta do meu corpo cortar todos os laços de tensão nos meus membros. O calor dele derrete os pingentes de gelo que me sustentam de dentro para fora e descongelo e descongelo e descongelo, pestanejando depressa até quase fechar os olhos, até lágrimas silenciosas me escorrerem pela cara e decidir que a única coisa que quero é gelar o seu corpo que segura o meu. — Não faz mal — sussurra. — Vais ficar bem.

A verdade é uma amante ciumenta e feroz que nunca dorme. Isso é o que não lhe digo. Nunca ficarei bem.

Preciso de todos os filamentos do meu ser para conseguir afastar-me dele. Faço-o porque preciso de o fazer. Porque é para seu bem. Alguém me espeta garfos nas costas enquanto cambaleio para longe. O

cobertor prende-me o pé e quase caio antes de o Adam estender novamente o braço para mim.

— Juliette.

— Não podes t-tocar-me. — A minha respiração está acelerada e custa-me engolir. Os meus dedos tremem tão depressa que os fecho num punho. — Não podes tocar-me. Não podes. — Os meus olhos estão fixos na porta.

Está de pé.

— Porque não?

— Porque não podes — sussurro às paredes.

— Não percebo... Porque não falas comigo? Passas o dia inteiro sentada no canto a escrever no teu caderno e olhas para tudo menos para a minha cara. Tens tanta coisa para dizer a um bocado de papel, mas eu estou aqui e nem sequer me olhas. Juliette, *por favor*... — Ergue a mão para o meu ombro e viro-lhe as costas. — Porque não podes, pelo menos, olhar para mim? Não vou fazer-te mal...

Não te lembras de mim. Não te lembras que andámos na mesma escola durante 7 anos.

Não te lembras de mim.

— Não me conheces. — A minha voz está controlada, seca. Os meus ombros estão dormentes, amputados. — Partilhámos um espaço durante 2 semanas e pensas que me conheces, mas não sabes nada de mim. Talvez seja *mesmo* doida.

— Não és — diz, entredentes. — *Sei* que não és.

— Então talvez sejas tu — digo cuidadosamente, lentamente. — Porque um de nós é.

— Isso não é verdade...

— Diz-me porque aqui estás, Adam. Que fazes num asilo para doidos se não pertences aqui?

— Pergunto-me a mesma coisa desde que aqui cheguei.

— Talvez faças demasiadas perguntas.

Ouçó a sua expiração sonora. Produz uma gargalhada amarga.

— Somos praticamente as duas únicas pessoas *vivas* neste sítio e queres afastar-me?

Fecho os olhos e concentro-me na respiração.

— Podes falar comigo. Mas não me toques.

7 segundos de silêncio acrescentam-se à conversa.

— Talvez queira tocar-te.

Tenho 15 000 sentimentos de incredulidade cravados no coração. Sinto-me tentada pela impetuosidade, dor dor dor, eternamente desesperada pelo que não posso ter. Viro-lhe as costas, mas não consigo impedir que as mentiras saiam dos meus lábios.

— Talvez eu não queira que o faças.

Um som brusco passa-lhe entre os lábios.

— Enojo-te assim tanto?

Viro-me, tão surpreendida pelas palavras dele que me descontrolo. Olha-me fixamente, com expressão dura, maxilar rígido, fletindo os dedos de cada lado do corpo. Os seus olhos são 2 baldes de água da chuva: fundos, frescos, transparentes.

Dor.

— Não sabes o que dizes. — Não consigo respirar.

— Não consegues responder a uma pergunta simples, pois não? — Abana a cabeça e vira-se para a parede.

A minha cara é uma máscara neutra, os meus braços e pernas enchem-se de gesso. Não sinto nada. Não sou nada. Estou vazia de tudo e nunca me moverei. Fito uma pequena racha perto do meu sapato. Fitá-la-ei para sempre.

Os cobertores caem ao chão. O mundo perde o foco, os meus ouvidos repelem todos os sons para outra dimensão. Os meus olhos fecham-se, os meus pensamentos deambulam, as minhas memórias pontapeiam-me no coração.

Conheço-o.

Esforcei-me tanto para parar de pensar nele.

Esforcei-me tanto para esquecer a sua cara.

Esforcei-me tanto para tirar aqueles olhos azuis azuis azuis da minha cabeça, mas conheço-o conheço-o conheço-o vi-o pela última vez há 3 anos.

Nunca conseguiria esquecer o Adam.

Mas ele já se esqueceu de mim.

SETE

Lembro-me de televisões, lareiras e lavatórios de porcelana. Lembro-me de bilhetes de cinema, parques de estacionamento e carros utilitários desportivos. Lembro-me de cabeleireiros, feriados, estores nas janelas, dentes-de-leão e do cheiro a ruas acabadas de alcatroar. Lembro-me de anúncios de pasta de dentes, senhoras de saltos altos e velhos de fato e gravata. Lembro-me de carteiros, bibliotecas, boy bands, balões e árvores de Natal.

Lembro-me de ter 10 anos quando deixámos de poder ignorar a escassez de comida e quando as coisas ficaram tão caras que ninguém tinha dinheiro para sobreviver.

O Adam não fala comigo.

Talvez seja melhor assim. Talvez fosse inútil esperar que pudéssemos ser amigos. Talvez seja preferível pensar que não gosto dele a pensar que gosto demasiado dele. Esconde muita coisa que poderá ser dor, mas os seus segredos assustam-me. Não me diz porque está aqui. Mas também não lhe digo muita coisa.

E no entanto e no entanto e no entanto.

Ontem à noite, a recordação dos seus braços à minha volta bastou para afastar os gritos. O calor de um abraço terno, a força de mãos firmes segurando todos os meus pedaços, o alívio e a libertação da solidão de anos. Esta dádiva que me deu e que não consigo pagar.

Tocar na Juliette é quase impossível.

Nunca esquecerei o horror nos olhos da minha mãe, o sofrimento na face do meu pai, o medo gravado nas suas expressões. A sua filha

era é um monstro. Possuída pelo demónio. Amaldiçoada pela escuridão. Maldita. Abominável. Falharam medicamentos, testes, soluções médicas. Os exames psicológicos falharam.

É uma arma ambulante na sociedade, disseram os professores. *Nunca vimos nada assim*, disseram os médicos. *Deverá ser retirada da vossa casa*, disseram os polícias.

Não há problema nenhum, disseram os meus pais. Tinha 14 anos quando finalmente se livraram de mim. Quando recuaram e me viram ser arrastada por um homicídio que eu não sabia que poderia cometer.

Talvez o mundo estivesse mais seguro comigo trancada numa cela. Talvez o Adam fique mais seguro se me odiar. Senta-se no canto com a cara apoiada nos punhos.

Nunca quis magoá-lo.

Nunca quis magoar a única pessoa que nunca quis magoar-me.

A porta abre de rompante e 5 pessoas entram no quarto, apontando-nos espingardas ao peito.

O Adam está de pé e eu sou feita de pedra. Esqueci-me de inspirar. Não vejo tanta gente há tanto tempo que fico momentaneamente estupefacta. Devia gritar.

— MÃOS NO AR, PERNAS AFASTADAS, BOCAS FECHADAS. NÃO SE MEXAM E NÃO DISPARAMOS.

Continuo paralisada. Devia mover-me, devia erguer as mãos e afastar as pernas, devia lembrar-me de respirar. Alguém me corta o pescoço.

O que brada ordens acerta-me com a coronha da arma nas costas e os meus joelhos estalam quando batem no chão. Provo finalmente oxigénio com um travo de sangue. Parece-me que o Adam grita, mas há uma dor intensa alastrando-se pelo meu corpo que não é comparável a nada que alguma vez tenha sentido. Estou completamente imóvel.

— Que parte de BOCA FECHADA não percebes? — Olho de soslaio e vejo o cano da arma a 5 centímetros da cara do Adam.

— DE PÉ. — Uma bota com biqueira de aço pontapeia-me nas costelas. É uma pancada rápida, dura, oca. Engulo o vazio, mas o soluçar estrangulado faz-me estremecer o corpo. — DISSE QUE TE

LEVANTASSES. — Mais dura, mais rápida, mais forte. Outra bota na minha barriga. Nem sequer consigo gritar.

Levanta-te, Juliette. Levanta-te. Se não te levatares, o Adam leva um tiro.

Consigo ajoelhar-me no chão e encosto-me à parede atrás de mim, cambaleando para a frente para me equilibrar. Erguer as mãos é uma tortura que não consigo suportar. Os meus órgãos estão mortos, os meus ossos estalaram, a minha pele é um passador perfurado por alfinetes de dor. Vieram finalmente matar-me.

Foi por isso que puseram o Adam na minha cela.

Porque me vou. O Adam está aqui porque me vou, porque se esqueceram de me matar a tempo, porque os meus momentos se acabaram, porque os meus 17 anos são demasiados para este mundo. Não matar-me.

Sempre me questioneei sobre como aconteceria. Penso se os meus pais ficarão felizes com aquilo.

Alguém se ri.

— Que pequeno monte de merda me saíste.

Nem sequer sei se falam comigo. Mal consigo concentrar-me em manter os braços no ar.

— Nem sequer chora — acrescenta alguém. — As raparigas costumam implorar por misericórdia quando chegamos a este ponto.

As paredes começam a fundir-se com o teto. Penso durante quanto tempo conseguirei sustentar a respiração. Não consigo distinguir palavras não consigo compreender os sons que ouço o sangue corre frenético pela minha cabeça e os meus lábios são 2 blocos de betão que não consigo abrir. Tenho uma arma nas costas e tropeço para a frente. O chão desaba. Os meus pés arrastam-se numa direção que não consigo decifrar.

Espero que me matem em breve.

OITO

Demoro 2 dias a abrir os olhos.

Há uma lata de água e uma lata de comida de um dos lados e inalo o conteúdo frio com mãos trémulas, sentindo uma dor aguda alastrando-se pelos ossos enquanto uma secura desesperada me sufoca a garganta. Nada parece estar partido, mas um olhar por baixo da camisa prova que a dor era real. As nódoas negras são desbotadas flores azuis e amarelas, dolorosas ao toque e lentas a sarar.

O Adam não está em parte alguma.

Estou sozinha num bloco de solidão, com 4 paredes a não mais de 3 metros em cada direção, com o único ar infiltrando-se por uma pequena fresta na porta. Comecei a aterrorizar-me com a imaginação quando a porta de metal pesada se abre com um estrondo. Um guarda com 2 espingardas penduradas sobre o peito olha-me de alto a baixo.

— Levanta-te.

Daquela vez, não hesito.

Espero que o Adam, pelo menos, esteja seguro. Espero que não tenha o meu fim.

— Segue-me. — A voz do guarda é grave e os seus olhos cinzentos são inexpressivos. Parece ter cerca de 25 anos, com o cabelo louro cortado rente e as mangas enroladas até aos ombros. Pelos braços acima serpenteiam tatuagens militares iguais às do Adam.

Oh.

Deus.

Não.

O Adam entra pela porta ao lado do louro e aponta com a arma

para um corredor estreito.

— Anda.

O Adam aponta-me uma arma ao peito.

O Adam aponta-me uma arma ao peito.

O Adam aponta-me uma arma ao peito.

Os seus olhos são-me desconhecidos, vidrados e distantes, muito, muito longínquos.

Sou apenas novocaína. Um amontoado entorpecido de nada, com todo o sentimento e emoção perdidos para sempre.

Sou um sussurro que nunca foi.

O Adam é um soldado. O Adam quer-me morta.

Olho-o diretamente, com toda a sensação amputada, a minha dor transformada num grito distante desligado do corpo. Os meus pés avançam por sua própria vontade. Os meus lábios permanecem fechados porque nunca haverá palavras para aquele momento.

A morte seria uma libertação bem-vinda destes prazeres terrenos que conheci.

Não sei quanto tempo andei até outro golpe nas costas me imobilizar. Uma luz clara como não vejo há tanto tempo faz-me pestanejar. Os meus olhos começam a lacrimejar e semicerro-os para olhar as lâmpadas fluorescentes que iluminam o espaço amplo. Mal consigo ver.

— Juliette Ferrars. — Uma voz detona o meu nome. Uma bota pesada pressiona-me as costas e não consigo erguer a cabeça para perceber quem me fala. — Weston, diminui as luzes e liberta-a. Quero ver-lhe a cara. — A ordem é fria e forte como aço, perigosamente calma, com um poder sem esforço.

A claridade é reduzida até um nível que consigo tolerar. Sinto ainda a pressão da bota nas costas, mas esta já não está sobre mim. Levanto a cabeça e olho.

A sua juventude é a primeira surpresa. Não pode ser mais velho que eu.

É óbvio que manda em alguma coisa, mas não percebo o quê. A sua pele é imaculada, perfeita. A linha do maxilar é definida e forte. Os

seus olhos são do verde-esmeralda mais pálido que alguma vez vi.

É belo.

O seu sorriso enviesado é malévolo e calculista.

Senta-se no que imagina ser um trono, mas, na verdade, não é mais do que uma cadeira num extremo de uma sala vazia. O seu fato está impecavelmente passado a ferro e o cabelo louro foi penteado com mestria. Os seus soldados são os guarda-costas ideais.

Odeio-o.

— És tão teimosa. — Os seus olhos verdes são quase translúcidos. — Nunca queres cooperar. Nem sequer foste simpática com o teu companheiro de cela.

Estremeço sem querer. O ardor da traição tinge-me o pescoço.

O Olhos-Verdes parece inesperadamente divertido e, de repente, sinto-me horrorizada.

— Que interessante. — Estala os dedos. — Kent, avança, por favor.

O meu coração para de bater quando o Adam avança. Kent. Chama-se Adam Kent.

Ardo da cabeça aos pés. O Adam coloca-se prontamente ao lado do Olhos-Verdes, mas saúda-o apenas com um movimento brusco da cabeça. Talvez o líder não seja tão importante como pensa.

— Senhor — diz.

Tantos pensamentos se emaranham na minha cabeça que sou incapaz de desatar a insanidade que se aglomera. Devia ter esperado. Ouvi rumores de soldados a esconderem-se entre as pessoas comuns, informando as autoridades se as coisas parecessem suspeitas. Todos os dias desapareciam pessoas. Nunca ninguém voltava.

Mas ainda não consigo perceber por que motivo o Adam foi enviado para me espiar.

— Parece que causaste nela uma impressão e tanto.

Semicerro mais os olhos para o homem na cadeira e percebo que o seu fato está decorado com minúsculas manchas coloridas. Recordações militares. O seu último nome está inscrito na lapela: Warner.

O Adam não diz nada. Não me olha. O seu corpo está ereto, 1 metro e 80 de belo músculo esguio, um perfil forte e contido. Os mesmos

braços que me abraçaram o corpo tornaram-se coldres para armas letais.

— Não tens nada a dizer a esse respeito? — O Warner olha para o Adam e inclina a cabeça na minha direção, com os olhos dançando à luz, claramente divertidos.

O Adam firma o maxilar.

— Senhor.

— Claro. — Subitamente, o Warner está entediado. — Porque esperei que tivesses alguma coisa a dizer?

— Vão matar-me? — As palavras escapam-me entre os lábios antes de ter oportunidade de pensar nelas e a arma de alguém atinge-me na coluna mais uma vez. Caio ao chão com um gemido asfixiado, ofegando no chão imundo.

— Isso não era necessário, Roland. — A voz do Warner está repleta de desilusão fingida. — Suponho que pensaria o mesmo se estivesse na posição dela. — Uma pausa. — Juliette?

Consigo erguer a cabeça.

— Tenho uma proposta para te fazer.

NOVE

Não percebo se o ouvi bem.

— Tens uma coisa que eu quero. — O Warner continua a olhar-me fixamente.

— Não percebo — digo-lhe.

Inspira fundo e ergue-se para caminhar ao longo de todo o comprimento da sala. O Adam ainda não foi dispensado.

— És uma espécie de projeto pessoal. — O Warner sorri para si mesmo. — Passei muito tempo a estudar o teu dossiê.

Não consigo aguentar a sua passada pomposa e arrogante. Quero arrancar-lhe o sorriso da cara.

O Warner para.

— Quero-te na minha equipa.

— O quê? — Um sussurro de surpresa interrompido.

— Estamos a meio de uma guerra — diz, de modo um pouco impaciente. — Talvez consigas encaixar as peças.

— Eu não...

— Sei o teu segredo, Juliette. Sei porque estás aqui. A tua vida inteira está documentada nos arquivos hospitalares. Queixas às autoridades, processos confusos, exigências públicas da tua prisão. — A sua pausa dá-me tempo suficiente para asfixiar com o horror preso na minha garganta. — Passei muito tempo a ponderar, mas quis ter a certeza de que não eras *realmente* psicótica. O isolamento não foi exatamente um bom indicador, mesmo que tenhas reagido bastante bem. — Esboça-me um sorriso que diz que me devo sentir grata pelo seu elogio. — Enviei o Adam para ficar contigo como última precaução.

Queria ter a certeza de que não eras volátil, de que eras capaz de interação e comunicação humanas básicas. Admito que estou bastante agradado com os resultados.

Alguém me arranca a pele.

— O Adam, ao que parece, desempenhou o seu papel bem demais. É um belo soldado. Um dos melhores, na verdade. — O Warner olha-o antes de me sorrir. — Mas não te preocupes. Não sabe do que és capaz. Ainda não, pelo menos.

Arranho o pânico, engulo a agonia, suplico a mim mesma que não olhe na direção dele, mas fracasso fracasso fracasso. O Adam olha-me na mesma fração de segundo em que o olho a ele, mas vira a cara tão depressa que não sei se não o imaginei.

Sou um monstro.

— Não sou tão cruel como pensas — continua o Warner, com uma entoação musical nas palavras. — Se te agrada assim tanto a companhia dele, posso tornar isto — gesticula em direção a mim e ao Adam — uma incumbência permanente.

— Não — sussurro.

O Warner curva os lábios num sorriso despreocupado.

— Oh, *sim*. Mas tem cuidado, rapariga bonita. Se fizeres alguma coisa... *má*... ele terá de te dar um tiro.

Alicates abrem-me buracos no coração. O Adam não reage a nada que o Warner diga.

É trabalho.

Sou um número, uma missão, um objeto facilmente substituível. Nem sequer sou uma memória na mente dele.

Não sou nada.

Não esperei que a traição me afundasse tanto.

— Se aceitares a minha proposta — o Warner interrompe-me os pensamentos —, viverás como eu. Serás uma de *nós* e não um *deles*. A tua vida mudará para sempre.

— E se não aceitar? — pergunto, contendo a voz antes que vacile com o medo.

O Warner parece genuinamente desiludido. Une as mãos, desconsolado.

— Não tens realmente escolha. Se te aliares a mim, serás recompensada. — Une os lábios com força. — Se escolheres desobedecer? Bem... Parece-me que és encantadora com todas as partes do teu corpo intactas, não é?

A minha respiração é tão forçada que o meu corpo treme.

— Queres que torture pessoas para ti?

Um sorriso brilhante altera-lhe a face.

— Isso seria maravilhoso.

O mundo sangra.

Não tenho tempo para formular uma resposta antes de ele se virar para o Adam.

— Mostra-lhe o que está a perder, está bem?

A resposta do Adam demora um pouco mais do que deveria.

— Senhor?

— É uma ordem, soldado. — O Warner fixa os olhos em mim, com os lábios torcendo-se com diversão contida. — Gostaria de domar esta. É demasiado espreitada para o seu bem.

— Não podes tocar-me — exclamo, entre dentes cerrados.

— Errado — cantarola. Atira um par de luvas pretas ao Adam. — Vais precisar disto — diz, com um sussurro conspirativo.

— És um monstro. — A minha voz está demasiado estável e o meu corpo enche-se com uma raiva repentina. — Porque não me matas?

— Isso, minha querida, seria um desperdício. — Avança e percebo que tem as mãos cuidadosamente enfiadas em luvas de couro branco. Ergue-me o queixo com um dedo. — Além disso, seria uma pena perder uma cara tão bonita.

Tento afastar-me dele com um movimento do pescoço, mas a mesma bota de biqueira de aço atinge-me na coluna e o Warner segura-me a cara. Refreio um grito.

— Não resistas, querida. Só tornarás a tua vida pior.

— Espero que apodreças no inferno.

O Warner pressiona o maxilar. Levanta uma mão para impedir alguém de disparar contra mim, de me pontapear no baço, de me rachar o crânio. Não faço ideia.

— Lutas pela equipa errada. — Endireita as costas. — Mas podemos

mudar isso. Adam — chama. — Não a percas de vista. Passa a ser tua responsabilidade.

— Sim, senhor.

DEZ

O Adam calça as luvas, mas não me toca.

— Deixa-a levantar-se, Roland. Ocupo-me dela daqui em diante.

A bota afasta-se. Tento levantar-me e fito o vazio. Não penso no horror que me espera. Alguém me pontapeia atrás dos joelhos e quase caio ao chão.

— Vamos — rosna uma voz atrás de mim. Olho para cima e percebo que o Adam se afasta. Devo segui-lo.

Só depois de voltarmos à cegueira familiar dos corredores do asilo, ele para de andar.

— Juliette. — Uma palavra suave e as minhas articulações são feitas de ar.

Não lhe respondo.

— Pega-me na mão — diz.

— Nunca — consigo dizer entre inspirações interrompidas. — Jamais.

Um suspiro profundo. Sinto-o mover-se e, pouco depois, o seu corpo está demasiado perto do meu, a proximidade é desarmante. A sua mão toca-me no fundo das costas e conduz-me pelos corredores em direção a um destino desconhecido. Cada centímetro da minha pele cora. Esforço-me para me manter direita, impedindo-me de cair para trás nos seus braços.

A distância que percorremos é muito maior do que esperei. Quando o Adam finalmente fala, suspeito de que estamos perto do fim.

— Vamos lá para fora — diz-me perto do ouvido. Preciso de fechar as mãos com força para controlar os arrepios que me abalam o coração.

Quase me sinto demasiado distraída pela sensação da voz dele para compreender o significado do que diz. — Achei que devias saber.

Uma inspiração audível é a minha única resposta. Não saio há quase um ano. Sinto uma excitação dolorosa, mas não sinto luz natural na pele há tanto tempo que não sei se conseguirei aguentar. Não tenho escolha.

O ar é o primeiro choque.

A nossa atmosfera não é grande coisa, mas, depois de tantos meses num canto de betão, até o oxigénio esgotado da nossa Terra moribunda sabe a paraíso. Não consigo inspirar com rapidez suficiente. Encho os pulmões com a sensação. Avanço pela brisa ligeira e agarro um punhado de vento enquanto me passa entre os dedos.

Êxtase como nunca senti.

O ar é frio. Um banho refrescante de nada tangível que me faz arder os olhos e me belisca a pele. O sol está alto hoje, ofuscante enquanto é refletido pelas pequenas manchas de neve que mantêm a terra gelada. Os meus olhos são pressionados pelo peso da luz intensa e não consigo ver através de mais do que duas nesgas, mas os raios quentes cobrem-me o corpo como um casaco feito à medida, como o abraço de algo maior que um humano. Poderia ficar imóvel naquele momento para sempre. Por um segundo infinito, sinto-me livre.

O toque do Adam puxa-me de volta para a realidade. Quase dou um salto e ele segura-me pela cintura.

— Sentes-te bem? — Os olhos dele surpreendem-me. São os mesmos que recordo, azuis e sem fundo como a parte mais funda do oceano. As suas mãos delicadas tão delicadas à minha volta.

— Não quero que me toques — minto.

— Não tens escolha. — Não me olha.

— Tenho sempre escolha.

Passa uma mão pelo cabelo e engole o vazio na garganta.

— Segue-me.

Estamos num espaço vazio, um terreno cheio apenas de folhas mortas e árvores moribundas que vão bebendo goles da neve derretida no chão. A paisagem foi devastada pela guerra e pela negligência e é a coisa mais bela que vejo há muito tempo. Os soldados de passos

pesados param para ver o Adam abrir-me a porta do carro.

Não é um carro. É um tanque.

Olho fixamente o enorme volume metálico e tento subir por ali acima quando o Adam surge subitamente atrás de mim. Iça-me pela cintura e abro a boca de espanto enquanto me instala no banco.

Pouco depois, viajamos em silêncio e não sei para onde vamos.

Olho fixamente pela janela, vendo tudo.

Como, bebo e absorvo pormenores ínfimos nos destroços, na linha do horizonte, nas casas abandonadas e fragmentos de metal espalhados pelo cenário. O mundo parece despido, despojado de vegetação e calor. Não há placas com o nome das ruas, não há sinais de *stop*. Não são necessários. Não há transportes públicos. Todos sabem que os carros passaram a ser fabricados apenas por uma única empresa e vendidos a preço absurdo.

Muito poucas pessoas podem ter um meio de fuga.

Os meus pais A população em geral foi distribuída pelo que resta do país. Edifícios industriais formam a coluna vertebral da paisagem: caixas metálicas retangulares e altas atafalhadas de maquinaria. Maquinaria destinada a fortalecer o exército, a reforçar o Restabelecimento, a destruir em massa a civilização humana.

Carvão/Alcatrão/Aço

Cinzento/Preto/Prata

Cores esfumadas borradas no horizonte, mergulhando na matéria derretida que costumava ser neve. O lixo aglomera-se em pilhas desordenadas por toda a parte, com manchas de erva amarelecida espreitando sob a devastação.

Casas tradicionais do nosso velho mundo foram abandonadas, janelas foram estilhaçadas, telhados desabaram, tinta vermelha, verde e azul desbotada para combinar melhor com o nosso futuro radiante. Vejo agora os complexos descuidadamente construídos no terreno violentado e começo a recordar. Recordo como deviam ser temporários. Recordo os poucos meses antes de me prenderem em que começaram a construí-los. Aqueles abrigos pequenos e frios seriam suficientes até perceberem todos os pormenores deste novo plano. Tinha sido o que o Restabelecimento dissera. Até todos ficarem

controlados. Até as pessoas pararem de protestar e perceberem que aquela mudança era *boa* para elas, *boa* para os seus filhos, *boa* para o seu futuro.

Lembro-me de existirem regras.

Nada de imaginações perigosas, nada de medicamentos com receita médica. Uma nova geração composta apenas por indivíduos saudáveis capazes de nos sustentar. Os doentes precisavam de ser trancados algures. Os velhos deviam ser descartados. Os insanos deviam ser entregues aos asilos. Só os fortes sobreviveriam.

Sim.

Claro.

Nada de línguas estúpidas e histórias estúpidas e quadros estúpidos pendurados sobre a lareira. Nada de Natal, nada de Hanukkah, nada de Ramadão e Diwali. Não se falava de religião, de convicções pessoais. As convicções pessoais eram o que quase nos tinha matado a todos, tinham dito.

Convicções prioridades preferências e ideologias dividiam-nos. Iludiram-nos. Destruíram-nos.

Necessidades egoístas, desejos que precisavam de ser obliterados. A ganância, os excessos, a gula precisavam de ser arrancados ao comportamento humano. A solução residia no autocontrolo, no minimalismo, em condições de vida austeras. Uma linguagem simples e um dicionário a estrear cheio de palavras que todos compreendiam.

Estas coisas podiam salvar-nos, salvar as nossas crianças, salvar a espécie humana. Era o que tinham dito.

Restabelecer a Igualdade. Restabelecer a Humanidade. Restabelecer a Esperança, a Saúde e a Felicidade.

SALVA-NOS!

JUNTA-TE A NÓS!

RESTABELECE A SOCIEDADE!

Os cartazes continuam colados nas paredes.

O vento agita os seus restos esfarrapados, mas as placas permanecem fixas com determinação, batendo contra as estruturas de aço e betão a que estão presas. Algumas continuam coladas a postes

que brotam do chão com altifalantes colocados no topo. Sem dúvida, um sistema sonoro para alertar as pessoas para os perigos iminentes que as rodeiam.

Mas o mundo permanece submerso num silêncio sinistro.

Passam peões, arrastando-se no clima frio, gélido, a caminho do trabalho nas fábricas ou para encontrar alimento para as suas famílias. A esperança naquele mundo é sugada pelo cano de uma arma.

Já ninguém se preocupa com o conceito.

As pessoas costumavam desejar a esperança. Queriam acreditar que as coisas podiam melhorar. Queriam acreditar que podiam voltar a preocupar-se com boatos e férias e com festas no sábado à noite. Por isso, o Restabelecimento prometeu um futuro demasiado perfeito para ser possível e a sociedade estava demasiado desesperada para não acreditar. Nunca perceberam sequer que entregavam as suas almas a um grupo que planeava aproveitar-se da sua ignorância. Do seu medo.

A maioria dos civis estão demasiado petrificados para protestar, mas há outros que são mais fortes. Há outros que esperam o momento certo. Há outros que já começaram a reagir.

Espero que não seja tarde demais para reagir.

Estudo cada ramo trémulo, cada soldado ameaçador, cada janela que consigo contar. Os meus olhos são 2 carteiristas profissionais, roubando tudo e guardando tudo na minha mente.

Perco a conta aos minutos que calcorreamos.

Paramos junto de uma estrutura 10 vezes maior que o asilo e suspeitamente central na civilização. De fora, parece um edifício banal, apenas com o tamanho a chamar a atenção. Placas de aço cinzento sobre 4 paredes lisas. Janelas estaladas dispostas sobre os 15 andares. É ermo e não tem quaisquer marcas ou insígnias, quaisquer provas da sua verdadeira identidade.

Quartel-general político camuflado entre as massas.

O interior do tanque é um aglomerado confuso de botões e alavancas que não sei operar e o Adam abre a minha porta antes de ter uma oportunidade para identificar as peças. As suas mãos pousam-me sobre a cintura e os meus pés estão firmemente assentes no chão. O

meu coração bate tão depressa que tenho a certeza de que conseguirá ouvi-lo. Não me soltou.

Ergo o olhar.

Os seus olhos estão tensos e tem a testa franzida. Os seus lábios os seus lábios os seus lábios são 2 pedaços de frustração fundidos.

Recuo e 10 000 minúsculas partículas estilhaçam entre nós. Baixa o olhar. Vira-se. Inspira e 5 dedos de uma mão formam um punho débil.

— Por aqui. — Acena com a cabeça para o edifício.

Sigo-o para dentro.

ONZE

Estou de tal modo preparada para o horror inimaginável que a realidade é quase pior.

Dinheiro sujo pinga das paredes. O preço de um ano de comida esbanjado em pisos de mármore, centenas de milhares de dólares em auxílio médico canalizados para mobília cara e tapetes persas. Sinto o calor artificial a sair pelas condutas de ar e penso em crianças a gritar por água limpa. Semicerro os olhos através dos candelabros de cristal e ouço mães a suplicar por misericórdia. Vejo um mundo superficial numa realidade aterrorizadora e não me consigo mover.

Não consigo respirar.

Tantas pessoas terão morrido para sustentar aquele luxo. Tantas pessoas perderam as suas casas, os seus filhos e os seus últimos 5 dólares no banco por promessas promessas promessas tantas promessas de salvação de si mesmos. *Prometeram-nos...* O Restabelecimento prometeu-nos esperança num futuro melhor. Disseram que emendariam as coisas, disseram que nos ajudariam a regressar ao mundo que conhecemos... o mundo com idas ao cinema, casamentos primaveris e chás de bebé. Disseram que nos devolveriam as nossas casas, a nossa saúde, o nosso futuro sustentável.

Mas roubaram tudo.

Levaram tudo. A minha vida. O meu futuro. A minha sanidade. A minha liberdade.

Encheram o nosso mundo com armas apontadas às nossas testas e sorriram enquanto dispararam 16 balas contra o nosso futuro. Mataram os que eram suficientemente fortes para resistir e prenderam

os loucos que não conseguiram enquadrar-se nas suas expetativas utópicas. Gente como eu.

Eis a prova da sua corrupção.

A minha pele cobre-se com suor frio, os meus dedos tremem com repulsa, as minhas pernas não conseguem suportar o desperdício o desperdício o desperdício egoísta dentro destas 4 paredes. Vejo vermelho por toda a parte. O sangue dos corpos salpicado contra as janelas, vertido sobre os tapetes, pingando dos candelabros.

— Juliette...

Quebro.

Estou de joelhos. O meu corpo cede à dor que engoli tantas vezes, deixando de conseguir conter o choro. A minha dignidade dissolve-se nas lágrimas, a agonia desta semana que passou dilacera-me a pele.

Nem sequer consigo respirar.

Não consigo inspirar o oxigénio à minha volta e vomito em seco sobre a camisa enquanto ouço vozes e vejo caras que não reconheço, fantasmas de palavras arrastados pela confusão, pensamentos tão caóticos que já nem percebo se continuo consciente.

Não sei se perdi oficialmente o juízo.

Estou no ar. Sou um saco de penas nos seus braços e ele abre caminho entre soldados que se aglomeram em redor por um vislumbre do alarido e, por um momento, não quero preocupar-me por não dever desejar tanto aquilo. Quero esquecer que devo odiá-lo, que me traiu, que trabalha para as mesmas pessoas que tentam destruir o pouco que resta da humanidade, e a minha cara esconde-se no tecido macio da sua camisa, pressionando a bochecha contra o seu peito e sentindo o seu cheiro a força, a coragem e a um mundo que se afoga na chuva. Quero que nunca nunca nunca nunca me largue. Gostava de poder tocar-lhe na pele. Gostava que não houvesse barreiras entre nós.

A realidade esbofeteia-me na cara.

A vergonha entorpece-me o cérebro, a humilhação desesperada tolda-me o juízo. O rubor tinge-me a cara e alastra-se pela minha pele como sangue. Agarro-lhe a camisa.

— Podes matar-me — digo-lhe. — Tens armas... — Tento afastar-me

e ele aperta-me com mais força. A sua face não demonstra qualquer emoção além de uma pressão súbita no maxilar, uma inconfundível tensão nos braços. — Podes *matar-me* sem mais... — suplico.

— Juliette. — A voz dele é firme, mas com laivos de desespero. — Por favor.

Volto a ficar dormente. Outra vez indefesa. Derreto por dentro, a vida abandona-me os membros.

Estamos diante de uma porta.

O Adam pega num cartão e passa-o por um vidro preto colocado no pequeno espaço ao lado da maçaneta. A porta de aço inoxidável abre-se, deslizando. Entramos.

Estamos sozinhos numa divisão nova.

— Por favor, não me largues põe-me no chão — digo-lhe.

Há uma cama grande no centro do espaço, alcatifa macia no chão, um armário contra a parede, luzes encaixadas no teto. A beleza é tão maculada que não consigo suportá-la. O Adam empurra-me gentilmente para o colchão macio e dá um pequeno passo atrás.

— Penso que ficarás aqui algum tempo — é tudo o que diz.

Fecho os olhos com força. Não quero pensar na tortura inevitável que me espera.

— Por favor — digo-lhe. — Gostava de ficar sozinha.

Um sussurro profundo.

— Isso não é exatamente uma opção.

— Que queres dizer com isso? — Viro-me.

— Tenho de te vigiar, Juliette. — Diz o meu nome como um sussurro. O meu coração o meu coração o meu coração. — O Warner quer que percebas a proposta que te fez, mas ainda te considera... uma ameaça. Tornou-te minha responsabilidade. Não posso ir.

Não sei se deva sentir-me excitada ou horrorizada. Sinto-me horrorizada.

— Tens de viver comigo?

— Vivo na caserna no extremo oposto deste edifício. Com os outros soldados. Mas sim. — Pigarreia. Não me olha. — Vou mudar-me para aqui.

Há uma dor na boca do estômago que me corrói os nervos. Quero odiá-lo e julgá-lo e gritar para sempre, mas fracasso porque tudo o que vejo é um rapaz de 8 anos que não se lembra de que foi a pessoa mais amável que conheci.

Não quero acreditar que isto está a acontecer.

Fecho os olhos e baixo a cabeça para os joelhos.

— Precisas de te vestir — diz, após um momento.

Ergo a cabeça. Pestanejo como se não percebesse o que diz.

— Estou vestida.

Pigarreia outra vez, mas tenta ser discreto.

— Há uma casa de banho ali. — Aponta. Vejo uma porta numa das paredes do quarto e sinto uma curiosidade súbita. Ouvi histórias sobre pessoas com casas de banho no quarto. Calculo que não ficarão exatamente no quarto, mas estarão suficientemente próximas. Levanto-me da cama e sigo-lhe o dedo. Mal abro a porta, volta a falar. — Podes tomar banho e mudar de roupa aí. A casa de banho... é o único sítio onde não há câmaras — acrescenta, com a voz diminuindo de volume.

Há câmaras no meu quarto.

Claro.

— Encontras roupa ali. — Indica com a cabeça o armário. Subitamente, parece desconfortável.

— E não podes sair? — pergunto.

Esfrega a testa e senta-se na cama. Suspira.

— Tens de te preparar. O Warner espera-te para jantar.

— *Jantar?* — Os meus olhos estão do tamanho da lua.

O Adam parece abatido.

— Sim.

— Não me vai magoar? — Envergonha-me o alívio na minha voz depois de ser inesperadamente libertada da tensão, do medo que não sabia que continha. — Vai dar-me de *jantar*? — Estou faminta o meu estômago é um fosso de fome tenho tanta fome tanta fome tanta fome. Não consigo imaginar o sabor da comida real.

A expressão do Adam permanece imperscrutável.

— É melhor que te despaches. Posso mostrar-te como funciona tudo.

Não tenho tempo para protestar antes de entrar na casa de banho e sigo-o para o interior. A porta ainda está aberta e ele está de pé no centro do espaço reduzido com as costas viradas para mim e não percebo porquê.

— Sei usar a casa de banho — digo-lhe. Vivía numa casa normal. Tinha uma família.

Vira-se muito devagar e começo a entrar em pânico. Ergue finalmente a cabeça, mas os seus olhos movem-se em todas as direções. Quando me olha, semicerra-os. Tem a testa franzida. A mão direita fecha-se num punho e a mão esquerda ergue-se e leva um dedo aos lábios. Diz-me que me cale.

Cada órgão no meu corpo cai ao chão.

Sabia que algo aconteceria, mas não esperava que fosse o Adam. Não pensei que fosse ele a magoar-me, a torturar-me, a fazer-me desejar mais a morte do que alguma vez a desejei. Nem sequer percebo que choro até me ouvir, sentindo as lágrimas silenciosas a escorrer-me pela cara e sinto vergonha tanta vergonha tanta vergonha da minha fraqueza, mas uma parte de mim não se importa. Sinto-me tentada a suplicar, a pedir misericórdia, a roubar-lhe a arma e a matar-me com um tiro antes que seja ele a fazê-lo. A dignidade é a única coisa que me resta.

Parece perceber a minha histeria repentina porque abre os olhos e escancara a boca.

— Não, Juliette. Bolas... Não vou... — Pragueja entredentes. Leva o punho à testa e vira-se, suspirando ruidosamente e caminhando pelo espaço reduzido. Volta a praguejar.

Sai pela porta e não olha para trás.

DOZE

5 minutos inteiros sob água a esquentar, 2 sabonetes, ambos com cheiro de alfazema, um frasco de champô apenas para o meu cabelo e o toque de toalhas macias que ouse enrolar ao corpo. Depois disto, começo a perceber.

Querem que esqueça.

Pensam que podem apagar-me as memórias, as lealdades e as prioridades com algumas refeições quentes e um quarto com vista. Pensam que sou assim tão fácil de comprar.

O Warner parece não compreender que cresci sem nada e não odiei a experiência. Não queria as roupas, os sapatos perfeitos ou objetos caros. Não queria estar embrulhada em seda. Tudo o que sempre quis foi estender a mão e tocar em outro ser humano não apenas com as mãos, mas com o coração. Vi o mundo e a sua falta de compaixão, o seu julgamento severo e persistente, os seus olhos frios e rancorosos. Vi tudo à minha volta.

Tive tanto tempo para ouvir.

Para olhar.

Para estudar pessoas, locais e possibilidades. Bastou-me abrir os olhos. Bastou-me abrir um livro... ver as histórias a alastrar-se de página em página. Ver as memórias gravadas no papel.

Passei a minha vida presa entre páginas de livros.

Na ausência de relacionamentos humanos, estabeleci laços com personagens de papel. Senti amor e perda através de relatos com raízes na história. Vivi a adolescência por associação. O meu mundo é uma teia de palavras entrelaçadas, prendendo membro a membro,

prendendo osso a tendão, fundindo pensamentos e imagens. Sou um ser composto por letras, uma personagem criada por frases, um fragmento de imaginação formado através da ficção.

Querem apagar cada sinal de pontuação da minha vida neste mundo e não me parece que possa deixar que isso aconteça.

Volto a vestir a minha roupa e saio em bicos de pés para o quarto, encontrando-o abandonado. O Adam foi-se, mesmo tendo dito que ficava. Não o percebo ou às suas ações e não percebo a minha desilusão. Gostava de não adorar a frescura da minha pele, a sensação de limpeza plena depois de tanto tempo. Não percebo porque continuo sem olhar para o espelho, porque temo o que verei, porque não tenho a certeza de reconhecer a cara que poderá retribuir-me o olhar.

Abro o armário.

Está cheio de vestidos, sapatos, camisas, calças e roupa de todos os géneros, com cores tão vivas que me magoam os olhos, de materiais de que só ouvi falar, do tipo que quase temo tocar. Os tamanhos são perfeitos demasiado perfeitos.

Esperavam-me.

Do céu, desabam tijolos sobre o meu crânio.

Fui desprezada abandonada ostracizada e arrastada para fora da minha casa. Fui espetada magoada testada e atirada para uma cela. Fui estudada. Passei fome. Fui tentada com a amizade, acabando traída e encurralada neste pesadelo pelo qual esperam que me sinta grata. Os meus pais. Os meus professores. O Adam. O Warner. O Restabelecimento. Sou dispensável para todos eles.

Acham que sou uma boneca que podem vestir e torcer a seu bel-prazer.

Mas enganam-se.

— O Warner espera-te.

Viro-me e encosto-me ao armário, fechando-o com um pânico louco que me domina o coração. Recomponho-me e controlo o medo quando vejo o Adam de pé junto à porta. A sua boca move-se por um momento, mas não diz nada. Acaba por dar um passo em diante até ficar suficientemente próximo para tocar.

Estende um braço para voltar a abrir a porta que esconde as coisas

cuja existência me envergonha.

— Isto é tudo para ti — diz, sem me olhar, com os dedos tocando a bainha de um vestido roxo, de uma rica cor de ameixa que quase dá vontade de comer.

— Já tenho roupa. — A minha mão alisa os vincos na minha roupa suja e esfarrapada.

Decide finalmente olhar-me, mas, quando o faz, as suas sobrancelhas erguem-se, os seus olhos pestanejam e os seus lábios entreabrem-se com surpresa. Penso se o banho me deu uma nova cara e cor, esperando que não sinta repulsa do que vê. Não percebo porque me importo.

Baixa o olhar. Inspira fundo.

— Espero lá fora.

Fito o vestido roxo com as impressões digitais do Adam Estudo o interior do armário durante apenas um momento antes de o abandonar. Passo dedos ansiosos pelo cabelo molhado e recomponho-me.

Não pertença a ninguém.

E não me importa o aspeto que o Warner queira que eu tenha.

Saio e o Adam olha-me por uma fração de segundo. Esfrega a nuca e não diz nada. Abana a cabeça. Começa a caminhar. Não me toca e eu não devia reparar nisso, mas reparo. Não sei o que esperar, não sei como será a minha vida neste novo sítio e sou atingida no estômago por cada enfeite rico, por cada objeto luxuoso, por todos os supérfluos quadros, esculturas, candeeiros, cores naquele edifício. Espero que tudo arda.

Sigo o Adam por um longo corredor alcatifado até um elevador totalmente feito de vidro. Passa o mesmo cartão que usou para abrir a minha porta e entramos. Nem sequer percebi que tínhamos apanhado um elevador para subir tantos andares. Percebo que terei feito uma cena horrível quando cheguei e isso quase me agrada.

Espero desiludir o Warner de todas as formas possíveis.

A sala de jantar é suficientemente grande para alimentar milhares de órfãos. Ao invés, há 7 mesas de banquete dispersas pela sala, com

tampos cobertos por seda azul e jarras de cristal abarrotando com orquídeas e lírios enquanto taças de vidro se enchem de gardénias. É encantador. Penso onde terão encontrado as flores. Não podem ser reais. Não percebo como poderiam ser reais. Há anos que não vejo flores reais.

O Warner ocupa a mesa no centro, sentado à cabeceira. Quando me vê o Adam, levanta-se. A sala inteira levanta-se em seguida.

Percebo quase imediatamente que há um lugar vazio de cada lado dele e não pretendo parar, mas faço-o. Faço uma rápida lista mental dos presentes e não consigo encontrar outras mulheres.

O Adam roça a ponta de 3 dedos pelo fundo das minhas costas e o sobressalto quase me faz dar um salto. Avanço e o Warner esboça-me um sorriso radiante. Puxa a cadeira à sua esquerda e gesticula que me sente. Obedeço.

Tento não olhar para o Adam enquanto se senta à minha frente.

— Sabes... há roupa no teu armário, minha querida. — O Warner senta-se a meu lado. A sala volta a sentar-se e retoma uma torrente regular de conversa fiada. Virou-se quase totalmente para mim, mas, de alguma forma, a única presença de que me apercebo está diretamente à minha frente. Olho o prato vazio a 5 centímetros dos meus dedos. Pouso as mãos no colo. — E não tens de continuar a usar esses ténis sujos — continua o Warner, espreitando antes de encher a minha chávena com alguma coisa. Parece água.

Tenho tanta sede que conseguiria inalar uma cascata.

Odeio o sorriso dele.

O ódio parece-se com qualquer outra coisa até sorrir. Até dar uma volta e mentir com lábios e dentes formando algo demasiado passivo para esmurrar.

— Juliette?

Inspiro depressa demais. Sinto a tosse contida a arranhar-me a garganta.

Os seus olhos verdes vidrados brilham na minha direção.

— Não tens fome? — Palavras açucaradas. A sua mão enluvada toca-me no pulso e quase o torço com a pressa de me distanciar dele.

Poderia comer todos naquela sala.

— Não, obrigada.

Passa a língua pelo lábio inferior e sorri.

— Não confundas estupidez com coragem, amor. Sei que não comes nada há dias.

Algo na minha paciência estala.

— Prefiro mesmo morrer a comer a tua comida e ouvir-te chamar-me *amor* — digo-lhe.

O Adam larga o garfo.

O Warner olha-o brevemente e, quando volta a olhar-me, o seu olhar endureceu. Continua a olhar-me durante alguns segundos infinitamente longos antes de tirar uma arma do bolso do casaco. Dispara.

A sala inteira grita e fica paralisada.

O meu coração ganhou asas e esvoaça-me na garganta.

Viro a cabeça muito lentamente para seguir a pistola do Warner e descubro que alvejou o osso de um pedaço de carne. A travessa de comida está ligeiramente fumegante. A comida amontoa-se a menos de 60 centímetros dos convidados. Disparou sem sequer olhar. Podia ter matado alguém.

Preciso de toda a minha energia para permanecer muito, muito imóvel.

O Warner larga a arma no meu prato. O silêncio permite ao ruído ecoar à volta do universo e voltar.

— Escolhe as tuas palavras com muito cuidado, Juliette. Uma palavra minha e a tua vida aqui não será tão fácil.

Pestanejo.

O Adam empurra um prato de comida para a minha frente. A intensidade do seu olhar é como um atizador branco incandescente pressionado contra a minha pele. Ergo o olhar e vejo-o inclinar a cabeça um milímetro. Os seus olhos dizem: *Por favor*.

Pego no garfo.

Nada escapa ao Warner. Pigarreia de modo demasiado sonoro. Força o riso enquanto corta a carne no prato.

— Tenho de pedir ao Kent que faça todo o meu trabalho?

— Desculpa?

— Parece-me que é o único a quem darás ouvidos. — O seu tom de voz é ligeiro, mas a tensão no maxilar é inconfundível. Vira-se para o Adam. — Surpreende-me que não lhe tenhas dito que mudasse de roupa como te pedi.

O Adam endireita as costas.

— Fi-lo, senhor.

— Gosto da minha roupa — digo-lhe. O que não lhe digo é: Gostaria de te esmurrar no olho.

O sorriso do Warner regressa.

— Ninguém te perguntou de que *gostas*, meu amor. Agora, come. Preciso que estejas no teu melhor quando estiveres ao meu lado.

TREZE

O Warner insiste em acompanhar-me até ao meu quarto.

Depois do jantar, o Adam desapareceu com outros soldados. Desapareceu sem uma palavra ou um olhar na minha direção e eu não sabia o que esperar. Pelo menos, não tenho nada a perder exceto a vida.

— Não quero que me odeies — diz o Warner enquanto nos dirigimos para o elevador. — Só serei teu inimigo se assim o quiseres.

— Seremos sempre inimigos. — A minha voz estala com pingentes afiados de gelo. As palavras derretem-me na língua. — Nunca serei o que queres que seja.

O Warner suspira enquanto pressiona o botão do elevador.

— Acredito mesmo que mudarás de ideias. — Olha-me com um pequeno sorriso nos lábios. É uma pena, na verdade, que feições tão belas fossem desperdiçadas num ser humano tão miserável. — Tu e eu, Juliette... juntos? Seríamos imparáveis.

Não o olho, mesmo sentindo o seu olhar roçando cada centímetro do meu corpo.

— Não, obrigada.

Estamos no elevador. O mundo passa por nós a grande velocidade e as paredes de vidro transformam-nos num espetáculo para todos em todos os pisos. Não há segredos naquele edifício.

Toca-me no ombro e afasto-me dele.

— Talvez reconsideres — diz com voz delicada.

— Como percebeste? — O elevador abre-se com uma nota eletrónica, mas não me movo. Por fim, viro-me para ele por não

conseguir conter a curiosidade. Estudo-lhe as mãos, tão cuidadosamente envolvidas em couro, as mangas grossas e vincadas de alto a baixo. Até o colarinho é alto e régio. Veste-se impecavelmente da cabeça aos pés e tem tudo coberto exceto a face. Mesmo que quisesse tocar-lhe, não sei se conseguiria fazê-lo. Protege-se.

De mim.

— Talvez essa possa ser uma conversa para amanhã à noite? — Arqueia uma sobrancelha e oferece-me o braço. Finjo não reparar enquanto saímos do elevador e percorremos a sala. — Talvez possas vestir alguma coisa simpática.

— Qual é o teu primeiro nome? — pergunto-lhe.

Paramos à frente da minha porta.

Estaca. Surpreendido. Ergue o queixo de modo quase impercetível. Fixa os olhos na minha cara até eu começar a arrepender-me da pergunta que fiz.

— Queres saber o meu nome.

Não o faço de propósito, mas os meus olhos estreitam-se um pouco.

— Warner é o teu último nome, não é?

Quase sorri.

— Queres saber o meu nome.

— Não sabia que é segredo.

Dá um passo em frente. Os seus lábios palpitam. Os seus olhos caem e os lábios deixam entrar uma inspiração tensa. Faz deslizar um dedo enluvado pela minha maçã do rosto.

— Digo-te o meu se me disseres o teu — sussurra, demasiado perto do meu pescoço.

Recuo. Engulo em seco.

— Já sabes o meu nome.

Não me olha nos olhos.

— Tens razão. Deixa-me escolher melhor as palavras. O que queria dizer era: digo-te o meu se me mostrares o teu.

— O quê? — De repente, respiro demasiado rápido.

Começa a descalçar as luvas e eu começo a entrar em pânico.

— Mostra-me o que consegues fazer.

Sinto o maxilar demasiado rígido e os meus dentes começaram a

doer.

— Não te vou tocar.

— Não faz mal. — Puxa a outra luva. — Não preciso realmente da tua ajuda.

— Não...

— Não te preocupes. — Sorri. — Tenho a certeza de que não vai doer nada.

— Não — gemo. — Não o farei... Não posso...

— Muito bem — exclama o Warner. — Muito bem. Não queres magoar-me. Sinto-me profundamente lisonjeado. — Quase revira os olhos. Olha para o extremo do corredor. Avista um soldado. Chama-o com um gesto. — Jenkins?

O Jenkins é rápido para o seu tamanho e demora um minuto a ficar ao meu lado.

— Senhor. — Baixa a cabeça um centímetro mesmo sendo claramente mais velho do que o Warner. Não terá mais de 27 anos. Encorpado, sólido, musculado. Fita-me de soslaio. Os seus olhos castanhos são mais quentes do que esperei que fossem.

— Preciso que acompanhes a menina Ferrars de volta ao piso de baixo. Mas aviso-te: não quer cooperar e tentará escapar. — Esboça um sorriso demasiado lento. — Diga o que disser ou faça o que fizer, soldado, não podes soltá-la. Estamos entendidos?

O Jenkins arregala os olhos. Pestaneja, as suas narinas inflam, os seus dedos fletem de cada lado do corpo. Inspira rapidamente. Um aceno afirmativo.

O Jenkins não é um idiota.

Começo a correr.

Corro pelo corredor fora, passando por vários soldados atordoados e demasiado assustados para me travarem. Não sei o que estou a fazer, porque julgo que posso fugir, para onde penso que poderei ir. Esforço-me para chegar ao elevador por acreditar que, pelo menos, isso me permitirá ganhar tempo. Não sei que outra coisa poderei fazer.

As ordens do Warner ressaltam das paredes e explodem-me nos

tímpanos. Não precisa de me perseguir. Outros fazem-no por ele.

Os soldados alinham-se à minha frente.

A meu lado.

Atrás de mim.

Não consigo respirar.

Rodo num círculo da minha própria estupidez, em pânico, dorida, paralisada por pensar no que farei ao Jenkins contra a minha vontade. No que me fará ele contra a sua vontade. No que acontecerá aos dois apesar das nossas melhores intenções.

— Apanhem-na — diz o Warner em voz contida. O silêncio enfiou-se em cada canto deste edifício. A sua voz é o único som na sala.

O Jenkins avança.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas e fecho-os com força. Forço-os a abrir. Pestanejo para a multidão e avisto uma cara familiar. O Adam fitando-me, horrorizado.

A vergonha cobriu cada centímetro do meu corpo.

O Jenkins estende-me a mão.

Os meus ossos começam a vergar, estalando em sincronia com os batimentos do meu coração. Caio ao chão, dobrando-me sobre mim mesma como um crepe frágil. Os meus braços estão tão dolorosamente nus nesta t-shirt gasta.

— Não... — Ergo uma mão insegura, implorando com os olhos, fitando a cara deste homem inocente. — Não, por favor... — A minha voz cede. — Não queres tocar-me...

— Nunca disse que queria. — A voz do Jenkins é grave e firme, cheia de pesar. O Jenkins, que não tem luvas nem proteção ou preparação. Que não tem qualquer defesa possível.

— Foi uma ordem, soldado — brada o Warner, apontando-lhe uma arma às costas.

O Jenkins segura-me os braços.

NÃO NÃO NÃO

Abro a boca em choque.

O meu sangue ferve-me pelas veias, apressando-se pelo meu corpo como um rio tempestuoso enquanto ondas de calor rebentam contra os meus ossos. Consigo ouvir a sua angústia. Sinto o poder escapando-lhe

do corpo. Consigo ouvir o seu coração batendo-me nos ouvidos e a minha cabeça girando com a descarga de adrenalina que fortifica o meu ser.

Sinto-me viva.

Desejo que me magoe. Desejo que me mutile. Desejo que me enoje. Desejo odiar a força que envolve o meu esqueleto.

Mas nada disso acontece. A minha pele palpita com a vida de outra pessoa e não odeio a sensação.

Odeio-me a mim por gostar.

Gosto da sensação de transbordar com mais vida, esperança e poder humano do que me sabia capaz. A dor dele dá-me um prazer que nunca pedi.

E não me solta.

Mas não me solta porque não consegue. Porque tenho de ser eu a quebrar a ligação. Porque a agonia o incapacita. Porque está preso na minha armadilha.

Porque sou uma vénus-papa-moscas.

E sou letal.

Caio de costas e pontapeio-lhe o peito, afastando-o de mim, afastando o seu peso do meu corpo pequeno, o seu corpo sem forças caído sobre o meu. Subitamente, grito e tento ver além das lágrimas que me turvam a visão. Tenho soluços, estou histérica e horrorizada pela expressão paralisada na cara deste homem, pelos seus lábios imóveis que se esforçam para levar ar aos pulmões.

Liberto-me e cambaleio para trás. O mar de soldados separa-se atrás de mim. Cada face está marcada pelo espanto e por um medo puro. O Jenkins está deitado no chão e ninguém ousa aproximar-se dele.

— Alguém o ajude! — grito. — Alguém o *ajude*! Precisa de um médico... precisa que o levem... precisa... oh, Deus... que fiz eu...

— Juliette...

— NÃO ME TOQUES... NÃO TE ATREVAS A TOCAR-ME...

As luvas do Warner voltaram a cobrir-lhe as mãos e ele tenta segurar-me, alisar-me o cabelo, limpar-me as lágrimas e eu quero assassiná-lo.

— Juliette, precisas de te acalmar...

— AJUDEM-NO! — grito, caindo de joelhos com os olhos colados à figura deitada no chão. Os outros soldados aproximam-se finalmente, cautelosos como se o que lhe aconteceu pudesse ser contagioso. — Por favor... têm de o ajudar! *Por favor...*

— Kent, Curtis, Soledad... OCUPEM-SE DISTO! — grita o Warner aos seus homens antes de me erguer nos seus braços.

Ainda esperneio quando o mundo fica negro.

CATORZE

O teto perde o foco.

Tenho a cabeça pesada, a visão turva, o coração acelerado. Há um sabor inconfundível a pânico alojado sob a minha língua e tento recordar de onde veio. Tento sentar-me e não compreendo porque estava deitada.

As mãos de alguém cobrem-me os ombros.

— Como te sentes? — O Warner olha-me do alto.

Subitamente, as minhas memórias queimam-me os olhos, a cara do Jenkins nada na minha consciência e agito os punhos e grito ao Warner que se afaste de mim enquanto tento distanciar-me das suas mãos, mas ele limita-se a sorrir. Ri um pouco. Pousa delicadamente as minhas mãos de cada lado do tronco.

— Pelo menos, estás acordada. — Suspira. — Por um momento, deixaste-me preocupado.

Tento controlar os membros trémulos.

— Afasta as mãos de mim.

Agita os dedos enluvados diante da minha cara.

— Estou protegido. Não te preocupes.

— *Odeio-te.*

— Tanta paixão. — Volta a rir. Parece tão calmo, tão genuinamente divertido. Olha-me fixamente com uma delicadeza nos olhos que jamais julguei ser possível.

Viro-me.

Ergue-se. Inspira brevemente.

— Toma — diz, estendendo a mão para um tabuleiro numa mesa

pequena. — Trouxe-te comida.

Aproveito o momento para me sentar e olhar em redor. Estou deitada numa cama com dossel de damasco dourado e de uma cor de sangue escuro. O chão está coberto com uma tapete grossa e rica da cor de um pôr do sol de verão. O quarto está quente. Tem o mesmo tamanho do que me deram, com mobiliário bastante convencional: cama, armário, mesas de cabeceira, candelabro brilhante pendurado no teto. A única diferença é que há uma porta adicional naquele quarto e uma vela ardendo silenciosamente sobre uma pequena mesa no canto. Perdi a conta aos anos que passaram desde que vi fogo. Preciso de conter um impulso para estender a mão e tocar na chama.

Apoio-me nas almofadas e tento fingir que não estou confortável.

— Onde estou?

O Warner vira-se com um prato de pão e queijo nas mãos. A sua outra mão segura um copo de água. Olha em redor como se visse o quarto pela primeira vez.

— No meu quarto.

Se não tivesse a cabeça feita em pedaços, sentir-me-ia tentada a fugir.

— Leva-me para o meu quarto. Não quero estar aqui.

— E, no entanto, aqui estás. — Senta-se ao fundo da cama, a pouca distância. Coloca-me o prato à frente. — Tens sede?

Não sei se será por não conseguir pensar com clareza ou por confusão genuína, mas custa-me perceber as personalidades contraditórias do Warner. Ali estava ele, oferecendo-me um copo de água depois de me ter forçado a torturar alguém. Ergo as mãos e estudo os dedos como se nunca antes os tivesse visto.

— Não percebo.

Inclina a cabeça, olhando-me como se eu me tivesse ferido com gravidade.

— Só perguntei se tens sede. Não deve ser difícil de perceber. — Uma pausa. — Bebe isto.

Aceito o copo. Olho-o fixamente. Olho-o a ele. Olho as paredes.

Devo estar louca.

O Warner suspira.

— Não tenho a certeza, mas penso que desmaiaste. E parece-me que talvez devas comer alguma coisa, mas também não tenho certezas acerca disso. — Faz uma pausa. — É provável que te tenhas cansado demais no teu primeiro dia aqui. O erro foi meu.

— Porque me tratas bem?

A surpresa na cara dele surpreende-me ainda mais a mim.

— Porque me preocupo contigo — diz, sem mais.

— *Preocupas-te* comigo? — A dormência do meu corpo começa a dissipar-se. A minha pressão arterial sobe e a raiva avança para a dianteira da minha consciência. — Quase matei o Jenkins por tua culpa!

— Não mataste...

— Os teus soldados bateram-me! Prendes-me aqui! Ameaças-me! Ameaças matar-me! Roubas-me a liberdade e dizes que te *preocupas* comigo? — Quase lhe atiro o copo de água à cara. — És um *monstro*!

O Warner vira-se e vejo-o de perfil. Bate com as mãos. Muda de ideias. Toca nos lábios.

— Só tento ajudar-te.

— Mentiroso.

Parece pensar nisso. Acena com a cabeça, uma única vez.

— Sim. Na maior parte do tempo, sim.

— Não quero estar aqui. Não quero ser a tua experiência. Deixa-me ir.

— Não. — Levanta-se. — Receio não poder fazer isso.

— Porque não?

— Porque não posso. É só... — Puxa os dedos. Pigarreia. Os seus olhos erguem-se para o teto por um breve momento. — Porque preciso de ti.

— Precisas de mim para matar pessoas!

Não responde imediatamente. Aproxima-se da vela. Descalça uma luva. Passa os dedos nus pela chama.

— Sabes... sou perfeitamente capaz de matar pessoas sozinho, Juliette. Na verdade, sou muito bom a fazê-lo.

— Isso é nojento.

Encolhe os ombros.

— De que outra forma achas que alguém da minha idade conseguiria controlar tantos soldados? Que outro motivo haveria para o meu pai me permitir governar um setor inteiro?

— O teu *pai*? — Sento-me, subitamente curiosa contra a minha vontade.

Ignora a minha pergunta.

— A mecânica do medo é suficientemente simples. As pessoas sentem-se intimidadas por mim. Por isso, dão-me ouvidos quando falo. — Acena com uma mão. — Ameaças vãs valem muito pouco por estes dias.

Fecho os olhos com força.

— Matas pessoas pelo poder.

— Como tu.

— Como te *atreves*...

Ri-se, alto.

— És livre de mentir a ti mesma, se isso te fizer sentir melhor.

— Não minto...

— Porque demoraste tanto a interromper a tua ligação com o Jenkins?

A minha boca ficou paralisada.

— Porque não reagiste logo? Porque lhe permitiste que te tocasse durante tanto tempo?

As minhas mãos começaram a tremer e fecho-as com força.

— Não sabes nada de mim.

— E dizes conhecer-me tão bem.

Pressiono o maxilar, não confiando no que possa dizer.

— Pelo menos, sou honesto — acrescenta.

— Acabas de admitir que mentes!

Arqueia as sobrancelhas.

— Pelo menos, sou honesto acerca de ser mentiroso.

Bato com o copo de água na mesa de cabeceira. Apoio a cabeça nas mãos. Tento manter a calma. Inspiro para me acalmar.

— Bem — consigo dizer —, para que precisas de mim, então? Se és um assassino tão excelente?

Um sorriso surge-lhe na cara e volta a desaparecer.

— Um dia, responderei a essa pergunta.

Tento protestar, mas ele manda-me calar levantando a mão. Retira um pedaço de pão do prato. Coloca-o por baixo do meu nariz.

— Mal comeste ao jantar. Não pode ser saudável.

Não me mexo.

Volta a colocar o pão no prato e pousa o prato ao lado da água. Vira-se para mim. Estuda-me os olhos com tal intensidade que me sinto momentaneamente desarmada. Há tantas coisas que quero dizer e gritar, mas, de alguma forma, esqueci as palavras que aguardam pacientemente na minha boca. Não consigo forçar-me a desviar o olhar.

— Come alguma coisa. — Os seus olhos afastam-se de mim. — Depois, dorme. Volto de manhã.

— Porque não posso dormir no meu quarto?

Levanta-se. Sacode as calças sem motivo.

— Porque quero que fiques aqui.

— Mas porquê?

Ri-se.

— Tantas perguntas.

— Se pudesses dar-me uma resposta direta...

— Boa noite, Juliette.

— Vais deixar-me ir? — pergunto, desta vez em voz mais baixa, timidamente.

— Não. — Dá 6 passos até ao canto com a vela. — E também não prometo facilitar-te a vida. — Não há arrependimento nem remorso. Não há qualquer compreensão na sua voz. É como se falasse do tempo.

— Podes estar a mentir.

— Sim, posso. — Acena com a cabeça, como se o fizesse para si mesmo. Sopra a vela.

E desaparece.

Tento resistir.

Tento permanecer acordada.

Tento encontrar a minha cabeça, mas não consigo.

Acabo por ceder à exaustão.

QUINZE

Porque não te matas? Alguém na escola me perguntou, certa vez.

Era o tipo de pergunta que pretendia ser cruel, mas não foi a primeira vez que contemplei a possibilidade. Não sabia o que dizer. Talvez fosse louca por considerar a possibilidade, mas sempre esperei que, se fosse uma rapariga suficientemente boa, se fizesse tudo bem, se dissesse as coisas certas ou não dissesse nada... acreditei que os meus pais mudariam de ideias. Pensei que me ouviriam finalmente quando tentasse falar. Pensei que me dessem uma hipótese. Pensei que pudessem finalmente amar-me.

Sempre tive essa estúpida esperança.

— Bom dia.

Abro os olhos, sobressaltada. Nunca tive um sono profundo.

O Warner olha-me fixamente, sentado ao fundo da cama com um fato limpo e botas perfeitamente engraxadas. Tudo nele é meticuloso. Impecável. A sua respiração é fria e fresca no ar matinal. Sinto-o na cara.

Demoro um momento a perceber que estou embrulhada nos mesmos lençóis em que o próprio Warner dormiu. Subitamente, sinto a cara em brasa e tento libertar-me. Quase caio da cama abaixo.

Não lhe digo nada.

— Dormiste bem? — pergunta.

Olho para cima. Os seus olhos são de um verde tão estranho. Claros, cristalinos, penetrantes da forma mais alarmante. O cabelo é volumoso, de um dourado rico. O corpo é esguio e discreto, mas as

mãos têm uma força surpreendente e natural. Reparo pela primeira vez que tem um anel de jade no mindinho esquerdo.

Percebe que o observo e levanta-se. Calça as luvas e junta as mãos atrás das costas.

— Está na hora de voltares para o teu quarto.

Pestanejo. Aceno com a cabeça. Levanto-me e quase caio. Apoio-me na cama e tento serenar a cabeça às voltas. Ouço-o suspirar.

— Não comeste o que te deixei ontem à noite.

Pego na água com mãos trémulas e obrigo-me a comer um pouco do pão. O meu corpo habituou-se tanto à fome que já não sei ao certo se consigo reconhecê-la.

O Warner acompanha-me para fora do quarto quando consigo equilibrar-me. Levo um pedaço de queijo na mão.

Quase o deixo cair quando saio.

Há ainda mais soldados ali do que no meu andar. Cada um está equipado com pelo menos 4 tipos diferentes de arma, algumas penduradas ao pescoço, outras presas aos cintos. Todos eles parecem horrorizados quando me veem a cara. Aparece e desaparece tão depressa nas suas feições que poderia não ter reparado, mas é suficientemente óbvio. Todos apertam um pouco mais as armas quando passamos.

O Warner parece agradado.

— O medo deles ser-te-á benéfico — sussurra-me ao ouvido.

A minha humanidade espalha-se num milhão de pedaços sobre a carpete.

— Nunca quis que tivessem medo de mim.

— Deverias. — Cala-se. Os olhos dele chamam-me idiota. — Se não tiverem medo de ti, vão caçar-te.

— As pessoas caçam muitas vezes coisas de que têm medo.

— Pelo menos, passaram a saber o que têm pela frente. — Volta a caminhar pelo corredor, mas os meus pés estão colados ao chão. A compreensão é como um balde de água gelada despejado pelas minhas costas abaixo.

— Obrigaste-me a fazer... aquilo que fiz... ao Jenkins? De propósito?

O Warner vai já 3 passos à frente, mas consigo ver o sorriso na sua cara.

— Tudo o que faço é de propósito.

— Quiseste fazer de mim um espetáculo. — Sinto o pulso acelerado, com o batimento cardíaco palpitando-me na ponta dos dedos.

— Tentava proteger-te.

— Dos teus soldados? — Começo a correr para o alcançar, ardendo com indignação. — À custa da *vida* de um homem...

— Entra. — O Warner alcançou o elevador. Mantém as portas abertas para eu entrar.

Sigo-o para dentro.

Pressiona os botões certos.

As portas fecham.

Viro-me para falar.

Encurrala-me.

Recuo até ao fundo desta caixa de vidro e, de repente, sinto-me nervosa. As mãos dele seguram-me os braços e os lábios estão perigosamente próximos da minha cara. O seu olhar fixa-se no meu. Os seus olhos brilham, perigosos. Diz uma palavra:

— Sim.

Demoro um momento a encontrar a voz.

— Sim o quê?

— Sim, dos meus soldados. Sim, sacrificando a vida de um homem. — O seu maxilar fica tenso. Fala com os dentes cerrados. — Há muito pouco que compreendes acerca do meu mundo, Juliette.

— Tento compreender...

— Não, não tentas — riposta. As suas pestanas são fios individuais de ouro em chamas. Quase quero tocar-lhes. — Não compreendes que o poder e o controlo podem escapar do teu domínio em qualquer momento e quando estiveres menos preparada. São duas coisas que não são fáceis de conquistar. São ainda mais difíceis de manter. — Tento falar, mas não me deixa. — Pensas que não sei que muitos dos meus soldados me odeiam? Pensas que não sei que gostariam de me ver cair? Pensas que não há outros que adorariam ocupar a posição que luto tanto para manter...

— Tens-te em muito alta estima...

Avança os últimos centímetros entre nós e as minhas palavras desabam no chão. Não consigo respirar. A tensão no seu corpo inteiro é tão intensa que quase se torna palpável e parece-me que os meus músculos começaram a paralisar-se.

— És ingénua — diz-me, com voz rouca e baixa, um sussurro incómodo contra a minha pele. — Não percebes que és uma ameaça para todos neste edifício. Têm todos os motivos para te fazer mal. Não percebes que tento ajudar-te...

— Magoando-me! — expludo. — Magoando outros!

O seu riso é frio e forçado. Recua, subitamente enojado. O elevador abre-se, mas não sai. Consigo ver a porta de onde estou.

— Volta para o teu quarto. Lava-te. Muda de roupa. Tens vestidos no armário.

— Não gosto de vestidos.

— Parece-me que também não gostas de ver *aquilo* — diz, inclinando a cabeça. Sigo o seu olhar e vejo uma sombra ameaçadora sobre a minha porta. Viro-me para ele, esperando uma explicação, mas não diz nada. Subitamente, mostra-se composto, com a expressão despojada de emoção. Pega-me na mão, aperta-me os dedos e diz: — Venho buscar-te dentro de exatamente uma hora. — E fecha as portas do elevador antes de eu ter oportunidade de protestar. Começo a pensar se será coincidência que a pessoa que menos teme tocar-me seja também um monstro.

Dou um passo em frente e atrevo-me a olhar mais de perto o soldado que se ergue na escuridão.

Adam.

Oh, Adam.

O Adam, que passou a saber exatamente do que sou capaz.

O meu coração é um balão de água explodindo-me no peito. Os meus pulmões tentam escapar às minhas costelas. Sinto-me como se cada punho no mundo tivesse tentado esmurrar-me no estômago. Não devia importar-me tanto, mas importo-me.

Odiar-me-á para sempre. Nem sequer olhará para mim.

Espero que me abra a porta, mas não se mexe.

— Adam? — arrisco. — Preciso do teu cartão.

Vejo-o engolir em seco e inspirar por um instante e percebo imediatamente que alguma coisa está mal. Aproximo-me mais e um abanar rápido e rígido da cabeça diz-me que não o faça. Não toco nas pessoas não me aproximo das pessoas sou um monstro. Não me quer perto dele. Claro que não. Não devia esquecer o meu lugar.

Abre-me a porta com grande dificuldade e percebo que alguém o magoou num sítio onde não consigo ver a marca. Recordo as palavras do Warner e reconheço a sua fria despedida como um aviso. Um aviso que corta todos os nervos no meu corpo.

O Adam será punido pelos meus erros. Pela minha desobediência.

Quero esconder as minhas lágrimas num balde de mágoa.

Passo a porta e viro-me para olhar outra vez para o Adam, incapaz de sentir qualquer tipo de triunfo na sua dor. Apesar de tudo o que fez, não sei se consigo odiá-lo. Não o Adam. Não o rapaz que conheci.

— O vestido roxo — diz, com a voz a falhar e um pouco ofegante, como se lhe doesse inspirar. Preciso de torcer as mãos para me impedir de correr em seu auxílio. — Veste o vestido roxo. — Tosse. — Juliette.

Serei o manequim perfeito.

DEZASSEIS

No quarto, abro o armário e puxo o vestido roxo do cabide quando recordo que estou a ser vigiada. *As câmaras*. Questiono-me se o Adam foi castigado por me falar das câmaras. Penso se terá corrido outros riscos por minha causa. Penso no que o levaria a fazê-lo.

Toco o tecido áspero e moderno do vestido cor de ameixa e os meus dedos encontram a bainha, tal como os dedos do Adam fizeram ontem. Não consigo impedir-me de pensar porque gosta tanto deste vestido. Porque tem de ser este. Ou porque tenho de usar um vestido.

Não sou uma boneca.

A minha mão repousa sobre a pequena prateleira de madeira por baixo das roupas penduradas e uma textura inesperada roça-me a pele. É áspera e simultaneamente desconhecida e familiar. Aproximo-me mais do armário e escondo-me entre as portas. Os meus dedos tateiam a superfície e um raio de sol irrompe-me pelo estômago até ter a certeza de que rebento com esperança e sinto uma felicidade estúpida tão intensa que me surpreende não ter lágrimas a escorrer-me pela cara.

O meu caderno.

Salvou o meu caderno. O Adam salvou a única coisa que me pertence.

Pego no vestido roxo e enfio o caderno nas dobras antes de me dirigir à casa de banho.

A casa de banho onde não há câmaras.

A casa de banho onde não há câmaras.

A casa de banho onde não há câmaras.

Percebo o que tentava dizer-me. Antes, na casa de banho. Tentava dizer-me alguma coisa e tive tanto medo e assustei-o.

Assustei-o.

Fecho a porta atrás de mim e as minhas mãos tremem enquanto abro as páginas familiares unidas por cola velha. Folheio-as para assegurar que estão lá todas e os meus olhos fixam-se na entrada mais recente. No fundo, há uma mudança. Uma frase nova que não foi escrita com a minha letra.

Uma frase nova que terá sido escrita por ele.

Não é o que pensas.

Deixo-me ficar perfeitamente imóvel.

Cada centímetro da minha pele fica tenso e hipersensível e a pressão acumula-se no meu peito, com o coração batendo mais depressa e com mais força, compensando a minha imobilidade. Não tremo quando fico paralisada no tempo. Treino as minhas inspirações para serem mais lentas, conto coisas que não existem, invento números que não tenho, finjo que o tempo é uma ampulheta partida a sangrar segundos de areia. Atrevo-me a acreditar.

Atrevo-me a esperar que o Adam tente contactar-me. Sou suficientemente louca para considerar essa possibilidade.

Arranco a página do pequeno caderno e aperto-a contra mim, contendo ativamente a histeria que agita cada momento fraturado na minha mente.

Escondo o caderno num bolso do vestido roxo. O bolso em que o Adam o terá enfiado. O bolso de que terá caído. O bolso do vestido roxo. O bolso do vestido roxo.

A esperança é um bolso de possibilidade.

Seguro-o na mão.

O Warner não se atrasa.

Também não bate à porta.

Calço os sapatos quando ele entra sem dizer uma única palavra, nem sequer faz um esforço para anunciar a sua presença. Os seus olhos

movem-se sobre o meu corpo. O meu maxilar fica involuntariamente tenso.

— Magoaste-o — dou contigo a dizer.

— Não te devias importar — diz ele, inclinando a cabeça para indicar o meu vestido. — Mas é óbvio que sim.

Mantenho os lábios unidos e rezo para as minhas mãos não tremerem demasiado. Não sei onde está o Adam. Não sei com que gravidade estará ferido. Não sei o que o Warner fará, até onde irá para conseguir o que quer, mas imaginar o Adam a sofrer é como uma mão fria apertando-me o esófago. Não consigo recuperar o fôlego. Sinto-me como se tentasse engolir um palito. Se o Adam tentar ajudar-me, isso poderá custar-lhe a vida.

Toco o pedaço de papel enfiado no meu bolso.

Respira.

Os olhos do Warner fixam-se na minha janela.

Respira.

— Está na hora de ir — diz.

Respira.

— Para onde vamos?

Não responde.

Passamos a porta. Olho em redor. O corredor está abandonado. Vazio.

— Onde está o Adam estão todos...?

— Gosto muito desse vestido — diz o Warner enquanto me rodeia a cintura, com um braço. Afasto-me, mas puxa-me com ele, conduzindo-me em direção ao elevador. — Assenta-te muito bem. Ajuda a distrair-me de todas as tuas perguntas.

— A tua pobre mãe.

O Warner quase tropeça nos próprios pés. Arregala os olhos, alarmado. Para a poucos metros do nosso objetivo. Vira-se.

— Que queres dizer com isso?

O meu estômago desaba.

A expressão na cara dele. A tensão exposta, o terror passageiro, a súbita apreensão nas suas feições.

Tentava fazer uma piada. Isso é o que não lhe digo. Tenho pena da

tua pobre mãe, é o que pretendia dizer-lhe, por ter de lidar com um filho tão miserável e patético. Mas não digo nada daquilo.

Segura-me as mãos e foca o olhar nos meus olhos. A urgência faz-lhe as têmporas palpitar.

— Que queres dizer com isso? — insiste.

— N-nada — gaguejo. A minha voz fratura-se. — Não... era só uma piada...

O Warner larga-me as mãos como se o tivessem queimado. Estuga o passo para o elevador e não espera que o alcance.

Penso no que não me diz.

Só volta a olhar-me depois de descermos vários andares e percorrermos um corredor desconhecido em direção a uma saída que não me é familiar. Diz-me quatro palavras.

— Bem-vinda ao teu futuro.

DEZASSETE

Nado na luz do sol.

O Warner mantém aberta a porta para o exterior e estou tão pouco preparada para a experiência que mal consigo ver. Segura-me o cotovelo para me estabilizar os passos e eu olho-o.

— Vamos lá para fora. — Digo-o porque preciso de o dizer em voz alta. Porque o mundo exterior é uma benesse tão rara. Porque não sei se o Warner tenta ser outra vez simpático. Movo o olhar para o que parece ser um pátio de betão e volto a fitar o Warner. — Que faremos lá fora?

— Temos outros assuntos a tratar. — Puxa-me para o centro daquele novo universo e afasto-me dele, erguendo a mão para tocar o céu como se esperasse que se lembrasse de mim. As nuvens são cinzentas como sempre foram, mas são poucas e discretas. O sol está alto alto alto, demorando-se contra um cenário, erguendo os raios e redirecionando o seu calor aproximadamente na nossa direção. Ponho-me em bicos de pés e tento tocar-lhe. O vento roça-me os braços e sorri-me contra a pele. Um ar fresco e sedoso entrança uma brisa suave no meu cabelo. Aquele pátio poderia ser a minha sala de baile.

Quero dançar com os elementos.

O Warner segura-me a mão. Viro-me.

Sorri.

— Isto — diz, apontando o mundo frio e cinzento que pisamos. — Isto deixa-te feliz?

Olho em redor. Percebo que o pátio não é exatamente um telhado e sim um espaço entre dois edifícios. Aproximo-me do abismo e consigo

ver terra morta e árvores despidas juntamente com complexos que se alastram ao longo de quilómetros.

— O ar frio cheira tanto a limpo — digo-lhe. — Fresco. Novo. É o cheiro mais maravilhoso no mundo inteiro.

Os olhos dele parecem divertidos, perturbados, interessados e confusos em simultâneo. Abana a cabeça. Passa a mão pelo casaco e enfia-a num bolso interior. Puxa por uma arma com punho dourado que brilha ao sol.

Sustenho a respiração.

Examina a arma de uma forma para mim incompreensível, presumivelmente para verificar se está carregada ou não. O seu dedo paira diretamente sobre o gatilho. Vira-se e lê finalmente a expressão na minha cara.

Quase se ri.

— Não te preocupes. Não é para ti.

— Porque tens uma arma? — Engulo em seco, pressionando os braços cruzados contra o peito. — Que fazemos aqui em cima?

O Warner volta a guardar a arma no bolso e caminha até ao lado oposto da cobertura. Gesticula-me que o acompanhe. Aproximo-me. Sigo-lhe o olhar. Espreito o abismo.

Todos os soldados do edifício estão em baixo, a uma distância que não chegará aos 5 metros.

Vejo quase 50 linhas, cada uma perfeitamente reta, perfeitamente espaçada, com tantos soldados erguendo-se em fila indiana que lhes perco a conta. Penso se o Adam estará entre eles. Penso se conseguirá ver-me.

Penso no que pensará de mim naquele momento.

Os soldados estão de pé num espaço quadrado quase idêntico ao que ocupo com o Warner, mas são uma massa organizada de negro: calças negras, camisas negras, botas negras brilhantes. Não se vê uma única arma. Cada um está de pé com o punho esquerdo pressionado sobre o peito. Estáticos.

Negro e cinzento

e

negro e cinzento

e

negro e cinzento

e

sombrio.

De súbito, apercebo-me intensamente de que a minha roupa não é nada prática. De súbito, o vento é demasiado cruel, demasiado doloroso enquanto sopra entre a multidão. Tremo e não tem nada que ver com a temperatura. Procuro o Warner com o olhar, mas ele já ocupou o seu lugar no limiar do pátio. É óbvio que fez isto muitas vezes antes. Retira do bolso um pequeno quadrado de metal perfurado e pressiona-o contra os lábios. Quando fala, a sua voz ecoa entre a multidão como se fosse amplificada.

— Setor 45.

Uma palavra. Um número.

O grupo inteiro move-se: punhos esquerdos caem ao lado dos troncos; punhos direitos posicionados sobre o peito. São uma máquina bem oleada, funcionando em perfeita colaboração. Se não me sentisse tão apreensiva, ficaria impressionada.

— Temos dois assuntos em agenda esta manhã. — A voz do Warner penetra na atmosfera, cortante e clara, insuportavelmente confiante. — O primeiro está a meu lado.

Milhares de olhos movem-se na minha direção. Sinto-me vacilar.

— Juliette, aproxima-te, por favor. — 2 dedos dobram em 2 pontos para me convidar a avançar.

Avanço até conseguirem ver-me.

O braço do Warner rodeia-me. Encolho-me. A multidão sobressalta-se. O meu coração bate descontrolado. Estou demasiado assustada para me afastar dele. A sua arma está demasiado próxima do meu corpo.

Os soldados parecem atordoados por ver que o Warner está disposto a tocar-me.

— Jenkins, podes avançar, por favor?

Os meus dedos correm uma maratona na minha coxa. Não consigo ficar quieta. Não consigo acalmar as palpitações que devastam o meu sistema nervoso. O Jenkins sai da formação. Vejo-o imediatamente.

Está bem.

Graças a Deus.

Está bem.

— O Jenkins teve o prazer de conhecer a Juliette na noite passada — continua. A tensão entre os homens é quase tangível. Aparentemente, ninguém adivinha o rumo daquele discurso. E, aparentemente, não há ninguém que não tenha ouvido já a história do Jenkins. A minha história. — Espero que todos a recebam com a mesma amabilidade — acrescenta o Warner, com os lábios num sorriso silencioso. — Ela ficará algum tempo connosco e será um ativo precioso para os nossos esforços. O Restabelecimento acolhe-a. Eu acolho-a. Todos vocês devem acolhê-la.

Todos os soldados baixam os punhos exatamente ao mesmo tempo.

Movem-se em uníssono. 5 passos para trás, 5 passos para a frente, 5 passos no lugar. Erguem os braços esquerdos e fecham os dedos em punhos.

E pousam um joelho no chão.

Corro até ao limiar, querendo ansiosamente ver melhor a estranha coreografia. Nunca vi nada assim.

O Warner fá-los ficarem assim, vergados, com os punhos no ar. Não fala durante pelo menos 30 segundos. Até falar.

— Ótimo.

Os soldados erguem-se e voltam a apoiar os punhos direitos no peito.

— O segundo assunto em agenda é ainda mais agradável do que o primeiro — continua ele, mesmo sem parecer sentir qualquer prazer em dizê-lo. O brilho dos olhos aumenta enquanto olha os soldados em baixo. São esmeraldas ardendo como chamas verdes sobre os seus corpos. — O Delalieu tem um relatório para nós.

Passa uma eternidade simplesmente a olhar para os soldados, deixando as suas escassas palavras fermentarem-lhes na mente. Deixando que as suas próprias imaginações os deixem loucos. Deixando os culpados entre eles tremerem de angústia.

O Warner não diz nada durante muito tempo.

Ninguém se move durante muito tempo.

Começo a temer pela vida, apesar das garantias que me deu. Começo a pensar se poderei ser eu a culpada. Se a arma no seu bolso poderá ser-me destinada. Finalmente, atrevo-me a olhá-lo. Olha-me pela primeira vez e não sei como interpretar a sua expressão.

A sua face é composta por 10 000 possibilidades que conseguem trespassar-me.

— Delalieu — diz, com os olhos postos em mim. — Podes avançar.

Um homem magro e com pouco cabelo envergando um traje ligeiramente mais enfeitado avança da dianteira da quinta linha. Não parece muito estável. Baixa a cabeça um centímetro. A sua voz vacila quando fala.

— Senhor.

O Warner afasta finalmente os olhos dos meus e acena com a cabeça, de modo quase impercetível, ao homem calvo.

Delalieu recita:

— Temos uma acusação contra o praça 45B-76423. Fletcher, Seamus.

Os soldados mantêm-se imóveis nas linhas, paralisados pelo alívio, paralisados pelo medo, paralisados pela ansiedade. Nada se move. Nada respira. Até o vento receia produzir um som.

— Fletcher. — Uma palavra do Warner e várias centenas de pescoços se viram na mesma direção.

O Fletcher sai da formação.

Parece um boneco de gengibre. Cabelo cor de cenoura. Sardas cor de cenoura. Lábios de um vermelho quase artificial. A sua face está quase despojada de qualquer emoção possível.

Nunca na vida senti tanto medo por um desconhecido.

Delalieu volta a falar.

— O praça Fletcher foi encontrado em terreno não regulamentado, confraternizando com civis que se acredita serem membros de um grupo rebelde. Roubou comida e mantimentos de unidades de armazenamento dedicadas aos cidadãos do Setor 45. Não se sabe se partilhou com eles informação sensível.

O Warner fixa o olhar no homem de gengibre.

— Negas estas acusações, soldado?

As narinas de Fletcher inflam. O maxilar fica tenso. A voz quebra quando fala.

— Não, senhor.

O Warner acena com a cabeça. Inspira brevemente. Humedece os lábios.

E dá-lhe um tiro na testa.

DEZOITO

Ninguém se mexe.

A face do Fletcher fica paralisada numa máscara de horror enquanto cai ao chão. A impossibilidade do que acaba de acontecer abala-me de tal forma que não consigo decidir se é ou não um sonho. Não consigo determinar se estou ou não moribunda. Não consigo perceber se desmaiar será ou não uma boa ideia.

Os membros do Fletcher dobram-se em ângulos bizarros no chão frio de betão. O sangue forma uma poça à sua volta e a imobilidade dos outros mantém-se. Ninguém diz uma única palavra. Ninguém arrisca um único olhar assustado.

Não paro de tocar os lábios para perceber se os meus gritos escaparam.

O Warner volta a guardar a arma no bolso do casaco.

— Setor 45, estão dispensados.

Todos os soldados pousam um joelho no chão.

O Warner guarda outra vez o dispositivo metálico de amplificação no casaco e precisa de me puxar do sítio onde estou colada ao chão. Tropeço nas pernas. Tenho os membros fracos e doridos até ao osso. Sinto-me agoniada, delirante, incapaz de me manter direita. Tento falar repetidamente, as palavras colam-se à minha língua. De repente, transpiro, sinto-me gelada e estou tão enjoada que vejo manchas diante dos olhos.

O Warner obriga-me a atravessar a porta.

— Deves comer mais — diz-me.

Arregalo os olhos, escancaro a boca. Sinto buracos por toda a parte,

abertos no terreno do meu corpo.

O meu coração sangrará para fora do meu peito.

Olho para baixo e não compreendo porque não tenho sangue no vestido, porque aquela dor no meu coração parece tão real.

— Mataste-o — consigo sussurrar. — Mataste-o sem...

— És muito perspicaz.

— Porque o *mataste* porque o *matarias* como pudeste *fazer* uma coisa destas...

— Mantém os olhos abertos, Juliette. Não é o momento certo para adormecer.

Agarro-lhe na camisa. Faço-o parar antes de entrarmos. Um sopro de vento atinge-me a cara e, subitamente, consigo controlar os sentidos. Empurro-o com força, fazendo-o bater com as costas na porta.

— Metes-me nojo. — Olho fixamente para os seus olhos frios e cristalinos. — Metes-me *nojo*...

Vira-me, encostando-me à porta contra a qual o segurava momentos antes. Aninha a minha cara nas mãos enluvadas, forçando-me a olhá-lo. As mesmas mãos que acaba de usar para matar um homem.

Estou presa.

Hipnotizada.

Ligeiramente aterrorizada.

O seu polegar roça-me a face.

— A vida é um sítio sombrio — sussurra. — Por vezes, é preciso disparar primeiro.

O Warner segue-me até ao meu quarto.

— Será melhor que durmas — diz-me. É a primeira vez que fala desde que descemos do telhado. — Enviarei comida para o teu quarto e darei ordens para não te incomodarem.

— Onde está o Adam? Está seguro? Está bem? Vais magoá-lo?

O Warner estremece antes de recuperar a compostura.

— Que te importa?

Importo-me com o Adam Kent desde que estávamos no terceiro

ano.

— Não é ele quem devia vigiar-me? Não está aqui. Isso quer dizer que também o vais matar? — Sinto-me estúpida. Sinto-me corajosa por me sentir estúpida. As minhas palavras saltam-me da boca sem paraquedas.

— Só mato quem tenho de matar.

— Generoso.

— Mais do que a maioria.

Forço um riso triste que só eu ouço.

— Podes ocupar o resto do dia como quiseres. O nosso trabalho começará a sério amanhã. O Adam virá buscar-te. — Olha-me. Contém um sorriso. — Até lá, tenta não matar ninguém.

— Eu e tu — digo-lhe, com a raiva fluindo-me pelas veias — não somos iguais...

— Não acreditas realmente nisso.

— Achas que podes comparar a minha... a minha *doença*... com a tua insanidade...

— *Doença?* — Dá um passo em frente, subitamente exaltado. Tento não recuar. — Julgas que tens uma *doença*? — grita. — Tens um dom! Tens uma capacidade extraordinária que não te preocupas em compreender! O teu *potencial*...

— Enganas-te. — Arregala-me os olhos. Não há outra forma de o descrever. Naquele momento, quase poderia dizer que me odeia. Que me odeia por me odiar a mim mesma.

O seu sorriso está eivado de dinamite.

— Dorme.

— Vai para o diabo que te carregue.

Move o maxilar. Caminha até à porta.

— Estou a tratar disso.

DEZANOVE

A escuridão asfixia-me.

Os meus sonhos são sangrentos, sangram e o sangue ensopa-me a mente e não consigo continuar a dormir. Os únicos sonhos que costumavam dar-me paz desapareceram e não sei como poderei recuperá-los. Não sei como encontrar o pássaro branco. Não sei se alguma vez o verei voar. Tudo o que sei é que, quando fecho os olhos, vejo apenas devastação. O Fletcher é alvejado uma e outra vez, sem parar, e o Jenkins morre-me nos braços e o Warner dá um tiro na cabeça do Adam e o vento canta do lado de fora da minha janela, mas é um som agudo e desafinado e não tenho forças para lhe dizer que se cale.

Sinto-me gelada por baixo da roupa.

A cama em que me deito está recheada com nuvens partidas e neve acabada de cair. É demasiado macia, demasiado confortável. Recordo-me demasiado como foi dormir no quarto do Warner e não o suporte. Receio enfiar-me por baixo daqueles cobertores.

Não consigo impedir-me de pensar se o Adam estará bem, se algum dia voltará, se o Warner continuará a magoá-lo sempre que me atrever a desobedecer-lhe. Não devia importar-me tanto.

A mensagem do Adam no meu caderno pode fazer parte de um plano do Warner para me enlouquecer.

Rastejo para o chão duro e olho para o punho, procurando o pedaço de papel amarrotado que aperto nos dedos há 2 dias. É a única esperança que me resta e nem sequer sei se será real.

As minhas opções esgotam-se.

— Que fazes aqui?

Abafo um grito e ergo-me atabalhoadamente, quase chocando contra o Adam, deitado no chão a meu lado. Nem sequer o vi.

— Juliette? — Não se move um centímetro. O seu olhar fixa-se em mim. Calmo. Inabalável. 2 baldes de água de rio à meia-noite. Gostaria de chorar para dentro dos seus olhos.

Não sei porque lhe digo a verdade.

— Não conseguia dormir ali em cima.

Não me pergunta porquê. Ergue-se e tosse, gemendo. Recordo que foi magoado. Tento perceber a dor que sentirá. Não faço perguntas enquanto tira uma almofada e um cobertor da minha cama. Põe a almofada no chão.

— Deita-te — é tudo o que me diz. Diz-mo em voz baixa.

Todo o dia todos os dias para sempre é quando quero que mo diga.

São apenas 2 palavras e coro sem saber porquê. Deito-me apesar das sirenes de alarme que soam no meu sangue e pouso a cabeça na almofada. Ele tapa o meu corpo com o cobertor. Deixo que o faça. Vejo os braços dele curvarem-se e fletirem-se na sombra da noite, com o brilho da lua infiltrando-se pela janela e iluminando-lhe a silhueta com a sua luz. Deita-se no chão, limitando o espaço entre nós a pouco mais de um metro. Não precisa de cobertor. Não usa almofada. Continua a dormir sem camisa e descobri que não sei respirar. Percebi que, provavelmente, nunca expirarei diante dele.

— Já não precisas de gritar — sussurra.

Todo o ar no meu corpo me escapa.

Aperto com os dedos a possibilidade do Adam na minha mão e durmo mais profundamente do que alguma vez dormi na vida.

Os meus olhos são 2 janelas mantidas abertas pelo caos neste mundo.

Uma brisa fria arrepia-me a pele e levanto-me, esfregando os olhos ensonados e percebendo que o Adam já não está a meu lado. Pestanejo e rastejo de volta para a cama, onde reponho a almofada e o cobertor.

Olho a porta e penso no que me esperará do outro lado.

Olho a janela e penso se algum dia verei um pássaro voar.

Olho o relógio na parede e penso no que significará viver outra vez segundo números. Penso no que significará 6h30 da manhã neste edifício.

Decido lavar a cara. A ideia entusiasma-me e sinto-me um pouco envergonhada.

Abro a porta da casa de banho e vejo o reflexo do Adam no espelho. As suas mãos rápidas baixam a camisola antes de conseguir perceber pormenores, mas vi o suficiente para descortinar o que não consegui ver na escuridão.

Está cheio de nódoas negras.

Sinto as pernas partidas. Não sei como ajudá-lo. Gostava de poder ajudá-lo.

— Desculpa — apressa-se a dizer. — Não sabia que estavas acordada. — Puxa o fundo da camisola como se não fosse suficientemente comprida para fingir que sou cega.

Aceno com a cabeça sem motivo nenhum. Olho os mosaicos sob os meus pés. Não sei o que dizer.

— Juliette. — A voz dele abraça as letras do meu nome com tal suavidade que morro 5 vezes nesse segundo. A sua face é uma floresta de emoções. Abana a cabeça. — Sinto muito — diz, em voz tão baixa que tenho a certeza de a ter imaginado. — Não é... — O seu maxilar fica tenso e passa uma mão nervosa pelo cabelo. — Isto tudo... não é...

Mostro-lhe a palma da minha mão. O papel é um pedaço amarrotado de possibilidade.

— Eu sei.

O alívio cobre cada traço da sua face e, de repente, os seus olhos são a única garantia de que preciso. O Adam não me traiu. Não sei porquê, como, o quê ou qualquer outra coisa. Sei apenas que continua a ser meu amigo.

Continua à minha frente e não quer que morra.

Dou um passo em frente e fecho a porta.

Abro a boca para falar.

— Não!

O meu queixo cai.

— Espera — diz com uma mão erguida. Os seus lábios movem-se,

mas não emitem som. Percebo que, mesmo com a ausência de câmaras, poderá haver microfones na casa de banho. O Adam olha em redor, em todas as direções.

Para de olhar.

O chuveiro é composto por 4 paredes de vidro tingido e ele fez deslizar a porta antes de eu perceber o que se está a passar. Abre a água no máximo e o som ecoa pela divisão, abafando tudo enquanto troveja pelo vazio que nos rodeia. O espelho já se embacia com o vapor e, enquanto penso que começo a perceber o seu plano, puxa-me para os seus braços e leva-me para o chuveiro.

Os meus gritos são vapor, gemidos nebulosos que não consigo definir.

A água quente ensopa-me a roupa. Bate-me no cabelo e escorre-me pelo pescoço abaixo, mas tudo o que sinto são as mãos dele na minha cintura. Quero gritar por todos os motivos errados.

Os olhos dele prendem-me ao lugar. A sua urgência incendeia-me os ossos. Fios de água serpenteiam pelas linhas polidas da sua face e os seus dedos pressionam-me contra a parede.

Os seus lábios os seus lábios os seus lábios os seus lábios os seus lábios

Os meus olhos tentam não se fechar

As minhas pernas conquistaram o direito de tremer

A minha pele está queimada onde ele não me toca.

Os lábios dele estão tão próximos da minha orelha que me transformo em água em nada em tudo e derreto num desejo tão desesperado que a minha garganta arde quando o engulo.

— Posso tocar-te — diz, e penso porque há colibris a esvoaçar dentro do meu coração. — Só percebi naquela noite — murmura. E estou demasiado embriagada para digerir o peso de qualquer coisa além do seu corpo pairando tão perto do meu. — Juliette... — O seu corpo aproxima-se mais e percebo que presto atenção apenas aos dentes-de-leão soprando desejos nos meus pulmões. Os meus olhos abrem-se e ele passa a língua pelo lábio inferior durante um segundo ínfimo enquanto algo no meu cérebro ganha vida.

Gemido. Gemido. Gemido.

— Que fazes...

— Juliette, *por favor*... — A sua voz está ansiosa e olha para trás dele como se não tivesse a certeza de estarmos sozinhos. — Na outra noite... — Pressiona os lábios. Fecha os olhos por meio segundo e maravilho-me com os pingos pingos pingos de água quente presos nas suas pestanas como pérolas forjadas de dor.

Os dedos dele sobem-me pelo corpo como se lhe custasse mantê-los onde estavam, como se tentasse não me tocar por toda toda toda a parte e os seus olhos interiorizam o 1 e 60 do meu corpo e fico tão tão tão

envolvida.

— Percebo finalmente — diz-me ao ouvido. — Sei... Sei porque o Warner te quer. — As suas pontas dos dedos são 10 condutas elétricas matando-me com qualquer coisa que nunca conheci antes. Algo que sempre quis sentir.

— Então porque estás aqui? — sussurro, destruída, morrendo nos braços dele. — Porque... — 1, 2 tentativas de inspiração. — Porque me tocas?

— Porque posso. — O sorriso rasga-lhe a cara e quase sinto um par de asas brotar-me das costas. — Já o fiz.

— O quê? — Pestanejo, subitamente recomposta. — Que queres dizer com isso?

— Aquela primeira noite na cela. — Suspira. Baixa o olhar. — Gritavas durante o sono.

Espero.

Espero.

Espero uma eternidade.

— Toquei na tua cara. — Fala-me junto ao ouvido. — Na tua mão. Rociei os dedos ao longo do teu braço... — Afasta-se e os seus olhos fixam-se no meu ombro, descendo até ao cotovelo e parando no pulso. Fico suspensa na incredulidade. — Não sabia como te acordar. Não acordavas. Por isso, sentei-me e observei-te. Esperei que parasses de gritar.

— Isso. É. Impossível. — 3 palavras é tudo o que consigo.

Mas as suas mãos tornam-se braços à volta da minha cintura e os

seus lábios tornam-se uma face pressionada contra a minha face e o seu corpo encosta-se ao meu. A sua pele toca a minha toca a minha toca a minha e não grita, não morre, não foge de mim e choro

asfixio

tremo estremeço desfaço-me em lágrimas

e abraça-me como nunca ninguém me abraçou.

Como se me desejasse.

— Vou tirar-te daqui — diz. E a sua boca move-se contra o meu cabelo e as suas mãos movem-se para os meus braços e olha-me nos olhos e só posso estar a sonhar.

— O que... porque... eu não... — Abano a cabeça sem parar porque isto não pode acontecer. E sacudo também as lágrimas coladas à minha face. Isto não pode ser real.

O seu olhar é gentil, o seu sorriso desfaz o encaixe das minhas articulações e desejo conhecer o sabor dos seus lábios. Desejo ter a coragem para lhe tocar.

— Tenho de ir — diz. — Precisas de estar vestida e no andar de baixo às 8 horas.

Afogo-me nos seus olhos e não sei o que dizer.

Despe a camisola e não sei para onde olhar.

Vejo-me refletida no espelho e fecho os olhos com força, pestanejando quando algo se aproxima demasiado. Os dedos dele estão a um momento da minha face e pingo, ardo, derreto em antecipação.

— Não precisas de afastar o olhar — diz, com um pequeno sorriso do tamanho de Júpiter.

Espreito-lhe a cara, vejo o sorriso oblíquo que quero saborear, a cor nos seus olhos que usaria para pintar um milhão de quadros. Sigo-lhe a linha do maxilar pelo pescoço abaixo, até à elevação da clavícula. Decoro os montes esculpidos e os vales dos seus braços, a perfeição do seu tronco. O pássaro no seu peito.

O pássaro no seu peito.

Uma *tatuagem*.

Um pássaro branco com raios dourados sobre a cabeça como uma

coroa de ouro. Voa.

— Adam — tento dizer-lhe. — Adam — tento espremer as palavras.

— Adam — tento dizer-lhe tantas coisas e fracasso.

Tento encontrar os seus olhos e percebo que me olhou enquanto o estudava. A sua face é moldada por traços de emoção tão profundos que me questiono acerca da forma como me verá. Encosta-me 2 dedos ao queixo, inclina-me a cabeça para cima o suficiente e é como se me tivessem ligado à corrente.

— Encontrarei uma maneira de falar contigo — diz. E as suas mãos puxam-me para ele e tenho a cara pressionada contra o peito dele e, subitamente, o mundo é mais luminoso, maior, mais belo. O mundo torna-se subitamente algo para mim, a possibilidade de humanidade significa algo para mim. O universo inteiro trava a sua marcha e gira na direção oposta e sou eu o pássaro.

Sou o pássaro e voa para longe.

VINTE

São 8 horas da manhã e levo um vestido da cor de florestas mortas e latas velhas.

Nunca vesti uma coisa assim tão justa. O corte é moderno e anguloso, quase aleatório. O tecido é rígido e grosso, mas permite respirar, mesmo assim. Olho fixamente para as minhas pernas e ocorre-me que tenho um par delas.

Nunca na vida me senti tão exposta.

Durante 17 anos, treinei-me para cobrir cada centímetro de pele e o Warner força-me a retirar as camadas. Posso apenas depreender que o faz de propósito. O meu corpo é uma flor carnívora, uma planta doméstica venenosa, uma arma carregada com um milhão de gatilhos e está mais do que preparado para disparar.

Quem me tocar, sofrerá as consequências. Nunca houve exceções a esta regra.

Nunca, além do Adam.

Deixou-me ensopada no chuveiro, sob uma torrente de lágrimas quentes. Olhei pelo espelho embaciado enquanto ele se secava e vestia a farda.

Vi-o afastar-se, pensando sem parar porquê porquê porquê

Porque pode tocar-me?

Porque me ajuda?

Lembra-se de mim?

A minha pele ainda fumeja.

Os meus ossos estão envolvidos pelas ligaduras apertadas daquele vestido estranho. O fecho é a única coisa que me mantém intacta. Isso

e a possibilidade de algo com que sempre nunca ousei sonhar.

Os meus lábios permanecerão selados com os segredos daquela manhã para sempre, mas o meu coração está tão cheio de confiança e espanto e paz e possibilidade que está prestes a rebentar e penso se isso rasgará o vestido.

A esperança envolve-me, prende-me nos braços, limpa-me as lágrimas e diz-me que, hoje e amanhã e daqui a dois dias, ficarei bem e estou delirante a ponto de me atrever a acreditar que sim.

Estou sentada numa sala azul.

As paredes estão cobertas com tecido da cor de um céu perfeito de verão. O chão está coberto por uma carpete com 5 centímetros. A sala inteira está vazia exceto por 2 cadeiras com estofos de veludo arrancadas a uma constelação. Cada variação de tom é como uma nódoa negra, um belo engano, uma recordação do que fizeram ao Adam por minha culpa.

Estou sentada sozinha numa cadeira de veludo numa sala azul usando um vestido feito de azeitonas. O peso do caderno no meu bolso é quase o mesmo de uma bola de bowling.

— Estás muito bonita.

O Warner entra na sala como se fosse um profissional a caminhar sobre o ar. Ninguém o acompanha.

Os meus olhos baixam involuntariamente para os meus ténis e penso se terei violado alguma regra por evitar as andas no meu armário que, de certeza, não se destinam a ser calçadas. Ergo o olhar e ele está à minha frente.

— O verde fica-te muito bem — diz com um sorriso estúpido. — Realça mesmo a cor dos teus olhos.

— De que cor são os meus olhos? — pergunto à parede.

Ri-se.

— Estás a brincar.

— Que idade tens?

Para de rir.

— Gostavas de saber?

— Estou curiosa.

Senta-se a meu lado.

— Não respondo às tuas perguntas se não olhares para mim quando falo contigo.

— Queres que torture pessoas contra a minha vontade. Queres que seja uma arma na tua guerra. Queres que me torne um monstro por ti.

— Hesito. — Olhar para ti dá-me vómitos.

— És muito mais teimosa do que pensei.

— Uso o teu vestido. Comi a tua comida. Estou aqui. — Ergo os olhos para o ver e percebo que me olha fixamente. Sou momentaneamente surpreendida pela força no seu olhar.

— Não fizeste nada disso por mim — diz, baixando a voz.

Quase me rio.

— Porque o faria?

Os seus olhos travam um duelo com os lábios pelo direito a falar. Olho para longe.

— Que fazemos nesta sala?

— Ah. — Inspira fundo. — Pequeno-almoço. Depois, dou-te o teu horário.

Pressiona um botão no braço da cadeira e, quase de imediato, carrinhos e travessas são trazidos para a sala por homens e mulheres que, claramente, não são soldados. As suas faces são duras e vergadas e demasiado magras para serem saudáveis.

Racha o meu coração ao meio.

— Costumo comer sozinho — continua, a sua voz como um pingente de gelo perfurando a carne das minhas memórias. — Mas achei que devíamos conhecer-nos melhor. Especialmente porque passaremos muito tempo juntos.

Os criados servos homens-e-mulheres-que-não-são-criados saem e o Warner oferece-me alguma coisa num prato.

— Não tenho fome.

— Isso não é uma opção.

Olho para cima e vejo a sua expressão muito, muito séria.

— Não estás autorizada a morrer de fome. Não comes o suficiente e preciso que te mantenhas saudável. Não podes suicidar-te. Não podes fazer mal a ti própria. És-me demasiado valiosa.

— Não sou o teu brinquedo. — Quase cuspo.

Ele larga o prato no carrinho e surpreende-me que não se estilhaça. Pigarreia e o que sinto pode ser medo.

— Este processo seria muito mais fácil se colaborasses — diz, sublinhando cada palavra.

Cinco Cinco Cinco Cinco Cinco batimentos cardíacos.

— Enojas o mundo — afirma, com os lábios torcendo-se com diversão. — Todos os que conhecestes na vida te odiaram. Fugiram de ti. Abandonaram-te. Os teus próprios pais desistiram de ti e entregaram-te *voluntariamente* às autoridades. Estavam tão desesperados para se livrarem de ti, para te tornarem problema de outra pessoa, para se convencerem de que a aberração que tinham criado não era realmente a sua filha.

A minha cara foi esbofeteada por uma centena de mãos.

— E, no entanto... — Ri-se abertamente. — Insistes em fazer de *mim* o vilão. — Olha-me nos olhos. — Tento *ajudar-te*. Dou-te uma oportunidade que ninguém te daria. Estou disposto a dar-te tudo aquilo que quiseses e, acima de tudo, posso dar-te poder. Posso fazê-los sofrer pelo que te fizeram. — Inclina-se um pouco. — Posso transformar o teu mundo.

É errado tão errado mais errado que um arco-íris invertido.

Mas tudo o que ele disse está certo.

— Não ouses odiar-me tão depressa — continua. — Talvez esta situação te agrade muito mais do que esperas. Felizmente para ti, estou disposto a ser paciente. — Sorri. Recosta-se. — Mas é verdade que a tua beleza desarmante ajuda.

Deixo cair pingos de tinta vermelha na carpete.

É um mentiroso e um ser humano horrível, horrível, horrível e não sei se me preocupa por estar certo, por estar errado ou por me sentir tão desesperada por algo que se assemelhe a reconhecimento neste mundo. Nunca ninguém me disse uma coisa daquelas.

Dá-me vontade de me ver ao espelho.

— Tu e eu não somos tão diferentes como imaginas. — O seu sorriso é tão arrogante que quero torcê-lo com o meu punho.

— Tu e eu não somos tão parecidos como imaginas.

Esboça um sorriso tão largo que não sei como reagir.

— 19, a propósito.

— Desculpa?

— Tenho 19 anos — explica. — Sei que sou um espécime relativamente impressionante para a minha idade.

Pego na colher e espeto com ela a matéria comestível no meu prato. Já não sei como é a comida.

— Não tenho qualquer respeito por ti.

— Mudarás de ideias — diz, prontamente. — Despacha-te a comer. Temos muito trabalho à nossa espera.

VINTE E UM

Matar tempo não é tão difícil como parece.

Posso alvejar uma centena de números no peito e vê-los sangrar pontos decimais na palma da minha mão. Posso arrancar os números a um relógio e deixar o ponteiro das horas prosseguir o seu tiquetaque imediatamente antes de adormecer. Posso asfixiar segundos apenas por sustar a minha respiração. Passei horas a assassinar minutos e ninguém parece importar-se.

Passou uma semana desde a última vez que falei com o Adam.

Virei-me para ele, uma vez. Abri a boca uma única vez, mas não tive tempo de dizer alguma coisa antes de o Warner me intercalar.

— Não estás autorizada a falar com os soldados — disse. — Se tiveres perguntas, podes procurar-me. Sou a única pessoa com quem deves interagir enquanto aqui estiveres.

Possessivo não é uma palavra suficientemente forte para o Warner.

Acompanha-me a toda a parte. Fala demasiado comigo. O meu horário é composto por reuniões com o Warner, refeições com o Warner e momentos a ouvir o Warner. Se estiver ocupado, envia-me para o meu quarto. Se estiver livre, procura-me. Fala-me dos livros que destruíram. Dos artefactos que se preparam para queimar. Das ideias que tem para um mundo novo e da forma como o ajudarei logo que esteja pronta. Logo que perceba a que ponto desejo *aquilo*, a que ponto o desejo *a ele*, a que ponto desejo esta nova vida cheia de glória e poder. Espera que consiga canalizar o meu *potencial*. Diz-me que devo sentir-me grata pela sua paciência. Pela sua amabilidade. Pela sua disposição em compreender que aquela transição será difícil.

Não consigo olhar para o Adam. Não consigo falar com ele. Dorme no meu quarto, mas nunca o vejo. Respira tão perto do meu corpo, mas nunca abre os lábios na minha direção. Não me segue para a casa de banho. Não deixa mensagens secretas no meu caderno.

Começo a pensar se imaginei tudo o que me disse.

Preciso de saber se alguma coisa mudou. Preciso de saber se sou louca por alimentar aquela esperança que me nasce no coração e preciso de saber o significado da mensagem do Adam, mas todos os dias em que me trata como uma desconhecida é outro dia em que começo a duvidar de mim mesma.

Preciso de falar com ele, mas não posso.

Porque o Warner passou a vigiar-me.

As câmaras veem tudo.

— Quero que tires as câmaras do meu quarto.

O Warner para de mastigar a comida/lixo/pequeno-almoço/ / disparates na boca. Engole cuidadosamente antes de se inclinar para trás, olhando-me nos olhos.

— Nem pensar.

— Se me tratas como uma prisioneira — digo-lhe —, vou comportar-me como uma. Não gosto de ser vigiada.

— Não mereces confiança para ficares sozinha. — Volta a pegar na colher.

— Cada inspiração minha é monitorizada. Há guardas no corredor com intervalos de metro e meio. Nem sequer posso entrar livremente no meu quarto — protesto. — As câmaras não farão diferença.

Uma diversão estranha dança-lhe nos lábios.

— Não és propriamente estável, sabes? É possível que mates alguém.

— Não. — Agarro os dedos de uma mão com a outra. — Não... Não o faria... Não matei o Jenkins...

— Não falo do Jenkins. — O seu sorriso é uma tina de ácido cravando-se na minha pele.

Não para de me olhar. De me sorrir. De me torturar com os seus olhos.

Isto sou eu, gritando em silêncio contra o meu punho.

— Foi um acidente. — As palavras saem-me tão discretas da boca, tão rápidas que nem sequer percebo se as disse realmente, se estou realmente ali sentada ou se volto a ter 14 anos outra vez outra vez outra vez e grito e morro e me afundo num tanque de memórias que nunca nunca nunca

Aparentemente, não consigo esquecer.

Vi-a na mercearia. Cruzava as pernas pelo tornozelo e prendia o filho com uma trela, na esperança de que a criança acreditasse ser uma mochila. Achava-o demasiado estúpido/novo/imaturo para compreender que a correia que trazia à cintura era um dispositivo concebido para o manter no círculo desinteressado de autocomiseração dela. Era demasiado jovem para as responsabilidades de ter um filho, para ser sobrecarregada por uma criança com necessidades que não encaixavam nas dela. A sua vida era tão incrivelmente insuportável, tão imensamente multifacetada, tão cheia de charme para que a prole presa pela trela conseguisse compreender.

As crianças não são estúpidas, era o que eu queria dizer-lhe.

Queria dizer-lhe que o sétimo grito não significava que ele estava a ser irritante, que a sua décima quarta advertência sob a forma de «fedelho/és um fedelho/envergonhas-me, seu fedelho/não me obrigues a contar ao papá que foste um fedelho» não era realmente necessária. Não quis ficar a olhar, mas não consegui evitar. A cara de 3 anos contorcida com dores, as pequenas mãos tentando soltar as alças que lhe prendera sobre o peito e puxou com tanta força que o fez chorar, dizendo-lhe que merecia.

Quis perguntar-lhe porque faria uma coisa daquelas.

Quis fazer-lhe tantas perguntas, mas absteve-me porque já não falamos com as pessoas porque dizer alguma coisa seria mais estranho do que não dizer nada a uma desconhecida. Ele caiu ao chão e contorceu-se até as minhas mãos largarem tudo o que seguravam e até perder toda a expressão da cara.

Sinto muito, é o que nunca disse ao filho dela.

Pensei que as minhas mãos ajudassem

Pensei que o meu coração ajudasse

Pensei tantas coisas

Eu nunca

nunca

nunca

nunca

nunca pensei

— Mataste um rapazinho.

Estou pregada à minha cadeira de veludo por um milhão de memórias e assombrada por um horror criado pelas minhas próprias mãos e recorro em cada momento que há motivos válidos para ser indesejada. As minhas mãos podem matar pessoas. As minhas mãos podem destruir tudo.

Não mereço continuar viva.

— Quero — exclamo, esforçando-me por engolir o punho que tenho atravessado na garganta. — Quero que te livres das câmaras. Livra-te delas ou morrerei a enfrentar-te por esse direito.

— Finalmente! — O Warner levanta-se e junta as mãos como se estivesse a congratular-se a si mesmo. — Esperava que acordasses. Esperava o fogo que sei que te queimará todos os dias. Estás enterrada em ódio, não estás? Em raiva? Em frustração? Ansiando por fazer *alguma coisa*? Por ser *alguém*?

— Não.

— Claro que sim. És igual a mim.

— Odeio-te mais do que alguma vez compreenderás.

— Seremos uma excelente equipa.

— Não seremos *nada*. Não és *nada* para mim...

— Sei o que queres. — Inclina-se para mim e baixa o volume da voz.

— Sei o que o teu pequeno coração sempre desejou. Posso dar-te a aceitação que procuras. Posso ser teu *amigo*.

Paraliso. Vacilo. Não consigo falar.

— Sei *tudo* a teu respeito, querida. — Sorri. — Há muito tempo que te quero. Esperei uma oportunidade para estares pronta. Não te vou deixar escapar tão facilmente.

— Não quero ser um monstro — digo, talvez mais para mim do que

para ele.

— Não lutes contra o que nasceste para ser. — Agarra-me os ombros. — Não deixes que te digam o que está certo e errado. Impõe-te! Encolhes-te quando podias conquistar. Tens muito mais poder do que pensas e a verdade é que estou... — abana a cabeça — fascinado.

— Não sou a tua *aberração* de estimação — riposto. — Não vou fazer *truques* para ti.

Aperta-me os braços com mais força e não consigo escapar-lhe. Inclina-se até ficar perigosamente perto da minha cara e, sem perceber porquê, não consigo respirar.

— Não tenho medo de ti, minha querida — diz, em voz baixa. — Estou absolutamente encantado.

— Ou te livras das câmaras ou vou encontrá-las e partir cada uma delas. — Sou uma mentirosa. Minto com todos os dentes, mas sinto-me furiosa, desesperada e horrorizada. O Warner quer que me transforme num animal que caça os fracos. Os inocentes.

Se quer que lute por ele, terá de lutar comigo primeiro.

Um sorriso lento espalha-se pela sua face. Toca-me na cara com dedos enluvados e inclina-me a cabeça para cima, prendendo-me o queixo quando tento afastar-me.

— És absolutamente deliciosa quando estás zangada.

— É pena que o meu sabor seja venenoso para o teu palato. — Vibro com repulsa da cabeça aos pés.

— Esse pormenor torna este jogo muito mais apelativo.

— És doentio. És tão doentio...

Ri-se e solta-me o queixo para poder avaliar-me o corpo. Os seus olhos descem lentamente pela minha figura e sinto uma ânsia repentina para lhe estourar o baço.

— Se me livrar das câmaras, que farás por mim? — O seu olhar é velhaco.

— Nada.

Abana a cabeça.

— Nada feito. Posso aceitar a tua proposta com uma condição.

O meu maxilar fica tenso.

— Que queres?

O sorriso é maior que antes.

— Essa é uma pergunta perigosa.

— Qual é a *condição*? — clarifico, impaciente.

— Toca-me.

— O quê? — O meu gemido de espanto é tão sonoro que me fica preso na garganta antes de ecoar pela sala.

— Quero saber exatamente de que és capaz. — A sua voz mantém-se estável e franze as sobrancelhas.

— Não volto a fazê-lo! — expludo. — Viste o que me obrigaste a fazer ao Jenkins...

— Que se lixe o Jenkins — exclama. — Quero que me toques a *mim*... Quero senti-lo *pessoalmente*...

— Não... — Abano a cabeça com tanta força que fico zozza. — Não. Nunca. Estás doido... Não...

— Vais fazê-lo, sim.

— Não VOU...

— Terás de... trabalhar... mais cedo ou mais tarde — diz, esforçando-se para moderar a voz. — Mesmo que ignores a minha condição, estás aqui por um motivo, Juliette. Convenci o meu pai de que serias valiosa para o Restabelecimento. De que conseguirias controlar quaisquer rebeldes que...

— Queres dizer *torturar*...

— Sim. — Sorri. — Perdoa-me. Queria dizer «torturar». Conseguirás ajudar-nos a torturar quem capturarmos. — Uma pausa. — Causar dor é um método muito eficaz de extrair informação a alguém, sabes? E contigo? — Olha para as minhas mãos. — Bem, é barato. Rápido. — O sorriso alarga-se mais ainda. — E, enquanto te mantivermos viva, ser-nos-ás útil durante pelo menos algumas décadas. É uma sorte não funcionares com pilhas.

— Tu... tu... — gaguejo.

— Devias agradecer-me. Salvei-te do buraco imundo que era aquele asilo... Coloquei-te numa posição de poder. Dei-te tudo aquilo de que poderias precisar para te sentires confortável. — Fixa o olhar em mim. — Mas, agora, preciso que te concentres. Preciso que abandones as tuas esperanças de viver como qualquer outra pessoa. *Não* és normal.

Nunca foste e nunca serás. Aceita quem és.

— Eu... — Engulo em seco. — Eu não sou... não sou... sou...

— Uma assassina?

— NÃO...

— Um instrumento de tortura?

— PARA...

— Mentas a ti própria.

Estou preparada para o destruir.

Inclina a cabeça e contém um sorriso.

— Passaste a vida inteira no limiar da loucura, não é? Tantas pessoas te chamaram louca que começaste a acreditar. Pensaste se teriam razão. Pensaste se conseguirias curar-te. Pensaste que, se pudesses esforçar-te um pouco mais, ser um pouco melhor, mais inteligente, mais amável... Pensaste que o mundo poderia mudar de ideias a teu respeito. Culpaste-te por tudo.

Gemo.

O meu lábio inferior treme sem a minha permissão. Mal consigo controlar a tensão no maxilar.

Não quero dizer-lhe que tem razão.

— Suprimiste toda a tua raiva e rancor porque querias ser amada — diz, já sem sorrir. — Talvez te compreenda, Juliette. Talvez devas confiar em mim. Talvez devas aceitar que tentaste ser alguém que não és durante tanto tempo e que, independentemente do que fizesses, aqueles miseráveis nunca ficavam felizes. Nunca ficavam satisfeitos. Nunca se importaram, pois não? — Olha-me e, por um momento, parece quase humano. Por um momento, quero acreditar nele. Por um momento, quero sentar-me no chão e chorar o oceano que tenho atravessado na garganta. — Chegou o momento de parares de fingir — diz, num tom tão amável. — Juliette... — Prende-me a cara nas mãos enluvadas, tão inesperadamente delicadas. — Já não precisas de ser amável. Podes destruí-los a todos. Podes derrubá-los e apoderar-te deste mundo inteiro e...

Sou atingida na face por um motor a vapor.

— Não quero destruir ninguém — digo-lhe. — Não quero *magoar* as pessoas...

— Mas elas *merecem*! — Afasta-se de mim, frustrado. — Como podes não querer retaliar? Como podes não querer pagar na mesma moeda...

Levanto-me devagar, tremendo com raiva e esperando que as minhas pernas não percam as forças.

— Pensas que, por ter sido indesejada, por ter sido negligenciada e... e *abandonada*... — A minha voz torna-se mais aguda com cada palavra. As emoções descontroladas gritam-me dentro dos pulmões. — Pensas que não tenho coração? Que não tenho *sentimentos*? Pensas que, por *conseguir* provocar dor, devo fazê-lo? És igual aos outros todos. Achas que sou um monstro como todos os outros. Não me percebes...

— Juliette...

— Não.

Não quero aquilo. Não quero aquela vida.

Não quero ser qualquer coisa para alguém além de mim mesma. Quero fazer as minhas próprias escolhas e nunca quis ser um monstro. As minhas palavras são lentas e controladas quando falo.

— Valorizo muito mais a vida humana do que tu, Warner.

Abre a boca para falar, mas volta a fechá-la. Ri-se e abana a cabeça. Sorri-me.

— Que foi? — pergunto, sem conseguir evitar.

— Acabas de dizer o meu nome. — Sorri mais ainda. — Nunca me trataste pelo nome antes. Isso deve significar que progredimos.

— Acabo de te dizer que não...

Interrompe-me.

— Não me importam os teus dilemas morais. Estás a ganhar tempo apenas por estares em negação. Não te preocupes — diz. — Vais ultrapassar isso. Posso esperar um pouco mais.

— Não estou em *negação*...

— Claro que estás. Ainda não o sabes, Juliette, mas és uma rapariga muito má — afirma, pondo a mão sobre o peito. — És exatamente o meu tipo.

Esta conversa é impossível.

— Há um soldado a *viver* no meu quarto. — A minha respiração fica

ofegante. — Se me queres aqui, precisas de tirar as câmaras.

Os olhos do Warner ensombram-se por um momento.

— Onde *está* o teu soldado, afinal?

— Não sei. — Espero não corar. — Ordenaste-lhe que me seguisse.

— Sim. — Parece pensativo. — Gosto de te ver desconfortável.

Deixa-te desconfortável, não é?

Penso nas mãos do Adam no meu corpo e nos seus lábios tão perto dos meus e no cheiro da sua pele arrastado por uma torrente fumegante que nos ensopou aos dois e, subitamente, o meu coração é como dois punhos golpeando-me as costelas, exigindo fuga.

— Sim. — *Deus*. — Sim. Deixa-me muito... desconfortável.

— Sabes porque o escolhi a ele? — pergunta o Warner e sou atropelada por um camião.

O Adam foi *escolhido*.

Claro que foi. Não era um soldado qualquer colocado na minha cela. O Warner não faz nada sem motivo. Saberá que o Adam e eu temos uma história em comum. É mais cruel e calculista do que julguei possível.

— Não. — Inspiro. — Não sei porquê. — Expiro. Não posso esquecer-me de respirar.

— Ofereceu-se — diz o Warner, simplesmente, deixando-me momentaneamente chocada. — Disse que foi teu colega de escola há muitos anos. Disse que era provável que não te lembrasses dele, que está muito diferente do que era. Apresentou argumentos muito convincentes. — Um instante de fôlego. — Disse que ficou muito feliz quando soube que, finalmente, te tinham trancado. — Olha-me.

Os meus ossos são como cubos de gelo tilintando uns contra os outros, gelando-me até ao meu âmagô.

— Estou curioso — continua, inclinando a cabeça enquanto fala. — Lembras-te dele?

— Não — minto e não tenho a certeza de estar viva. Tento separar a verdade da mentira das suposições das deduções, mas frases encadeadas torcem-se na minha garganta.

O Adam conhecia-me quando entrou naquela cela.

Sabia exatamente quem eu era.

Já sabia como me chamava.

Oh

Oh

Oh

Era tudo uma armadilha.

— Esta informação deixa-te... furiosa? — pergunta e quero coser-lhe os lábios sorridentes num perpétuo esgar de tristeza.

Não digo nada e, de alguma forma, isso é pior.

O Warner parece radiante.

— Nunca lhe disse, claro, porque te prenderam... Pensei que a experiência no asilo não deveria ser contaminada por informação adicional... mas disse-me que sempre foste uma ameaça para os alunos. Que todos eram sempre avisados para se afastarem de ti, mesmo que as autoridades nunca tenham explicado porquê. Disse que queria ver mais de perto a aberração que te tinhas tornado.

O meu coração estala. Os meus olhos cegam com um clarão. Estou tão magoada tão furiosa tão horrorizada tão humilhada e ardendo com indignação tão crua que é como se um fogo ardesse dentro de mim, um fogo descontrolado de esperanças dizimadas. Quero esmagar a coluna do Warner com a mão. Quero que saiba como é ser ferido, como é sentir um sofrimento tão grande infligido por outrem. Quero que conheça a minha dor, a dor do Jenkins e a dor do Fletcher e quero que *sofra*. Porque talvez tenha razão.

Talvez haja quem mereça.

— Despe a camisa.

Apesar de toda a sua pose, o Warner parece genuinamente surpreendido, mas não perde tempo a desabotoar o casaco, a descalçar as luvas e a despir a camisa de algodão fino que lhe cobre a pele.

Os seus olhos estão brilhantes, doentiamente ávidos. Não esconde a sua curiosidade.

Deixa cair a roupa no chão e dirige-me um olhar quase íntimo. Tenho de conter a repulsa que me ferve na boca. A sua cara perfeita. O seu corpo perfeito. Os seus olhos tão duros e belos como pedras preciosas congeladas. Enoja-me. Quero que o seu exterior seja igual ao interior negro e corroído. Quero destruir-lhe a arrogância com a palma

da mão.

Aproxima-se de mim até haver menos de meio metro entre nós. A sua altura e constituição fazem-me sentir como um ramo partido.

— Estás pronta? — pergunta, arrogante e tolo.

Pondero partir-lhe o pescoço.

— Se fizer isto, tiras todas as câmaras do meu quarto. Todos os microfones. Tudo.

Aproxima-se mais. Baixa a cabeça. Olha fixamente os meus lábios, estudando-me de uma forma completamente nova.

— As minhas promessas não valem muito, querida — sussurra. — Ou já te esqueceste? — 10 centímetros em diante. A mão na minha cintura. O hálito doce e quente no meu pescoço. — Sou um mentiroso execcional.

A compreensão atinge-me como 100 quilos de bom senso. Não devia fazer aquilo. Não devia fazer acordos com ele. Não devia ponderar a tortura. Deus. Perdi a cabeça. Fecho as mãos com firmeza de cada lado do corpo e tremo por toda a parte. Mal consigo encontrar forças para falar.

— Podes ir para o raio que te parta.

Perco as forças.

Tropeço enquanto recuo e choco com a parede, desabando numa pilha de inutilidade. De desespero. Penso no Adam e o meu coração afunda.

Não posso continuar aqui.

Voo para as portas duplas no extremo da sala e abro-as com um puxão antes que o Warner possa impedir-me. Mas, em vez dele, é o Adam quem me impede. Ele está do lado de fora. Vigia-me para onde quer que vá.

Penso se ouviu tudo e os meus olhos fixam-se no chão, empalidecendo e segurando os estilhaços do coração na mão. Claro que ouviu tudo. Claro que passou a saber que sou uma assassina. Um monstro. Uma miserável sem salvação enfiada num corpo venenoso.

O Warner fez aquilo de propósito.

E eu estou entre eles. O Warner em tronco nu. O Adam olhando para a arma.

— Soldado — diz o Warner. — Leva-a de volta para o quarto e desativa todas as câmaras. Pode almoçar sozinha, se quiser, mas espero-a para o jantar.

O pestanejar do Adam alonga-se demasiado.

— Sim, senhor.

— Juliette.

Estaco. Estou de costas para o Warner e não me viro.

— Espero que cumpras a tua parte do acordo.

VINTE E DOIS

Caminhar até ao elevador demora 5 anos. Mais 15 para subir. Tenho um milhão de anos de idade quando entro no meu quarto. O Adam está silencioso, perfeitamente composto e mecânico nos seus movimentos. Não há nada nos seus olhos, nos seus membros, nos movimentos do seu corpo que indique que sabe o meu nome.

Vejo-o mover-se rapidamente e com cautela pelo quarto, encontrando os pequenos dispositivos destinados a monitorizar-me, desativando cada um. Se alguém perguntar porque as câmaras não funcionam, o Adam não se meterá em sarilhos. Aquela ordem veio do Warner. Isso torna aquilo oficial.

Isso torna possível que tenha alguma privacidade.

Pensei que precisaria de privacidade.

Sou uma idiota tão grande.

O Adam não é o rapaz de quem me lembro.

Estava no terceiro ano.

Tinha acabado de me mudar para a cidade depois de a minha antiga escola me expulsar me pedir que mudasse de escola. Os meus pais estavam sempre a mudar-se, sempre fugindo das confusões que provocava, das brincadeiras que arruinava, das amizades que nunca tinha. Nunca ninguém queria falar sobre o meu «problema», mas o mistério que rodeava a minha existência conseguia, de alguma forma, tornar tudo pior. A imaginação humana é, muitas vezes, desastrosa quando deixada sem controlo. Só ouvi fragmentos dos seus sussurros.

— Monstro!

- Ouviste o que ela fez...?
- Que falhada.
- ...expulsa da última escola...
- Psicopata!
- Tem uma doença qualquer...

Ninguém falava comigo. Todos me olhavam. Era suficientemente pequena para ainda chorar. Almoçava sozinha perto de uma cerca de arame e nunca me via ao espelho. Nunca queria ver a cara que todos odiavam tanto. As raparigas costumavam dar-me pontapés e fugir. Os rapazes costumavam atirar-me pedras. Ainda tenho as cicatrizes algures.

Vi o mundo passar do outro lado dessa cerca de arame. Observava os carros, os pais que vinham trazer os filhos e os momentos de que nunca faria parte. Isto aconteceu antes de as doenças se tornarem tão comuns que a morte passou a ser uma parte natural da conversa. Isto aconteceu antes de percebermos que as nuvens tinham a cor errada, antes de percebermos que todos os animais morriam ou estavam infetados, antes de percebermos que todos morreríamos de fome e depressa. Aconteceu quando ainda acreditávamos que os nossos problemas tinham solução. Então, o Adam era o rapaz que me acompanhava no caminho para a escola. Era o rapaz que se sentava 3 cadeiras à minha frente. A roupa dele era pior do que a minha e não trazia almoço. Nunca o via comer.

Uma manhã, veio para a escola num carro.

Soube porque o vi ser empurrado para sair. O pai conduzia bêbado, gritando e agitando os punhos por algum motivo. O Adam estava muito parado e olhava fixamente para o chão como se esperasse alguma coisa, preparando-se para o inevitável. Vi o pai esbofetear o filho de 8 anos na cara. Vi o Adam cair ao chão e fiquei ali, imóvel, enquanto era repetidamente pontapeado nas costelas.

— A culpa é toda tua! *Tua*, seu monte de merda — gritava o pai uma e outra vez e outra vez ainda, e acabei por vomitar ali mesmo, por cima de uns dentes-de-leão.

O Adam não chorou. Continuou encolhido no chão até o pai desistir, até o carro arrancar. Só quando teve a certeza de que estava

sozinho o corpo sucumbiu ao choro. A cara pequena estava suja de terra e pressionava com as mãos o abdómen dorido. Não consegui afastar o olhar.

Nunca consegui tirar esse som da minha cabeça. Ou essa cena.

Foi então que comecei a prestar atenção ao Adam Kent.

— Juliette.

Sustive a respiração e desejei que as minhas mãos não tremessem. Gostava de não ter olhos.

— Juliette — volta a dizer, desta vez com uma voz ainda mais baixa. O meu corpo está numa batedeira e sou feita de papa. Os meus ossos anseiam anseiam anseiam pelo calor dele.

Não me viro.

— Sempre soubeste quem sou — sussurro.

Não diz nada e, subitamente, sinto-me desesperada para ver os olhos dele. Subitamente, preciso de lhe ver os olhos. Viro-me para ele e vejo-o apenas a olhar fixamente as mãos.

— Desculpa — é tudo o que diz.

Encosto-me à parede e fecho as pálpebras com força. Foi tudo uma encenação. O roubo da minha cama. Perguntar como me chamava. Perguntar pela minha família. Representava para o Warner. Para os guardas. Para quem o visse. Já nem sequer sei em que acreditar.

Preciso de o dizer. Preciso de pôr isso para fora. Preciso de abrir as feridas e voltar a sangrar por ele.

— É verdade — digo-lhe. — A história do rapazinho. — A minha voz fraqueja muito mais do que esperaria. — Fiz mesmo isso.

Passa tanto tempo calado.

— Nunca percebi antes. Quando ouvi a história pela primeira vez. Só agora percebo o que terá acontecido.

— O quê? — Nunca pensei ser capaz de pestanejar tanto.

— Nunca me fez sentido — diz. E cada palavra me pontapeia no estômago. Ergue o olhar e parece em maior sofrimento do que lhe desejei. — Quando ouvi. Todos ouvimos. A escola inteira...

— Foi um acidente — consigo dizer, fracassando no objetivo de não me ir abaixo. — E-e-ele caiu... e eu tentava ajudá-lo... e... não... Pensei

que...

— Eu sei.

— O quê? — A minha exclamação é tão sonora que engoli o quarto inteiro com aquela inspiração.

— Acredito em ti — diz-me.

— O que... porquê? — Os meus olhos pestanejam para conter as lágrimas, as minhas mãos estão trémulas e o meu coração enche-se de esperança nervosa.

Morde o lábio inferior. Afasta o olhar. Caminha até à parede. Abre e fecha a boca várias vezes antes de as palavras saírem atabalhoadas.

— Porque te *conhecia*, Juliette... Eu... bolas... eu só... — Tapa a boca com a mão e passa os dedos para o pescoço. Esfrega a testa, fecha os olhos, pressiona os lábios. Força-os a abrirem. — Tinha decidido falar contigo nesse dia. — Um sorriso estranho. Uma gargalhada estranha. Passa uma mão pelo cabelo. Olha para o teto. Vira-me as costas. — Tinha decidido finalmente falar contigo e... — Abana a cabeça com força, tentando outra gargalhada dolorosa. — Bolas. Não te lembras de mim.

Centenas de milhares de segundos passam e não consigo parar de morrer.

Quero rir e chorar e gritar e correr e não consigo escolher o que fazer primeiro.

Confesso.

— Claro que me lembro de ti. — A minha voz é um sussurro estrangulado. Fecho os olhos com força. Lembro-me de ti todos os dias para sempre em cada momento da minha vida. — Foste o único que olhava para mim como se fosse humana.

Nunca falou comigo. Nunca me disse uma única palavra, mas foi o único que se atreveu a sentar-se perto da minha cerca. Foi o único que me defendeu, a única pessoa que lutou por mim, o único que esmurrou alguém na cara por me ter atirado uma pedra à cabeça. Nem sequer soube como agradecer.

Era o meu único amigo.

Abro os olhos e ele está à minha frente. O meu coração é um campo de lírios desabrochando por baixo de uma vidraça, abrindo-se para a

vida como gotas de chuva apressadas. Tem o maxilar tão tenso como os olhos estão fechados como os punhos estão fechados como a tensão nos seus braços.

— Sempre soubeste? — 2 palavras sussurradas e derrubou a minha barragem, destrancou os meus lábios e voltou a roubar-me o coração. Mal consigo sentir as lágrimas que me escorrem pela cara.

— Adam. — Tento rir e os meus lábios tropeçam num soluçar asfíxiado. — Reconheceria os teus olhos em qualquer parte do mundo.

E foi assim.

Daquela vez, não houve controlo.

Daquela vez, nos braços dele e contra a parede e tremo por todo o lado e é tão delicado, tão cuidadoso, tocando-me como se fosse feita de porcelana e desejo estilhaçar-me.

Passa as mãos pelo meu corpo passa os olhos pela minha cara com o coração acelerado e corro maratonas na minha mente.

Tudo arde. A minha cara as minhas mãos a boca do meu estômago e afogo-me em ondas de emoção e numa tempestade de chuva acabada de cair e tudo o que sinto é a força da silhueta dele contra a minha e nunca nunca nunca quero esquecer este momento. Quero carimbá-lo na minha pele e guardá-lo para sempre.

Pega-me nas mãos e pressiona as palmas sobre a cara e percebo que nunca conheci a beleza do sentimento humano antes daquele momento. Percebo que ainda choro quando os meus olhos se fecham.

Sussurro o nome dele.

E respira mais depressa do que eu e, subitamente, os seus lábios estão no meu pescoço e gemo e morro e seguro-lhe nos braços e toca-me toca-me toca-me e sou trovão e relâmpago e penso quando acordarei.

Uma, duas, cem vezes, os lábios dele provam-me a nuca e penso se será possível morrer de euforia. Os seus olhos fixam-se nos meus e prende-me a cara nas mãos e coro através destas paredes de prazer, dor e impossibilidade.

— Há tanto tempo que queria beijar-te. — A sua voz é rouca, irregular, penetrante.

Fico paralisada pela antecipação e pela expectativa e estou

igualmente nervosa ante a possibilidade de ele me beijar e de não me beijar. Olho para os lábios dele e não percebo quão próximos estamos até sermos separados.

3 apitos eletrônicos distintos ecoam pelo quarto e o Adam afasta o olhar de mim, por um momento, parece não perceber onde está. Pestaneja. E corre para um comunicador para pressionar os botões adequados. Reparo que continua ofegante.

Tremo.

— Nome e número — exige a voz no comunicador.

— Kent, Adam. 45B-86659.

Uma pausa.

— Soldado, tens conhecimento de que as câmaras no teu quarto foram desativadas?

— Sim, senhor. Recebi ordens diretas para dismantelar os dispositivos.

— Quem autorizou essa ordem?

— O Warner, senhor.

Uma pausa mais longa.

— Vamos verificar e confirmar. A interferência não autorizada com dispositivos de segurança pode resultar em dispensa desonrosa imediata, soldado. Espero que saibas isso.

— Sim, senhor.

O comunicador fica silencioso.

O Adam encosta-se à parede, com o peito subindo e descendo rapidamente. Não tenho a certeza, mas poderia ter jurado que os lábios dele palpitarão, formando um sorriso minúsculo. Fecha os olhos e expira.

Não sei como lidar com o alívio que me cai nas mãos.

— Vem cá — diz, mantendo os olhos fechados.

Avanço em bicos de pés e abraça-me. Inspira o cheiro do meu cabelo e beija-me na cabeça e nunca senti nada tão incrível na vida. Já nem sequer sou humana. Sou muito mais. O sol e a lua fundiram-se e a terra está virada do avesso. Sinto que posso ser exatamente quem sou nos braços dele.

Faz-me esquecer o terror de que sou capaz.

— Juliette — sussurra-me ao ouvido. — Precisamos de sair daqui.

VINTE E TRÊS

Volto a ter 14 anos e olho fixamente para a nuca dele numa pequena sala de aulas. Tenho 14 anos e estou apaixonada pelo Adam Kent há muito tempo. Fui especialmente cuidadosa, mantive-me especialmente silenciosa, fui especialmente cooperante pois não queria voltar a mudar de casa. Não queria deixar a escola onde tinha encontrado a única cara amigável que alguma vez conheci. Vi-o crescer um pouco mais em cada dia, ficando um pouco mais alto em cada dia, um pouco mais forte, um pouco mais duro, um pouco mais silencioso. Acabou por ficar demasiado grande para ser espancado pelo pai, mas ninguém sabe o que aconteceu realmente à mãe. Os outros miúdos rejeitavam-no, provocavam-no até começar a responder, até a pressão do mundo o vencer finalmente.

Mas os seus olhos ficaram sempre iguais.

Eram sempre iguais quando me olhava. Bondosos. Compadecidos. Ansiosos por perceber. Mas nunca fazia perguntas. Nunca tentava motivar-me a dizer uma palavra. Apenas fazia questão de ficar suficientemente próximo para assustar os outros todos.

Pensei que talvez não fosse assim tão má. Talvez.

Pensei que talvez visse alguma coisa em mim. Pensei que talvez não fosse tão horrível como todos diziam que era. Há anos que não tocava em ninguém. Não me atrevia a aproximar-me das pessoas. Não podia correr o risco.

Até que o fiz, um dia. E arruinei tudo.

Matei um rapazinho numa mercearia simplesmente porque o ajudei a levantar-se. Porque lhe segurei nas pequenas mãos. Não

consegui perceber porque gritava. Foi a minha primeira experiência a tocar numa pessoa em tanto tempo que não percebi o que me acontecia. Nas poucas ocasiões em que toquei acidentalmente em alguém, afastei-me sempre. Afastava-me mal recordava que não devia tocar em ninguém. Mal ouvia o primeiro grito a escapar-lhe entre os lábios.

O rapazinho foi diferente.

Quis ajudá-lo. Senti uma raiva tão intensa e repentina pela mãe que lhe ignorava os gritos. A sua falta de compaixão como mãe devastou-me e lembrou-me demasiado a minha própria mãe. Só queria ajudá-lo. Queria que soubesse que alguém o ouvia. Que alguém se importava. Não percebi porque ficou silencioso e inerte nos meus braços. Pensei que talvez a descarga de poder e de sensação positiva significassem que tinha sido curada da minha horrível doença. Pensei tantas coisas estúpidas e arruinei tudo.

Pensei que ajudava.

Passei os 3 anos seguintes da minha vida em hospitais, escritórios de advogados, centros de detenção juvenil, suportando comprimidos e choques elétricos. Nada funcionou. Nada ajudou. Além de me matarem, trancarem-me numa instituição era a única solução. A única forma de proteger o público em geral do terror da Juliette.

Até entrar na minha cela, não via o Adam Kent há 3 anos.

E parece diferente. Mais duro, mais alto, mais anguloso, tatuado. Está musculado, maduro, silencioso, rápido. É quase como se não pudesse dar-se ao luxo de ser delicado, lento ou descontraído. Não pode dar-se ao luxo de ser qualquer coisa além de músculo, qualquer coisa além de força e eficiência. As linhas da sua face são suaves, preciosas, esculpidas por anos de vida e treino violentos e esforços de sobrevivência.

Já não é um rapazinho. Não tem medo. Está no exército.

Mas também não está assim tão diferente. Continua a ter os olhos mais invulgarmente azuis que alguma vez vi. Escuros, profundos e apaixonados. Sempre me questionei como seria ver o mundo através de lentes tão belas. Pensei se a cor dos olhos nos faria ver o mundo de forma diferente. Se o mundo, por sua vez, passaria a ver-nos de forma

diferente.

Devia ter percebido que era ele quando entrou na minha cela.

Uma parte de mim sabia. Mas tinha-me esforçado tanto para reprimir as memórias do meu passado que recusei acreditar que fosse possível. Porque uma parte de mim não queria recordar. Uma parte de mim estava demasiado assustada para ter esperança. Uma parte de mim não sabia se faria alguma diferença saber que era ele, afinal.

Muitas vezes, questiono-me sobre a minha aparência.

Penso se serei apenas uma sombra furada da pessoa que era antes. Não me vejo ao espelho há 3 anos. Tenho tanto medo do que verei.

Alguém bate à porta.

Sou catapultada para o outro lado do quarto pelo meu medo. O Adam fixa o olhar no meu antes de abrir a porta e decido recuar para um canto afastado.

Apuro o ouvido e distingo apenas vozes murmuradas, palavras contidas e alguém a pigarrear. Não sei o que fazer.

— Um minuto — diz o Adam, elevando demasiado a voz. Percebo que tenta acabar com a conversa.

— Vamos. Só quero vê-la...

— Não é uma atração de circo, Kenji. Sai daqui.

— Espera... diz-me: Põe coisas a arder com os olhos? — O Kenji ri-se e encolho-me, escorregando até ao chão atrás da cama. Tento não ouvir o resto da conversa.

Fracasso.

O Adam suspira. Consigo imaginá-lo a esfregar a testa.

— Vai-te embora.

O Kenji esforça-se para conter o riso.

— Maldito sejas. De repente, ficaste muito sensível, hã? Passar tempo com uma rapariga mudou-te, meu...

O Adam diz uma coisa que eu não consigo ouvir.

A porta bate com força.

Espreito do meu esconderijo. O Adam parece envergonhado. As minhas bochechas ficam rosadas. Estudo os fios complicados da

carpete requintada sob os pés. Toco no papel de parede semelhante a tecido e espero que fale. Levanto-me para olhar pela pequena janela quadrada e vejo apenas a silhueta sombria de uma cidade arruinada. Encosto a testa ao vidro.

Cubos de metal aglomeram-se à distância: complexos que alojam civis dispostos em camadas múltiplas, onde tentam abrigar-se do frio. Uma mãe segurando a mão de uma criança pequena. Soldados elevando-se sobre eles, imóveis como estátuas, com espingardas erguidas e prontas para disparar. Pilhas sobre pilhas de lixo, pedaços perigosos de ferro e aço cintilando no chão. Árvores solitárias ondulando ao vento.

As mãos do Adam envolvem-me a cintura.

Os seus lábios estão perto da minha orelha, ele não diz nada, mas derreto até ser um punhado de manteiga pingando pelo seu corpo abaixo. Quero comer cada minuto daquele momento.

Permito que os meus olhos se fechem à verdade do lado de fora da minha janela. Apenas por um momento.

O Adam inspira fundo e puxa-me mais ainda para ele. Estou moldada pela forma do seu corpo. As suas mãos movem-se sobre a minha cintura e tem a face encostada à minha cabeça.

— É incrível tocar-te.

Tento rir-me, mas, aparentemente, esqueci como.

— São palavras que nunca esperei ouvir.

O Adam vira-me para ele. De repente, olho para a cara dele sem olhar realmente. Sou tocada por um milhão de chamuscas e engulo outro milhão. Olha-me fixamente como se nunca antes me tivesse visto. Quero lavar a alma no azul sem fundo daqueles olhos.

Inclina-se até a testa ficar encostada à minha e, mesmo assim, os nossos lábios continuam a não estar suficientemente próximos. Sussurra:

— Como estás? — E quero beijar cada belo batimento do seu coração.

Como estás? 2 palavras que nunca ninguém me diz.

— Quero sair daqui. — É tudo em que consigo pensar.

Aperta-me contra o seu peito e eu deslumbro-me com o poder, a

glória e o maravilhamento de um movimento tão simples. Parece-me que toco 1 bloco de força com 1 metro e 80.

Todas as borboletas do mundo migraram para o meu estômago e aí esvoaçam.

— Juliette.

Inclino-me para trás para lhe ver a cara.

— A sério que queres ir? — pergunta-me. Os seus dedos roçam-me a cara. Prende uma madeixa rebelde atrás da minha orelha. — Percebes os riscos?

Inspiro fundo. Sei que o único risco real é a morte.

— Sim.

Acena afirmativamente. Baixa o olhar e também a voz.

— As tropas mobilizam-se para um ataque qualquer. Tem havido muitos protestos de grupos que estavam silenciosos antes disto e a nossa missão é obliterar a resistência. Acho que querem que este ataque seja o último — acrescenta em voz baixa. — Algo enorme se passa e não sei o que é, ainda não. Mas, seja o que for, temos de estar preparados quando chegar a altura.

Estaco.

— Que significa isso?

— Quando as tropas estiverem prontas para avançar, tu e eu devemos estar prontos para fugir. É a única saída que nos dará tempo para desaparecer. Todos estarão focados no ataque... Dar-nos-á algum tempo antes de repararem na nossa ausência ou antes de conseguirem reunir gente suficiente para nos procurar.

— Mas... isso quer dizer que... vens comigo...? Estarias disposto a fazer isso por mim?

Esboça um pequeno sorriso. Os lábios contraem como se tentassem não rir. Os olhos amansam enquanto estudam os meus.

— Há muito pouco que não faria por ti.

Inspiro fundo e fecho os olhos, levando os dedos ao peito e imaginando o pássaro voando sobre a pele dele. Faço-lhe a pergunta que mais me assusta.

— Porquê?

— Que queres dizer? — Recua.

— Porquê, Adam? Porque te importas? Porque queres ajudar-me? Não percebo... Não percebo porque estarias disposto a correr risco de vida...

Nesse momento, os braços dele puxam-me para ele pela cintura e os seus lábios estão junto ao meu ouvido e ele diz o meu nome, uma vez, duas, e não esperava incendiar-me tão rapidamente. A sua boca sorri contra a minha pele.

— Não percebes?

Não sei nada, é o que lhe diria se soubesse falar.

Ri-se um pouco e afasta-se. Pega-me na mão e estuda-a.

— Lembras-te, no quarto ano — começa —, quando a Molly Carter se inscreveu tarde demais na visita de estudo da escola? Todos os lugares estavam ocupados e ela ficou na rua, a chorar porque queria ir?

Não espera que eu responda.

— Lembro-me de teres saído do autocarro. Ofereceste-lhe o teu lugar e ela nem sequer te agradeceu. Vi-te de pé no passeio enquanto arrancávamos.

Deixei de respirar.

— Lembras-te, no quinto ano, daquela semana em que os pais da Dana quase se divorciaram? Veio para a escola todos os dias sem almoço. Ofereceste-lhe o teu. — Faz uma pausa. — Mal essa semana acabou, voltou a fingir que não existias.

Continuo sem respirar.

— No sétimo ano, a Shelly Morrison foi apanhada a copiar do teu teste de matemática. Não parava de gritar que, se tivesse negativa, o pai a matava. Disseste ao professor que tinhas sido tu a copiar do teste *dela*. Tiveste um zero e ficaste de castigo durante uma semana. — Ergue a cabeça, mas não me olha. — Tiveste nódoas negras nos braços durante pelo menos um mês depois disso. Sempre me questioneei de onde tinham vindo.

O meu coração bate depressa. Perigosamente depressa. Fecho a mão com força para os dedos não tremerem. Pressiono o maxilar e esvazio a face de emoção, mas não consigo abrandar a vibração no peito.

— Um milhão de vezes — diz, com voz tão serena. — Vi-te fazer

coisas destas um milhão de vezes. Mas nunca disseste uma palavra a não ser que te obrigassem. — Volta a rir, produzindo, daquela vez, uma gargalhada pesada. Olha fixamente um ponto logo acima do meu ombro. — Nunca pediste nada a ninguém. — Olha-me finalmente. — Mas nunca ninguém te deu uma oportunidade.

Engulo em seco e tento afastar o olhar, mas prende-me a cara.

Sussurra:

— Não fazes ideia do tempo que passei a pensar em ti. Das vezes que sonhei... — inspira — das vezes que sonhei estar assim tão próximo de ti. — Ergue uma mão para a passar pelo cabelo, mas muda de ideias. Olha para baixo. Olha para cima. — Bolas, Juliette. Seguir-te-ia para qualquer sítio. És a única coisa boa que resta neste mundo.

Suplico a mim mesma para não irromper em lágrimas e não sei se funciona. Sou algo fraturado e novamente colado e coro por todo o corpo e mal consigo encontrar a força para o olhar.

Os dedos dele encontram o meu queixo. Erguem-no.

— Temos 3 semanas, no máximo — diz. — Não me parece que consigam controlar as multidões durante muito mais tempo.

Aceno afirmativamente. Pestanejo. Encosto a cara ao peito dele e finjo não chorar.

3 semanas.

VINTE E QUATRO

Passam 2 semanas.

2 semanas de vestidos e duches e comida que quero atirar para o outro lado do quarto. 2 semanas do Warner a sorrir e a tocar-me na cintura, rindo-se e conduzindo-me com a mão pousada no fundo das minhas costas, assegurando que eu tinha o melhor aspeto possível enquanto caminhava a seu lado. Julga-me o seu troféu. A sua arma secreta.

Preciso de suprimir a ânsia de lhe estalar as articulações dos dedos contra o betão.

Mas ofereço-lhe 2 semanas de colaboração porque, dentro de 1 semana, estaremos longe dali.

Com sorte.

Mas, acima de qualquer outra coisa, descobri que não odeio tanto o Warner como pensei.

Tenho pena dele.

Sente um consolo estranho com a minha companhia. Pensa que me identifico com ele e com as suas noções retorcidas, com a sua educação cruel, com o seu pai simultaneamente ausente e exigente.

Mas nunca diz uma palavra sobre a mãe.

O Adam diz que ninguém sabe nada sobre a mãe do Warner... que nunca a mencionaram e que ninguém sabe quem é. Diz que o Warner é conhecido unicamente como o resultado de uma educação implacável e de uma sede de poder fria e calculista. Odeia crianças felizes e pais felizes e as suas vidas felizes.

Penso que o Warner julga que compreendo. Que o compreendo.

E compreendo. E não compreendo.

Porque não somos iguais.

Quero ser melhor.

O Adam e eu passamos pouco tempo juntos durante o dia. E, mesmo à noite, não é tanto como desejaria. O Warner observa-me mais atentamente com cada dia que passa. Desativar as câmaras fez crescer a sua desconfiança. Está sempre a entrar inesperadamente no meu quarto, levando-me em passeios desnecessários pelo edifício, falando apenas dos seus planos e dos seus planos para formular mais planos e da maneira como conquistaremos o mundo juntos. Não finjo importar-me.

Talvez seja eu quem torna aquilo pior.

— Não acredito que o Warner tenha realmente aceitado tirar as câmaras — disse-me o Adam, uma noite.

— É louco. Não é racional. Está doente de uma forma que jamais conseguirei compreender.

O Adam suspirou.

— Está obcecado contigo.

— O quê? — Quase desloquei o pescoço com a surpresa.

— Só fala de ti. — O Adam passou um momento em silêncio com o maxilar rígido. — Ouvi histórias tuas antes mesmo de chegares aqui. Foi por isso que me envolvi... Foi por isso que me ofereci para te ir buscar. O Warner passou meses a recolher informação tua: moradas, registos médicos, histórias pessoais, relações familiares, certidões de nascimento, análises sanguíneas. O exército inteiro falava sobre o seu novo projeto. Todos sabiam que procurava uma rapariga que matou um rapazinho numa mercearia. Uma rapariga chamada Juliette.

Sustive a respiração.

O Adam abanou a cabeça.

— Soube que eras tu. Tinhas de ser tu. Pedi ao Warner para ajudar com o projeto... Disse-lhe que tinha sido teu colega na escola, que tinha ouvido falar do rapazinho, que te tinha visto em pessoa. — Riu-se. — Ficou eufórico. Pensou que tornaria a experiência mais interessante — acrescentou, enojado. — E percebi que se te queria transformar numa

espécie de projeto doentio... — Hesitou. Afastou o olhar. Passou uma mão pelo cabelo. — Percebi que tinha de fazer alguma coisa. Pensei que podia tentar ajudar. Mas piorou. O Warner não para de falar naquilo de que és capaz ou como és valiosa para os seus esforços e no entusiasmo que sente por te ter aqui. Todos começam a reparar. É implacável... Não sente piedade por ninguém. Adora o poder, a emoção de destruir as pessoas. Mas começa a quebrar, Juliette. Está tão ansioso para... te *juntares* a ele. E, apesar de todas as ameaças que faz, não quer obrigar-te. Quer que queiras o mesmo. Que o *escolhas*, de certa forma. — Baixou o olhar e inspirou fundo. — Perde a lucidez. E, sempre que lhe vejo a cara, estou sempre prestes a fazer uma coisa estúpida. Adoraria partir-lhe o maxilar.

Sim. O Warner perdia a lucidez.

É paranoico, mas com bom motivo. Mas é também paciente e impaciente comigo. Constantemente excitado e nervoso. É um paradoxo com pernas.

Desativa as minhas câmaras, mas, em algumas noites, ordena ao Adam que durma à minha porta para garantir que não fujo. Diz que posso almoçar sozinha, mas acaba sempre por me convocar para seu lado. As poucas horas que teria com o Adam são-nos roubadas, mas consigo passar aninhada nos seus braços as poucas noites em que o Adam é autorizado a dormir dentro do meu quarto.

Passámos a dormir os dois no chão, abraçados para nos aquecermos apesar do cobertor que nos tapa o corpo. De cada vez que me toca, é como uma explosão de fogo e eletricidade que me incendeia os ossos da forma mais espantosa. É o tipo de sensação que gostava de conseguir guardar na mão.

O Adam fala-me de novos desenvolvimentos, sussurros que ouviu de outros soldados. Conta-me que há vários quartéis-generais espalhados pelo que resta do país. Que o pai do Warner está na capital, deixando o filho a comandar este setor inteiro. Diz que o Warner odeia o pai, mas adora o poder. A destruição. A devastação. Acaricia-me o cabelo, conta-me histórias e abraça-me com força como se receasse o meu desaparecimento. Descreve-me pessoas e sítios até eu adormecer, até eu sucumbir a um narcótico de sonhos que me deixa fugir de um

mundo sem refúgio, sem alívio, sem libertação além das garantias que me segreda. O sono é a única coisa pela qual anseio por estes dias. Mal consigo recordar por que razão costumava gritar.

As coisas tornam-se demasiado confortáveis e começo a entrar em pânico.

— Veste isto — diz-me o Warner.

O pequeno-almoço na sala azul tornou-se rotina. Como e não pergunto de onde vem a comida, se os criados são pagos pelo que fazem, como aquele edifício consegue sustentar tantas vidas, usar tanta água ou tanta eletricidade. Tento ganhar tempo. Colaboro.

O Warner não voltou a pedir-me para o tocar e não me ofereço para o fazer.

— Para quê? — Olho para os pequenos pedaços de pano nas mãos dele e sinto uma pontada nervosa no estômago.

Esboça um sorriso lento e matreiro.

— Um teste de aptidão. — Segura-me no pulso e põe-me o embrulho na mão. — Viro-me. Só desta vez.

Estou quase demasiado nervosa para me sentir enojada.

As minhas mãos tremem enquanto visto o traje que revela ser um top minúsculo e calções ainda mais pequenos. Estou praticamente nua. Quase tremo de medo pelo significado possível daquilo. Pigarreio ligeiramente e o Warner vira-se.

Demora a falar. Os seus olhos estão ocupados a percorrer a topografia do meu corpo. Quero arrancar a tapete do chão e cosê-la à pele. Sorri e estende-me a mão.

Sou granito, calcário e vidro colorido. Não me mexo.

Baixa a mão. Inclina a cabeça.

— Segue-me.

Abre a porta. O Adam está do lado de fora. Tornou-se tão hábil a camuflar as suas emoções que mal reparo na expressão chocada que aparece e desaparece na sua face. Um mero franzir de testa, uma tensão nas têmporas que o denuncia. Sabe que algo está errado. Move o pescoço para interiorizar a minha aparência. Pestaneja.

— Senhor?

— Mantém-te onde estás, soldado. Eu trato disto.

O Adam não responde não responde não responde...

— Sim, senhor — diz, com a voz tornando-se subitamente rouca.

Sinto os seus olhos sobre mim enquanto viro para o corredor.

O Warner leva-me para um sítio novo. Percorremos corredores que nunca vi, mais negros e ameaçadores e mais estreitos à medida que progredimos. Percebo que descemos.

Para uma cave.

Passamos 1, 2, 4 portas de metal. Soldados por toda a parte, olhando para toda a parte, olhando para mim com uma mistura de medo e outra coisa em que prefiro não pensar. Percebi que há muito poucas mulheres neste edifício.

Não poderia haver melhor sítio para apreciar ser intocável.

É o único motivo que me protege dos olhares intensos de centenas de homens solitários. É o único motivo para o Adam continuar comigo... porque o Warner acredita que o Adam é uma figura de papelão de impulsos inócuos. Acredita que o Adam é uma máquina oleada por ordens e exigências. Acredita que o Adam é uma recordação do meu passado e usa-o para me deixar desconfortável. Nunca imaginaria que o Adam seria capaz de me tocar com um dedo.

Ninguém me tocaria. Todos os que encontro ficam absolutamente horrorizados.

A escuridão é como uma tela preta perfurada por uma faca romba, permitindo a passagem de feixes de luz. Recorda-me demasiado a minha antiga cela. Sinto arrepios de horror descontrolado.

Estou rodeada por armas.

— Entra — diz o Warner. Sou empurrada para uma divisão vazia com um cheiro vago a bolor. Alguém pressiona um interruptor e luzes fluorescentes acendem-se, iluminando paredes de um amarelo pastoso e uma carpete cor de erva morta. A porta fecha-se com estrondo atrás de mim.

Não há nada além de teias de aranha e um espelho enorme naquela divisão. O espelho tem metade do tamanho da parede. Por instinto, percebo que o Warner e os seus cúmplices estarão a observar-me. Só não percebo porquê.

Há segredos por toda a parte.

Há respostas por toda a parte.

Estalos/gemidos/zumbidos e movimentos mecânicos abalam o espaço em que me encontro. O chão começa a vibrar. O teto treme com a promessa de caos. De repente, há espigões de metal por toda a parte, dispersos pela divisão, perfurando cada superfície em alturas diferentes. Com intervalo de poucos segundos, desaparecem e reaparecem com um súbito estremeção de terror, cortando o ar como agulhas.

Percebo que estou numa câmara de tortura.

Estática e som de retorno fazem-se ouvir de altifalantes mais velhos do que o meu coração moribundo. Sou um cavalo de corrida galopando em direção a uma meta falsa, ofegante para benefício alheio.

— Estás pronta? — A voz amplificada do Warner ecoa pela divisão.

— Estou pronta para quê? — Grito para o espaço vazio, certa de que alguém conseguirá ouvir-me. Estou calma. Estou calma. Estou calma. Estou petrificada.

— Temos um acordo, lembras-te? — responde a sala.

— O que...

— Desativei as tuas câmaras. É a tua vez de fazeres o que te pedi.

— Não te vou tocar! — grito, virando-me sem sair do sítio, aterrada, horrorizada, receando poder desmaiar a qualquer momento.

— Não te preocupes — diz. — Envio o meu substituto.

A porta chia quando abre e uma criança entra, vestida apenas com uma fralda. Está vendada e choraminga, tremendo de medo.

Um alfinete rebenta a bolha da minha existência, reduzindo-a a nada.

— Se não o salvares — as palavras do Warner estalam pela sala —, também não o faremos.

Esta criança.

Esta criança terá uma mãe e um pai algures que a amam. Esta criança esta criança esta criança cambaleando de medo. Pode ser trespassada por uma estalagmite de metal a qualquer momento.

Salvá-la é simples: preciso de lhe pegar ao colo, encontrar um ponto seguro no chão e abraçá-la até a experiência acabar.

Há apenas um problema.

Se lhe tocar, pode morrer.

VINTE E CINCO

O Walter sabe que não tenho escolha. Quer obrigar-me a participar noutra situação em que conseguirá ver o impacto das minhas capacidades e não o incomoda torturar uma criança inocente para obter exatamente o que pretende.

Naquele momento, não tenho alternativa.

Preciso de arriscar antes que aquele rapazinho avance na direção errada.

Memorizo rapidamente o máximo que posso das armadilhas e esquivo-me/salto/evito à justa os espigões até ficar tão perto quanto possível.

Encho os pulmões com uma inspiração irregular e concentro-me nos membros trémulos do rapaz à minha frente, rezando para tomar a decisão certa. Estou prestes a despir o top para o usar como barreira entre nós quando percebo a ligeira vibração no chão. O tremor que precede o terror. Sei que tenho meio segundo antes de os espigões se erguerem e menos tempo ainda para reagir.

Ergo-o nos braços.

Os seus gritos atravessam-me como se me matassem com tiros, uma bala por segundo. Arranha-me os braços, o peito, pontapeia-me com toda a força, gritando de agonia até ficar paralisado pela dor, até ficar inerte nos meus braços. Sou dilacerada. Os meus olhos, os meus ossos, as minhas veias, tudo arrancado ao seu sítio, tudo virando-se contra mim para me torturar para sempre com as memórias dos horrores pelos quais sou responsável.

Dor e poder fluem através deste corpo para o meu, estremecendo-

lhe os membros e fazendo-o chocar contra mim até quase o deixar cair. É como voltar a viver um pesadelo que passei 3 anos a tentar esquecer.

— Absolutamente espantoso — diz o Warner pelos altifalantes e percebo que tinha razão. Consegue observar-me por um espelho unidirecional. — Brilhante, querida. Estou muito impressionado.

Estou demasiado desesperada para conseguir concentrar-me no Warner naquele momento. Não sei quanto tempo durará aquele jogo doentio e preciso de reduzir a percentagem de pele que encosto ao corpo daquele rapazinho.

O meu traje ínfimo passa a fazer perfeito sentido.

Ajeito-o nos braços e consigo segurá-lo pela fralda. Seguro-o com a palma da mão. Sinto-me desesperada para acreditar que não o toquei durante tempo suficiente para causar danos graves.

Ouçoo soluçar uma vez. O seu corpo estremece.

Quase choro de felicidade.

Mas os gritos recomeçam, já não de sofrimento mas de medo. Está desesperado para se afastar de mim e deixo de conseguir segurá-lo, o meu pulso quase a partir-se com o esforço. Não ousou tirar-lhe a venda. Prefiro morrer a deixá-lo ver aquele espaço e a minha cara.

Aplico tanta pressão no maxilar que receio partir os dentes. Se o pousar, fugirá a correr. E, se começar a correr, será o seu fim. Preciso de continuar a segurá-lo.

O rugido de um velho mecanismo arranca-me ao torpor. Os espigões voltam a esconder-se no chão, um a um, até terem desaparecido todos. A divisão volta tão depressa a ser inofensiva que penso se terei imaginado o perigo. Pouso o rapaz no chão e mordo o lábio para suprimir a dor que se acumula no meu pulso.

A criança começa a correr e choca acidentalmente contra as minhas pernas nuas.

Grita, estremece e cai ao chão, encolhendo-se e soluçando até me fazer considerar a minha própria destruição, libertando este mundo de mim. As lágrimas escorrem-me rapidamente pela cara e quero apenas estender-lhe a mão e ajudá-lo, abraçá-lo com força, beijar-lhe as belas bochechas e dizer-lhe que cuidarei dele para sempre, que fugiremos juntos, que brincarei com ele e lhe lerei histórias à noite e sei que não

posso. Sei que nunca poderei. Sei que nunca será possível.

E, de repente, o mundo perde o foco.

Sou dominada por uma raiva, uma intensidade, uma ira tão potente que quase me levanta do chão. Fervo com ódio e repulsa cegos. Nem sequer compreendo como os meus pés se movem no instante seguinte. Não percebo as minhas mãos e o que fazem ou como decidiram voar para diante, com os dedos esticados, avançando para a janela. Sei apenas que quero sentir o pescoço do Warner estalar entre as minhas mãos. Quero que sinta o mesmo terror a que acaba de submeter uma criança. Quero vê-lo morrer. Quero vê-lo suplicar por misericórdia.

Atravesso as paredes de betão.

Esmago o espelho com 10 dedos.

Seguro um punhado de gravilha e um punhado de tecido contra o pescoço do Warner e há 50 armas diferentes apontadas à minha cabeça. O ar está pesado com cimento e enxofre, com o vidro caindo numa sinfonia agonizante de corações despedaçados.

Encosto o Warner com violência à superfície áspera do betão.

— Não se atrevam a disparar — consegue dizer o Warner aos guardas. Ainda não lhe toquei a pele, mas abala-me a estranha suspeita de que conseguirei esmagar-lhe as costelas e o coração se pressionar apenas um pouco mais.

— Devia matar-te. — A minha voz é um sussurro grave, uma expiração descontrolada.

— Tu... — Tenta engolir. — Tu acabas... acabas de destruir betão com as tuas próprias mãos.

Pestanejo. Não me atrevo a olhar para trás. Mas sei sem precisar de olhar que não pode ser mentira. Terei feito isso mesmo. A minha cabeça é um labirinto de impossibilidade.

Por um momento, tudo fica turvo.

As armas

clique

clique

clique

Cada momento é tenso.

— Se algum de vocês a ferir, eu próprio o abaterei — brada o

Warner.

— Mas, senhor...

— PARA TRÁS, SOLDADO...

A raiva desaparece. A fúria súbita e incontrolável foi-se. A minha mente já se rendeu à descrença. À confusão. Não percebo o que fiz. Obviamente, não sei do que sou capaz porque não sabia que conseguia destruir alguma coisa e, de repente, sinto-me tão horrorizada tão horrorizada tão horrorizada com as minhas próprias mãos. Cambaleio para trás, atordoada, e vejo o Warner olhar-me com avidez, com gula, com um fascínio juvenil que dá brilho os seus olhos esmeralda. Quase treme de excitação.

Tenho uma serpente na garganta e não consigo engoli-la. Enfrento o olhar do Warner.

— Se me voltares a pôr numa situação destas, *mato-te*. E vou gostar de o fazer.

Nem sequer percebo se estou a mentir.

VINTE E SEIS

O Adam encontra-me encolhida no chuveiro, sentada no chão.

Passei tanto tempo a chorar que tenho a certeza de que a água quente é composta apenas pelas minhas lágrimas. Tenho a roupa colada à pele, molhada e inútil. Quero que a água a arraste. Quero afogar-me na ignorância. Quero ser estúpida, surda, muda, completamente despojada de cérebro. Quero cortar os meus próprios membros. Quero despir aquela pele capaz de matar e livrar-me daquelas mãos que destroem e daquele corpo que nem sequer consigo compreender.

Tudo se desfaz.

— Juliette... — Pressiona a mão sobre o vidro. Mal consigo ouvi-lo.

Quando respondo, abre a porta do chuveiro. É atingido por gotas rebeldes e sacode as botas dos pés antes de se ajoelhar nos mosaicos do chão. Coloca a mão no interior para me tocar nos braços e a sensação consegue apenas fazer-me desejar mais a morte. Suspira e puxa-me para cima o suficiente para me erguer a cabeça. As suas mãos prendem-me a cara e os seus olhos movem-se sobre mim, procurando alguma coisa no meu interior até eu afastar o olhar dele.

— Sei o que aconteceu — diz, baixando a voz.

A minha garganta é um réptil coberto com escamas.

— Alguém devia matar-me — gemo, estalando com cada palavra.

O braço do Adam envolve-me até me levantar e as minhas pernas tremem e erguemo-nos os dois. Entra no chuveiro e fecha a porta depois de passar.

Gemo de espanto.

Encosta-me à parede e não vejo nada além da camisola branca ensopada dele, nada além da água dançando-lhe pela cara abaixo, nada além dos olhos cheios de um mundo de que anseio fazer parte.

— A culpa não foi tua — sussurra.

— É o que *sou* — sufoco.

— Não. O Warner está enganado a teu respeito — diz o Adam. — Quer que sejas uma coisa que não és e não podes deixar que te derrube. Não podes deixá-lo entrar na tua cabeça. *Quer* que acredites que és um monstro. Quer que penses que a tua única hipótese é juntares-te a eles. Quer que penses que nunca conseguirás ter uma vida normal...

— Mas não terei uma vida normal. — Contenho um soluço. — Nunca... Eu n-nunca...

O Adam abana a cabeça.

— Terás. Vamos tirar-te daqui. Não deixarei que isto te aconteça.

— C-como podes preocupar-te com alguém... como *eu*? — Mal respiro, nervosa e petrificada, mas consigo de alguma forma olhar-lhe fixamente para os lábios, estudando a sua forma e contando as gotas de água que caem sobre os montes e vales da sua boca.

— É porque te amo.

Engulo o estômago. Os meus olhos erguem-se para lhe interpretar a expressão, mas sou um aglomerado de eletricidade, vibrando com vida e relâmpagos, quente e fria e com um coração errático. Tremo nos braços dele e os meus lábios entreabrem-se sem motivo nenhum.

A sua boca forma um sorriso. Os meus ossos desapareceram.

Rodopio em delírio.

O nariz dele toca o meu, os seus lábios estão a um fôlego de distância. Os seus olhos devoram-me e estou reduzida a uma poça sem braços e sem pernas. Sinto-lhe o cheiro por toda a parte. Sinto cada ponto do seu corpo segurando-me as ancas, com as pernas apertadas contra as dele, o peito dele esmagando-me com a sua força, o seu corpo construído com tijolos de desejo. O sabor das suas palavras perdurando nos meus lábios.

— A sério...? — Deixo escapar um suspiro de incredulidade, faço um esforço consciente para acreditar no que nunca foi dito. Sinto-me corar dos pés à cabeça, repleta de uma plenitude indizível.

Olha-me com tanta emoção que quase me racho ao meio.

— Bolas, Juliette...

E beija-me.

Uma, duas vezes, até eu perceber que nunca será suficiente depois de provar. Está por toda a parte, atrás de mim, sobre os meus braços e, de repente, beija-me com mais força numa necessidade em ebulição que nunca antes vi. Cessa para respirar e esconde os lábios no meu cabelo, ao longo da clavícula, subindo pelo queixo e bochechas e fazendo-me arfar. Destrói-me com as mãos e estamos encharcados em água e beleza e emoção de um momento que nunca julguei possível.

Afasta-se com um gemido baixo e quero que dispa a camisa.

Preciso de ver o pássaro. Preciso que me fale do pássaro.

Os meus dedos puxam-lhe as roupas molhadas e os meus olhos arregalam-se por um segundo antes de se despir. Segura-me nas mãos e levanta os meus braços acima da cabeça e prende-me contra a parede, beijando-me até eu ter a certeza de que sonho, bebendo-me os lábios com os seus lábios e sabendo a chuva e a almíscar doce e estou prestes a explodir.

Os meus joelhos batem um no outro e o meu coração palpita tão depressa que não percebo como pode continuar a funcionar. Ele anula com beijos a dor, a mágoa, os anos de baixa autoestima, as inseguranças, as esperanças apressadas num futuro que sempre imaginei obsoleto. Incendeia-me, queima a tortura dos jogos do Warner, a angústia que me envenena em cada dia que passa. A intensidade dos nossos corpos conseguiria estilhaçar aquelas paredes de vidro.

Quase o faz.

Por um momento, olhamos um para o outro, ofegantes, até me sentir corar, até ele fechar os olhos, recompondo-se com uma inspiração trémula e até lhe colocar uma mão no peito. Ouso traçar na sua pele a silhueta de um pássaro em voo, ousou descer os dedos pelo seu abdómen abaixo.

— És o meu pássaro — digo-lhe. — És o meu pássaro e vais ajudar-me a voar para longe.

O Adam partiu quando saí do chuveiro.

Torceu a roupa, secou-se e deu-me privacidade para me mudar. A privacidade deixou de ser uma coisa com que me importo. Levo 2 dedos aos meus lábios e sinto o sabor dele por toda a parte.

Mas, quando entro no quarto, não o vejo em parte alguma. Precisou de se apresentar no andar de baixo.

Olho fixamente as roupas no meu armário.

Escolho sempre um vestido com bolsos porque não sei de outro sítio onde possa guardar o meu caderno. Não contém informações incriminatórias e a única folha com a caligrafia do Adam foi destruída e deitada pela sanita abaixo, mas gosto de o manter perto de mim. Representa muito mais do que apenas algumas palavras rabiscadas num papel. É um pequeno sinal da minha resistência.

Enfio o caderno num bolso e decido finalmente que estou pronta para me enfrentar a mim mesma. Inspiro profundamente, afasto dos olhos madeixas molhadas e saio para a casa de banho. O vapor do chuveiro embaciou o espelho. Ergo uma mão receosa para limpar um pequeno círculo. Com tamanho à justa.

Uma face assustada retribui-me o olhar.

Levo a mão às bochechas e estudo a superfície refletora, estudo a imagem de uma rapariga que me é simultaneamente estranha e familiar. A minha cara está mais magra, mais pálida, com as maçãs do rosto mais altas do que achava e com as minhas sobrancelhas erguendo-se sobre 2 pares de olhos arregalados, não azuis ou verdes, mas algures entre ambas as cores. A minha pele está corada devido à água quente e a alguma coisa chamada Adam. Os meus lábios estão demasiado rosados. Os meus dentes são invulgarmente direitos. Um dedo desce-me pelo nariz, seguindo a forma do queixo, quando deteto movimento pelo canto do olho.

— És tão bonita — diz-me.

Fico rosa e vermelha e escarlata ao mesmo tempo. Baixo a cabeça e cambaleio para longe do espelho, caindo nos braços dele.

— Tinha-me esquecido da minha própria cara — sussurro.

— O importante é que não te esqueças de quem és — diz.

— Nem sequer sei.

— Sabes, sim. — Ergue-me a cara. — Eu sei.

Olho fixamente para a força no seu maxilar, nos seus olhos, no seu corpo. Tento perceber a confiança que tem na crença de quem sou e percebo que a sua segurança é a única coisa que me impede de mergulhar num poço da minha própria insanidade. Sempre acreditou em mim. Mesmo em silêncio, lutou por mim. Sempre.

É o meu único amigo.

Pego-lhe na mão e levo-a aos lábios.

— Sempre te amei — digo-lhe.

O sol nasce, paira no céu, ilumina-lhe a cara e quase sorri, quase deixa de conseguir olhar-me nos olhos. Os seus músculos descontraem, os seus ombros encontram alívio no peso de um novo tipo de encanto e expira. Toca-me na cara. Toca-me nos lábios, toca-me na ponta do queixo, pestaneja e beija-me, puxa-me para os seus braços, ergue-me no ar e, de alguma forma, estamos na cama, emaranhados um no outro e sinto-me inebriada pela emoção, inebriada por cada momento de ternura. Os dedos dele roçam-me o ombro, descem-me pelo corpo, repousam nas minhas ancas. Puxa-me mais para ele, sussurra-me o meu nome, beija-me pelo pescoço abaixo e puxa o tecido grosso do meu vestido. As mãos tremem-lhe ligeiramente e os olhos transbordam de emoção. O seu coração palpita com dor e afeto e quero viver ali, nos seus braços, nos seus olhos, durante o resto da minha vida.

Enfio-lhe as mãos por baixo da camisa e suprime um gemido que se transforma num beijo carente de mim, que me quer e que precisa de me ter com tamanho desespero que é como a forma mais cruel de tortura. O seu peso pressionado contra mim, sobre mim, com pontos infinitos de sensação em cada terminação nervosa do meu corpo, a sua mão direita atrás do meu corpo e a mão esquerda puxando-me para ele enquanto os lábios descem pela minha camisa abaixo e já não percebo porque preciso de usar roupa e a minha existência torna-se um cúmulo-nimbo de trovão e relâmpago e possibilidade de irromper em lágrimas em qualquer momento inoportuno. Êxtase êxtase êxtase bate no meu peito.

Não recordo o que significa respirar.

Nunca

sequer
soube
o que significa *sentir*.

Um alarme troveja através das paredes.

O quarto desperta com o alarido e o Adam fica rígido, afastando-se. A sua expressão desmorona-se.

— CÓDIGO SETE. Todos os soldados devem apresentar-se já no Quadrante. CÓDIGO SETE. Todos os soldados devem apresentar-se já no Quadrante. CÓDIGO SETE. Todos os soldados devem apresentar-se já no Quadra...

O Adam levanta-se e puxa-me para cima enquanto a voz continua a gritar ordens pelo sistema de som do edifício.

— Houve uma infiltração — diz com voz trémula e forçada, movendo os olhos entre mim e a porta. — Bolas. Não posso deixar-te aqui...

— Vai — digo-lhe. — Tens de ir... Fico bem...

Passos trovejam pelos corredores e soldados gritam uns aos outros tão alto que consigo ouvi-los através das paredes. O Adam continua de serviço. Tem de cumprir o seu dever. Tem de manter as aparências até podermos partir. Sei isto.

Puxa-me para ele.

— Não é uma piada, Juliette... Não sei o que acontece... pode ser qualquer coisa...

Um clique metálico. Um ruído mecânico. A porta abre-se de repente e o Adam e eu afastamo-nos três metros com um salto.

O Adam corre para a saída enquanto o Warner entra. Param os dois.

— O alarme soa há pelo menos um minuto, soldado.

— Sim, senhor. Não sabia o que fazer com ela. — Mostra-se subitamente composto, uma perfeita estátua. Faz sinal com a cabeça na minha direção como se eu fosse apenas mais uma preocupação, mas percebo que os seus ombros parecem ligeiramente rígidos. Respira depressa demais.

— Felizmente para ti, estou aqui para me ocupar dela. Podes apresentar-te ao teu comandante.

— Senhor. — O Adam acena com a cabeça, gira sobre os calcanhares e corre pela porta fora. Espero que o Warner não tenha reparado na sua hesitação.

Vira-se para mim com um sorriso tão despreocupado que começo a questionar a veracidade do caos no edifício. Estuda-me a expressão. O cabelo. Olha os lençóis enrugados atrás de mim e sinto que engoli uma aranha.

— Dormiste uma sesta?

— Não consegui dormir ontem à noite.

— Rasgaste o vestido.

— Que fazes aqui? — Preciso que pare de me olhar fixamente. Preciso que pare de interiorizar os pormenores da minha existência.

— Se não gostas do vestido, podes sempre escolher um diferente, sabes. Escolhi-os especialmente para ti.

— Não há nada de mal neste vestido. — Olho para o relógio sem motivo. Já são 4h30 da tarde. — Porque não me dizes o que se passa?

Está demasiado próximo. Olha-me e os meus pulmões não conseguem encher-se.

— É melhor mudares de roupa.

— Não quero mudar de roupa. — Não sei porque me sinto tão nervosa. Porque o espaço entre nós se reduz tão depressa.

Enfia um dedo no rasgão perto da cintura do meu vestido e contendo um grito.

— Isto não é aceitável.

— Não faz mal...

Puxa com tanta força o rasgão que rasga mais ainda o tecido e cria uma racha pela minha perna acima.

— Está um pouco melhor.

— Que *fazes*...

As mãos dele serpenteiam-me pela cintura acima, seguram-me os braços e sei que preciso de me defender, mas estou paralisada e quero gritar, mas perdi perdi perdi a voz. Sou uma inspiração superficial de desespero.

— Tenho uma pergunta — diz. E tento pontapeá-lo com aquele vestido inútil e ele limita-se a apertar-me contra a parede, com o peso do seu corpo imobilizando-me e cada centímetro de pele coberto por roupa, uma camada protetora entre nós. — Disse que tenho uma pergunta, Juliette.

A mão dele enfia-se tão depressa no meu bolso que demoro um momento a perceber o que fez. Arfo contra a parede, tremendo e tentando recompor-me.

— Estou curioso — diz. — O que é *isto*?

Segura o meu caderno entre 2 dedos.

Oh, Deus.

Este vestido é muito justo para esconder a forma do caderno e estava demasiado ocupada a olhar para a minha cara para ver o vestido no espelho. É tudo culpa minha culpa minha culpa minha culpa minha. Não acredito. É tudo culpa minha. Devia ter percebido.

Não digo nada.

Inclina a cabeça.

— Não me lembro de te dar um caderno. E também não me lembro de te autorizar objetos pessoais.

— Trouxe-o comigo. — A minha voz vacila.

— Agora estás a mentir.

— Que queres de mim? — Entro em pânico.

— Que pergunta estúpida, Juliette.

O som breve de metal liso deslizando. Alguém abriu a minha porta.

Clique.

— Tira-lhe as mãos de cima antes que te meta uma bala na cabeça.

VINTE E SETE

Os olhos do Warner fecham-se muito devagar. Ele afasta-se muito lentamente. Os seus lábios desenham um sorriso perigoso.

— Kent.

As mãos do Adam estão firmes, pressionando o cano da arma contra o crânio do Warner, por trás.

— Vais deixar-nos sair daqui.

O Warner ri-se. Abre os olhos e tira uma arma do bolso interior, apontando-a diretamente à testa.

— Mato-a agora mesmo.

— Não és assim tão estúpido — diz o Adam.

— Se se mexer um milímetro, disparo. A seguir, desfaço-te.

O Adam move-se rapidamente, golpeando a cabeça do Warner com o punho da arma. A pistola do Warner dispara por acidente e o Adam segura-lhe no braço e torce-lhe o pulso até os seus dedos cederem. Tiro a arma da mão frouxa do Warner e bato-lhe com o punho na cara. Os meus reflexos atordoam-me. Nunca antes empunhei uma arma, mas suponho que haverá uma primeira vez para tudo.

Aponto-a aos olhos do Warner.

— Não me subestimes.

— *Porra.* — O Adam não se dá ao trabalho de camuflar a surpresa.

O Warner tosse enquanto se ri, recupera o equilíbrio e tenta sorrir enquanto limpa o sangue do nariz.

— Nunca te subestimei — diz-me. — Nunca o fiz.

O Adam abana a cabeça por menos de um segundo antes de lhe surgir um sorriso enorme na cara. Sorri para mim enquanto pressiona

mais a arma contra o crânio do Warner.

— Vamos embora daqui.

Pego nos dois sacos enfiados no armário e atiro um ao Adam. Há uma semana que nos preparámos para isto. Se quer fugir antes do previsto, não me queixo.

O Warner tem sorte por sermos misericordiosos.

E nós temos a sorte de o edifício inteiro ter sido evacuado. Não tem quem o possa ajudar.

O Warner pigarreia. Olha-me fixamente quando fala.

— Asseguro-te, meu soldado, que o teu triunfo será efémero. É melhor que me mates já porque, quando te encontrar, vou triturar cada osso no teu corpo. És tolo se acreditas que vais conseguir safar-te com isto.

— Não sou teu soldado. — A face do Adam é uma máscara de pedra. — Nunca fui. Andas tão preso nos pormenores das tuas próprias fantasias que não reparaste nos perigos à frente do teu nariz.

— Ainda não podemos matar-te — digo. — Tens de nos tirar daqui.

— Cometes um erro enorme, Juliette — diz-me. A sua voz amansa. — Desperdiças um futuro inteiro. — Suspira. — Como sabes que podes confiar nele?

Fitou o Adam. O Adam, o rapaz que sempre me defendeu, mesmo quando não tinha nada a ganhar com isso. Abano a cabeça para afastar a possibilidade. Recordo a mim mesma que o Warner é um mentiroso. Um lunático. Um assassino psicopata. Nunca tentaria ajudar-me.

Acho.

— Vamos antes que seja tarde demais — digo ao Adam. — Está a empatar-nos enquanto os soldados não chegam.

— Ele nem sequer gosta de ti! — explode o Warner. A intensidade subitamente descontrolada da sua voz sobressalta-me. — Só quer sair daqui e *usa-te*! — Dá um passo em frente. — Poderia amar-te, Juliette... tratar-te-ia como uma *rainha*...

O Adam prende-o rapidamente com um braço e aponta-lhe a arma à têmpora.

— Parece-me óbvio que não percebes o que se está a passar aqui — afirma, muito cauteloso.

— Então esclarece-me, soldado — consegue dizer o Warner. Os seus olhos são chamuscas perigosas dançando. — Diz-me o que não consigo perceber.

— Adam. — Abano a cabeça.

Olha-me nos olhos. Acena com a cabeça. Vira-se para o Warner.

— Faz a chamada — diz, apertando-lhe um pouco mais o pescoço. — Tira-nos daqui *agora*.

— Só por cima do meu cadáver ela poderá sair por aquela porta. — O Warner ajusta o maxilar e cospe sangue no chão. — A ti, matava-te por gosto — diz ao Adam. — Mas quero a Juliette para sempre.

— Não te pertenço para me *quereres*. — Estou demasiado ofegante. Sinto-me ansiosa para sair dali. Irritada por não parar de falar, mas, por mais que adorasse partir-lhe a cara, não nos servirá de nada se estiver inconsciente.

— Podias amar-me, sabes? — Esboça um sorriso estranho. — Seríamos imparáveis. Mudaríamos o mundo. Podia fazer-te feliz — diz-me.

O Adam parece prestes a partir o pescoço do Warner. A sua expressão está tão tensa, tão furiosa. Nunca vi ninguém assim.

— Não tens nada para lhe oferecer, seu cabrão doentio.

O Warner fecha os olhos por um segundo.

— Juliette. Tem calma. Não tomes uma decisão irrefletida. Fica comigo. Serei paciente contigo. Dou-te tempo para te adaptares. Vou cuidar de ti...

— És louco. — As minhas mãos tremem, mas volto a apontar-lhe a arma à cara. Preciso que saia da minha cabeça. Preciso de lembrar o que me fez. — Queres que seja um *monstro* para teu proveito...

— Quero que aproveites o teu *potencial*!

— Deixa-me ir — digo-lhe, baixando a voz. — Não quero ser a tua criatura. Não quero magoar ninguém.

— O mundo já te magoou a *ti* — replica. — O mundo *pôs-te* aqui. Estás aqui por culpa deles! Achas que, se te fores embora, te vão aceitar? Achas que podes fugir e viver uma vida normal? Ninguém gostará de ti. Ninguém se aproximará de ti... serás uma pária como sempre foste! Nada mudou! O teu lugar é aqui, comigo!

— O lugar dela é *comigo*. — A voz do Adam cortaria aço.

O Warner estremece. Pela primeira vez, parece compreender o que acreditava ser óbvio. Os seus olhos estão tão abertos, horrorizados, incrédulos, fitando-me com um novo tipo de angústia.

— Não. — Uma gargalhada breve e tresloucada. — Juliette. Por favor. Por favor. Não me digas que ele te encheu a cabeça com tolices românticas. Por favor, não me digas que te deixaste levar pelas proclamações falsas dele...

O Adam golpeia a coluna do Warner com o joelho. O Warner cai ao chão com um estalo abafado e uma inspiração interrompida. O Adam dominou-o totalmente. Sinto que devia gritar de júbilo.

Mas estou demasiado ansiosa. Demasiado presa pela minha descrença. Demasiado insegura para sentir confiança nas minhas decisões. Preciso de me recompor.

— Adam...

— *Amo-te* — diz-me, com os olhos tão francos como me lembro, com as palavras tão urgentes como deveriam ser. — Não o deixes confundir-te...

— *Ama-la?* — O Warner quase cospe as palavras. — Nem sequer...

— Adam. — O quarto ganha foco e volta a perdê-lo. Olho fixamente pela janela. Volto a olhá-lo.

Arqueia as sobrancelhas.

— Queres *saltar*?

Aceno afirmativamente.

— Mas estamos no décimo quinto andar...

— Que escolha temos se ele não colaborar? — Olho para o Warner. Inclino a cabeça. — Não há Código Sete nenhum, pois não?

Os cantos dos lábios do Warner erguem-se. Não diz nada.

— Porque fizeste uma coisa destas? — pergunto-lhe. — Porque deste um falso alarme?

— Porque não perguntas ao soldado de que gostas tanto? — replica o Warner, enojado. — Porque não perguntas a ti mesma porque confias a vida a alguém que nem sequer consegue distinguir entre uma ameaça real e uma ameaça imaginada?

O Adam pragueja entredentes.

Olho para ele e atira-me a arma.

Abana a cabeça. Volta a praguejar. Fecha e abre o punho.

— Era só um exercício.

O Warner ri-se.

O Adam olha para a porta, para o relógio, para a minha cara.

— Não temos muito tempo.

Seguro a arma do Warner na mão esquerda e a do Adam na direita e aponto as duas à testa do Warner, esforçando-me para ignorar o olhar que me dirige. O Adam usa a mão livre para procurar alguma coisa nos bolsos. Tira um par de atilhos de plástico e pontapeia o Warner para o fazer deitar-se de costas antes de lhe atar os membros. As botas e luvas do Warner ficam no chão. O Adam mantém um pé pressionado sobre o seu estômago.

— Um milhão de alarmes soará assim que saltarmos por essa janela — diz-me. — E, porque teremos de fugir, não podemos correr o risco de partir as pernas. Não podemos saltar.

— Então o que fazemos?

Passa uma mão pelo cabelo e morde o lábio inferior e, por um momento delirante, tudo o que quero é prová-lo. Forço-me a concentrar-me.

— Tenho corda — diz. — Teremos de descer depressa.

Começa a puxar uma corda com um pequeno grampo semelhante a uma âncora na ponta. Perguntei-lhe tantas vezes para que precisaria da corda e porque a tinha enfiado no saco. Disse-me que uma corda era sempre útil. Agora, quase tenho vontade de rir.

Vira-se para mim.

— Desço primeiro para poder apanhar-te lá em baixo...

O Warner ri-se. Demasiado alto.

— Não podes *apanhá-la*, idiota. — Agita-se, forçando as algemas de plástico. — Está quase nua. Vai matar-te e matar-se a ela na queda!

Movo os olhos entre o Warner e o Adam. Já não tenho tempo para as charadas do Warner. Tomo uma decisão rápida.

— Fá-lo. Vou atrás de ti.

O Warner parece desvairado e confuso.

— Que fazes?

Ignoro-o.

— Espera...

Ignoro-o.

— Juliette.

Ignoro-o.

— Juliette! — A sua voz está mais tensa, mais aguda, eivada de raiva, terror, negação e traição. A compreensão é uma nova peça no puzzle da sua mente. — Ele consegue *tocar-te*?

O Adam enrola o punho num lençol.

— Bolas, Juliette, responde-me! — O Warner contorce-se no chão, descontrolado de uma forma que nunca julguei possível. Parece um animal selvagem, com olhos incrédulos e horrorizados. — *Tocou-te*?

Não percebo porque as paredes passaram a estar subitamente no teto. Tudo cai para o lado.

— Juliette...

O Adam parte o vidro com um golpe brusco, um murro sólido e, imediatamente, o quarto inteiro rodopia com a histeria de um alarme que não se assemelha a qualquer som que tenha ouvido. O quarto troveja debaixo dos meus pés, ouvindo passos ecoando pelos corredores. Percebo que estamos a um minuto de sermos descobertos.

O Adam atira a corda pela janela e põe o saco às costas.

— Atira-me o teu saco! — grita e mal consigo ouvi-lo. Atiro-lhe o meu saco e apanha-o antes de sair pela janela. Corro para me juntar a ele.

O Warner tenta agarrar-me na perna.

O seu esforço falhado quase me faz tropeçar, mas consigo cambalear até à janela sem perder muito tempo. Olho para a porta e sinto o coração palpar-me nos ossos. O som de soldados a correr e a gritar torna-se mais intenso, mais próximo, mais audível com cada segundo.

— Depressa! — grita-me o Adam.

— Juliette, *por favor*...

O Warner volta a tentar agarrar-me na perna e gemo tão alto que quase consigo ouvir-me sobre as sirenes que me perfuram os tímpanos. Não o olho. Não o olho. Não o olho.

Passo uma perna pela janela e seguro a corda. As minhas pernas nuas vão tornar a descida uma provação dolorosa. Passo as duas pernas. Posiciono as mãos. O Adam chama-me lá em baixo e não sei a que distância está. O Warner grita o meu nome e olho para cima apesar dos meus esforços para não o fazer.

Os olhos dele são dois tiros verdes numa vidraça. Perfuram-me.

Inspiro fundo e espero não morrer.

Inspiro fundo e desço pela corda abaixo.

Inspiro fundo e espero que o Warner não perceba o que acaba de acontecer.

Espero que não perceba que acaba de me tocar na perna.

E que não aconteceu nada.

VINTE E OITO

Ardo.

A corda queima-me tão intensamente as pernas que me surpreende não haver fumo. Ignoro a dor porque não tenho alternativa. A histeria que se alastra pelo edifício devasta-me os sentidos, cercando-nos com raiva. O Adam grita em baixo, dizendo-me que salte, prometendo que me apanha. A vergonha impede-me de admitir que a queda me assusta.

Nunca tenho oportunidade de tomar decisões sozinha.

Soldados enchem já o que era o meu quarto, gritando, confusos e provavelmente chocados por encontrarem o Warner numa posição tão frágil. Foi demasiado fácil dominá-lo. Isso preocupa-me.

Faz-me pensar que fizemos alguma coisa horripelantemente mal.

Alguns soldados espreitam pela janela estilhaçada e deslizo freneticamente pela corda abaixo, mas já começaram a soltar o grampo. Preparo-me para a sensação agonizante da queda livre e percebo que não tentam atirar-me ao chão. Tentam puxar-me para cima.

Será essa a ordem que o Warner lhes dá.

Olho para o Adam e cedo finalmente aos seus apelos. Fecho os olhos com força e solto a corda.

Caio diretamente nos seus braços abertos.

Desabamos no chão, mas perdemos o fôlego apenas por um momento. O Adam segura-me na mão e começamos a correr.

Não há nada além de espaço vazio e ermo alongando-se à nossa frente. Asfalto rachado, pavimento irregular, estradas de terra, árvores sem folhas, plantas moribundas, uma cidade amarelecida abandonada

aos elementos, afogada em folhas mortas que estalam sob os nossos pés. Os complexos civis são baixos e atarracados, agrupados sem ordem aparente. O Adam assegura que nos distanciamos deles tanto quanto possível. Os altifalantes já agem contra nós. O som de uma voz feminina delicadamente artificial abafa as sirenes.

— *Recolher obrigatório decretado. Regressem todos imediatamente às vossas casas. Há rebeldes nas imediações. Estão armados e preparados para disparar. Recolher obrigatório decretado. Regressem todos imediatamente às vossas casas. Há rebeldes nas imediações. Estão armados e preparados para dis...*

Sinto dores nos flancos, a pele retesada e a garganta seca, desesperada por água. Não sei há quanto tempo estamos a correr. Ouço apenas as botas golpeando o pavimento, o guincho de pneus arrancando de garagens subterrâneas, os alarmes soando atrás de nós.

Olho para trás e vejo pessoas a gritar e a correr para abrigos, afastando-se com cabeça baixa dos soldados que revistam apressadamente os seus lares, batendo violentamente às portas para tentar descobrir se nos escondemos em alguma daquelas casas. O Adam puxa-me para longe da civilização e dirigimo-nos para as ruas abandonadas de uma década anterior: lojas e restaurantes antigos, ruas secundárias estreitas e parques infantis abandonados. O acesso ao terreno sem regras das nossas vidas passadas foi rigorosamente bloqueado. É território proibido. Tudo está partido, fechado pela ferrugem, sem vida. Ninguém pode entrar ali. Nem mesmo os soldados.

E avançamos por estas ruas, tentando manter-nos longe de vista.

O sol mergulha no céu sobre o horizonte. A noite virá em breve e não sei onde estamos. Nunca esperei que tanta coisa acontecesse tão depressa e nunca esperei que acontecesse tudo no mesmo dia. Resta-me apenas esperar sobreviver, mas não faço a mínima ideia do sítio para onde poderemos dirigir-nos. Nunca me ocorreu perguntar ao Adam sobre o nosso destino.

Corremos num milhão de direções diferentes. Virando abruptamente, seguindo em frente alguns metros e voltando para trás num sentido contrário. O meu melhor palpite é que o Adam tenta

confundir e/ou distrair os nossos perseguidores tanto quanto possível. Tudo o que posso fazer é tentar acompanhá-lo.

E falho.

O Adam é um soldado treinado. Preparou-se exatamente para aquele tipo de situações. Sabe fugir, manter a discrição, mover-se silenciosamente em qualquer espaço. Eu, por outro lado, sou uma rapariga destroçada que não se exercita há demasiado tempo. Os meus pulmões ardem com o esforço de inalar oxigénio, silvando com o esforço de expirar dióxido de carbono.

De súbito, ofego tão desesperadamente que o Adam é forçado a puxar-me para uma rua secundária. A sua respiração é um pouco mais laboriosa do que o habitual, mas eu estou totalmente embrenhada na minha asfixia, devido à fraqueza do meu corpo débil.

O Adam segura-me a cara nas mãos e tenta fixar o olhar no meu.

— Quero que respires como eu, está bem?

Ofego um pouco mais.

— Concentra-te, Juliette. — Os seus olhos estão tão determinados. A sua paciência é infinita. Parece intrépido e eu invejo a sua compostura. — Acalma o coração — diz-me. — Respira exatamente como eu.

Faz 3 inspirações rápidas, sustém o ar durante alguns segundos e liberta-o numa longa expiração. Tento copiá-lo. Não sou muito boa nisso.

— Muito bem. Quero que continues a respirar... — Para. Os seus olhos erguem-se e movem-se pela rua abandonada por uma fração de segundo. Sei que precisamos de seguir caminho.

Tiros estilhaçam a atmosfera. Nunca percebi quão sonoros são ou a que ponto esse som fratura cada osso funcional no meu corpo. Um arrepio gélido alastra-se pelo meu sangue e percebo imediatamente que não tentam matar-me. Tentam matar o Adam.

Subitamente, sinto-me asfixiada por um novo tipo de ansiedade. Não posso deixar que lhe façam mal.

Não por mim.

Mas o Adam não tem tempo para esperar que eu recupere o fôlego e a lucidez. Ergue-me nos braços e parte em linha diagonal, atravessando

outro beco.

E corremos.

E respiro.

E grita:

— Prende os braços à volta do meu pescoço! — Solto-lhe a camisola e sou suficientemente estúpida para me sentir envergonhada enquanto o envolvo com os braços. Reajusta-me para ficar mais alta, mais perto do peito. Leva-me como se não pesasse nada.

Fecho os olhos e pressiono a cara contra o seu pescoço.

Os tiros ouvem-se algures atrás de nós, mas consigo perceber pelo som que estão demasiado distantes e na direção errada. Aparentemente, conseguimos escapar-lhes por um momento. Os carros não conseguem sequer encontrar-nos porque o Adam evitou as ruas principais. Parece ter um mapa mental da cidade. Parece saber exatamente o que faz... como se planeasse aquilo há muito tempo.

Depois de inspirar exatamente 594 vezes, o Adam pousa-me à frente de uma vedação de arame. Percebo que se esforça para inalar oxigénio, mas não está ofegante como eu. Sabe controlar a respiração. Sabe como acalmar a pulsação e o coração, como controlar os órgãos. Sabe como sobreviver. Espero que também me ensine.

— Juliette — diz, após um momento sem fôlego. — Consegues saltar esta vedação?

Estou tão desejosa de ser mais do que um fardo inútil que quase corro pela barreira metálica acima. Mas sou descuidada. E demasiado apressada. O meu vestido quase fica preso no arame e arranho as pernas. A dor faz-me encolher e, no momento que demoro a reabrir os olhos, o Adam está já a meu lado.

Baixa o olhar para as minhas pernas e suspira. Quase se ri. Penso no aspeto que terei, esfarrapada e desvairada dentro daquele vestido rasgado. A racha aberta pelo Warner subiu-me até à anca. Devo parecer um animal selvagem.

O Adam não parece importar-se.

Também abrandou. Avancamos com uma passada acelerada. Deixámos de correr pelas ruas. Percebo que estaremos mais perto de algo que se assemelhe a segurança, mas não sei se deverei fazer

perguntas agora ou guardá-las para mais tarde. O Adam responde aos meus pensamentos silenciosos.

— Não conseguirão encontrar-me aqui — diz. E percebo que todos os soldados terão algum tipo de dispositivo localizador no corpo. Penso porque nunca me colocaram um.

Não devia ser assim tão fácil fugir.

— Os nossos localizadores não são tangíveis — explica. Viramos à esquerda noutra viela. O sol mergulha no horizonte. Tento perceber onde estamos. Quão distantes estaremos dos colonatos Restabelecidos para não haver ninguém aqui. — É um soro especial injetado na nossa corrente sanguínea — continua. — Foi concebido para funcionar com os processos naturais do nosso corpo. Saberá, por exemplo, se morresse. É uma forma excelente de localizar soldados perdidos em combate. — Olha-me pelo canto do olho. Esboça um sorriso enviesado que quero beijar.

— Como confundiste o localizador?

O seu sorriso cresce. Agita uma mão em nosso redor.

— Este espaço onde estamos? Era uma central nuclear. Um dia, explodiu tudo.

Os meus olhos ficaram tão grandes como a minha cara inteira.

— Quando?

— Há uns 5 anos. Limparam tudo muito depressa. Esconderam-na da comunicação social, das pessoas. Ninguém sabe realmente o que aconteceu aqui. Mas só a radiação é suficiente para matar. — Faz uma pausa. — Já matou.

Para.

— Passei por esta zona muitas vezes e nunca fui afetado. O Warner costumava enviar-me para aqui para recolher amostras do solo. Queria estudar os efeitos. — Passa uma mão pelo cabelo. — Acho que esperava manipular a toxicidade para criar um veneno qualquer. Quando aqui vim pela primeira vez, o Warner pensou que eu tinha morrido. O localizador está ligado a todos os nossos sistemas de processamento principais... um alerta é ativado sempre que um soldado tomba. Ele sabia que era arriscado enviar-me. Acho que não ficou muito surpreendido quando lhe disseram que tinha morrido. Ficou mais

surpreendido quando me viu regressar. — Encolhe os ombros, como se a sua morte tivesse sido um pormenor insignificante. — Há algo nos químicos aqui que contraria a composição molecular do localizador. Basicamente... todos acham que estou morto, agora.

— O Warner não desconfiará de que estás aqui?

— Talvez. — Semicerra os olhos para a luz débil do sol poente. As nossas sombras são longas e imóveis. — Ou posso ter levado um tiro. Seja como for, ganhamos algum tempo.

Pega-me na mão e sorri para mim e alguma coisa explode na minha consciência.

— Então e *eu*? — pergunto. — A radiação não pode matar-me a mim? — Espero não soar tão nervosa como me sinto. Nunca quis tanto estar viva em toda a minha existência. Não quero perder tudo tão cedo.

— Oh... não. — Abana a cabeça. — Desculpa, esqueci-me de te dizer... Um dos motivos para o Warner querer que recolhesse amostras do solo? É porque também és imune. Estudava-te. Disse que encontrou a informação nos teus registos hospitalares. Que foste testada...

— Mas nunca ninguém...

— ...provavelmente sem que soubesses e, apesar dos resultados positivos nos testes à radiação, estavas totalmente incólume a nível biológico. Não havia nada inerentemente mal em ti.

Não havia nada inerentemente mal em ti.

A observação é tão obviamente falsa que começo a rir-me. Tento suprimir a minha incredulidade.

— Não há nada mal em mim? Estás a brincar, certo?

O Adam olha-me durante tanto tempo que começo a corar. Levanta-me o queixo para o olhar nos olhos. Azul azul azul penetrante. A sua voz é tão grave, firme.

— Acho que nunca te ouvi rir.

É tão impecavelmente correto que não sei o que responder além da verdade. O meu sorriso transforma-se numa linha reta.

— O riso vem dos vivos. — Encolho os ombros. Tento parecer indiferente. — Nunca antes estive viva a sério.

O foco dos seus olhos não vacilou. Mantém-me no lugar com a intensidade de uma força poderosa vinda do seu âmago. Quase consigo

sentir-lhe o coração a bater contra a pele. Quase lhe sinto os lábios a respirar contra os meus pulmões. Quase sinto o seu sabor na minha língua.

Enche os pulmões com uma inspiração trémula e puxa-me para ele. Beija-me no alto da cabeça.

— Vamos para casa — sussurra.

VINTE E NOVE

Casa.

Casa.

Que significa aquilo?

Abro os lábios para fazer a pergunta e o seu sorriso matreiro é a única resposta que obtenho. Sinto-me envergonhada, excitada, ansiosa e ávida. O meu estômago enche-se com tambores sendo tocados em sincronia com o meu coração. Quase vibro com nervos elétricos.

Cada passo é um passo para longe do asilo, para longe do Warner, para longe da futilidade da existência que sempre conheci. Cada passo é um passo dado porque *quero* dá-lo. Pela primeira vez na minha vida, caminho em diante porque *quero* fazê-lo, porque sinto esperança e amor e o enlevo da beleza, porque quero saber como é estar *viva*. Podia saltar para apanhar uma brisa e ser soprada por ela para sempre.

Sinto que ganhei asas.

O Adam leva-me para uma cabana abandonada no limiar de um campo coberto com vegetação desmazelada e arbustos semelhantes a tentáculos, espinhosos e hediondos, possivelmente venenosos para quem os ingerisse. Pensei se será ali que o Adam espera que fiquemos. Entro no espaço sombrio e semicerro os olhos. Uma silhueta ganha definição.

Há um carro no interior.

Pestanejo.

Não é apenas um carro. É um tanque.

O Adam quase não consegue controlar a sua própria avidez. Fita a minha cara, procurando uma reação, e parece agradado com o meu

espanto. As suas palavras atabalhoam-se.

— Convenci o Warner de que arruinei um dos tanques que trouxe até aqui. Estas coisas são concebidas para funcionar com eletricidade... Por isso, disse-lhe que o controlo principal fritou em contacto com os vestígios químicos. Que foi corroído por alguma coisa na atmosfera. Mandou um carro para me vir buscar depois daquilo e disse que devíamos deixar o tanque onde estava. — Quase sorri. — O Warner enviava-me para aqui contra a vontade do pai e não quis que ninguém descobrisse que tinha destruído um tanque de 500 mil dólares. O relatório oficial diz que foi capturado pelos rebeldes.

— Não era possível que mais alguém pudesse ter vindo até aqui e visto o tanque?

O Adam abre a porta do lado oposto ao volante.

— Os civis mantêm-se bem longe deste sítio e nenhum outro soldado veio aqui. Mais ninguém queria expôr-se à radiação. — Inclina a cabeça. — É um dos motivos para o Warner te ter confiado a mim. Agradava-lhe que estivesse disposto a morrer pelo meu *dever*.

— Nunca acreditou que saíesses da linha — murmuro, compreensiva. O Adam abana a cabeça.

— Não. E, depois do que aconteceu com o soro de localização, não tinha motivos para temer que coisas tresloucadas fossem possíveis aqui. Desativei pessoalmente a parte elétrica do tanque, para o caso de ele querer verificar. — Indica com a cabeça o veículo monstruoso. — Ocorreu-me que poderia vir a ser útil um dia. É sempre bom estar preparado.

Preparado. Estava sempre preparado. Para correr. Para fugir.

Tento perceber porquê.

— Vem cá — diz, com a voz notavelmente mais delicada. Estende-me a mão na luz ténue e finjo que será uma feliz coincidência que as suas mãos rocem as minhas coxas nuas. Finjo que não é incrível a forma como tenta lidar com os rasgões no meu vestido enquanto me ajuda a entrar para o tanque. Finjo que não vejo a forma como me olha enquanto a última luz do sol desce no horizonte.

— Preciso de te tratar das pernas — diz, sussurrando contra a minha pele, e fazendo-me sentir eletricidade no sangue. Por um

momento, nem sequer percebo o que quer dizer. Não me importo. Os meus pensamentos são tão pouco práticos que me surpreendo. Nunca antes tive a liberdade de tocar em alguém. Certamente, nunca ninguém quis ter as minhas mãos no corpo. O Adam é uma experiência totalmente nova.

Tocar-lhe é tudo em que quero pensar.

— Os cortes não são muito maus — continua, com as pontas dos dedos deslizando sobre as minhas canelas. Sustenho a respiração. — Mas teremos de os limpar, como precaução. Às vezes, é mais seguro ser cortado com uma faca de talhante do que sofrer um arranhão provocado por uma farpa de metal qualquer. Não queres que infete.

Ergue o olhar. A mão dele está no meu joelho.

Aceno afirmativamente e não sei porquê. Penso se tremerei tanto por fora como por dentro. Espero que a escuridão seja suficiente para o impedir de ver como estou corada, como é embaraçoso que eu enlouqueça quando me toca no joelho. Preciso de dizer alguma coisa.

— É melhor irmos, não é?

— Sim. — Inspira fundo e parece voltar a si. — Sim. Temos de ir. — Espreita a luz tardia. — Temos algum tempo antes de perceberem que continuo vivo. E teremos de tirar partido disso.

— Mas, depois de partirmos deste sítio... o localizador não voltará a funcionar? Não saberão que não estás morto?

— Não. — Salta para o lugar do condutor e tenta ligar a ignição com dificuldade. Não há chave, apenas um botão. Penso se reconhecerá a impressão do polegar do Adam como autorização. Um pequeno solavanco e a máquina ganha vida.

— O Warner precisava de renovar o meu soro localizador sempre que eu voltava. Quando acaba, acaba. — Sorri. — Agora, podemos mesmo ir para longe daqui.

— Mas para onde vamos? — pergunto finalmente.

Move a alavanca das mudanças antes de responder.

— Para minha casa.

TRINTA

—Tens uma *casa*? — Estou demasiado chocada para ter modos.

O Adam ri-se e sai do campo. O tanque é surpreendentemente rápido, surpreendentemente ágil e furtivo. O motor serenou num zumbido tranquilizante e questiono-me se terá sido por isso que os tanques deixaram de ser movidos a gasolina e passaram a elétricos. Sem dúvida que dão menos nas vistas assim.

— Não exatamente — responde. — Mas sim, é uma espécie de casa.

Quero perguntar e não quero perguntar e preciso de perguntar e nunca quero perguntar. Tenho de perguntar. Preparo-me.

— O teu pa...

— Morreu há algum tempo. — O Adam já não sorri. A sua voz está tensa e distingo algo que só eu conseguiria identificar. Dor. Amargura. Raiva.

— Ah.

Continuamos em silêncio, cada um absorto nos próprios pensamentos. Não me atrevo a perguntar o que aconteceu à mãe. Tento perceber como se transformou na pessoa que é apesar de ter um pai tão desprezível. E questiono-me sobre o que o levou a alistar-se no exército se o odeia tanto. Naquele momento, a vergonha não me deixa perguntar. Não quero violar as suas fronteiras emocionais.

Deus sabe que também as tenho em abundância.

Espreito pela janela e forço a vista para ver por onde atravessamos, mas não consigo distinguir muito mais além das extensões de terra desolada a que me habituei. Não há civis onde nos encontramos. Estamos demasiado longe dos colonatos Restabelecidos e dos

complexos civis. Vejo outro tanque patrulhando a área a menos de 30 metros de distância, mas parece-me que não nos verá. O Adam não tem os faróis ligados, presumivelmente para atrair o mínimo de atenção. Penso como conseguirá ele encontrar o caminho. A lua é a única luz que ilumina o nosso caminho.

O silêncio é sinistro.

Por um instante, permito que os meus pensamentos regressem ao Warner, pensando no que estará a acontecer naquele momento, pensando no número de pessoas que andarão à minha procura, pensando no que fará para me encontrar. Quer o Adam morto. Quer-me viva. Não desistirá até eu estar presa a seu lado.

Nunca nunca nunca poderá saber que posso tocar-lhe.

Imagino o que faria se tivesse acesso ao meu corpo.

Encho os pulmões com uma inspiração rápida, brusca e trémula e pondero contar ao Adam o que aconteceu. Não. Não. Não. Não. Fecho os olhos com força e penso que poderei ter avaliado mal a situação. Foi caótico. Estava distraída. Talvez o tivesse imaginado. Sim.

Talvez o tivesse imaginado.

É suficientemente estranho que o Adam possa tocar-me. A probabilidade de existirem 2 pessoas neste mundo imunes ao meu toque não me parece realista. Na verdade, quanto mais penso no assunto, mais acredito que terei cometido um erro. Poderia ter sido qualquer coisa a roçar-me a perna. Talvez um pedaço do lençol que o Adam abandonou depois de o usar para partir a janela. Talvez uma almofada que tivesse caído da cama. Talvez as luvas do Warner, caídas no chão. Sim.

É impossível que me tenha tocado porque, se tivesse, teria gritado de dor.

Tal como qualquer outra pessoa.

A mão do Adam une-se à minha em silêncio e aperto-lhe os dedos com as duas mãos, subitamente desesperada para garantir a mim mesma que me é imune. Subitamente desesperada para interiorizar cada gota da sua essência, desesperada para saborear cada momento que nunca antes conheci. Subitamente, receio que aquele fenómeno tenha um prazo de validade. O toque de um relógio assinalando a

meia-noite. Uma carruagem transformando-se em abóbora.

A possibilidade de o perder.

A possibilidade de o perder.

A possibilidade de o perder são 100 anos de solidão que não quero imaginar. Não quero que os meus braços fiquem privados do seu calor. Do seu toque. Dos seus lábios... bolas, dos seus lábios. Da sua boca no meu pescoço, do seu corpo entrelaçado no meu, abraçando-me como se estivesse a dar provas de que a minha existência neste mundo não é em vão.

A compreensão é um pêndulo do tamanho da lua. Não parará de bater contra mim.

— Juliette?

Engulo a bala que tenho atravessada na garganta.

— Sim?

— Porque choras...? — A sua voz é quase tão delicada como a sua mão enquanto a afasta dos meus dedos. Toca as lágrimas que me escorrem pela cara e sinto-me tão humilhada que quase não sei o que dizer.

— Podes *tocar-me* — digo pela primeira vez, reconhecendo aquilo em voz alta pela primeira vez. As minhas palavras tornam-se um sussurro. — Podes tocar-me. Preocupas-te comigo e não sei porquê. És amável comigo e não precisas de ser. A minha própria mãe não se preocupava suficientemente para... p... — Perco a voz e pressiono os lábios. Colo-os. Forço-me a ficar imóvel.

Sou uma rocha. Uma estátua. Um movimento suspenso no tempo. O gelo não sente nada.

O Adam não responde, não diz uma única palavra até sair da estrada e entrar num velho parque de estacionamento subterrâneo. Percebo que chegámos a um sítio que se assemelha a civilização, mas o negrume é completo no subsolo. Quase não consigo ver nada e volto a pensar como o Adam consegue aguentar. Os meus olhos fixam-se no painel de instrumentos iluminado e percebo que o tanque tem visão noturna. *Claro*.

O Adam desliga o motor. Ouço-o suspirar. Mal consigo ver a sua silhueta e sinto a sua mão na minha coxa enquanto a outra me sobe

pelo corpo acima até encontrar a minha cara. O calor alastra-se pelos meus membros como lava. As pontas dos meus dedos das mãos e dos pés ganham vida e preciso de conter o arrepio que ameaça abalar-me.

— Juliette — sussurra e percebo quão próximo está. Não percebo porque ainda não evaporei, reduzindo-me a nada. — Sou eu contra o mundo desde sempre — diz. — Foi sempre assim. Foi por culpa minha que demorei tanto tempo a fazer alguma coisa para resolver isto.

— Não. — Abano a cabeça. — A culpa não é tua...

— É. Apaixonei-me por ti há muito tempo. Só nunca tive a coragem de transformar esses sentimentos em ações.

— Porque te teria matado.

Ri-se com uma gargalhada contida.

— Porque achava que não te merecia.

Sou um pedaço de espanto que ganhou vida.

— O quê?

Encosta o nariz ao meu. Encosta-se ao meu pescoço. Enrola uma madeixa do meu cabelo nos dedos e não consigo não consigo respirar.

— És tão... *bondosa* — sussurra.

— Mas as minhas mãos...

— Nunca fizeram nada para magoar alguém.

Estou prestes a protestar quando me corrige.

— Não de propósito. — Encosta-se ao banco. Mal consigo vê-lo a esfregar o pescoço. — Nunca resististe — diz, após um momento. — Sempre quis saber porquê. Nunca gritaste, nunca ficaste furiosa, nunca tentaste dizer alguma coisa a alguém — diz. E sei que estamos os dois outra vez no terceiro quarto quinto sexto sétimo oitavo nono ano. — Mas bolas. Deves ter lido um monte de livros. — Sei que sorri quando o diz. Uma pausa. — Não prejudicaste ninguém, mas foste um alvo em movimento todos os dias da tua vida. Podias ter resistido. Podias ter magoado toda a gente se quisesses.

— Não quero magoar ninguém. — A minha voz é menos que um sussurro. Não consigo tirar da cabeça a imagem de um Adam de 8 anos caído no chão. Destroçado. Abandonado. Chorando na terra.

As coisas que as pessoas farão pelo poder.

— É por isso que nunca serás o que o Warner quer que sejas.

Olho para um ponto na escuridão, com a mente torturada por possibilidades.

— Como podes ter a certeza?

Os lábios dele estão tão perto dos meus.

— Porque ainda te importas com o mundo.

Abro a boca de espanto e ele beija-me. É um beijo profundo, intenso e sem qualquer contenção. Sinto os seus braços nas costas, deitando o meu corpo até ficar praticamente horizontal e eu deixar de me importar. A minha cabeça está encostada ao banco e sinto o corpo dele suspenso sobre o meu, com as mãos segurando-me nas ancas por baixo do meu vestido rasgado e sou devorada por mil chamadas de desejo tão desesperado que mal consigo inspirar. O Adam é um banho quente, uma respiração ofegante, 5 dias de verão condensados em 5 dedos que escrevem histórias no meu corpo. Sou um aglomerado embaraçoso de nervos chocando contra ele, controlados por uma corrente elétrica que atravessa o meu âmago. O seu cheiro invade-me os sentidos.

Os seus olhos.

As suas mãos.

O seu peito.

Os seus lábios

estão junto à minha orelha quando fala.

— A propósito, chegámos. — A sua respiração parece mais acelerada naquele momento do que quando fugia para salvar a vida. Sinto-lhe o coração palpitando contra as costelas. As suas palavras são um sussurro interrompido. — Talvez seja melhor entrarmos. É mais seguro. — Mas não se mexe.

Quase não percebo do que fala. Limito-me a acenar afirmativamente, com a cabeça balouçando sobre o pescoço até me ocorrer que não me vê. Tento recordar como se fala, mas estou demasiado focada nos dedos que me vão descendo pelas coxas para formular frases. Há algo na escuridão completa, em não conseguir ver o que acontece, que me embriaga com uma deliciosa tontura.

— Sim — é tudo o que consigo dizer.

Com a ajuda dele, volto a endireitar-me no banco e encosta a testa à minha.

— Sinto muito — diz. — É tão difícil controlar-me. — A sua voz é perigosamente rouca. As suas palavras provocam-me formigueiro na pele.

Deixo as minhas mãos enfiarem-se por baixo da camisa dele e sinto-o enrijecer e engolir em seco. Toco as linhas perfeitamente esculpidas do seu corpo. Não há nada ali além de músculo.

— Não precisas — digo-lhe.

O seu coração bate tão depressa que não consigo distingui-lo do meu. A temperatura no ar entre nós é de 5000 graus. Os dedos dele estão na concavidade imediatamente acima da minha anca, provocando o pequeno pedaço de tecido que consegue manter-me decente.

— Juliette...

— Adam?

Ergo a cabeça, surpreendida. Medo. Ansiedade. O Adam para de se mexer, paralisado à minha frente. Nem sequer sei ao certo se respira. Olho em redor, mas não consigo encontrar a cara que corresponde à voz que acaba de o chamar pelo nome e começo a entrar em pânico quando o Adam abre a porta, saindo antes de voltar a ouvi-la.

— Adam... és tu?

Um rapaz.

— James!

Um som de impacto abafado. 2 corpos chocando, 2 vozes demasiado felizes para serem perigosas.

— Não acredito que és mesmo tu! Achei que fosses porque ouvi qualquer coisa e achei que não fosse nada, mas decidi que devia verificar para ter a certeza porque se fosses tu e... — Faz uma pausa. — Espera... que fazes aqui?

— Voltei para casa. — O Adam ri-se um pouco.

— A sério? — guincha o James. — Voltaste de vez?

— Sim. — Suspira. — É tão bom voltar a ver-te.

— Tive saudades tuas — diz o James, baixando subitamente a voz.

O Adam inspira fundo.

— Eu também, miúdo. Eu também.

— Ei, já comeste alguma coisa? A Benny acaba de entregar a caixa

do meu jantar e posso partilhar cont...

— James?

Cala-se.

— Sim?

— Quero apresentar-te uma pessoa.

Sinto as palmas das mãos suadas. O meu coração bate-me na garganta. Ouço o Adam caminhar de volta ao tanque e não percebo que enfiou a cabeça no interior até pressionar um botão. Uma luz de emergência ténue ilumina a cabina. Pestanejo algumas vezes e vejo um rapazinho a metro e meio de distância. Tem cabelo louro escuro e uma face redonda com olhos azuis que me parecem demasiado familiares. Pressionou os lábios em concentração. Olha-me fixamente.

O Adam abre-me a porta. Ajuda-me a sair, mal conseguindo conter um sorriso na face e fico atordoada pelos nervos que sinto. Não sei porque estou tão nervosa, mas é verdade. O rapaz é obviamente importante para o Adam. Não sei porquê, mas sinto que aquele *momento* é importante. Estou tão preocupada com a possibilidade de arruinar tudo. Tento ajeitar os rasgões do vestido. Tento alisar as rugas no tecido. Passo os dedos pelo cabelo. É inútil.

Assustarei o pobre rapaz.

O Adam puxa-me para fora. O James é apenas alguns centímetros mais baixo que eu, mas é óbvio pela sua cara que é jovem, sem marcas, intocado pelas realidades severas do mundo. Quero deleitar-me com a beleza da sua inocência.

— James? Esta é a Juliette. — O Adam olha para mim. — Juliette, este é o meu irmão James.

TRINTA E UM

O irmão dele.

Tento ignorar os nervos. Tento sorrir ao rapaz que me estuda a cara, que observa os pedaços de tecido patéticos que mal conseguem cobrir-me o corpo. Porque desconhecia que o Adam tinha um irmão? Como é possível que não soubesse?

Ele vira-se para o Adam.

— *Esta é a Juliette?*

Estou ali parada como uma imbecil. Esqueço as maneiras.

— Sabes quem sou?

O James vira-se outra vez para mim.

— Oh, sim. O Adam fala *muito* de ti.

Coro e não consigo evitar olhar para o Adam. Fita um ponto no chão. Pigarreia.

— É muito bom conhecer-te — consigo dizer.

O James inclina a cabeça.

— Vestes-te sempre assim?

É como se morresse um pouco.

— Ei, miúdo — interrompe o Adam. — A Juliette vai ficar connosco durante uns tempos. Porque não vais ver se tens cuecas espalhadas pelo chão?

O James parece horrorizado. Corre para a escuridão sem dizer mais nada.

O silêncio dura tantos segundos que lhes perco a conta. Ouço um gotejar qualquer à distância.

Inspiro fundo. Mordo o lábio inferior. Tento encontrar as palavras

certas. Falho.

— Não sabia que tinhas um irmão.

O Adam hesita.

— Faz mal... que tenha? Vamos todos partilhar o mesmo espaço e... Sinto o estômago afundar-se até aos joelhos.

— *Claro* que não faz mal! É só que... quer dizer... de certeza que não faz mal... para *ele*? Que eu esteja aqui?

— Não há cuecas *em lado nenhum* — anuncia o James, avançando para a luz. Penso para onde desapareceu e onde ficará a casa. Olha para mim. — Então vais ficar connosco?

O Adam intervém.

— Sim. Vai passar uns tempos na nossa casa.

O James move o olhar de mim para o Adam e volta a mim. Estende a mão.

— É bom conhecer-te finalmente.

Empalideço. Ouço o coração bater-me nos ouvidos. Os meus joelhos estão prestes a ceder. Não consigo parar de olhar fixamente para a pequena mão que me estende.

— *James* — diz o Adam, um pouco ríspido.

O James começa a rir-se.

— Estava a brincar. — Baixa a mão.

— O quê? — Mal consigo respirar. Tenho a cabeça às voltas, confusa.

— Não te *preocupes* — diz o James, continuando a rir. — Não te vou tocar. O Adam falou-me dos teus poderes mágicos. — Revira os olhos.

— O Adam... falou-te... *de quê*?

— Ei, talvez seja melhor irmos para dentro. — O Adam pigarreia demasiado alto. — Vou só pegar nos nossos sacos e volto já... — E corre para o tanque. Fico a olhar para o James. Não esconde a curiosidade.

— Que idade tens? — pergunta-me.

— 17.

Acena com a cabeça.

— Foi o que o Adam disse.

Sinto um início de irritação.

— Que mais te disse o Adam sobre mim?

— Disse que também não tens pais. Disse que és como nós.

O meu coração é feito de manteiga, derretendo inevitavelmente num dia quente de verão. A minha voz amansa.

— Que idade tens *tu*?

— Faço 11 no ano que vem.

Sorrio.

— Então tens 10 anos?

Cruza os braços. Franze a testa.

— Daqui a 2 anos, faço 12.

Acho que já adoro este miúdo.

A luz da cabina apaga-se e, por um momento, ficamos envoltos em escuridão total. Um clique suave e um brilho circular vago ilumina-nos. O Adam tem uma lanterna.

— Ei, James? Porque não vais à frente?

— Sim, senhor! — Para à frente do Adam, batendo continência de maneira exagerada e correndo tão depressa que é impossível segui-lo. Não consigo evitar o sorriso que se me alastra pela cara.

A mão do Adam une-se à minha enquanto avançamos.

— Estás bem?

Aperto-lhe os dedos.

— Falaste ao teu irmão de 10 anos dos meus poderes mágicos?

Ri-se.

— Conto-lhe muita coisa.

— Adam?

— Sim?

— A tua *casa* não é o primeiro sítio onde o Warner te procurará? Não é perigoso?

— Seria. Mas, de acordo com os registos, não tenho casa.

— E o teu irmão?

— Seria o primeiro alvo do Warner. É mais seguro para ele estar onde consigo vigiá-lo. O Warner sabe que tenho um irmão. Só não sabe onde. E até descobrir... e vai descobrir... temos de nos preparar.

— Para lutar?

— Para resistir. Sim. — Mesmo com a luz ténue daquele espaço desconhecido, consigo ver a sua determinação. Dá-me vontade de cantar.

Fecho os olhos.

— Ótimo.

— Porque demoram tanto? — grita o James à distância.

E partimos.

O parque de estacionamento situa-se por baixo de um antigo edifício de escritórios sepultado nas sombras. Uma escada de emergência conduz diretamente ao piso principal.

O James está tão excitado que salta nas escadas, correndo alguns passos em diante e voltando a correr para trás para se queixar de que não subimos suficientemente depressa. O Adam apanha-o pelas costas e levanta-o do chão. Ri-se.

— Vais partir o pescoço.

O James protesta, mas fá-lo sem grande empenho. Está tão feliz por ter o irmão de regresso.

Uma pontada intensa de uma emoção distante atinge-me no coração. É uma dor agri-doce que não consigo identificar. Sinto-me estranhamente quente e dormente ao mesmo tempo.

O Adam introduz um código num teclado ao lado de uma enorme porta de aço. Ouve-se um clique baixo, um bipe breve e roda o fecho.

O que vejo no interior atordoa-me.

TRINTA E DOIS

É uma sala de estar completa, espaçosa e confortável. Uma carpete grossa, cadeiras macias, um sofá ao longo de uma parede. Verdes, vermelhos e laranjas, candeeiros quentes iluminam delicadamente o espaço amplo. Jamais vi algo tão parecido com um lar. As recordações frias e solitárias da minha infância não podem comparar-se. Sinto-me subitamente tão segura que me assusta.

— Gostas? — O Adam sorri-me, sem dúvida divertido pela expressão na minha cara. Consigo erguer o queixo do chão.

— Adoro — digo. Não sei se o faço em voz alta ou na minha cabeça.

— Foi o Adam — diz o James, orgulhoso, enchendo o peito um pouco mais do que o necessário. — Fez isto para mim.

— Não fui eu que *fiz* isto — protesta o Adam, rindo-se. — Apenas... limpei um pouco as coisas.

— Vives aqui sozinho? — pergunto ao James.

Enfia as mãos nos bolsos e acena afirmativamente.

— A Benny fica muitas vezes comigo, mas estou quase sempre sozinho. Mas tenho sorte.

O Adam larga os nossos sacos no sofá. Passa uma mão pelo cabelo e vejo os músculos das suas costas fletir. Vejo-o expirar a tensão do corpo.

Sei porquê, mas pergunto, mesmo assim.

— Porque tens sorte?

— Porque tenho uma visita. Nenhum dos outros miúdos recebe visitas.

— Há outros miúdos aqui? — Espero não parecer tão horrorizada

como me sinto.

O James acena afirmativamente tão depressa que a sua cabeça lhe balouça sobre o pescoço.

— Oh, sim. Esta rua inteira. Os miúdos todos estão aqui. Mas eu sou o único com um espaço só meu. — Aponta para o espaço à sua volta. — Isto é tudo meu porque o Adam me deu isto a mim. Os outros todos precisam de partilhar. Temos aulas, mais ou menos. E a Benny traz-me caixas de comida. O Adam diz que posso brincar com os outros miúdos, mas não posso trazê-los para dentro. — Encolhe os ombros. — Não é mau.

A realidade do que diz espalha-se como veneno à entrada do meu estômago.

Uma rua ocupada por crianças órfãs.

Penso como os pais terão morrido. Não dedico muito tempo a esse pensamento.

Observo a sala e reparo num minúsculo frigorífico com um minúsculo micro-ondas por cima, ambos aninhados num canto. Vejo alguns armários. O Adam trouxe o máximo de coisas que podia. Vários tipos de comida enlatada e alimentos não perecíveis. Ambos trouxemos os nossos produtos de higiene e várias mudas de roupa. Trouxemos o suficiente para sobreviver pelo menos durante algum tempo.

O James tira uma caixa de papel de alumínio do frigorífico e coloca-a no micro-ondas.

— Espera... James... não... — tento impedi-lo.

Tem os olhos arregalados.

— O que foi?

— O papel de alumínio... Não podes... Não podes pôr metal no micro-ondas...

— O que é um micro-ondas?

Pestanejo tantas vezes que a sala começa a girar.

— O quê?

Tira a tampa da caixa de papel de alumínio e expõe um pequeno quadrado. Parece um cubo de caldo. Aponta para o cubo e, a seguir, indica o micro-ondas com a cabeça. — Não faz mal. Ponho sempre isto no Automat. Não acontece nada.

— Multiplica a composição molecular da comida. — O Adam está a meu lado. — Não acrescenta valor nutricional, mas faz com que te sintas mais cheia durante mais tempo.

— E é barato! — diz o James, sorrindo enquanto volta a enfiar aquilo na engenhoca.

Espanta-me que a vida tenha mudado tanto. As pessoas ficaram tão desesperadas que começaram a fingir *comida*.

Tenho tantas perguntas para fazer que me sinto prestes a rebentar. O Adam aperta-me delicadamente o ombro. Sussurra.

— Falamos mais tarde, prometo. — Mas sou uma enciclopédia com demasiadas páginas em branco.

O James adormece com a cabeça no colo do Adam.

Falou sem parar depois de acabar de comer, contando-me tudo sobre aquela espécie de escola e a sua espécie de amigos. E sobre a Benny, a senhora idosa que cuida dele:

— Acho que gosta mais do Adam, mas traz-me açúcar às vezes. Por isso, não faz mal.

Todos têm um recolher obrigatório. Só os soldados podem sair depois do anoitecer. Cada soldado está armado e tem instruções para disparar quando entender.

— Algumas pessoas recebem mais comida e outras coisas do que outras — disse o James, mas isso acontece porque as pessoas são classificadas de acordo com o que podem dar ao Restabelecimento e não por serem seres humanos com o direito de não morrer à fome.

O meu coração contraiu-se mais um pouco com cada palavra que partilhou comigo.

— Não te importas que fale muito, hã? — Mordeu o lábio inferior e estudou-me.

— Não me importo nada.

— Todos dizem que falo muito. — Encolheu os ombros. — Mas que posso fazer quando tenho tanta coisa para dizer?

— Ei... a propósito disso... — interrompeu o Adam. — Não podes dizer a ninguém que aqui estamos, está bem?

O James preparava-se para falar, mas acaba por fechar a boca.

Pestanejou algumas vezes. Olhou fixamente para o irmão.

— Nem mesmo à Benny?

— A ninguém — repetiu o Adam.

Durante uma fração de segundo, vi algo que parecia compreensão surgir-lhe nos olhos. Um miúdo de 10 anos digno de confiança absoluta. Voltou a acenar com a cabeça e fê-lo mais uma vez.

— Está bem. Nunca aqui estiveram.

O Adam afasta madeixas rebeldes da testa do James. Olha para a cara do irmão adormecido como se tentasse memorizar cada pincelada de um quadro a óleo. Olho fixamente para ele enquanto ele olha fixamente para o James.

Penso se saberá que segura o meu coração na mão. A minha inspiração vacila.

O Adam ergue o olhar e eu baixo o meu e ambos nos sentimos envergonhados por motivos diferentes.

Sussurra:

— É melhor levá-lo para a cama. — Mas não faz qualquer esforço para se mexer. O James dorme muito muito muito profundamente.

— Quando o viste pela última vez? — pergunto, tendo o cuidado de manter a voz baixa.

— Há uns 6 meses. — Uma pausa. — Mas falei com ele ao telefone muitas vezes. — Sorri um pouco. — Falei-lhe muito de ti.

Coro. Conto os dedos para ter a certeza de que estão lá todos.

— O Warner não controlava as tuas chamadas?

— Sim. Mas a Benny tem uma linha protegida e sempre tive o cuidado de limitar as outras chamadas a assuntos oficiais. Seja como for, o James sabe de ti há muito tempo.

— A sério...? — Odeio precisar de saber, mas não consigo evitar. Sou um emaranhado de borboletas.

Olha para cima e afasta o olhar logo a seguir. Os seus olhos fitam os meus. Suspira.

— Juliette, procuro-te desde o dia em que partiste.

As minhas pestanas tropeçam nas minhas sobrancelhas. O meu queixo cai-me no colo.

— Estava preocupado contigo — diz, baixando a voz. — Não sabia o que te queriam fazer.

— Como... — Engasgo-me. Engulo em seco. Atrapalho-me com as palavras. — Como é possível que te importes?

Recosta-se no sofá. Passa a mão livre pela cara. As estações mudam. As estrelas explodem. Alguém caminha na lua.

— Sabes que ainda me lembro do primeiro dia em que vieste à escola? — Uma gargalhada baixa e triste. — Talvez fosse pequeno demais e não soubesse muito do mundo, mas havia alguma coisa em ti que me atraiu imediatamente. É como se quisesse apenas estar perto de ti, como se tivesses uma... uma *bondade* que nunca encontrei na minha vida. Uma doçura que nunca tive em casa. Só queria ouvir-te falar. Queria que me visses, que me sorrisse. Todos os dias, prometia a mim mesmo que falaria contigo. Queria *conhecer-te*. Mas, todos os dias, era um cobarde. E, um dia, desapareceste. Ouvi os rumores, mas sabia a verdade. Sabia que nunca magoarias ninguém. — Olha para baixo. Abrem-se rachas na terra e caio na fissura. — Parece loucura — diz finalmente, baixando muito a voz. — Pensar que me preocupei tanto sem nunca ter falado contigo. — Hesita. — Mas não conseguia parar de pensar em ti. Não conseguia parar de pensar para onde tinhas ido. No que te aconteceria. Receei que nunca resistisses.

Passa tanto tempo em silêncio que me apetece morder a língua.

— Tinha de te encontrar — sussurra. — Perguntei por aí e ninguém tinha respostas. O mundo não parava de desabar. As coisas pioravam e não sabia o que fazer. Precisava de cuidar do James e precisava de encontrar uma maneira de sobreviver e não sabia se ajudaria alistar-me no exército, mas nunca te esqueci. Mantive sempre a esperança... — Vacila. — De voltar a ver-te, um dia.

Fico sem palavras. Tenho os bolsos cheios de letras que não consigo unir e estou tão desesperada por dizer alguma coisa que não digo nada e o meu coração está prestes a explodir para fora do peito.

— Juliette...?

— Encontraste-me. — 5 sílabas. 1 sussurro espantado.

— Estás... chateada?

Ergo o olhar e, pela primeira vez, percebo que está nervoso.

Preocupado. Sem saber como reagirei àquela revelação. Não sei se me apetece rir, chorar ou beijar cada centímetro do corpo dele. Quero adormecer com o som do coração dele batendo na atmosfera. Quero saber que está vivo e bem, inspirando e expirando, forte e são e saudável para sempre.

— És o único que alguma vez se importou. — Os meus olhos enchem-se de lágrimas e pestanejo para impedir que caiam, sentindo o ardor na garganta e tudo tudo tudo dói. O peso do dia inteiro desaba-me em cima, ameaçando partir-me os ossos. Quero chorar de felicidade, agonia, alegria e pela ausência de justiça. Quero tocar no coração da única pessoa que alguma vez se preocupou.

— Amo-te — sussurro. — Muito mais do que alguma vez saberás.

Os olhos dele são um momento repleto de memórias à meia-noite, as únicas janelas para o meu mundo. Tem o maxilar tenso. A boca tensa. Olha-me e tenta pigarrear e sei que precisa de um momento para se recompor. Digo-lhe que talvez seja melhor levar o James para a cama. Acena com a cabeça. Aconchega o irmão contra o peito. Levanta-se e leva-o para o armário que se tornou o seu quarto.

Vejo-o afastar-se com a única família que lhe resta e percebo porque se alistou no exército.

Percebi porque aguentou ser o lacaio do Warner. Percebo porque suportou a horrenda realidade da guerra, porque se sentiu tão desesperado para fugir, tão disposto a fugir logo que possível. Porque está tão determinado em resistir.

Luta por muito mais do que apenas por si mesmo.

TRINTA E TRÊS

—E se desse uma vista de olhos a esses cortes?

O Adam está à frente da porta do James com as mãos enfiadas nos bolsos. Veste uma t-shirt vermelho-escura justa. Os seus braços foram esculpidos com minúcia e profissionalmente decorados com tatuagens que passei a saber reconhecer. Ele surpreende-me a olhá-lo fixamente.

— Não tive escolha — diz, pondo-se a examinar as tiras paralelas de tinta negra pintadas nos seus antebraços. — Precisava de sobreviver. Foi o único trabalho que consegui encontrar.

Vou ao seu encontro no meio da sala, tocando-lhe os desenhos na pele. Aceno com a cabeça.

— Percebo.

Quase ri, quase sorri. Abana a cabeça apenas um milímetro.

— Que foi? — Afasto a mão.

— Nada. — Sorri. Envolve-me a cintura com os braços. — Não deixa de me espantar. Estás mesmo aqui. Na minha casa.

O calor difunde-se pelo meu pescoço e caio de um escadote enquanto seguro um pincel manchado de vermelho. Os elogios não são coisas que saiba processar. Mordo o lábio.

— Onde fizeste a tatuagem?

— Isto? — Volta a olhar para os braços.

— Não. — Puxo-lhe a camisola com tão pouco jeito que quase o faço cair. Cambaleia contra a parede. Ergo-lhe o tecido até ao queixo. Contenho o rubor. Toco-lhe no peito. Toco no pássaro.

— Onde fizeste *isto*?

— Ah. — Olha-me, mas fiquei subitamente distraída pela beleza do

seu corpo e pelas calças de estilo militar descaídas sobre as ancas. Percebo que tirou o cinto. Obrigo-me a levantar os olhos. Permito aos meus dedos descerem-lhe pelos abdominais. Ele inspira fundo. — Não sei — diz. — Apenas... não parava de sonhar com este pássaro branco. Os pássaros costumavam voar, sabes?

— Sonhavas com ele?

— Sim. Constantemente. — Sorri um pouco, expira um pouco, recordando. — Era bom. Sentia-me bem... sentia-me esperançoso. Quis guardar esta memória por não saber se duraria. Por isso, tornei-a permanente.

Cubro a tatuagem com a palma da mão.

— Costumava sonhar muitas vezes com este pássaro.

— Com *este* pássaro? — As suas sobranceiras sobem tanto que quase tocariam o céu.

Aceno afirmativamente.

— Exatamente com este. — Uma sensação de clarividência instala-se. — Até ao dia em que entraste na minha cela. Não voltei a sonhar com ele desde então. — Olho-o.

— Estás a brincar. — Mas sabe que não estou.

Baixo-lhe a camisola e encosto a testa ao seu peito. Inspiro o seu cheiro. Não perde tempo a puxar-me mais para ele. Apoia o queixo na minha cabeça e as mãos nas minhas costas.

E ficamos assim até ficar demasiado velha para recordar um mundo sem o seu calor.

O Adam limpa-me os cortes numa casa de banho colocada num dos lados da sala. É uma miniatura, com sanita, lavatório, um espelho pequeno e um chuveiro minúsculo. Adoro aquilo tudo. Quando saio da casa de banho, quando mudo finalmente de roupa e me preparo para dormir, o Adam espera-me na escuridão. Há cobertores e almofadas empilhados no chão e parece-me o paraíso. Estou tão exausta que conseguiria dormir durante séculos.

Deito-me ao lado dele e sou recebida nos seus braços. A temperatura é consideravelmente mais baixa naquele sítio e o Adam é a fornalha perfeita. Escondo a cara no peito dele e abraça-me com

força. Passo-lhe os dedos pelas costas nuas e sinto os músculos retesar com o meu toque. Deixo a mão repousar sobre o elástico das suas calças. Enfio um dedo por baixo. Testo o sabor das palavras na minha língua.

— Fiz de propósito, sabes?

A sua respiração suspende-se por um instante. O seu coração bate depressa demais.

— O que fizeste de propósito...? — Mas sabe exatamente a que me refiro.

De repente, sinto-me tão tímida. Tão cega, tão desnecessariamente ousada. Não sei nada sobre aquilo em que me envolvo. Tudo o que sei é que não quero as mãos de mais ninguém em mim. Só as dele. Para sempre.

O Adam pousa a cabeça na almofada e consigo ver apenas o seu perfil, com os olhos continuamente brilhantes na escuridão. Olho-lhe para os lábios quando falo.

— Não te pedi que parasses. — Os meus dedos cobrem o botão que lhe mantém as calças fechadas. — Nem uma única vez.

Olha-me fixamente, com o peito subindo e descendo algumas vezes por segundo. Parece quase atordoado pela incredulidade.

Aproximo a boca da sua orelha.

— Toca-me.

E quase se desmorona.

A minha cara está nas suas mãos e os meus lábios estão nos seus lábios e beija-me e sou oxigénio e ele anseia por respirar. O seu corpo está quase sobre o meu, com uma mão no meu cabelo e a outra descendo pelo meu corpo, parando atrás do meu joelho para me puxar mais e mais contra ele. Os seus beijos descem-me pela garganta como um êxtase elétrico queimando-me, incendiando-me. Estou prestes a irromper em chamas com a emoção de cada momento. Quero mergulhar na sua essência, senti-la com os 5 sentidos, afogar-me nas ondas de maravilhamento que envolvem a minha existência.

Quero provar a paisagem do seu corpo.

Segura-me nas mãos e pressiona-as contra o peito, guiando os meus dedos enquanto lhe descem pelo tronco, antes de os seus lábios

voltarem a unir-se aos meus, uma e outra vez, drogando-me num delírio de que nunca quero escapar. Mas não é suficiente. Continua a não ser suficiente. Quero fundir-me nele, sentir a forma do seu corpo apenas com os lábios. Sinto o coração acelerado, bombeando-me o sangue, destruindo o meu autocontrolo, fazendo tudo girar num ciclone de intensidade. Faz uma pausa para respirar e afasto-me, dorida, desesperada, ansiando pelo seu toque. Enfia-me as mãos por baixo da camisola, tocando-me os flancos, tocando-me como nunca antes tinha ousado tocar-me. A minha camisola quase me passou acima da cabeça quando uma porta se abre, chiando. Paramos os dois.

— Adam...?

Mal consigo respirar. Tenta apoiar-se na almofada ao meu lado, mas ainda consigo sentir o seu calor, o seu corpo, o seu coração palpitando-me nas orelhas. Contenho um milhão de gritos. O Adam inclina um pouco a cabeça. Tenta falar com voz normal.

— James?

— Posso dormir convosco?

O Adam senta-se. Está ofegante, mas subitamente desperto.

— Claro que podes. — Uma pausa. A sua voz abranda, acalma. — Tiveste pesadelos?

O James não responde.

O Adam levanta-se.

Ouç o soluçar abafado do choro do rapaz de 10 anos, mas mal consigo distinguir os contornos do corpo do Adam abraçando o James.

— Disseste que as coisas estavam a melhorar — ouço-o sussurrar, mas as suas palavras são bondosas e não acusadoras.

O James diz qualquer coisa que não consigo ouvir.

O Adam pega-lhe ao colo e percebo como o James é minúsculo por comparação. Desaparecem no interior do quarto e regressam com roupa de cama. Só depois de o James ser deitado em segurança a pouca distância do Adam, sucumbe finalmente à exaustão. A sua respiração profunda é o único som audível.

O Adam vira-se para mim. Transformei-me numa nesga de silêncio, abalada, chocada, ferida por aquela recordação. Não sei nada sobre o que o James terá testemunhado em idade tão precoce. Não sei o que o

Adam sofreu por o deixar. Já não sei como as pessoas vivem. Como sobrevivem.

Não sei o que aconteceu aos meus pais.

O Adam passa-me a mão pela cara. Puxa-me para o seu abraço. Diz:

— Desculpa. — E apago a palavra com um beijo.

— No momento certo — digo-lhe.

Engole em seco. Encosta-se ao meu pescoço. Inspira. As suas mãos estão por baixo da minha camisa. Sobem-me pelas costas.

Suprimo uma exclamação de espanto.

— Em breve.

TRINTA E QUATRO

O Adam e eu forçámo-nos a manter alguma distância entre nós na noite passada, mas, não sei como, acordo nos seus braços. Respira com serenidade, num ritmo regular, produzindo uma vibração quente no ar matinal. Pestanejo, espreitando a luz do sol e vendo apenas um par de grandes olhos azuis na cara de um rapaz de 10 anos.

— Porque podes *tocar-lhe*? — O James está de pé sobre nós com os braços cruzados, voltando a ser o rapaz teimoso de que me recordava. Não há indícios de medo ou lágrimas ameaçando escorrer-lhe pela cara. É como se a noite passada nunca tivesse acontecido. — *Então?* — A sua impaciência sobressalta-me.

Afasto-me do tronco nu do Adam tão depressa que o desperto. Um pouco.

Estende a mão na minha direção.

— Juliette...?

— Tocas numa *rapariga*!

O Adam senta-se tão depressa que fica enrolado nos lençóis, deixando-se cair sobre os cotovelos.

— Bolas, James...

— Dormias ao lado de uma *rapariga*!

O Adam abre e fecha a boca várias vezes. Olha para mim. Olha para o seu irmão. Fecha os olhos e acaba por suspirar. Passa uma mão pelo cabelo emaranhado pelo sono.

— Não sei que queres que te diga.

— Disseste-me que ela não podia tocar em ninguém. — O James olha-me fixamente, desconfiado.

— E não pode.

— Só a ti?

— Certo. Só a mim.

E ao Warner.

— Só te pode tocar a ti e a mais ninguém.

E ao Warner.

— Certo.

— Isso parece muito *conveniente*. — O James semicerra os olhos.

O Adam ri-se.

— Onde aprendeste a falar assim?

O James franze a testa.

— A Benny diz isto muitas vezes. Diz que as minhas desculpas são «incrivelmente convenientes». — Faz aspas com dois dedos. — Diz que quer dizer «não acredito em ti». E eu não acredito em ti.

O Adam levanta-se. A luz matinal é filtrada pelas pequenas janelas num ângulo perfeito, no momento perfeito. Está banhado em ouro, com os músculos tensos e as calças ainda um pouco descaídas sobre as ancas. Preciso de me forçar a pensar com clareza. Choca-me a minha falta de autocontrolo, mas não sei ao certo como conter aqueles sentimentos. O Adam faz-me ansiar por coisas que nunca soube que poderia ter.

Vejo-o cobrir os ombros do irmão com um braço antes de se agachar para o olhar nos olhos.

— Posso dizer-te uma coisa? — pergunta. — Em privado?

— Só tu e eu? — O James olha-me pelo canto do olho.

— Sim. Só tu e eu.

— Está bem.

Vi-os entrar no quarto do James e penso no que o Adam lhe dirá. Demoro um momento a perceber que o James deve sentir-se ameaçado pela minha chegada repentina. Vê finalmente o irmão após quase 6 meses e este volta para casa acompanhado por uma rapariga estranha com poderes mágicos tresloucados. Quase me rio da ideia. Da possibilidade de ter sido a magia a tornar-me assim.

Não quero que o James pense que lhe roubo o irmão.

Volto a enfiar-me debaixo das cobertas e espero. A manhã é fria e

os meus pensamentos começam a deambular até ao Warner. Preciso de recordar que não estamos seguros. Ainda não, talvez nunca. Preciso de recordar que nunca poderei ficar demasiado confortável. Sento-me. Puxo os joelhos contra o peito e uno os braços à volta dos tornozelos.

Penso se o Adam terá um plano.

A porta do James abre-se, chiando. Os dois irmãos saem. O mais novo antes do mais velho. O James parece um pouco rosado e mal consegue olhar-me. Parece envergonhado e penso se o Adam o terá castigado.

O meu coração vacila por um momento.

O Adam pousa uma mão no ombro do James. Aperta.

— Estás bem?

— Sei o que é uma *namorada*...

— Nunca disse que não sabias...

— Então és a *namorada* dele? — O James cruza os braços e olha para mim.

Tenho 400 bolas de algodão atravessadas na traqueia. Olho o Adam porque não sei que outra coisa poderei fazer.

— Ei, talvez seja melhor preparares-te para a escola, não? — O Adam abre o frigorífico e passa ao James uma nova caixa de papel de alumínio. Presumo que será o pequeno-almoço.

— Não *tenho* de ir — protesta o James. — Não é uma escola *a sério*. Ninguém *tem* de...

— Quero que vás — interrompe o Adam. Vira-se para o irmão com um pequeno sorriso. — Não te preocupes. Vamos estar aqui quando voltares.

O James hesita.

— Prometes?

— Sim. — Outro sorriso. Acena-lhe com a cabeça para se aproximar. — Vem cá.

O James corre e abraça o Adam como se receasse que o irmão desaparecesse. O Adam enfia a caixa de papel de alumínio no Automat e pressiona um botão. Despenteia o cabelo do James. — Precisas de cortar o cabelo, miúdo.

O James torce o nariz.

— Gosto assim.

— Está um bocado comprido, não achas?

O James baixa a voz.

— Acho que o cabelo *dela* está muito comprido.

O James e o Adam olham-me e derreto, transformando-me em plasticina rosa. Toco no cabelo sem querer, subitamente insegura. Baixo o olhar. Nunca tive motivo para cortar o cabelo. Nunca tive sequer uma tesoura. Ninguém me oferecia objetos afiados.

Arrisco um olhar e vejo que o Adam continua a olhar-me fixamente. O James olha para o Automat.

— Gosto do cabelo dela — diz o Adam e não percebo com quem fala.

Olho para os dois enquanto o Adam ajuda o irmão a preparar-se para a escola. O James é tão cheio de vida, tão cheio de energia, está tão empolgado por ter o irmão por perto. Faz-me pensar como será ter 10 anos e viver sozinho. Como será para todos os miúdos que vivem naquela rua.

Estou ansiosa por me levantar e mudar de roupa, mas não consigo decidir o que devo fazer. Não quero ocupar a casa de banho porque o James pode precisar dela ou talvez o Adam. Não quero ocupar ainda mais espaço do que já ocupo. Parece tão íntima, tão pessoal, aquela relação entre o Adam e o James. É o tipo de laço que nunca tive e nunca terei. Mas estar perto de tanto amor conseguiu descongelar as partes gélidas em mim, tornando-me mais humana. *Sinto-me* humana. Como se talvez pudesse fazer parte daquele mundo. Como se talvez não precisasse de ser um monstro. Talvez não seja um monstro.

Talvez as coisas possam mudar.

TRINTA E CINCO

O James está na escola, o Adam está no chuveiro e eu olho para uma tigela de granola que o Adam me deixou para comer. Parece tão errado comer aquilo quando o James tem de comer a substância impossível de identificar na caixa de papel de alumínio. Mas o Adam diz que o James recebe uma porção específica em cada refeição e a lei exige-lhe que a coma. Se descobrirem que a desperdiça ou deita fora, poderá ser castigado. Todos os órfãos terão de comer a comida nas caixas de papel de alumínio que preparam nos seus Automat. O James diz que «não sabe assim tão mal».

Estremeço um pouco com o ar fresco da manhã e passo uma mão pelo cabelo, ainda húmido do duche. A água ali não é quente. Nem sequer é morna. A água quente é um luxo.

Alguém bate violentamente na porta.

Estou em pé.

Girando.

Procurando.

Assustada.

Encontraram-nos, é a única coisa em que consigo pensar. O meu estômago é um crepe fino e frágil. O meu coração é um pica-pau enfurecido. O meu sangue é um rio de ansiedade.

O Adam está no duche.

O James está na escola.

Estou absolutamente indefesa.

Procuo no saco do Adam até encontrar o que procuro. 2 armas. 1 para cada mão. 2 mãos, para o caso de uma delas falhar. Visto finalmente o tipo de roupa mais confortável para lutar. Inspiro fundo e imploro às minhas mãos que não tremam.

As batidas na porta intensificam-se.

Aponto as armas à porta.

— Juliette...?

Viro-me e vejo que o Adam olha fixamente para mim, para as armas, para a porta. Tem o cabelo molhado. Arregala os olhos. Indica com a cabeça a arma adicional na minha mão e atiro-lha sem dizer nada.

— Se fosse o Warner, não bateria — diz, mesmo sem baixar a arma.

Sei que tem razão. O Warner teria deitado a porta abaixo, usado explosivos, matado uma centena para chegar até mim. O que não faria, sem qualquer dúvida, seria esperar que lhe abrisse a porta. Algo acalma dentro de mim, mas não me permito ficar demasiado confortável.

— Que achas que... ?

— Poderá ser a Benny... Costuma ver como está o James...

— Mas não saberia que está na escola agora?

— Mais ninguém sabe onde vivo...

As batidas tornam-se mais fracas. Mais lentas. Há um ruído agonizante baixo e gutural.

O Adam e eu olhamo-nos.

Mais um punho golpeando a porta. Um baque, outro gemido. O ruído de um corpo contra a porta.

Encolho-me.

O Adam passa uma mão pelo cabelo.

— Adam! — grita alguém. Tosse. — Por favor. Se estás aí dentro...

Estaco. A voz parece familiar.

O Adam endireita as costas num instante. Os lábios estão entreabertos e os olhos arregalados de espanto. Introduce o código e gira o trinco. Aponta a arma à porta enquanto a abre lentamente.

— *Kenji*?

Um silvo breve. Um gemido abafado.

— Merda. Porque demoraste tanto?

— Que raio *fazes aqui*? — Clique. Mal consigo ver pela pequena nesga na porta, mas é claro que o Adam não ficou feliz por ter companhia. — Quem te mandou para aqui? Com quem estás?

O Kenji pragueja mais algumas vezes entredentes.

— *Olha para mim* — exige, mesmo que pareça uma súplica. — Achas que vim para te matar?

O Adam hesita. Inspira. Duvida.

— Não tenho problema nenhum em te enfiar uma bala nas costas.

— Não te preocupes, amigo. Já tenho uma bala nas costas. Ou na perna. Ou alguma merda parecida. Nem sequer sei.

O Adam abre a porta.

— Levanta-te.

— Está tudo bem. Não me importo se me arrastares aí para dentro.

O Adam move o maxilar.

— Não quero o teu sangue na minha carpete. Não é uma coisa que o meu irmão precise de ver.

O Kenji cambaleia para dentro da sala. Ouvi a sua voz antes, mas nunca lhe vi a cara. Mesmo que aquele não seja o melhor momento para primeiras impressões positivas. Os seus olhos estão inchados, roxos. Tem um corte enorme na testa, de lado. O lábio está cortado, sangrando ligeiramente. O corpo parece sem forças. Encolhe-se e inspira superficialmente enquanto se move. Tem a roupa esfarrapada e o tronco coberto apenas por uma camisola de alças. Nos braços musculados, veem-se cortes e nódoas negras. Espanta-me que não tenha morrido de frio. Não repara imediatamente em mim.

Para. Pestaneja. Esboça um sorriso ridículo diminuído apenas por um breve esgar de dor.

— Porra — diz, continuando a olhar-me. — *Porra*. — Tenta rir-se. — Meu, és *doido*...

— A casa de banho é ali. — O Adam parece rígido.

O Kenji avança, mas não para de olhar para trás. Aponto-lhe a arma à cara. Ri-se mais, encolhe-se com dores e ofega um pouco. — Meu, fugiste com a rapariga maluca! Fugiste com a psicopata! — diz ao Adam. — Pensei que tivessem inventado isso. Que tinhas na cabeça?

Que vais fazer com a miúda psicopata? Não *admira* que o Warner te queira morto... MEU, mas que *raio*...

— Não é doida. E não é *surda*, idiota.

A porta fecha-se com força e deixo de conseguir ouvir com clareza a discussão abafada. Sinto que o Adam não quer que eu ouça o que tem a dizer ao Kenji. Ou será pelos gritos.

Não percebo o que o Adam faz, mas presumo que terá alguma coisa que ver com a extração de uma bala do corpo do Kenji e com o tratamento generalizado do resto dos seus ferimentos de acordo com o máximo das suas capacidades. O Adam tem um estojo de primeiros-socorros bastante completo e mãos fortes e firmes. Penso se terá aprendido aquilo no exército. Talvez para poder tratar de si próprio. Ou talvez do seu irmão. Faria sentido.

Os seguros de saúde foram um sonho há muito perdido.

Seguro aquela arma na mão há quase uma hora. Ouço o Kenji gritar há quase uma hora e só sei isso porque gosto de contar os segundos enquanto passam. Não sei que horas são. Parece-me que há um relógio no quarto do James, mas não quero ir ao seu quarto sem autorização.

Olho fixamente para a arma na minha mão, para o metal liso e pesado, e surpreende-me perceber que me agrada senti-la nos dedos. É como uma extensão do meu corpo. Já não me assusta.

Assusta-me mais poder usá-la.

A porta da casa de banho abre e o Adam sai. Tem uma toalha pequena nas mãos. Levanto-me. Dirige-me um pequeno sorriso. Aproxima-se do frigorífico minúsculo e abre o congelador ainda mais pequeno. Tira alguns cubos de gelo e larga-os na toalha. Volta a desaparecer dentro da casa de banho.

Sento-me no sofá.

Chove naquele dia. O céu chora por nós.

O Adam sai da casa de banho. Daquela vez, vem de mãos vazias e continua sozinho.

Volto a levantar-me.

Esfrega a testa e a nuca. Junta-se a mim no sofá.

— Desculpa — diz.

Arregalo os olhos.

— O quê?

— Tudo. — Suspira. — O Kenji era uma espécie de amigo na base. O Warner mandou torturá-lo depois de partirmos. Para obter informação.

Suprimo um gemido de espanto.

— Diz que não disse nada... Não tinha nada para dizer, na verdade... mas ficou muito maltratado. Não sei se tem as costelas partidas ou apenas feridas, mas consegui tirar-lhe a bala da perna.

Pego-lhe na mão. Aperto.

— Deram-lhe um tiro enquanto fugia — diz o Adam após um momento.

E alguma coisa explode na minha consciência. Entro em pânico.

— O soro localizador...

O Adam acena com a cabeça. O seu olhar está carregado, apreensivo.

— Acho que pode não funcionar corretamente, mas não tenho forma de ter a certeza. Sei que, se funcionasse como devia, o Warner já aqui estaria. Mas não podemos correr riscos. Temos de ir embora e temos de nos livrar do Kenji antes disso.

Abano a cabeça, presa entre correntes contrastantes de incredulidade.

— Como te *encontrou* ele?

A expressão do Adam endurece.

— Começou a gritar antes de poder perguntar-lhe.

— E o James? — sussurro, quase com medo de perguntar.

O Adam esconde a cabeça nas mãos.

— Logo que chegue a casa, temos de ir. Podemos usar o tempo que resta para nos prepararmos. — Olha-me nos olhos. — Não posso deixá-lo para trás. Já não é seguro aqui.

Toco-lhe na cara e encosta-se à minha mão, pressionando-a contra a face. Fecha os olhos.

— *Filho de uma cabra mal parida...*

O Adam e eu afastamo-nos. Coro até ao cocuruto. O Adam parece irritado. O Kenji encosta-se à parede no corredor da casa de banho,

encostando à cara um saco de gelo improvisado. Olhando-nos fixamente.

— Consegues *tocar-lhe*? Quer dizer... porra. Acabo de te *ver* tocá-la, mas isso nem sequer...

— Tens de ir — diz-lhe o Adam. — Já deixaste um rasto químico até minha casa. Precisamos de ir e não podes vir connosco.

— Ei... uau... Tenham calma. — O Kenji coxeia pela sala dentro, fazendo esgares quando apoia o peso do corpo na perna. — Não tento abrandar-vos, pá. Conheço um sítio. Um sítio seguro. Um sítio mesmo seguro. Posso levar-vos lá. Posso mostrar-vos como se chega lá. Conheço um tipo.

— Treta. — O Adam continua irritado. — Como me encontraste? Como conseguiste bater-me à porta, Kenji? Não confio em ti...

— Não sei, pá. Juro que não me lembro do que aconteceu. Depois de certo ponto, deixei de saber para onde corria. Só saltava vedações. Encontrei um campo enorme com uma cabana velha. Dormi aí algum tempo. Acho que desmaiei em dado momento. De dor ou frio... faz tanto frio aqui... Quando dei por mim, um tipo qualquer leva-me. Deixa-me à tua porta. Diz-me que deixe de falar no Adam porque o Adam mora aqui. — Sorri. Tenta piscar o olho. — Acho que sonhei contigo em voz alta.

— Espera... o quê? — O Adam inclina-se para diante. — Um tipo qualquer leva-te? Que quer isso dizer? Que tipo? Como se chamava? Como me *conhecia* ele?

— Não sei. Não me disse e não tive a presença de espírito para perguntar. Mas o tipo era *enorme*. Tinha de ser para me levar às costas.

— Não podes esperar que acredite em ti.

— Não tens escolha. — O Kenji encolhe os ombros.

— Claro que tenho escolha. — O Adam levanta-se. — Não tenho motivo nenhum para confiar em ti. Não tenho motivo nenhum para acreditar numa palavra que te sai da boca.

— Então porque estou aqui com uma bala na perna? Porque ainda não te encontrou o Warner? Porque estou *desarmado*...?

— Pode fazer parte do teu plano!

— E ajudaste-me, mesmo assim! — O Kenji ousa falar mais alto. —

Porque não me deixaste morrer? Porque não me deste um tiro? Porque me *ajudaste*?

O Adam vacila.

— Não sei.

— *Sabes. Sabes* que não vim para te fazer mal. Fui espancado por tua causa...

— Não protegias informação minha.

— Merda, pá. Que raio queres que te diga? Queriam *matar-me*. Tive de fugir. Não foi por culpa minha que um tipo qualquer me largou à tua porta...

— Isto não me diz respeito só a *mim*, percebes? Esforcei-me tanto para encontrar um sítio seguro para o meu irmão e, numa manhã, arruinaste *anos* de planeamento. Que raio faço agora? Tenho de fugir até encontrar uma maneira de o manter a salvo. É novo demais para ter de lidar com isto...

— Somos *todos* novos demais para ter de lidar com esta merda. — O Kenji está ofegante. — Não te enganes, meu. Ninguém devia ter de ver o que vimos. Ninguém devia ter de acordar de manhã e encontrar cadáveres na sala, mas são merdas que acontecem. Lidamos com elas e encontramos uma maneira de *sobreviver*. Não és o único com problemas.

O Adam afunda-se no sofá. Com 40 quilos de preocupação nos ombros. Inclina-se para a frente com a cabeça nas mãos.

O Kenji olha-me fixamente. Retribuo o olhar.

Sorri e cambaleia em diante.

— Sabes... és muito sexy para psicopata.

Clique.

O Kenji recua com as mãos no ar. O Adam pressiona-lhe uma arma contra a testa.

— Respeita-a ou queimo-te o respeito nos cornos.

— Estava a *brincar*...

— Uma merda é que estavas.

— Bolas, Adam. Vê se te acalmas...

— Onde fica o «sítio mesmo seguro» para onde nos podes levar? — Estou de pé, continuando a segurar a arma na mão. Coloco-me ao lado

do Adam. — Ou inventaste isso?

O Kenji anima-se.

— Não, é real. Muito real. Na verdade, até posso ou não ter falado de ti. E o tipo que gere o sítio pode ou não ter demonstrado um interesse enorme em te conhecer.

— Achas que sou uma aberração que podes mostrar aos teus amigos? — Pronta. Para. Disparar.

O Kenji pigarreia.

— Não uma aberração. Só... interessante.

Aponto-lhe a arma ao nariz.

— Sou tão interessante que posso matar-te só com as mãos.

Um lampejo de medo subtilmente perceptível surge-lhe nos olhos. Engole alguns litros de humildade. Tenta sorrir.

— De certeza que não és doida?

— Não. — Inclino a cabeça. — Não tenho a certeza.

O Kenji sorri. Olha-me de alto a baixo.

— Bolas. Fazes a loucura parecer muito *boa*.

— Estou a centímetros de te partir a cara — avisa-o o Adam, com voz de aço e o corpo rígido de raiva e os olhos semicerrados, sem vacilar. Não há nenhum vestígio de humor na sua expressão. — Não preciso de mais um motivo.

— O quê? — O Kenji não se mostra abalado e ri-se. — Há *muito tempo* que não estou tão perto de uma miúda, meu. E, doida ou não...

— Não estou interessada.

O Kenji vira-se para mim.

— Acho que não posso censurar-te. Estou com péssimo aspeto. Mas posso sempre tomar banho. — Tenta um sorriso. — Dá-me uns dias. Talvez mudes de ideias...

O Adam dá-lhe uma cotovelada na cara e não pede desculpa.

TRINTA E SEIS

O Kenji pragueja, sangrando, esgotando os palavrões e tropeçando a caminho da casa de banho com os dedos a apertar o nariz.

O Adam puxa-me para o quarto do James.

— Diz-me uma coisa — pede. Olha para o teto e inspira fundo. — Diz-me qualquer coisa...

Tento focar o olhar, pegar-lhe nas mãos, delicada delicada delicada. Espero que me olhe.

— Não vai acontecer nada ao James. Vamos mantê-lo a salvo. Prometo.

Tem os olhos cheios de dor como nunca antes os vi. Abre os lábios. Volta a fechá-los. Muda de ideias um milhão de vezes até as suas palavras preencherem o ar entre nós.

— Nem sequer sabe do nosso pai. — É a primeira vez que aborda o facto de também eu saber alguma coisa sobre o assunto. — Nunca quis que soubesse. Inventei histórias para lhe contar. Queria que tivesse uma oportunidade de ser *normal*. — Os seus lábios pronunciam segredos e os meus ouvidos vertem tinta, manchando-me a pele com as suas histórias. — Não quero que ninguém lhe toque. Não quero traumatizá-lo. Não posso... Não posso permitir que aconteça — diz-me. Contido. Em voz baixa.

Procurei as palavras certas pelo mundo inteiro e a minha boca permanece cheia de nada.

— Nunca é suficiente — sussurra. — Nunca consigo fazer o suficiente. Continua a acordar aos gritos. Continua a adormecer a chorar. Continua a ver coisas que não consigo controlar. — Pestaneja

um milhão de vezes. — Tanta gente, Juliette. — Sustenho a respiração.
— Mortos.

Toco a palavra nos seus lábios e beija-me os dedos. Os seus olhos são dois espelhos de perfeição, francos, honestos, humildes.

— Não sei o que fazer — diz, e é como uma confissão que lhe custa muito mais do que consigo compreender. O controlo escapa-lhe entre os dedos e sente-se desesperado por o recuperar. — *Diz-me o que fazer.*

Ouçoo os nossos corações batendo no silêncio que nos separa. Estudo a forma dos seus lábios, as linhas fortes da sua face, as pestanas que enlouqueceriam de desejo qualquer rapariga, o azul-escuro dos olhos em que aprendi a nadar. Ofereço-lhe a única possibilidade que posso.

— Talvez valha a pena pensar no plano do Kenji.

— Confias nele? — O Adam inclina-se para trás, surpreendido.

— Acho que não mente quando diz que conhece um sítio para onde podemos ir.

— Não sei se será boa ideia.

— Porque não...?

Algo que poderá não ser uma gargalhada.

— Posso matá-lo antes mesmo de lá chegarmos.

Os meus lábios torcem-se num sorriso triste.

— Não há outro sítio onde poderemos esconder-nos, pois não?

O sol gira à volta da lua quando responde. Abana a cabeça. Uma vez. Rapidamente. Brusco.

Aperto-lhe a mão.

— Então, temos de tentar.

— Que raio fazem aí dentro? — grita o Kenji do outro lado da porta. Bate um par de vezes. — Merda, pá. Acho que *nunca* é mau momento para ficar em pelota, mas talvez não seja a melhor altura para uma cambalhota a meio do dia. A não ser que queiram morrer, sugiro que saiam daí. Temos de nos preparar para ir.

— Talvez o mate agora. — O Adam muda de ideias.

Prendo-lhe a cara nas mãos, ergo-me em bicos de pés e beijo-o. Os seus lábios são 2 almofadas, tão macios, tão doces.

— Amo-te.

Fita os meus olhos e a minha boca e a sua voz é um sussurro rouco.

— Sim?

— Absolutamente.

Estamos os 3 preparados para partir quando o James volta para casa da escola. O Adam e eu reunimos as provisões mais importantes: comida, roupa, dinheiro que o Adam poupou. Continua a perscrutar o espaço acanhado como se não acreditasse poder tê-lo perdido tão facilmente. Consigo apenas imaginar a que ponto se aplicou naquilo, a que ponto se esforçou para dar um lar ao seu irmãozinho. O meu coração despedaça-se por ele.

O seu amigo pertence a uma espécie completamente diferente.

O Kenji tem nódoas negras novas, mas parece razoavelmente animado, excitado por motivos que não consigo adivinhar. É estranhamente resistente e estranhamente otimista. Parece impossível desanimá-lo e não consigo evitar admirar a sua determinação. Mas não para de me olhar fixamente.

— Como consegues tocar no Adam? — diz, após um momento.

— Não sei.

Funga.

— Treta.

Encolho os ombros. Não sinto a necessidade de o convencer de que não faço nenhuma ideia do motivo da minha sorte.

— Como descobriste que podias tocar-lhe? Fizeste alguma experiência doentia?

Espero não corar.

— Onde fica esse sítio para onde nos levavas?

— Porque mudas de assunto? — Sorri. Tenho a certeza de que sorri. Mas recuso-me olhar para ele. — Talvez possas tocar-me também *a mim*. Porque não tentas?

— Não queres que te toque.

— Talvez queira. — Sorri, sem dúvida.

— Talvez devas deixá-la em paz antes de voltar a pôr-te a bala na perna — sugere o Adam.

— Desculpa... Um homem solitário não pode tentar a sorte, Kent?

Talvez esteja mesmo interessado. Talvez devas recuar e deixá-la dar a sua opinião.

O Adam passa uma mão pelo cabelo. Sempre a mesma mão. Sempre pelo cabelo. Está alvoroçado. Frustrado. Talvez até envergonhado.

— Continuo a não estar interessada — recordo-lhe, elevando a voz.

— Sim, mas não esqueçamos que *isto* — aponta a cara ferida — não é permanente.

— O meu desinteresse é permanente. — Quero tanto dizer-lhe que não estou disponível. Quero tanto dizer-lhe que estou numa relação séria. Quero tanto dizer-lhe que o Adam me fez promessas.

Mas não posso.

Não faço ideia do que significa estar numa relação. Não sei se dizer «amo-te» é a expressão codificada para «exclusividade» e não sei se o Adam falava a sério quando disse ao James que eu era a sua namorada. Talvez fosse uma desculpa, um encobrimento, uma resposta fácil a uma pergunta complicada. Gostava que dissesse alguma coisa ao Kenji... Gostava que lhe dissesse que estamos oficialmente juntos, em exclusividade.

Mas não o faz.

E não percebo porquê.

— Acho que não devias decidir até o inchaço desaparecer — continua o Kenji, muito pragmático. — É justo. Tenho uma cara bastante espetacular.

O Adam tosse e parece-me que tentava camuflar o riso.

— Sabes... Podia jurar que nos dávamos bem — diz o Kenji, olhando para o Adam.

— Não me lembro porquê.

O Kenji eriça-se.

— Há alguma coisa que me queiras dizer?

— Não confio em ti.

— Então porque continuo aqui?

— Porque confio *nela*.

O Kenji vira-se para mim. Consegue esboçar um sorriso aparvalhado.

— Oh. Confias em mim?

— Enquanto te mantiver debaixo de olho. — Aperto mais a arma na minha mão.

O seu sorriso é enviesado.

— Não sei porquê, mas até gosto das tuas ameaças.

— Porque és um idiota.

— Nah. — Abana a cabeça. — Tens uma voz sexy. Torna tudo o que dizes maroto.

O Adam levanta-se tão subitamente que quase deita ao chão a mesinha.

O Kenji ri-se, arfando com a dor dos seus ferimentos.

— Acalma-te, Kent. *Bolas*. Estou só a brincar convosco. Gosto de ver a miúda psicopata ficar toda intensa. — Olha-me e baixa a voz. — Digo isto como elogio... porque... sabes... — Agita uma mão distraidamente na minha direção. — Até te fica bem seres psicopata.

— Mas qual é o teu problema? — O Adam vira-se para ele.

— Qual é o teu problema? — O Kenji cruza os braços, irritado. — Estão todos tão nervosos aqui.

O Adam aperta a arma na mão. Dirige-se à porta. Volta. Anda para trás e para a frente.

— E não te preocupes com o teu irmão — acrescenta o Kenji. — De certeza que não demora a chegar.

O Adam não se ri. Não para de andar para trás e para a frente. O seu maxilar palpita.

— Não estou preocupado com o meu irmão. Tento decidir se te dou um tiro agora ou depois.

— Mais tarde — diz o Kenji, desabando no sofá. — Ainda precisas de mim.

O Adam tenta falar, mas o seu tempo esgotou-se.

A porta clica, apita, destranca-se.

O James chegou.

TRINTA E SETE

—Estou muito feliz por aceites isto tão bem... a sério... Mas, James, não é motivo para excitação. Fugimos para que não nos matem.

— Mas vamos fugir *juntos* — diz pela quinta vez com um enorme sorriso surgindo-lhe na cara. Simpatizou com o Kenji quase depressa demais e passaram a conspirar os dois para transformarem a nossa provação numa espécie de missão rebuscada. — E eu posso *ajudar*!

— Não, não é...

— Claro que podes...

O Adam e o Kenji falam ao mesmo tempo. O Kenji é o primeiro a ultrapassar o impasse.

— Porque não pode ajudar? 10 anos é idade suficiente para ajudar.

— Não és tu quem decide isso — diz o Adam com o cuidado de controlar a voz. Sei que mantém a calma pelo irmão. — E não te diz respeito.

— Finalmente, vou poder ir *contigo* — diz o James, nada abalado. — E quero ajudar.

O James recebeu muito bem as notícias. Nem sequer vacilou quando o Adam explicou o motivo real para estar em casa e para estarmos juntos. Pensei que ver a cara ferida e enegrecida do Kenji o assustaria, o enervaria, despertando-lhe o medo no coração, mas o James mostra-se estranhamente inabalado. Ocorreu-me que teria visto coisas muito piores.

O Adam inspira fundo algumas vezes antes de se virar para o Kenji.

— A que distância fica?

— A pé? — O Kenji parece sentir-se inseguro pela primeira vez. —

Pelo menos algumas horas de caminhada. Se não fizermos nada estúpido, devemos chegar lá ao anoitecer.

— E se formos de carro?

O Kenji pestaneja. A sua surpresa dissolve-se num enorme sorriso.

— Merda, Kent. Porque não disseste antes?

— Cuidado com a língua quando o meu irmão está por perto.

O James revira os olhos.

— Ouço coisas piores que essa *todos* os dias. Até a Benny diz palavrões.

— A *Benny*? — As sobrancelhas do Adam trepam-lhe pela testa acima.

— Sim.

— Que diz el... — Para. Muda de ideias. — Isso não quer dizer que devas continuar a ouvi-los.

— Tenho quase 11 anos!

— Ei, homenzinho — interrompe o Kenji. — Não faz mal. A culpa foi minha. Devia ter mais cuidado. Além disso, há senhoras presentes. — Pisca-me o olho.

Afasto o olhar. Observo em redor.

É-me difícil deixar para trás aquela humilde casa. Posso apenas imaginar o que o Adam sentirá. Acho que o James está demasiado excitado com o caminho perigoso à nossa frente para perceber o que aconteceu. Para perceber realmente que não voltará ali.

Somos todos fugitivos tentando escapar à morte.

— Então o que... Roubaste um carro? — pergunta o Kenji.

— Um tanque.

O Kenji ri-se ruidosamente.

— BOA.

— Mas dá um bocado nas vistas durante o dia.

— Que quer dizer *dá nas vistas*? — pergunta o James.

— É... fácil de ver. — O Adam encolhe-se.

— *MERDA*. — O Kenji levanta-se, atabalhoado.

— Disse-te que tivesses cuidado com a língua...

— Ouviram aquilo?

— Ouvimos o quê...?

Os olhos do Kenji movem-se em todas as direções.

— Há outra saída?

O Adam também se levantou.

— JAMES...

O James corre para junto do irmão. O Adam verifica a arma. Ponho sacos às costas e o Adam faz o mesmo, focando a sua atenção na porta da rua.

— DEPRESSA...

— A que distância...?

— NÃO HÁ TEMPO...

— O que...

— KENT, FOGUE...

E fugimos, seguindo o Adam para o quarto do James. O Adam puxa uma cortina de uma parede, revelando uma porta escondida no momento em que três toques eletrônicos ecoam na sala.

O Adam dispara contra a fechadura da porta que bloqueia a saída.

Alguma coisa explode a menos de 5 metros atrás de nós. O som ecoa-me nos ouvidos, vibrando pelo corpo inteiro. O impacto quase me faz cair ao chão. Tiros por toda a parte. Passos pesados pela casa dentro, mas já fugimos pela saída. O Adam ergue o James nos braços e voamos pelas ruas através da explosão súbita de luz que nos cega. Parou de chover. As ruas estão escorregadias e lamacentas. Há crianças por toda a parte, cores garridas de pequenos corpos gritando repentinamente quando nos veem a aproximar. Já não há motivo para manter a discrição.

Já nos encontraram.

O Kenji fica para trás, cambaleando com os resquícios da descarga de adrenalina. Viramos para uma viela estreita e encosta-se à parede.

— Desculpem — diz, arfando. — Não consigo... deixem-me...

— Não podemos deixar-te... — grita o Adam, olhando em todas as direções, interiorizando as imediações.

— Isso é adorável, mano, mas não faz mal...

— Precisamos que nos mostres o caminho!

— Ah, *merda*...

— Disseste que nos ajudavas...

— Pensei que tivesses dito que tinhas um *tanque*...

— Se ainda não reparaste, houve uma mudança de planos inesperada...

— Não consigo acompanhar-vos, Kent. Mal consigo andar...

— Tens de *tentar*...

— *Há rebeldes nas imediações. Estão armados e preparados para disparar. Recolher obrigatório decretado. Regressem todos imediatamente às vossas casas. Há rebeldes nas imediações. Estão armados e preparados para dis...*

Os altifalantes trovejam pelas ruas, chamando a atenção para os nossos corpos encolhidos na viela estreita. Algumas pessoas veem-nos e gritam. O ruído das botas no chão aumenta de intensidade. Os tiros parecem mais descontrolados.

Demoro um momento a analisar os edifícios circundantes e percebo que não estamos num colonato. A rua em que o James vive situa-se em território não regulado: uma sucessão de edifícios de escritórios abandonados, restos das nossas antigas vidas. Não percebo porque não vive num complexo como os demais. Não tenho tempo para perceber porque só vejo representantes de dois grupos etários, porque os idosos e os órfãos são os únicos residentes, porque foram largados em terreno ilegal com soldados que não devem estar ali. Receio ponderar as respostas às minhas perguntas e, num momento de pânico, temo pela vida do James. Viro-me enquanto corremos, avistando o seu pequeno corpo aninhado nos braços do Adam.

Fecha os olhos com tanta força que é impossível que não lhe doa.

O Adam pragueja entredentes. Abre com um pontapé a primeira porta que encontramos num edifício deserto e grita-nos que o sigamos para dentro.

— Preciso que fiques aqui — diz ao Kenji. — E eu estou fora de mim, mas preciso de deixar o James contigo. Eles andam atrás da Juliette e de *mim*. Nem sequer esperam encontrar-vos aos dois.

— Que vais fazer? — pergunta o Kenji.

— Preciso de roubar um carro. Depois, venho buscar-vos. — O James nem sequer protesta quando o Adam o pousa. Os seus pequenos lábios estão pálidos. Os seus olhos estão arregalados. As suas mãos

tremem. — Venho buscar-te, James — diz o Adam. — Prometo.

O James acena com a cabeça uma e outra vez. O Adam beija-lhe a cabeça uma vez, com força, rapidamente. Larga os nossos sacos no chão. Vira-se para o Kenji.

— Se lhe acontecer alguma coisa, mato-te.

O Kenji não se ri. Não franze a testa. Inspira fundo.

— Vou cuidar dele.

— Juliette?

Pega-me na mão e desaparecemos nas ruas.

TRINTA E OITO

As ruas estão apinhadas de transeuntes a tentar fugir. O Adam e eu escondemos as nossas armas no elástico das calças, mas os nossos olhares desvairados e movimentos incertos parecem denunciar-nos. Todos mantêm a distância, afastando-se em direções opostas, alguns guinchando, gritando, chorando, largando as coisas que seguravam nas mãos. Mas não vejo um único carro. Serão difíceis de encontrar, sobretudo por estes lados.

O Adam empurra-me para o chão no preciso momento em que uma bala me passa junto à cabeça. Abre outra porta a tiro e corremos pelas ruínas em direção à saída, presos no labirinto do que costumava ser uma loja de roupa. Tiros e passos seguem-nos a pouca distância. Serão pelo menos uma centena de soldados a seguir-nos por aquelas ruas, formando grupos diferentes, dispersando-se por partes diferentes da cidade, preparados para capturar e matar.

Mas sei que não me matarão.

É com o Adam que me preocupo.

Tento manter-me tão próxima quanto possível do seu corpo porque tenho a certeza de que o Warner lhes deu ordens para me levarem viva. Porém, os meus esforços são débeis. O Adam é suficientemente alto e musculado para eu parecer minúscula a seu lado. Quem tivesse boa pontaria conseguiria mirá-lo. Poderiam atingi-lo em cheio na cabeça.

À minha frente.

Vira-se para disparar dois tiros. Um falha. Outro motiva um grito abafado. Continuamos a fugir.

O Adam não diz nada. Não me diz que seja corajosa. Não me

pergunta se estou bem, se estou assustada. Não me oferece encorajamento nem me garante que ficaremos bem. Não me diz que o deixe ficar e me salve. Não me diz que olhe pelo irmão dele se morrer.

Não precisa de o fazer.

Ambos compreendemos a realidade da nossa situação. O Adam poderia ser alvejado agora mesmo. Eu poderia ser capturada a qualquer momento. Este edifício inteiro pode explodir de repente. Alguém pode ter descoberto o Kenji e o James. Todos poderemos morrer hoje. Os factos são óbvios.

Mas sabemos que, mesmo assim, precisamos de correr o risco.

Porque avançar é a única forma de sobrevivermos.

A arma torna-se escorregadia nas minhas mãos, mas seguro-a, mesmo assim. As minhas pernas protestam com a dor, mas forço-as a moverem-se mais depressa, mesmo assim. Os meus pulmões racham-me a caixa torácica, mas obrigo-os a processar o oxigénio, mesmo assim. Tenho de seguir em frente. Não há tempo para deficiências humanas.

A escada de incêndio deste edifício é quase impossível de encontrar. Os nossos pés golpeiam os mosaicos do chão, as nossas mãos procuram alguma saída com a luz débil, alguma forma de chegar à rua. Este edifício é maior do que antecipámos, imenso, com centenas de direções em que podemos seguir. Percebi que terá sido um *armazém* e não uma simples loja. O Adam agacha-se atrás de uma secretária abandonada, puxando-me para baixo com ele.

— Não sejas estúpido, Kent... Não podes correr para sempre! — grita alguém. A voz não está a mais de 3 metros de distância.

O Adam engole em seco. Retesa o maxilar. As pessoas que tentam matá-lo são as mesmas com quem costumava almoçar. Com quem costumava treinar. Com quem costumava viver. *Conhece* aqueles tipos. Penso se isso tornará aquilo pior.

— Entrega-nos a rapariga — acrescenta uma nova voz. — Entregamos a rapariga e não disparamos. Fingimos que te perdemos. Deixamos-te ir. O Warner só quer a rapariga.

A respiração do Adam está ofegante. Segura com força a arma na mão. Ergue a cabeça por uma fração de segundo e dispara. Alguém cai

ao chão, gritando.

— KENT, SEU FILHO DA...

O Adam aproveita a oportunidade para correr. Saltamos de trás da secretária e voamos para uma escadaria. Não somos alvejados por um triz. Penso se aqueles homens terão sido os únicos a seguir-nos para o interior.

A escadaria em espiral desce para um piso inferior, uma espécie de cave. Alguém tenta mirar o Adam, mas os nossos movimentos erráticos tornam a tarefa quase impossível. A possibilidade de me atingir a mim é demasiado elevada. O nosso avanço é acompanhado pelos palavrões que vai deixando escapar.

O Adam atira coisas ao chão enquanto corremos, tentando criar algum tipo de distração, algum tipo de obstáculo para abrandar o soldado que nos persegue. Avisto um par de portas oblíquas e percebo que a região terá sido devastada por tornados. O clima é turbulento. Os desastres naturais são comuns. Aquela cidade terá sucumbido aos ciclones.

— Adam... — Puxo-lhe o braço. Escondemo-nos atrás de uma parede baixa. Indico a nossa única rota de fuga possível.

Aperta-me a mão.

— Bom olho. — Mas não nos movemos até sentirmos a deslocação no ar à nossa volta. Um passo em falso. Um grito abafado. O negrume aqui em baixo é quase ofuscante. É óbvio que a eletricidade foi desligada há muito. O soldado tropeçou num dos obstáculos que o Adam deixou para trás.

O Adam aproxima a arma do peito. Inspira fundo. Vira-se e dispara rapidamente.

A sua mira é excelente.

Uma explosão controlada de palavrões confirma-o. Inspira fundo.

— Disparo só para incapacitar — diz. — Não para matar.

— Eu sei — digo-lhe. Mesmo não tendo a certeza.

Corremos para as portas e o Adam esforça-se para puxar a tranca. A ferrugem mantém-na no sítio. O desespero ameaça dominar-nos. Não sei quanto tempo demoraremos a ser descobertos por outro grupo de soldados. Estou prestes a sugerir um tiro nas portas quando o Adam

consegue finalmente mover a tranca.

Abre-as com um pontapé e cambaleamos para a rua. Temos 3 carros à escolha.

Sinto-me tão feliz que quase poderia chorar.

— Já não era sem tempo — diz.

Mas não é o Adam quem fala.

TRINTA E NOVE

Há sangue por toda a parte.

O Adam está no chão, com as mãos sobre o corpo, mas não sei onde foi alvejado. Os soldados cercam-nos e tento afastar os braços que me mantêm à distância, pontapeando o ar, gritando para o vazio. Alguém me arrasta para longe e não consigo ver o que fizeram ao Adam. A dor domina-me os membros, bloqueando-me as articulações e partindo cada osso no meu corpo. Quero guinchar para o céu. Quero cair de joelhos e soluçar contra o chão. Não compreendo porque a agonia não consegue libertar-se nos meus gritos. Ou porque tenho a boca coberta pela mão de outra pessoa.

— Se te soltar, tens de prometer que não gritas — diz-me.

Ele toca-me na cara com as mãos e não sei onde deixei cair a arma.

O Warner arrasta-me para um edifício ainda funcional e pontapeia uma porta. Pressiona um interruptor. Luzes fluorescentes acendem-se com um zumbido baixo. Há pinturas coladas com adesivo às paredes, alfabetos arco-íris agrafados a painéis de cortiça. Pequenas mesas dispersas pela sala. Estamos numa sala de aula.

Penso se aquela será a escola do James.

O Warner baixa a mão. Os seus olhos verdes estão tão encantados que fico petrificada.

— Bolas. Tive tantas saudades tuas — diz-me. — Achaste mesmo que te deixaria ir tão facilmente?

— Deste um tiro no Adam — são as únicas palavras que me ocorrem. Tenho a mente turvada pela incredulidade. Não paro de ver o seu corpo belo caído no chão, vermelho vermelho vermelho. Preciso de

saber se está vivo. Tem de estar vivo.

Os olhos do Warner brilham.

— O Kent morreu.

— *Não...*

O Warner empurra-me para um canto e percebo que nunca me senti tão indefesa na vida inteira. Nunca me senti tão vulnerável. Passei 17 anos a desejar livrar-me da minha maldição, mas, naquele momento, estou mais desesperada que nunca para a ter de volta. Os olhos do Warner ficam inesperadamente mais calorosos. As suas oscilações emocionais constantes são difíceis de antecipar. E é difícil responder-lhes.

— Juliette — diz. Toca-me tão delicadamente na mão que me sobressalta. — Reparaste? Parece que sou imune ao teu dom. — Estuda-me o olhar. — Não é incrível? Reparaste? — repete. — Quando tentaste fugir? Sentiste...?

O Warner, a quem nada escapa. O Warner, que absorve cada pormenor.

Claro que sabe.

Mas choca-me a ternura na sua voz. A sinceridade com que quer saber. É como um cão bravo. Treloucado e selvagem, sedento de caos, ansiando simultaneamente por reconhecimento e aceitação.

Por amor.

— Podemos estar juntos a sério — diz-me, sem deixar que o meu silêncio o abale. Puxa-me para ele, demasiado perto. Fico paralisada por 500 camadas de medo. Atordoada pelo pesar e pela incredulidade.

As suas mãos procuram a minha cara e os seus lábios, os meus. O meu cérebro está em chamas, pronto para explodir com a impossibilidade daquele momento. Sinto que vejo aquilo acontecer, desligada do meu próprio corpo, incapaz de intervir. Mais do que qualquer outra coisa, chocam-me as suas mãos delicadas, os seus olhos francos.

— Quero que me escolhas — diz. — Quero que escolhas ficar comigo. Quero que *queiras* isto...

— És louco — digo, engasgando-me. — És um psicopata...

— Isso é simplesmente o medo daquilo de que és capaz. — A sua voz

é meiga. Fácil. Lenta. Enganadoramente persuasiva. Nunca antes percebi a que ponto a sua voz é atraente. — Admite — diz. — Somos perfeitos um para o outro. Queres o poder. Adoras a sensação da arma na tua mão. Senteste-te... atraída por mim.

Tento atingi-lo com o punho, mas ele segura-me os braços. Prende-os contra os meus flancos. Encosta-me à parede. É muito mais forte do que parece.

— Não mintas a ti mesma, Juliette. Voltarás para mim, quer te agrade ou não. Mas podes escolher gostar...

— *Nunca* acontecerá — exclamo, destroçada. — És doente... és um monstro doentio...

— Essa não é a resposta certa — diz, parecendo genuinamente desiludido.

— É a única resposta que te darei.

Os seus lábios aproximam-se demasiado.

— Mas eu amo-te.

— Não, não amas.

Os seus olhos fecham-se. Encosta a testa à minha.

— Não percebes o que me fazes.

— Odeio-te.

Abana a cabeça muito devagar. Baixa-a. O seu nariz roça-me o pescoço e suprimo um arrepio de horror que interpreta mal. Os seus lábios tocam-me a pele e não evito um gemido.

— Bolas, apetece-me dar-te uma dentada.

Reparo no brilho prateado no bolso interior do seu casaco.

Sinto esperança. Sinto horror. Preparo-me para o que preciso de fazer. Demoro um momento a lamentar a perda da minha dignidade.

E descontraio.

Ele sente a tensão abandonar-me os membros e responde na mesma moeda. Sorri e afrouxa os dedos sobre os meus ombros. Envolve-me a cintura com os braços. Engulo o vômito que ameaça denunciar-me.

O seu casaco militar tem um milhão de botões e penso quantos terei de desabotoar até conseguir alcançar a arma. As mãos dele exploram-me o corpo, descendo-me pelas costas para sentir as minhas formas e

tenho de me esforçar para não fazer alguma coisa precipitada. Não tenho capacidades suficientes para o dominar e não percebo porque consegue tocar-me. Não percebo porque consegui destruir betão ontem. Não percebo de onde vem essa energia.

Hoje, tem as vantagens todas e não chegou ainda o momento de eu desistir.

Ainda não.

Ponho-lhe as mãos no peito. Pressiona-me contra a curvatura do seu corpo. Ergue-me o queixo para o olhar nos olhos.

— Vou ser bom para ti — sussurra. — Vou ser tão bom para ti, Juliette. Prometo.

Espero que não me sinta tremer.

E beija-me. Avidamente. Desesperadamente. Ansioso para me abrir e para me provar. Estou tão atordoada, tão horrorizada, tão envolta em insanidade que esqueço onde estou. Fico paralisada, enojada. As minhas mãos caem-lhe do peito. Consigo pensar apenas no Adam e em sangue e no Adam e no som de tiros e no Adam caído numa poça de sangue e quase o empurro para longe de mim. Mas o Warner não se deixa desencorajar.

Interrompe o beijo. Sussurra-me alguma coisa ao ouvido que parece não fazer sentido. Segura-me a cara entre as mãos e, daquela vez, lembro-me de fingir. Puxo-o mais para mim, agarro-lhe um bocado do casaco e beijo-o com toda a intensidade que consigo simular enquanto os meus dedos tentam desabotoar o primeiro botão. O Warner segura-me pelas ancas e com as mãos procura conquistar o meu corpo. Sabe a menta, cheira a gardénias. Sinto os seus braços fortes à minha volta, os seus lábios macios, quase doces, contra a minha pele. Não antecipei a carga elétrica que sinto entre nós.

Sinto a cabeça às voltas.

Os lábios dele estão no meu pescoço, saboreando-me, devorando-me, e forço-me a pensar com lucidez. Forço-me a compreender a perversão desta situação. Não sei como lidar com a minha repulsa hesitante, com a minha inexplicável reação química aos lábios dele. Preciso de superar aquilo. Imediatamente.

Procuo os botões.

Ele sente-se desnecessariamente encorajado.

O Warner levanta-me pela cintura, içando-me pela parede acima, com as mãos amparando-me as nádegas e forçando-me a entrelaçar as pernas à volta do seu corpo. Não percebe que me dá o ângulo perfeito para enfiar a mão dentro do seu casaco.

Os lábios dele encontram os meus, as suas mãos enfiam-se por baixo da minha camisola e está ofegante, apertando-me, e quase lhe rasgo o casaco em desespero. Não posso deixar que isto continue muito mais tempo. Não sei até onde o Warner quer levar as coisas, mas não posso continuar a encorajar a sua loucura.

Preciso que se incline apenas mais um centímetro para a frente...

As minhas mãos envolvem-lhe a pistola.

Sinto-o estacar. Recuo. Testemunho a sucessão de expressões na sua face: confusão/apreensão/angústia/horror/raiva. Solta-me no momento em que os meus dedos pressionam o gatilho pela primeira vez.

O poder e a força da arma são desarmantes e o som é muito mais intenso do que antecipei. Os ecos vibram nos meus ouvidos e cada batimento cardíaco ecoa pelo meu corpo.

É uma música doce.

Uma pequena vitória.

Porque, daquela vez, o sangue não é do Adam.

QUARENTA

O Warner está caído.

Levanto-me e fujo com a arma dele.

Preciso de encontrar o Adam. Preciso de roubar um carro. Preciso de encontrar o James e o Kenji. Preciso de aprender a conduzir. Preciso de nos levar para um sítio seguro. Preciso de fazer tudo exatamente nessa ordem.

O Adam não pode estar morto.

O Adam não está morto.

O Adam não estará morto.

Os meus pés batem no pavimento com um ritmo regular, tenho a camisola e a cara salpicadas com sangue e as minhas mãos ainda tremem ligeiramente, iluminadas pelo sol poente. Uma brisa fresca sopra à minha volta, arrancando-me à realidade delirante em que pareço nadar. Inspiro fundo, semicerro os olhos para o céu e percebo que não me resta muito mais tempo antes de ficar sem luz. As ruas, pelo menos, foram evacuadas. Mas não sei absolutamente nada acerca do paradeiro dos homens do Warner.

Penso se o Warner também teria o soro localizador nas veias. Penso se saberiam da sua morte.

Encolho-me em cantos escuros e tento procurar pistas nas ruas, tento lembrar onde o Adam caiu ao chão, mas a minha memória é demasiado fraca, demasiado distraída e o meu cérebro está demasiado torturado para processar pormenores desse tipo. Aquele momento horrível é uma amálgama de insanidade na minha cabeça. Não consigo perceber nada e o Adam poderá estar em qualquer parte. Poderão ter-

lhe feito qualquer coisa.

Nem sequer sei o que procuro.

Poderei estar a perder o meu tempo.

Ouçõ um movimento súbito e enfio-me numa rua lateral, apertando os dedos sobre o punho da arma, sentindo-a escorregadia. Depois de ter disparado uma arma pela primeira vez, sinto-me mais confiante com ela nas mãos, mais consciente do que esperar e do seu funcionamento. Mas não sei se deva sentir-me feliz ou horrorizada por ficar tão rapidamente à vontade com algo tão letal.

Passos.

Encosto-me à parede, com os braços e as pernas pressionados contra a superfície áspera. Espero estar escondida pelas sombras. Penso se alguém terá já encontrado o Warner.

Vejo um soldado passar por mim. Tem espingardas cruzadas sobre o peito e uma arma automática mais pequena nas mãos. Olho para a arma na minha mão e não faço ideia de quantos tipos diferentes existem. Tudo o que sei é que algumas são maiores que outras. Algumas precisam de ser constantemente recarregadas. Algumas, como a que seguro, não precisam. Talvez o Adam possa ensinar-me as diferenças.

Adam.

Sustenho a respiração e movo-me tão discretamente quanto consigo pelas ruas. Avisto uma sombra particularmente escura num trecho de passeio à minha frente e faço um esforço para a evitar. Mas, quando me aproximo mais, percebo que não é uma sombra. É uma mancha.

O sangue do Adam.

Pressiono o maxilar até a dor assustar os gritos. Faço inspirações curtas e demasiado rápidas. Preciso de me concentrar. Preciso de usar aquela informação. Preciso de prestar atenção...

Preciso de seguir o rasto de sangue.

Quem tiver arrastado o Adam ainda não voltou para limpar aquilo. Há um pingó espaçado que se afasta das ruas principais para as ruas secundárias mal iluminadas. A luz é tão ténue que preciso de me curvar para ver os salpicos no chão. Deixo de conseguir perceber para onde se

dirigem. Penso que desapareceram por completo. Não sei se as manchas escuras que restam são de sangue, pastilhas elásticas velhas esmagadas contra o pavimento ou gotas de vida da carne de outra pessoa. O rasto do Adam desapareceu.

Recuo vários passos por onde vim.

Preciso de fazer isto 3 vezes até perceber que o terão levado para dentro. Há uma velha estrutura de aço com uma porta ferrugenta que parece nunca ter sido aberta. Parece não ser usada há anos. Não vejo outras opções.

Tento abrir. Está trancada.

Apoio o peso inteiro do corpo contra a porta para tentar arrombá-la, mas só ganhei novas nódoas negras. Podia dar-lhe um tiro como vi o Adam fazer, mas não estou segura da minha pontaria ou do meu talento com a arma e não sei se posso correr o risco de fazer tanto barulho. Não posso divulgar a minha presença.

Terá de haver outra forma de entrar naquele edifício.

Não há outra forma de entrar naquele edifício.

A minha frustração aumenta. O meu desespero é desarmante. A minha histeria ameaça destruir-me e quero gritar até os meus pulmões explodirem. O Adam está dentro deste edifício.

Estou do lado de fora do edifício e não consigo entrar.

É impossível que aquilo esteja mesmo a acontecer.

Fecho os punhos com força e tento suprimir a futilidade enlouquecedora que me domina, mas sinto-me descontrolada. Desvairada. Louca. A adrenalina desaparece, a minha concentração perde-se, o sol põe-se sobre o horizonte e recordo o James e o Kenji e o Adam Adam Adam e as mãos do Warner no meu corpo e os seus lábios na minha boca e a sua língua provando-me o pescoço e todo o sangue

por todo o lado

por todo o lado

por todo o lado

e faço uma coisa estúpida.

Esmurro a porta.

Num instante, a minha mente percebe o que os músculos fazem e preparo-me para o impacto do aço na pele, para sentir a agonia de

partir cada osso no meu braço direito. Mas o meu punho atravessa 30 centímetros de aço como se fosse manteiga. Fico atordoada. Aplico a mesma energia volátil e pontapeio a porta. Uso as mãos para reduzir o aço a farrapos, rasgando o metal como uma fera.

É incrível. Emocionante. Completamente selvagem.

Terá sido assim que destruí o betão na câmara de tortura do Warner. O que significa que continuo sem perceber como parti o betão na câmara de tortura do Warner.

Passo pelo buraco que criei e embrenho-me nas sombras. Não foi difícil. O espaço inteiro está imerso em sombras. Não há luzes, não se ouvem máquinas nem aparelhos elétricos. É só mais um armazém vazio e abandonado aos elementos.

Verifico os pisos, mas não há vestígios de sangue. Sinto o coração elevar-se e afundar-se ao mesmo tempo. Preciso que esteja bem. Preciso que esteja vivo. O Adam não morreu. Não pode ter morrido.

O Adam prometeu ao James que voltaria para o vir buscar.

Nunca violaria essa promessa.

Começo por me mover devagar, receosa, preocupada com a presença de soldados por perto, mas não demoro muito a perceber que não há qualquer som vivo dentro deste edifício. Decido correr.

Enfio a cautela no bolso e espero conseguir alcançá-la quando precisar dela. Voo pelas portas, contorno esquinas, interiorizo cada pormenor. O edifício não era um simples armazém. Era uma fábrica.

Máquinas velhas cobrem as paredes, passadeiras rolantes estão paralisadas, milhares de caixas empilham-se de modo periclitante, atingindo grandes alturas. Ouço uma respiração baixa, tosse abafada.

Corro por um par de portas duplas de mola, procurando a origem do som débil, tentando focar-me nos pormenores mais ínfimos. Apuro o ouvido e ali está novamente.

Respiração difícil, forçada.

Quanto mais me aproximo, maior é a clareza com que o ouço. Tem de ser ele. Ergo a arma e estou pronta para disparar. Os meus olhos estão cautelosos, antecipando atacantes. As minhas pernas movem-se com ligeireza, facilmente e em silêncio. Quase disparo contra uma sombra projetada pelas caixas no chão. Inspiro fundo para me acalmar.

Contorno outra curva.

E quase desabo no chão.

O Adam está pendurado pelos pulsos, sem camisa, ensanguentado e com nódoas negras por toda a parte. Tem a cabeça baixa, o pescoço sem forças, a perna esquerda ensopada em sangue apesar do torniquete que lhe aperta a coxa. Não sei há quanto tempo o peso do seu corpo inteiro está pendurado pelos pulsos. Surpreende-me que não tenha deslocado os ombros. Continuará a resistir.

A corda enrolada aos seus pulsos está presa a uma espécie de vara de metal atravessada no teto. Olho com maior atenção e percebo que a vara faz parte de uma passadeira rolante. Percebo que o Adam está numa passadeira rolante.

Não é uma simples fábrica.

É um matadouro.

Estou demasiado pobre para pagar o luxo da histeria neste momento.

Preciso de encontrar uma forma de o descer dali, mas receio aproximar-me. Os meus olhos procuram, certos de que haverá guardas algures ali, soldados preparados para aquele tipo de emboscada. Então, ocorre-me que talvez nunca me tenham considerado realmente uma ameaça. Não se o Warner conseguisse levar-me dali para fora.

Ninguém esperaria encontrar-me ali.

Trepo para a passadeira rolante e o Adam tenta levantar a cabeça. Preciso de me esforçar para não olhar com demasiada atenção para as feridas, para não deixar a minha imaginação inutilizar-me. Não aqui. Não agora.

— Adam...?

A sua cabeça ergue-se com uma descarga de energia súbita. Os seus olhos encontram-me. A sua face está quase intocada. Veem-se apenas pequenos cortes e escoriações. Concentrar-me no que é familiar traz-me alguma calma.

— Juliette...?

— Preciso de te tirar daí...

— Bolas, Juliette... Como me encontraste? — Tosse. Arfa. Inspira com dificuldade.

— Mais tarde. — Levanto a mão para lhe tocar na cara. — Conto-te tudo mais tarde. Primeiro, preciso de encontrar uma faca.

— As minhas calças...

— O quê?

— Nas... — engole em seco — minhas calças...

Enfio-lhe a mão no bolso e abana a cabeça. Olho para cima.

— Onde...?

— Há um bolso escondido *dentro* das minhas calças...

Quase lhe arranco a roupa. Há um pequeno bolso cosido dentro das calças militares. Enfio a mão no interior e retiro um canivete compacto. Uma navalha de ponta e mola. Vi-as antes.

São ilegais.

Começo a empilhar caixas sobre a passadeira rolante. Trepou e espero saber o que faço. A faca é extremamente afiada e não demora a cortar a corda que o prende. Percebo tarde demais que é a mesma corda que usámos na nossa fuga.

O Adam é libertado. Desço, voltando a esconder a lâmina da faca e guardando-a no bolso. Não sei como vou tirar o Adam dali. Tem os pulsos esfolados e ensanguentados. O seu corpo foi reduzido a uma massa dorida e a perna foi trespassada por uma bala.

Quase tomba.

Tento agarrá-lo da forma mais terna possível. Tento ampará-lo tão bem quanto consigo sem o magoar. Não diz uma palavra sobre a dor, esforçando-se tanto para esconder que lhe custa respirar. A agonia de tudo aquilo fá-lo encolher-se, mas não sussurra um único queixume.

— Não acredito que me encontraste — é tudo o que diz.

E sei que não devo. Sei que o momento não é o melhor. Sei que não é prático. Mas beijo-o, mesmo assim.

— Não vais morrer — digo-lhe. — Vamos sair daqui. Vamos roubar um carro. Vamos encontrar o James e o Kenji. Depois, vamos ficar a salvo.

Olha-me fixamente.

— Beija-me outra vez — diz.

E faço-o.

Voltar até à porta demora uma vida inteira. O Adam estava preso

nos confins daquele edifício e encontrar o caminho até à fachada é ainda mais difícil do que esperei. O Adam esforça-se tanto, movendo-se tão depressa quanto pode, mas, mesmo assim, não é nada rápido.

— Disseram que o Warner queria matar-me pessoalmente — explica. — Que me deu um tiro na perna de propósito, apenas para me incapacitar. Deu-lhe tempo para te afastar de mim e voltaria mais tarde. Aparentemente, o plano dele era torturar-me até à morte. — Estremece. — Disse que queria divertir-se com isso. Que não queria apressar-se a matar-me. — Uma gargalhada dura. Tosse brevemente.

As suas mãos no meu corpo as suas mãos no meu corpo as suas mãos no meu corpo

— Então limitaram-se a atar-te e abandonaram-te aqui?

— Disseram que nunca ninguém me encontraria. Disseram que o edifício é totalmente feito de betão e aço reforçado e que ninguém conseguiria arrombar a porta. O Warner devia vir buscar-me quando estivesse pronto. — Para. Olha-me. — Bolas. Estou tão feliz por estares bem.

Esboço-lhe um sorriso. Tento impedir os meus órgãos de caírem ao chão. Espero que os buracos na minha cabeça não sejam visíveis.

Hesita quando chegamos à porta. O metal é uma ruína retorcida. É como se um animal selvagem tivesse atacado a porta e perdido.

— Como...?

— Não sei — admito. Tento encolher os ombros, mantendo-me indiferente. — Esmurrei-a.

— Esmurraste-a.

— E pontapeei-a um pouco.

Sorri e quero chorar nos seus braços. Preciso de me concentrar na sua cara. Não consigo deixar os olhos digerir o destroço do seu corpo.

— Vamos — digo-lhe. — Vamos fazer qualquer coisa ilegal.

Deixo o Adam nas sombras e corro para a rua principal, procurando veículos abandonados. Precisamos de percorrer 3 ruas diferentes até encontrarmos finalmente um.

— Como estás? — pergunto-lhe, receando a resposta.

Pressiona os lábios. Faz qualquer coisa que parece um aceno de cabeça.

— Bem.

Não é bom.

— Espere aqui.

A escuridão é completa e não se vê um único candeeiro. Isto é bom. E também é mau. Dá-me uma vantagem, mas torna-me especialmente vulnerável a um ataque. Preciso de ter cuidado. Avanzo em bicos de pés até ao carro.

Estou preparada para partir o vidro, mas tento abri-lo primeiro. Testando a sorte.

A porta está destrancada.

A chave está na ignição.

Há um saco de mercearia no banco de trás.

Alguém terá entrado em pânico ao ouvir o alarme e o anúncio do recolher obrigatório inesperado. Terão largado tudo e fugido para sítio seguro. Inacreditável. Seria absolutamente perfeito se soubesse conduzir.

Corro até ao Adam e ajudo-o a coxear até ao banco do lado do condutor. Assim que se senta, percebo a dor que sentirá. Por curvar as costas. Por pressionar as costelas. Por forçar os músculos.

— Não faz mal — diz-me, mentindo. — Não consigo ficar muito tempo de pé.

Estendo a mão para o banco de trás e vasculho o saco de mercearia. Há comida a sério no interior. Não apenas cubos de caldo concebidos para serem enfiados em Automats, mas fruta e legumes. Nem o Warner nos dava bananas.

Passo a fruta amarela ao Adam.

— Come isto.

— Acho que não consigo comer... — Uma pausa. Olha para o que segura nas mãos. — Isto é o que parece?

— Acho que sim.

Não temos tempo para processar a impossibilidade. Descasco-lha. Encorajo-o a dar uma pequena dentada. Espero que lhe faça bem. Ouvi dizer que as bananas têm potássio. Espero que consiga mantê-la no estômago.

Tento focar-me na máquina que tenho por baixo dos pés.

— Quanto tempo achas que temos até ao Warner nos encontrar? — pergunta o Adam.

Inspiro algum oxigénio.

— Não sei.

Uma pausa.

— Como conseguiste escapar-lhe...?

Olho fixamente pelo para-brisas quando respondo.

— Dei-lhe um tiro.

— Não. — Surpresa. Admiração. Espanto.

Mostro-lhe a arma do Warner. Tem uma gravação especial no punho.

O Adam está atordoado.

— Então está... morto?

— Não sei — admito finalmente, envergonhada. Baixo o olhar e estudo a textura do volante. — Não sei ao certo. — Demorei demasiado a premir o gatilho. Era mais resistente do que esperei. Foi mais difícil segurar na arma do que pensei. O Warner já me largava quando a bala partiu na direção do seu corpo. Apontava-lhe ao coração.

Desejo ardentemente não ter falhado.

Ficamos os dois demasiado calados.

— Adam?

— Sim.

— Não sei conduzir.

QUARENTA E UM

—Tens sorte de não ter mudanças manuais. — Tenta rir-se.

— Mudanças manuais?

— Transmissão manual.

— Que é isso?

— Um pouco mais complicado.

Mordo o lábio.

— Lembras-te do sítio onde deixámos o James e o Kenji? — Nem sequer quero considerar a possibilidade de terem saído de lá. De terem sido descobertos. Qualquer coisa. Não consigo suportar a ideia.

— Sim. — Sei que pensa exatamente o mesmo que eu.

— Como chegamos lá?

O Adam diz-me que o pedal direito é o acelerador. O esquerdo é o travão. Tenho de pôr a alavanca no *D* de *Drive*. Giro o volante para virar. Há espelhos que me ajudam a ver atrás de mim. Não consigo ligar os faróis e terei de depender da lua para me iluminar o caminho.

Rodo a chave na ignição, piso o travão e movo a alavanca. A voz do Adam é o único sistema de navegação de que preciso. Solto o travão. Pressiono o acelerador. Quase choco com uma parede.

É assim que regressamos finalmente ao edifício abandonado.

Acelerador. Travão. Acelerador. Travão. Demasiado acelerador. O Adam não se queixa e isso é quase pior. Posso apenas imaginar o que a minha condução faz aos seus ferimentos. Sinto-me grata por, pelo menos, não estarmos mortos. Ainda não.

Não sei porque ninguém nos descobriu ainda. Penso se o Warner estará realmente morto. Penso se tudo estará num caos. Penso se será

por isso que não há soldados na cidade. Desapareceram todos.

Penso.

Quase me esqueço de pôr a alavanca das mudanças em *Park* quando chegamos ao edifício parcialmente arruinado e vagamente familiar. O Adam precisa de esticar a mão e fazê-lo por mim. Ajudo-o a passar para o banco de trás e pergunta-me porquê.

— Porque vou obrigar o Kenji a conduzir e não quero que o teu irmão te veja assim. Está suficientemente escuro para não te ver o corpo. Acho que não precisa de te ver ferido.

Acena com a cabeça após um momento interminável.

— Obrigado.

E corro para o edifício arruinado. Abro a porta. Mal consigo distinguir duas figuras na escuridão. Pestanejo e tornam-se nítidas. O James dorme com a cabeça no colo do Kenji. Os sacos estão abertos e há latas de comida caídas no chão. Estão bem.

Graças a Deus que estão bem.

Quase poderia morrer de alívio.

O Kenji puxa o James para os seus braços, sentindo algumas dificuldades com o peso. Tem a face rígida, séria, sem emoção. Não sorri. Não diz nada estúpido. Estuda os meus olhos como se já soubesse, como se compreendesse já porque demorámos tanto a regressar, como se houvesse um único motivo possível para o meu aspeto miserável e para o sangue que me mancha a camisola. E provavelmente a cara. E as mãos.

— Como está ele?

E quase me vou abaixo ali mesmo.

— Preciso que conduzas.

A sua inspiração é forçada. Acena várias vezes com a cabeça.

— A minha perna direita continua sã — diz-me, mas não me parece que se importasse se assim não fosse. Precisamos de chegar ao seu lugar seguro e a minha condução não nos levará a lado algum.

O Kenji senta um James adormecido ao lado do condutor e sinto-me tão feliz por ele não estar acordado naquele momento.

Pego nos sacos e passo-os para o banco de trás. O Kenji senta-se ao volante. Olha pelo espelho retrovisor.

— É bom ver-te vivo, Kent.

O Adam quase sorri. Abana a cabeça.

— Obrigado por cuidares do James.

— Já confias em mim?

Um pequeno suspiro.

— Talvez.

— Aceito um *talvez*. — Sorri. Liga o motor. — Vamos embora daqui.

O Adam treme.

O seu corpo nu cede finalmente ao frio, às horas de tortura, ao esforço de manter a compostura durante tanto tempo. Remexo dentro dos sacos à procura de um casaco, mas tudo o que encontro são camisolas. Não sei como poderia vestir-lhe uma sem o magoar.

Decido cortá-las. Pego na faca de ponta e mola e passo-a por algumas das suas camisolas, abrindo-as e cobrindo com elas o seu corpo como um cobertor. Olho em frente.

— Kenji... este carro tem aquecimento?

— Está ligado, mas não é grande coisa. Não funciona muito bem.

— Quanto tempo nos falta até lá chegarmos?

— Não muito.

— Viste alguém que pudesse seguir-nos?

— Não. — Hesita. — É estranho. Não percebo porque ninguém reparou num carro a acelerar por estas ruas depois do recolher. Alguma coisa não bate certo.

— Eu sei.

— E não sei porquê, mas é óbvio que o meu soro localizador não funciona. Ou não se importam nada comigo ou está mesmo desativado. E não sei porquê.

Um minúsculo detalhe ronda o limiar da minha percepção. Examino-o.

— Não disseste que dormiste numa cabana? Na noite em que fugiste?

— Sim, porquê?

— Onde ficava...?

Encolhe os ombros.

— Não sei. Num campo enorme. Foi estranho. Cresciam coisas estranhas nesse sítio. Quase comi uma coisa que parecia fruta antes de perceber que cheirava a cu.

Sustenho a respiração.

— Era um campo vazio? Estéril? Totalmente abandonado?

— Sim.

— O campo nuclear — diz o Adam, com uma compreensão audível na sua voz.

— Que campo nuclear? — pergunta o Kenji.

Demoro um momento a explicar.

— Porra! — O Kenji agarra o volante com mais força. — Então podia ter morrido? E não morri?

Ignoro-o.

— Mas então como nos encontraram? Como perceberam onde moras...?

— Não sei. — O Adam suspira. Fecha os olhos. — Talvez o Kenji nos minta.

— Vamos, meu. Mas que raio...

— Ou — interrompe o Adam — talvez tenham subornado a Benny.

— Não — exclamo.

— É possível.

Passamos todos um longo momento em silêncio. Tento olhar pela janela, mas é praticamente inútil. O céu noturno é um barril de alcatrão sufocando o mundo à nossa volta.

Viro-me para o Adam e vejo-o com a cabeça encostada para trás, as mãos fechadas, os lábios quase brancos no negrume. Ajeito melhor as camisolas à volta do seu corpo. Suprime um arrepio.

— Adam... — Afasto-lhe uma madeixa de cabelo da testa. O seu cabelo cresceu um pouco e percebo que nunca antes lhe prestei atenção. Tinha-o cortado rente desde o dia em que entrou na minha cela. Nunca pensei que o seu cabelo escuro pudesse ser tão macio. Era como chocolate derretido. Penso quando terá deixado de o cortar.

Move o maxilar. Abre os lábios. Mente-me uma e outra vez.

— Estou bem.

— Kenji...

— 5 minutos, prometo... Estou a tentar acelerar nesta coisa...

Toco-lhe nos pulsos, passando as pontas dos dedos pela pele dorida. As cicatrizes ensanguentadas. Beijo-lhe a palma da mão. Enche os pulmões com esforço.

— Vais ficar bem — digo-lhe.

Mantém os olhos fechados. Tenta acenar com a cabeça.

— Porque nunca me disseste que estavam juntos? — pergunta o Kenji inesperadamente. A sua voz é contida, neutra.

— O quê? — Não é o momento para corar.

O Kenji suspira. Vislumbro os seus olhos pelo espelho retrovisor. O inchaço desapareceu quase completamente. A sua cara recupera.

— Teria de ser *cego* para me escapar uma coisa dessas. Bolas, basta a maneira como ele olha para ti. É como se o tipo nunca tivesse visto uma mulher na vida. É como pôr comida à frente de um homem faminto e dizer-lhe que não pode comê-la.

O Adam abre os olhos. Tento interpretá-lo, mas não me olha.

— Porque não me disseste? — volta a perguntar o Kenji.

— Nunca tive oportunidade de perguntar — responde o Adam. A sua voz é menos que um sussurro. Os seus níveis de energia caem demasiado depressa. Não quero que seja obrigado a falar. Precisa de conservar as forças.

— Espera... falas comigo ou com ela? — O Kenji olha para os dois.

— Podemos discutir isto mais tarde... — tento dizer, mas o Adam abana a cabeça.

— Disse ao James sem te perguntar. Depreendi... — Uma pausa. — Não devia tê-lo feito. Devias ter tido escolha. Devias ter tido escolha desde o início. E és tu quem decide se queres ficar comigo.

— Ei, vou fingir que já não consigo ouvir-vos, está bem? — O Kenji faz um movimento aleatório com a mão. — Tenham o vosso momento à vontade.

Mas estou demasiado ocupada a estudar os olhos do Adam, os seus lábios suaves. A sua testa franzida.

Debruço-me para o seu ouvido e baixo a voz. Sussurro as palavras para que só ele consiga ouvir-me.

— Vais ficar melhor — prometo-lhe. — E, quando ficares, vou

mostrar-te exatamente que escolha fiz. Vou decorar cada centímetro do teu corpo com os meus lábios.

Ele expira subitamente, trémulo, incerto. Engole em seco.

Os seus olhos queimam-me. Parece quase febril e pergunto-me se não estarei a piorar mais as coisas.

Começo a afastar-me, mas ele impede-me. Pousa a mão na minha coxa.

— Não te afares — diz. — O teu toque é a única coisa que me impede de perder o juízo.

QUARENTA E DOIS

—Chegámos e é noite. Ou seja, de acordo com os meus cálculos, não teremos feito nada de estúpido.

O Kenji para o carro. Estamos outra vez num subterrâneo, numa espécie de parque de estacionamento intrincado. Num minuto, estávamos à superfície e, no seguinte, desaparecemos numa vala. É quase impossível de localizar e mais ainda na escuridão. O Kenji dizia a verdade acerca daquele esconderijo.

Ocupo-me a tentar manter o Adam acordado durante os minutos anteriores. O seu corpo luta contra a exaustão, contra a perda de sangue e a fome, contra um milhão de pontos doridos. Sinto-me tão completamente inútil.

— O Adam tem de ir diretamente para a enfermaria — anuncia o Kenji.

— Têm uma enfermaria? — O meu coração paira num dia de primavera.

O Kenji sorri.

— Este sítio tem tudo. Vais flipar. — Pressiona um interruptor no tejadilho. Uma luz ténue ilumina a velha berlina. O Kenji sai. — Esperem aqui... Vou pedir a alguém que traga uma maca.

— E o James?

— Ah. — A boca do Kenji contorce-se. — Ele... humm... vai dormir um pouco mais.

— Que queres dizer com isso...?

Pigarreia. Uma. Duas vezes. Alisa os vincos na camisa.

— Eu... humm... talvez lhe tenha dado qualquer coisa para... aliviar

o desconforto desta viagem.

— Deste um *comprimido para dormir* a um miúdo de 10 anos? —
Sinto-me prestes a partir-lhe o pescoço.

— Preferias que assistisse a isto tudo acordado?

— O Adam vai matar-te.

O Kenji fita as pálpebras pesadas do Adam.

— Sim. Bom... Acho que tenho sorte por não me matar esta noite. —
Hesita. Curva-se para o carro e passa os dedos pelo cabelo do James.
Sorri um pouco. — O miúdo é um santo. Vai estar ótimo de manhã.

— Não *acredito* que...

— Ei, ei... — Levanta as mãos. — Confia em mim. Vai ficar fino. Só
não queria que ficasse mais traumatizado do que era inevitável. —
Encolhe os ombros. — Talvez o Adam concorde comigo.

— Vou dar cabo de ti. — A voz do Adam é um murmúrio baixo.

O Kenji ri-se.

— Acalma-te, meu. Ou vou pensar que estás a falar a sério.

O Kenji desaparece.

Olho para o Adam, encorajando-o a ficar acordado. Digo-lhe que
está quase a salvo. Encosto-lhe os lábios à testa. Estudo cada sombra,
cada contorno, cada corte e nódoa negra na sua cara. Os seus músculos
descontraem, as suas feições perdem a tensão. Expira com um pouco
mais de facilidade. Beijo-lhe o lábio superior. Beijo-lhe as bochechas. O
nariz. O queixo.

A seguir, tudo acontece muito depressa.

4 pessoas correm na direção do carro. 2 mais velhos que eu, 2 mais
velhos que eles. Um par de homens. Um par de mulheres.

— Onde está ele? — pergunta a mulher mais velha. Olham todos em
redor, ansiosos. Penso se conseguirão ver que os olho fixamente.

O Kenji abre a porta do Adam. Deixou de sorrir. Na verdade,
parece... diferente. Mais forte. Mais rápido. Mais alto, até. Detém o
controlo. É uma figura de autoridade. Todas estas pessoas *conhecem-no*.

O Adam é deitado na maca e imediatamente avaliado. Todos falam
ao mesmo tempo. Qualquer coisa sobre costelas partidas. Qualquer
coisa sobre perda de sangue. Qualquer coisa sobre vias respiratórias e

capacidade pulmonar e: *que lhe aconteceu aos pulsos?* Qualquer coisa sobre verificar a pulsação e: *há quanto tempo sangra?* O homem e a mulher mais novos olham na minha direção. Todos eles vestem trajes estranhos.

Fatos estranhos. Completamente brancos com riscas cinzentas verticais de lado. Penso se será uma bata médica.

Levam o Adam.

— Esperem... — Cambaleio para fora do carro. — Esperem! Quero ir com ele...

— Agora não. — O Kenji para-me. Parece mais delicado.

— Não podes estar com ele durante o que precisam de lhe fazer. Não agora.

— Que queres dizer com isso? Que lhe vão fazer? — O mundo perde a nitidez, com tons de cinzento estremecendo como vultos instáveis, como movimentos interrompidos. De repente, nada faz sentido. De repente, tudo me confunde. De repente, a minha cabeça é um pedaço de pavimento e sou pisada até à morte. Não sei onde estamos. Não sei quem é o Kenji. O Kenji era amigo do Adam. O Adam conhece-o. O Adam. O meu Adam. O Adam que é levado para longe de mim e não posso ir com ele e quero ir com ele, mas não me deixam ir com ele e não sei porquê...

— Vão ajudá-lo... *Juliette*... preciso que te concentres. Não podes ir-te abaixo agora. Sei que tem sido um dia maluco... mas preciso que fiques calma. — A voz dele. Tão serena. Tão subitamente articulada.

— Quem és tu...? — Começo a entrar em pânico. Quero pegar no James e fugir, mas não posso. Fez alguma coisa ao James e, mesmo que soubesse como acordá-lo, não posso tocar-lhe. Quero arrancar as unhas. — *Quem és tu...*

O Kenji suspira.

— Estás faminta. Estás exausta. Neste momento, tentas processar o choque e um milhão de outras emoções. Tenta ser racional. Não te vou fazer mal. Estás a salvo. O Adam está a salvo. O James está a salvo.

— Quero estar com ele... Quero ver o que lhe vão fazer...

— Não posso permitir isso.

— Que me vais fazer? Porque me trouxeste para aqui...? — Arregalo

os olhos e movo-os em todas as direções. Rodopio à deriva no oceano da minha imaginação e não sei nadar. — Que queres de mim?

O Kenji olha para baixo. Esfrega a testa. Leva a mão ao bolso.

— Não queria mesmo ter de fazer isto.

Parece-me que grito.

QUARENTA E TRÊS

Sou um destroço hirto quando acordo.

Alguém me lavou. A minha pele é como cetim. As minhas pestanas estão suaves, o meu cabelo está liso, escovado para desfazer os nós. Brilha sob a luz artificial. É um rio de chocolate roçando a margem pálida da minha pele. Ondas macias caindo em cascata sobre a minha clavícula. As minhas articulações doem. Os meus olhos ardem com uma exaustão insaciável. O meu corpo está nu sob um lençol pesado. Nunca me senti tão imaculada.

Estou demasiado cansada para deixar que me incomode.

Os meus olhos sonolentos avaliam o espaço onde me encontro, mas não há grande coisa para considerar. Estou deitada numa cama. Há 4 paredes. 1 porta. Uma pequena mesa a meu lado. Um copo de água sobre a mesa. Luzes fluorescentes zumbem no alto. Tudo é branco.

Tudo o que alguma vez conheci muda.

Estendo a mão para o copo de água e a porta abre. Puxo o lençol até onde consigo.

— Como te sentes?

Um homem alto com óculos de plástico. Aros pretos. Uma camisola simples. Calças vincadas. O seu cabelo louro cai-lhe sobre os olhos.

Segura uma prancheta.

— Quem és?

Puxa uma cadeira em que não tinha reparado no canto. Senta-se ao lado da minha cama.

— Senteste zozna? Desorientada?

— Onde está o Adam?

Aproxima a caneta de uma folha de papel. Escreve alguma coisa.

— O teu apelido escreve-se com dois erres? Ou só um?

— Que fizeram com o James? Onde está o Kenji?

Para. Olha-me. Não pode ter mais de 30 anos. Tem um nariz torto. Barba de um dia.

— Posso, pelo menos, verificar se estás bem? Depois, prometo que respondendo às tuas perguntas. Deixa-me só cumprir o protocolo básico.

Pestanejo.

Como me sinto. Não sei.

Tive sonhos. Não me parece.

Sei onde estou. Não.

Acredito que estou a salvo. Não sei.

Lembro-me do que aconteceu. Sim.

Que idade tenho. 17.

De que cor são os meus olhos. Não sei.

— Não sabes? — Baixa a caneta. Tira os óculos. — Lembras-te de pormenores do que aconteceu ontem, mas não sabes de que cor são os teus olhos?

— Acho que são verdes. Ou azuis. Não tenho a certeza. Porque importa isso?

— Quero ter a certeza de que consegues reconhecer-te a ti própria. De que não te esqueceste de quem és.

— Mas nunca soube realmente de que cor são os meus olhos. Só me vi ao espelho uma vez nos últimos 3 anos.

O desconhecido fita-me. Há rugas de preocupação à volta dos seus olhos. Finalmente, sou forçada a afastar o olhar.

— Como me tocaste? — pergunto.

— Desculpa?

— O meu corpo. A minha pele. Estou tão... limpa.

— Ah. — Morde o polegar. Anota qualquer coisa nos papéis. — Certo. Bem, estavas coberta de sangue e imundície quando te trouxeram e tinhas alguns cortes e equimoses menores. Não quisemos correr risco de infeção. Perdoa-me a violação da tua privacidade... mas não podemos permitir que ninguém traga bactérias desse tipo. Tivemos de fazer uma desintoxicação superficial.

— Está bem... percebo — apresso-me a dizer. — Mas *como*?

— Desculpa?

— Como me tocaste? — Saberá, sem dúvida. Como pode não saber? Espero que saiba.

— Ah... — Acena com a cabeça, distraído pelas palavras que rabisca na prancheta. Semicerra os olhos para a página. — Látex.

— O quê?

— Látex. — Ergue o olhar por um segundo. Percebe a minha confusão. — Luvas?

— Isso. — Claro. Luvas. Mesmo o Warner usava luvas, até perceber. Até perceber. Até perceber. Até perceber.

Revivo o momento uma e outra vez na minha mente. A fração de segundo que demorei a saltar da janela. O momento de hesitação que mudou tudo. O instante em que perdi todo o controlo. Todo o poder. Qualquer posição dominante. Não desistirá até me encontrar e é por culpa minha.

Preciso de saber se morreu.

Preciso de me forçar a ficar imóvel. Preciso de me forçar a não tremer, estremecer ou vomitar. Preciso de mudar de assunto.

— Onde está a minha roupa? — As minhas mãos movem-se sobre o lençol branco imaculado que me esconde os ossos.

— Foi destruída pelos mesmos motivos que forçaram a tua desinfeção. — Pega nos óculos. Coloca-os. — Temos um fato especial para ti. Penso que te facilitará muito a vida.

— Um fato especial? — Olho para cima. Entreabro os lábios de surpresa.

— Sim. Chegaremos a essa parte um pouco mais tarde. — Faz uma pausa. Sorri. Tem uma covinha no queixo. — Não me vais atacar como atacaste o Kenji, pois não?

— Ataquei o Kenji? — Estremeço.

— Só um pouco. — Encolhe os ombros. — Pelo menos, descobrimos que não é imune ao teu toque.

— *Toquei-lhe?* — Sento-me na cama e quase me esqueço de puxar o lençol para me cobrir. Ardo da cabeça aos pés, corando até à alma, segurando o lençol como se fosse a minha salvação. — Sinto muito...

— De certeza que vai apreciar o pedido de desculpas. — O Louro estuda religiosamente os seus apontamentos, subitamente fascinado pela sua própria caligrafia. — Mas está tudo bem. Esperávamos algumas tendências destrutivas. Tens tido uma semana e tanto.

— És psicólogo?

— Mais ou menos. — Afasta o cabelo da testa.

— Mais ou menos?

Ri-se. Hesita. Gira a caneta nos dedos.

— Sim. Para todos os efeitos, sou psicólogo. Às vezes.

— Que quer isso dizer...?

Abre a boca. Volta a fechá-la. Parece pensar em responder, mas, ao invés, examina-me. Olha-me fixamente durante tanto tempo que sinto a cara aquecer. Começa a rabiscar furiosamente.

— Que faço aqui? — pergunto-lhe.

— Recuperas.

— Há quanto tempo estou aqui?

— Passaste quase 14 horas a dormir. Demos-te um sedativo muito forte. — Olha para o relógio. — Parece-me que recuperas bem. — Hesita. — Na verdade, tens muito bom aspeto. Estás fabulosa, na verdade.

Tenho um punhado de palavras entarameladas na boca. O rubor alastra-se pelo meu rosto.

— Onde está o Adam?

Inspira fundo. Sublinha qualquer coisa nos papéis. Os seus lábios contorcem-se num sorriso.

— Onde está ele?

— Recupera. — Olha finalmente para mim.

— Está bem?

Acena com a cabeça.

— Está bem.

Fito-o.

— Que significa isso?

2 batidas na porta.

O desconhecido de óculos não se mexe. Relê os apontamentos.

— Entra — diz.

O Kenji entra, parecendo inicialmente um pouco hesitante. Espreita-me com olhar cauteloso. Nunca achei que ficasse tão feliz por o ver. Mas, sendo um alívio ver uma cara conhecida, o meu estômago aperta-se imediatamente num nó de culpa, derrubando-me por dentro. Penso na gravidade com que o terei ferido. Dá um passo em frente.

A minha culpa desaparece.

Olho com mais atenção e percebo que está perfeitamente incólume. A perna funciona bem. A cara voltou ao normal. Já não tem os olhos inchados e a testa foi tratada e está lisa, intocada. Tinha razão.

Tem realmente uma cara espetacular.

Um maxilar desafiador. Sobrancelhas perfeitas. Olhos tão negros como o cabelo. Matreiros. Fortes. Um pouco perigosos.

— Olá, beleza.

— Desculpa-me por quase te ter matado — vocifero.

— Ah. — Surpreendi-o. Enfia as mãos nos bolsos. — Bom. Ainda bem que arrumámos essa questão. — Reparo que veste uma t-shirt rasgada. Calças de ganga escuras. Há tanto tempo que não vejo uma pessoa de calças de ganga. Fardas do exército, roupa básica de algodão e vestidos finos são tudo o que tenho visto ultimamente.

Não consigo olhá-lo.

— Entrei em pânico — tento explicar. Entrelaço os dedos e volto a separá-los.

— Percebi. — Arqueia uma sobrancelha.

— Sinto muito.

— Eu sei.

Aceno com a cabeça.

— Pareces melhor.

Sorri. Espreguiça-se. Encosta-se à parede, com os braços cruzados sobre o peito e cruzando também os tornozelos.

— Isto deve ser difícil para ti.

— Desculpa?

— Olhar para a minha cara. Perceber que tinha razão. Perceber que tomaste a decisão errada. — Encolhe os ombros. — Percebo. Mas não sou um homem orgulhoso, sabes? Estou disposto a perdoar-te.

Olho-o, boquiaberta, sem saber se devo rir-me ou atirar alguma

coisa.

— Não me obrigues a tocar-te.

Abana a cabeça.

— É incrível como alguém pode ter um aspeto tão certo e um toque tão errado. O Kent é um sacana com sorte.

— Desculpem... — O psicólogo levanta-se. — Acabaram? — Olha para o Kenji. — Pensei que viesses com um propósito.

O Kenji afasta-se da parede. Endireita as costas.

— Certo. Sim. O Castle quer conhecê-la.

QUARENTA E QUATRO

—Agora? — O Louro está mais confuso que eu. — Mas não acabei de a examinar.

O Kenji encolhe os ombros.

— Quer conhecê-la.

— Quem é o Castle? — pergunto.

O Louro e o Kenji olham para mim. O Kenji afasta o olhar. O Louro não o faz.

Inclina a cabeça.

— O Kenji não te disse nada sobre este sítio?

— Não. — Vacilo, insegura, olhando para o Kenji, que não olha para mim. — Nunca me explicou nada. Disse que conhecia alguém que tinha um sítio seguro e que talvez pudesse ajudar-nos...

O Louro abre a boca de espanto. Ri-se tanto que acaba por ronar. Levanta-se. Limpa os óculos com a bainha da camisa.

— És um parvo tão grande — diz ao Kenji. — Porque não lhe dizes a verdade?

— Nunca teria vindo se lhe dissesse a verdade.

— Como sabes?

— Quase me *matou*...

Os meus olhos movem-se de uma cara para a outra. Do cabelo louro para o cabelo preto e voltando ao louro.

— Que se *passa*? — pergunto. — Quero ver o Adam. Quero ver o James. E quero *roupa*...

— Estás nua? — De repente, o Kenji olha atentamente para o meu lençol e não se dá ao trabalho de ser subtil.

Coro apesar dos meus esforços para o evitar. Sinto-me frustrada.

— O Louro diz que destruíram a minha roupa.

— *Louro?* — O homem louro fica ofendido.

— Nunca me disseste como te chamas.

— Winston. Chamo-me Winston. — Já não sorri.

— Não disseste que tinhas um fato para mim?

Franze a testa. Olha para o relógio.

— Não teremos tempo para isso agora. — Suspira. — Traz-lhe alguma coisa para vestir por agora, está bem? — Fala com o Kenji. O Kenji que continua com os olhos postos em mim.

— Quero ver o Adam.

— O Adam ainda não está preparado para te ver. — O Louro O Winston guarda a caneta num bolso. — Avisamos-te quando estiver pronto.

— Como esperam que confie em vocês se nem sequer me deixam vê-lo? Se não me deixam ver o James? Nem sequer tenho coisas básicas. Quero sair desta cama e preciso de algo para vestir.

— Vai buscar, Moto. — O Winston ajusta o relógio.

— Não sou o teu cão, *Louro* — riposta o Kenji. — E disse-te que não me chamasses Moto.

O Winston aperta a cana do nariz.

— Tudo bem. Também posso dizer ao Castle que é por culpa tua que ela não vai ter com ele agora.

O Kenji murmura qualquer coisa obscena entredentes. Afasta-se. Quase choca contra a porta.

Passam alguns segundos numa espécie de silêncio carregado.

Inspiro fundo.

— Que quer dizer *moto*?

O Winston revira os olhos.

— Nada. É só uma alcunha... O apelido dele é Kishimoto. Fica furioso quando cortamos o nome ao meio. É muito sensível com isso.

— Então porque lhe cortam o nome ao meio?

Funga.

— Porque é difícil como o raio de pronunciar.

— Que treta de desculpa é essa?

Franze a testa.

— Que foi?

— Ficaste chateado por te ter chamado Louro em vez de Winston. Porque não pode ele zangar-se quando lhe chamas Moto em vez de Kenji?

Murmura qualquer coisa que parece:

— Não é a mesma coisa.

Deslizo um pouco na cama. Deito a cabeça na almofada.

— Não sejas hipócrita.

QUARENTA E CINCO

Sinto-me um palhaço com aquela roupa demasiado grande. Visto a camisola de outra pessoa. As calças de pijama de outra pessoa. Calço os chinelos de outra pessoa. O Kenji diz que tiveram de destruir também a roupa no meu saco e não faço ideia a quem pertencerá a roupa com que cubro presentemente o meu corpo. Quase nado dentro do tecido.

Tento dar um nó no tecido que sobra e o Kenji impede-me.

— Vais estragar-me a camisola — queixa-se.

Baixo as mãos.

— Deste-me a *tua* roupa?

— Que esperavas? Não temos vestidos a mais por aí. — Olha-me como se devesse sentir-me grata por partilhar.

Bem. Suponho que será melhor do que estar nua.

— Então quem é esse Castle?

— Manda em tudo — diz-me o Kenji. — O líder do movimento.

Os meus ouvidos eriçam-se.

— *Movimento?*

O Winston suspira. Parece tão tenso. Tento perceber porquê.

— Se o Kenji ainda não te contou nada, talvez seja melhor esperares que o Castle o faça pessoalmente. Aguenta. Prometo que vamos responder às tuas perguntas.

— Mas e o Adam? Onde está o *James*...

— Uau. — O Winston passa uma mão pelo cabelo fino. — Não vais desistir, pois não?

— Está ótimo, Juliette — intervém o Kenji. — Precisa de um pouco mais de tempo para recuperar. Tens de começar a confiar em nós.

Ninguém aqui te vai fazer mal, ao Adam ou ao James. Estão os dois ótimos. Tudo está ótimo.

Mas não sei se ótimo é suficiente.

Percorremos uma cidade inteira abaixo da superfície, por corredores e passagens com pisos lisos de pedra e paredes ásperas intocadas. Há discos circulares abertos no chão com espaço de poucos metros, brilhando com luz artificial. Vejo computadores, dispositivos desconhecidos de todos os tipos, portas entreabertas revelando divisões contendo apenas aparelhos eletrônicos.

— Como conseguem ter a eletricidade necessária para fazer este sítio funcionar? — Olho com mais atenção as máquinas impossíveis de identificar, os ecrãs iluminados, o zumbido inconfundível de centenas de computadores integrados na estrutura daquele mundo subterrâneo.

O Kenji puxa-me uma madeixa de cabelo solta. Dou meia-volta.

— Roubamo-la. — Sorri. Indica com a cabeça um caminho estreito. — Por aqui.

Gente nova e velha de todas as formas e etnias entra em divisões e volta a sair, ao longo dos corredores. Muitos olham fixamente, outros estão demasiado distraídos para notar a nossa presença. Alguns vestem-se como os homens e mulheres que correram para o nosso carro ontem à noite. É um tipo estranho de farda. Parece desnecessário.

— Então... toda a gente se veste assim? — sussurro, apontando para os desconhecidos que passam de forma tão discreta quanto possível.

O Kenji coça a cabeça. Demora a responder.

— Nem todos. Nem sempre.

— E tu? — pergunto-lhe.

— Hoje não.

Decido não lhe alimentar as tendências crípticas e, em vez disso, faço-lhe uma pergunta mais direta.

— Vais contar-me como recuperaste tão depressa?

— Sim — diz o Kenji, mantendo-se neutro. — Vamos contar-te muitas coisas, na verdade. — Viramos abruptamente para um corredor inesperado. — Antes disso... — O Kenji para diante de uma enorme

porta de madeira. — O Castle quer conhecer-te. Foi ele quem te solicitou.

— *Solicitou...?*

— Sim. — O Kenji parece desconfortável por um breve segundo.

— Espera... que queres dizer...

— Quero dizer que não foi por acidente que vim parar ao exército, Juliette. — Suspira. — Não foi por acidente que apareci à porta do Adam. E não devia ter levado um tiro ou sido espancado até à morte. Mas aconteceu. Só que não fui deixado lá por um tipo desconhecido. — Quase sorri. — Sempre soube onde o Adam vivia. Fazia parte das minhas funções. — Uma pausa. — Todos te procurávamos.

A minha boca repousa sobre as minhas rótulas.

— Entra. — O Kenji empurra-me para dentro. — Ele virá assim que estiver pronto.

— Boa sorte — é tudo o que o Winston me diz.

1320 segundos entram na sala antes dele.

Move-se com método, a face transformada numa máscara de neutralidade enquanto prende rastas rebeldes num rabo-de-cavalo e se senta no extremo da sala. É magro, em boa forma, impecavelmente vestido com um fato simples. Azul-escuro. Camisa branca. Sem gravata. Não tem rugas na cara, mas há um risco de prata no seu cabelo e os seus olhos confessam que viveu pelo menos 100 anos. Terá 40 e tal anos. Olho em redor.

É um espaço vazio, notável na sua modéstia. O chão e o teto são construídos com tijolos cuidadosamente empilhados. Tudo parece antigo, mas, de alguma forma, a tecnologia moderna mantém o sítio vivo. A luz artificial ilumina as dimensões cavernosas, com pequenos monitores embutidos nas paredes de pedra. Não sei o que faço ali. Não sei o que esperar. Não sei que tipo de pessoa será o Castle, mas depois de passar tanto tempo com o Warner, é melhor conter a esperança. Nem sequer percebo que parei de respirar até o ouvir.

— Espero que esteja a gostar da sua estada até agora.

Levanto a cabeça de repente ao encontro dos seus olhos escuros, da sua voz delicada, sedosa e forte. Os seus olhos reluzem com curiosidade

genuína e uma pontada de surpresa. Esqueço que sei falar.

— O Kenji disse que queria conhecer-me — é a única resposta que lhe dou.

— O Kenji está certo. — Respira sem pressas. Move-se na cadeira sem pressas. Estuda-me os olhos sem pressas, escolhendo as palavras, tocando nos lábios com dois dedos. Parece dominar o conceito de tempo. *Impaciência* é uma palavra que não consta do seu vocabulário. — Ouvi... histórias sobre si. — Sorri. — Queria apenas saber se são verdadeiras.

— Que ouviu?

Sorri com dentes tão brancos que parecem neve caindo nos vales de chocolate da sua face. Abre as mãos. Fita-as por um momento. Olha para cima.

— Que consegue matar um homem apenas com a pele. Que consegue destruir metro e meio de betão com a palma da mão.

Escalo uma montanha de ar e os meus pés não param de escorregar. Preciso de me agarrar a alguma coisa.

— É verdade? — pergunta.

— É mais provável que os rumores o matem do que eu.

Olha-me durante demasiado tempo.

— Gostava de lhe mostrar uma coisa — diz, após um momento.

— Quero respostas para as minhas perguntas. — Aquilo demorou já demasiado. Não quero que me empurrem para uma falsa sensação de segurança. Não quero presumir que o Adam e o James estão bem. Não quero confiar em ninguém até ter provas. Não posso fingir que tudo aquilo é aceitável. Ainda não. — Quero saber que estou segura — digo-lhe. — E quero saber que os meus amigos estão seguros. Trouxemos um rapaz de 10 anos connosco e quero vê-lo. Preciso de ter a certeza de que está são e salvo. Até isso acontecer, não vou colaborar.

Os seus olhos demoram-se mais um momento em mim.

— A sua lealdade é refrescante — diz, sendo sincero. — Sair-se-á bem aqui.

— Os meus amigos...

— Sim. Claro. — Levanta-se. — Siga-me.

Este sítio é muito mais complexo e muito mais organizado do que alguma vez poderia imaginar. Há centenas de direções diferentes em que alguém poderá perder-se, quase o mesmo número de divisões, algumas maiores que outras, cada uma com propósitos diferentes.

— A sala de jantar — diz-me o Castle.

— Os dormitórios. — Na ala oposta.

— As instalações de treino. — No fundo daquele corredor.

— As salas polivalentes. — Por aqui.

— As casas de banho. — Em cada extremo do piso.

— As salas de reuniões. — Do outro lado daquela porta.

Cada espaço está repleto de corpos, com cada corpo adaptado a uma rotina específica. As pessoas erguem a cabeça quando entramos. Alguns acenam e sorriem, encantados. Percebo que todos olham para o Castle. Acena com a cabeça. Os seus olhos são amáveis e humildes. O seu sorriso é forte e tranquilizante.

É o líder do *movimento*. Foi o que o Kenji me disse. Aquelas pessoas dependem dele para algo mais elementar do que a sobrevivência. É mais do que um abrigo nuclear. É mais do que um esconderijo. Há um objetivo mais elevado. Um propósito.

— Bem-vinda — diz-me o Castle, gesticulando com uma mão — ao Ponto Ómega.

QUARENTA E SEIS

—Ponto Ómega?

— A última letra do alfabeto grego. O desenvolvimento final, o último elemento numa série. — Para à minha frente e, pela primeira vez, reparo no ómega bordado nas costas do seu casaco. — Somos a única esperança que resta à nossa civilização.

— Mas como... com tão pouca gente... como podem esperar competir...

— Construámos isto há muito tempo, Juliette. — É a primeira vez que diz o meu nome. A sua voz é forte, delicada, estável. — Temos planeado, organizado, delineado a nossa estratégia há muitos anos. O colapso da nossa sociedade humana não deve surpreender ninguém. Fomos nós que o provocámos. A questão não era *se* as coisas se desmoronariam — continua. — A única questão era saber *quando*. Precisámos apenas de esperar. Apenas não sabíamos quem tomaria o poder e como tentaria usá-lo. O medo — diz-me, virando-se apenas por um momento, com os seus passos silenciosos sobre a pedra — é um grande motivador.

— Isso é patético.

— Concordo. E é por isso que parte do meu trabalho é reanimar os corações paralisados que perderam a esperança. — Viramos para outro corredor. — E dizer-lhe a si que quase tudo o que aprendeu sobre o estado do nosso mundo é mentira.

Paro. Quase tombo.

— Que quer dizer com isso?

— Quero dizer que as coisas não são tão más como o

Restabelecimento nos fez pensar.

— Mas não há comida...

— Que *lhe* permitam comer.

— Os animais...

— Estão escondidos. Foram geneticamente modificados. Criados em pastagens secretas.

— Mas o ar... as estações... o *clima*...

— Não estão tão mal como querem que acreditemos. Será provavelmente o nosso único problema real... mas foi causado por manipulações perversas da Terra Mãe. São manipulações *com mão humana* que ainda podemos corrigir. — Vira-se para mim. Fixa no meu âmagô um olhar firme. — Ainda há uma hipótese de mudar as coisas. Podemos abastecer toda a gente com água potável. Podemos assegurar que as colheitas não são reguladas pelo lucro. Podemos assegurar que não são geneticamente alteradas para beneficiar a indústria. A nossa gente morre porque é alimentada com veneno. Os animais morrem porque os forçamos a comer lixo, porque os forçamos a viver na sua imundície, enjaulando-os e abusando deles. As plantas mirram porque despejamos químicos na terra que as tornam perigosas para a nossa saúde. Mas podemos reparar isto.

» Impingem-nos mentiras porque acreditar nelas nos torna fracos, vulneráveis, maleáveis. Dependemos de outros para comer, para termos saúde e sustento. Isto incapacita-nos. Transforma a nossa gente em cobardes. Transforma os nossos filhos em escravos. Chegou o momento de resistir. — A emoção ilumina-lhe os olhos, o fervor fá-lo fechar os punhos. As suas palavras são poderosas, carregadas de convicção, articuladas e plenas de significado. Não duvido que terá convencido muita gente com noções tão fantasiosas. Com esperança num futuro que parece perdido. Com inspiração num mundo ermo sem nada para oferecer. É um líder nato. Um orador talentoso.

Custa-me acreditar nele.

— Como pode ter a certeza de que as suas teorias estão corretas? Tem provas?

As suas mãos descontraem. Baixa os olhos. Os seus lábios esboçam um pequeno sorriso.

— Claro. — Quase se ri.

— Porque tem graça?

Abana a cabeça. Apenas um pouco.

— O seu ceticismo diverte-me. Admiro-o, na verdade. Nunca é boa ideia acreditar em tudo o que ouvimos.

Percebo o duplo sentido das suas palavras. Não lho escondo.

— *Touché*, Sr. Castle.

Uma pausa.

— É francesa, menina Ferrars?

— A minha mãe, talvez. Afasto o olhar.

— Então onde estão as suas provas?

— Este movimento é prova suficiente. Estas verdades permitem a nossa sobrevivência. Procuramos comida e mantimentos nos vários complexos de armazenamento que o Restabelecimento construiu. Encontrámos os seus campos, as suas quintas, os seus animais. Têm dezenas de hectares ocupados com colheitas. Os agricultores são escravos, trabalhando sob ameaça de morte dirigida a eles ou aos seus familiares. O resto da sociedade morreu ou foi presa em setores, isolada para ser monitorizada, cuidadosamente observada.

Mantenho a expressão neutra, vazia. Ainda não decidi se acredito ou não nele.

— E porque precisa de mim? Que lhe importa a minha presença aqui?

Para diante de uma parede de vidro. Aponta para a sala do outro lado. Não responde à minha pergunta.

— O Adam recupera graças à nossa gente.

Quase tropeço na minha pressa para o ver. Pressiono as mãos contra o vidro e espreito o espaço profusamente iluminado. O Adam dorme, com a face perfeita e pacífica. Será a enfermaria.

— Olhe com atenção — diz-me o Castle. — Não há agulhas espetadas no seu corpo. Não há máquinas a mantê-lo vivo. Chegou com três costelas partidas. Com os pulmões prestes a colapsar. Com uma bala na coxa. Os rins estavam danificados, juntamente com o resto do corpo. Pele ferida, pulsos em carne viva. Um tornozelo torcido. Perdeu mais sangue do que a maioria dos hospitais conseguiria substituir.

O meu coração está prestes a saltar para fora do meu peito. Quero partir o vidro e aninhá-lo nos braços.

— Há quase 200 pessoas no Ponto Ómega — diz o Castle. — Menos de metade tem um dom de algum tipo.

Giro, atordoada.

— Trouxe-a para aqui — diz-me, cauteloso e com voz baixa — porque é aqui que pertence. Porque precisa de saber que não está sozinha.

QUARENTA E SETE

Estou boquiaberta.

— Seria preciosa para a nossa resistência — diz-me.

— Há outros... como eu? — Mal consigo respirar.

O Castle fixa em mim olhos que me apelam diretamente à alma.

— Fui o primeiro a perceber que a minha condição não seria apenas minha. Procurei outros, segui rumores, ouvindo histórias, lendo os jornais à procura de anomalias no comportamento humano. A princípio, fazia-o apenas em busca de companheirismo. — Faz uma pausa. — Estava cansado da insanidade. De acreditar que não era humano. Que era um monstro. Então, percebi que o que parecia uma fraqueza era, na realidade, uma força. Que, juntos, poderíamos ser algo extraordinário. Algo *bom*.

Não consigo recuperar o fôlego. Nem o equilíbrio. Não consigo expelir a impossibilidade atravessada na minha garganta.

O Castle espera a minha reação.

De repente, sinto-me tão nervosa.

— Qual é o seu... dom? — pergunto-lhe.

O seu sorriso desarma a minha insegurança. Estende a mão. Inclina a cabeça. Ouço chiar uma porta que se abre à distância. O som de ar e de metal. Movimento. Viro-me na direção do som e vejo apenas algo correndo na minha direção. Baixo-me. O Castle ri-se. Segura o objeto na mão.

Gemo de espanto.

Mostra-me a chave presa entre os dedos.

— Consegue mover coisas com a mente? — Nem sequer percebo

onde encontrei as palavras.

— Tenho um nível de psicocinesia incrivelmente avançado. — Os seus lábios formam um sorriso. — Portanto, sim.

— E isso tem *nome*? — Parece-me que guincho. Procuro recompor-me.

— A minha condição? Sim. A sua? — Hesita. — Não tenho a certeza.

— E os outros... o que... são...

— Pode conhecê-los, se quiser.

— Eu... sim... Gostaria de os conhecer — gaguejo, excitada. Tenho outra vez 4 anos e ainda acredito em fadas.

O som repentino paralisa-me.

Passos golpeiam a pedra. Ouço respiração ofegante.

— *Senhor...* — grita alguém.

O Castle sobressalta-se. Acalma-se. Espreita além de uma esquina e vê quem corre.

— Brendan?

— Senhor! — Outra vez ofegante.

— Tens notícias? Que viste?

— Ouvimos coisas no rádio — começa, com as palavras forçadas num sotaque britânico cerrado. — As nossas câmaras captam mais tanques patrulhando a área do que é habitual. Pensamos que poderão estar a aproximar-se...

O som de eletricidade estática. Vozes confusas numa comunicação rádio fraca.

O Brendan pragueja entredentes.

— Desculpe, senhor... normalmente, a distorção não chega a este ponto... Ainda não aprendi a conter as últimas cargas...

— Não te preocupes. Precisas de prática, só isso. O teu treino corre bem?

— Muito bem, senhor. Já domino quase tudo. — O Brendan faz uma pausa. — Praticamente.

— Excelente. Entretanto, diz-me se os tanques se aproximarem mais. Não me surpreende saber que se tornaram um pouco mais vigilantes. Mantém-te atento a referências a um ataque. O Restabelecimento tenta localizar-nos há anos, mas, agora, temos algo

particularmente valioso para os seus esforços e estou certo de que quererão recuperar o que perderam. Penso que as coisas se desenvolverão rapidamente daqui em diante.

Um momento de confusão.

— Senhor?

— Há alguém que gostaria que conhecesse.

— Silêncio.

O Brendan e o Castle dobram a esquina. Tornam-se visíveis. E preciso de fazer um esforço consciente para me impedir de deslocar o maxilar. Não consigo parar de olhar.

O companheiro do Castle é branco da cabeça aos pés.

Não é apenas a sua farda estranha de um tom ofuscante de branco. A sua pele é mais pálida que a minha. Até o seu cabelo é tão louro que só poderá ser descrito com exatidão como sendo branco. Os olhos são hipnóticos. Do azul mais claro que alguma vez vi. Penetrantes. Praticamente transparentes. Parece ter a minha idade.

Não parece *real*.

— Brendan, esta é a Juliette — apresenta-nos o Castle. — Chegou ontem. Estava a mostrar-lhe o Ponto Ómega.

O sorriso do Brendan é tão brilhante que quase me sobressalta. Estende a mão e quase entro em pânico antes de perceber que franze a testa. Afasta-a e diz:

— Humm, espera... desculpa... — E flete as mãos. Estala os dedos. Voam faíscas dos seus dedos. Olho-o boquiaberta.

Encolhe-se. Esboça um sorriso um pouco envergonhado.

— Às vezes, eletrocuto pessoas por acidente.

Algo na minha grossa armadura estala. Derrete. De repente, sinto-me compreendida. Sem medo de ser eu mesma. Não consigo evitar o sorriso.

— Não te preocupes — digo-lhe. — Se te apertar a mão, posso matar-te.

— Bolas. — Pestaneja. Olha fixamente. Espera que retire o que disse. — A sério?

— Muito.

Ri-se.

— Está bem. Nada de toques. — Inclina-se. Baixa a voz. — Também tenho um problema com isso, sabes? As raparigas estão sempre a falar de faíscas nos seus romances, mas, aparentemente, nenhuma fica feliz por apanhar *literalmente* choques. É muito confuso. — Encolhe os ombros.

O meu sorriso é mais largo que o oceano Pacífico. O meu coração está tão cheio de alívio, consolo, aceitação. O Adam estava certo. Talvez as coisas possam ficar bem. Talvez não precise de ser um monstro. Talvez tenha uma alternativa.

Acho que vou gostar deste sítio.

O Brendan pisca o olho.

— Foi muito bom conhecer-te, Juliette. Vou voltar a ver-te?

Aceno afirmativamente.

— Penso que sim.

— Fantástico. — Volta a sorrir-me. Vira-se para o Castle. — Aviso-o se ouvir mais alguma coisa, senhor.

— Perfeito.

E o Brendan desaparece.

Viro-me para a parede de vidro que me mantém afastada da outra metade do meu coração. Encosto a cabeça à superfície fria. Desejo que acorde.

— Quer dizer-lhe olá?

Olho para o Castle, que continua a observar-me fixamente. Sempre a analisar-me. De alguma forma, a sua atenção não me deixa desconfortável.

— Sim — digo-lhe. — Quero dizer olá.

QUARENTA E OITO

O Castle usa a chave que tem na mão para abrir a porta.

— Porque tem a enfermaria de estar trancada? — pergunto-lhe.

Vira-se para mim. Percebo pela primeira vez que não é muito alto.

— Se soubesse onde ele estava... teria esperado pacientemente do lado de cá desta porta?

Baixo o olhar. Não respondo. Espero não corar.

Tenta ser encorajador.

— A recuperação é um processo delicado. Não pode ser interrompido ou influenciado por emoções inconstantes. Temos a sorte de ter dois elementos entre nós com o dom da cura... gémeas, na verdade. Mas o mais fascinante é que ambas se focam num elemento diferente. Uma nas incapacidades físicas e a outra nas mentais. É preciso lidar com as duas facetas ou a cura será incompleta, fraca, insuficiente. — Roda o trinco da porta. — Mas acho que o Adam pode vê-la agora.

Entro e os meus sentidos são imediatamente dominados pelo perfume a jasmim. Procuro as flores em redor, mas não as vejo. Penso se será um perfume. É inebriante.

— Fico cá fora — diz-me o Castle.

A divisão está ocupada por uma longa fileira de camas feitas com simplicidade. São cerca de 20 e a única ocupada é a do Adam. Há uma porta ao fundo da enfermaria que, provavelmente, conduzirá a outro espaço, mas estou demasiado nervosa para sentir curiosidade naquele momento.

Puxo uma cadeira e tento ficar tão silenciosa quanto possível. Não

quero acordá-lo. Quero apenas saber que está bem. Abro e fecho as mãos. Estou demasiado consciente do meu coração acelerado. E sei que não deveria tocar-lhe, mas não consigo evitar. Cubro-lhe a mão com a minha. Tem os dedos quentes.

As pálpebras movem-se por um instante. Não se abrem. Inspira subitamente e eu estaco.

Quase irrompo em lágrimas.

— Que *faz*?

Viro a cabeça quando ouço a voz em pânico do Castle.

Largo a mão do Adam. Afasto-me da cama com olhos arregalados, preocupada.

— Hum?

— Porque... como consegue *tocar-lhe*? — Nunca esperei ver o Castle tão confuso, tão perplexo. Perdeu a compostura, estendendo um braço num esforço para me travar.

— Claro que posso to... — Calo-me. Tento manter a calma. — O Kenji não lhe disse?

— Este jovem tem imunidade ao seu toque? — As palavras do Castle são sussurradas, plenas de espanto.

— Sim. — Movo o olhar dele para o Adam, que continua a dormir profundamente. Tal como o Warner.

— Isso é... *espantoso*.

— É?

— Muito. — Os olhos do Castle estão tão brilhantes, tão ávidos. — Não será coincidência, certamente. Não existem coincidências neste tipo de situações. — Uma pausa. Começa a caminhar para trás e para diante. — Fascinante. Tantas possibilidades... tantas teorias... — Nem sequer fala comigo. A sua mente funciona com demasiada rapidez para conseguir acompanhá-la. Inspira fundo. Parece recordar que ainda estou ali. — Peço desculpa. Continue, por favor. As raparigas virão em breve... Ajudam o James de momento. Preciso de reportar esta nova informação logo que possa.

— Espere...

Olha-me.

— Sim?

— Tem teorias? — pergunto-lhe. — Sabe... porque estas coisas... me acontecem?

— Nos acontecem? — O Castle esboça-me um sorriso delicado.

Tento não corar. Consigo acenar afirmativamente.

— Há anos que fazemos pesquisa intensiva — explica. — Acreditamos ter uma noção bastante completa.

— E? — Mal consigo respirar.

— Se decidir ficar no Ponto Ómega, teremos essa conversa muito em breve. Prometo. Além disso, tenho a certeza de que este não será o melhor momento. — Indica o Adam com a cabeça.

— Ah. — Sinto as bochechas a arder. — Claro.

O Castle vira-se para partir.

— Mas acredita que o Adam... — As palavras escapam-me da boca demasiado depressa. Tento conter-me. — Acha que também é... como nós?

O Castle dá uma volta. Estuda os meus olhos.

— Penso — diz, com cuidado — que isso é totalmente possível.

Gemo de espanto.

— Peço desculpa — diz. — Mas preciso mesmo de ir. E não quero interromper o vosso tempo juntos.

Quero dizer que sim, claro, absolutamente. Quero sorrir e acenar-lhe e dizer-lhe que não há problema. Mas tenho tantas perguntas que acho que poderei explodir. Quero que me conte tudo o que sabe.

— Sei que é muita informação para interiorizar de uma vez só. — O Castle faz uma pausa à porta. — Mas teremos muitas oportunidades para falar. Deve estar exausta e de certeza que gostaria de dormir um pouco. As raparigas cuidarão de si... Esperam-na. Aliás, serão as suas companheiras de quarto no Ponto Ómega. De certeza que terão muito gosto em responder às perguntas que tiver. — Põe-me as mãos sobre os ombros antes de partir. — É uma honra tê-la connosco, menina Ferrars. Espero que pense seriamente em juntar-se a nós permanentemente.

Aceno com a cabeça, dormente.

E vai-se.

Há anos que fazemos pesquisa intensiva, disse. Acreditamos ter

uma noção bastante completa, disse. *Teremos essa conversa muito em breve, prometo.*

Pela primeira vez na minha vida, poderei compreender finalmente o que sou e não me parece possível. E o Adam. O *Adam*. Recomponho-me e sento-me a seu lado. Aperto-lhe os dedos. O Castle pode estar enganado. Talvez aquilo tudo seja coincidência.

Preciso de me concentrar.

Penso se alguém teve notícias do Warner recentemente.

— Juliette?

Tem os olhos meio abertos. Olha-me fixamente como se não acreditasse que sou real.

— Adam! — Forço-me a ficar onde estou.

Sorri e o esforço parece esgotá-lo.

— Bolas, é bom ver-te.

— Estás *bem*. — Aperto-lhe a mão e resisto a puxá-lo para os meus braços. — É verdade que estás bem.

O seu sorriso amplia-se.

— Estou tão cansado. Acho que podia dormir durante anos.

— Não te preocupes. O efeito do sedativo vai passar em breve.

Dou uma volta. Duas raparigas com olhos verdes exatamente iguais olham-nos fixamente. Sorriem ao mesmo tempo. Têm cabelo castanho longo e volumoso, preso num rabo-de-cavalo alto. Vestem fatos-macaco prateados idênticos. Sabrinhas douradas.

— Sou a Sonya — diz a rapariga à direita.

— Sou a Sara — acrescenta a irmã.

Não sei como distingui-las.

— É tão bom conhecer-te — dizem, exatamente ao mesmo tempo.

— Sou a Juliette — consigo dizer. — Também fico feliz por vos conhecer.

— O Adam está quase pronto para ter alta — diz-me uma.

— A Sonya é excelente a curar — diz a outra.

— A Sara é melhor que eu — diz a primeira.

— Ele estará em condições de partir logo que o sedativo lhe saia do organismo — dizem em uníssono, sorrindo.

— Oh... ótimo... muito obrigada. — Não sei para quem olhar. A

quem responder. Volto a olhar para o Adam.

Parece profundamente divertido.

— Onde está o James? — pergunta.

— Brinca com as outras crianças. — Parece-me que é a Sara quem o diz.

— Acabámos de o levar à casa de banho — diz a outra.

— Queres vê-lo? — Outra vez a Sara.

— Há outras crianças? — Tenho os olhos tão grandes como a cara.

As raparigas acenam com a cabeça ao mesmo tempo.

— Vamos buscá-lo? — entoam. E partem.

— Parecem simpáticas — diz o Adam após um momento.

— Sim. Parecem. — Tudo naquele sítio parece simpático.

A Sonya e a Sara regressam com o James, que parece mais feliz do que nunca, quase mais feliz do que quando viu o Adam pela primeira vez. Está muito entusiasmado por estar ali. Entusiasmado por estar com os outros miúdos, entusiasmado por estar com «as raparigas bonitas que cuidam de mim porque são tão prestáveis e por haver tanta comida na mesa e deram-me *chocolate*, Adam... alguma vez provaste *chocolate*?» — e tem uma cama tão grande e amanhã vai à escola com os outros miúdos e já está excitado com isso.

— Estou tão feliz por estares acordado — diz ao Adam, praticamente dando saltos na cama. — Disseram-me que tinhas ficado doente e que descansavas e agora estás acordado e isso quer dizer que estás melhor, não é? E estamos a salvo? Não me lembro do que aconteceu no caminho para aqui — admite, um pouco envergonhado. — Acho que adormeci.

Penso que o Adam pondera partir o pescoço do Kenji naquele momento.

— Sim, estamos a salvo — diz-lhe o Adam, passando-lhe uma mão pelo cabelo louro despenteado. — Está tudo bem.

O James corre ao encontro dos outros miúdos na sala de recreio. A Sonya e a Sara inventam uma desculpa para sair, dando-nos alguma privacidade. Cada vez gosto mais delas.

— Já alguém te falou deste sítio? — pergunta-me o Adam. Consegue

sentar-se. Os lençóis deslizam. O peito fica exposto. A pele está perfeitamente sarada... Mal consigo reconciliar a imagem que tenho na minha memória com o que vejo à minha frente. Esqueço-me de lhe responder à pergunta.

— Não tens cicatrizes. — Toco-lhe na pele como se precisasse de sentir aquilo pessoalmente.

Tenta sorrir.

— Não são muito tradicionais na medicina que usam aqui.

Olho-o, sobressaltada.

— Tu... sabes?

— Já conheceste o Castle?

Aceno com a cabeça, espantada.

Move-se. Suspira.

— Ouvi rumores sobre este sítio durante muito tempo. Tornei-me muito bom a ouvir sussurros, sobretudo porque zelava por mim. Mas, no exército, damos atenção ao que ouvimos. Todas e quaisquer ameaças do inimigo. Possíveis emboscadas. Falou-se num movimento clandestino invulgar desde que me alistei. A maioria das pessoas disse que era treta. Que era uma treta qualquer inventada para assustar as pessoas... que era impossível que fosse real. Mas esperei sempre que houvesse uma base de verdade, especialmente depois de ter descoberto o que conseguias fazer... Esperei conseguir encontrar outros com capacidades semelhantes. Mas não sabia a quem perguntar. Não tinha contactos... Não tinha forma de os encontrar. — Abana a cabeça. — Durante todo este tempo, o Kenji era um agente infiltrado.

— Disse que me procurava.

O Adam acena com a cabeça. Ri-se.

— Tal como eu te procurava. Tal como o Warner te procurava.

— Não percebo — murmuro. — Especialmente agora que sei que há outros como eu... mais fortes, até... Porque me queria o Warner *a mim*?

— Descobriu-te antes do Castle — diz o Adam. — Sentiu que te tinha reclamado há muito. — O Adam recosta-se na cama. — O Warner é muitas coisas, mas não é estúpido. De certeza que sabia que havia alguma verdade nesses rumores... e ficou fascinado. Porque, por mais que o Castle queira usar os seus talentos para o bem, o Warner queria

manipular esses talentos em benefício da sua causa. Queria tornar-se uma espécie de superpotência. — Uma pausa. — Investiu muito tempo e energia apenas a estudar-te. Não acredito que quisesse deixar que esse esforço se desperdiçasse.

— Adam — sussurro.

Pega-me na mão.

— Sim?

— Acho que ele não está morto.

QUARENTA E NOVE

—Não está.

O Adam vira-se. A voz fá-lo franzir a testa.

— Que fazes aqui?

— Uau. Que simpatia, Kent. Tem cuidado para não te cansares a agradecer-me por te ter salvado o couro.

— Mentiste-nos a todos.

— De nada.

— Sedaste o meu irmão de 10 anos!

— De nada, outra vez.

— Olá, Kenji — cumprimento.

— A minha roupa fica-te bem. — Aproxima-se um pouco mais e sorri.

Reviro os olhos. O Adam examina a minha roupa pela primeira vez.

— Não tinha mais nada para vestir — explico.

O Adam acena com a cabeça devagar. Olha para o Kenji.

— Tinhas uma mensagem para nós?

— Sim. Vim mostrar-vos onde vão ficar.

— Que queres dizer com isso?

O Kenji sorri.

— Tu e o James vão ser os meus novos companheiros de quarto.

O Adam pragueja entredentes.

— Desculpa, meu, mas não temos quartos suficientes para tu e aqui a Mãos Quentes terem o vosso espaço privativo. — Pisca-me o olho. — Sem ofensa.

— Tenho de ir agora?

— Sim, meu. Quero dormir. Não tenho o dia todo para ficar à espera de um preguiçoso como tu.

— *Preguiçoso...*?

Apresso-me a interromper antes que o Adam possa responder à letra.

— Queres dormir? Mas que horas são?

— São quase dez da noite — responde o Kenji. — É difícil de perceber debaixo do chão, mas tentamos manter-nos atentos aos relógios. Temos monitores nos corredores e a maioria de nós usa relógio. Perder a noção do dia e da noite pode avariar-nos muito depressa. E este não é o melhor momento para ficar demasiado confortável.

— Como sabes que o Warner não está morto? — pergunto, nervosa.

— Acabámos de o ver pela câmara — diz o Kenji. — Ele e os homens dele patrulham intensamente esta área. Consegui ouvir parte da conversa. Parece que o Warner levou um tiro.

Sustenho a respiração e tento acalmar o coração.

— Foi por isso que tivemos sorte na noite passada... Aparentemente, os soldados foram chamados para a base porque *pensavam* que o Warner tivesse morrido. Por um minuto, houve uma mudança de poder. Ninguém sabia o que fazer. A quem obedecer. Mas perceberam que não estava morto. Só ferido com gravidade. Tem o braço ao peito — acrescenta o Kenji.

O Adam consegue falar antes de mim.

— A que ponto é este sítio seguro contra ataques?

O Kenji ri-se.

— Seguro como o *raio*. Nem sequer sei como conseguiram aproximar-se tanto. Mas nunca conseguirão descobrir a nossa localização exata. E, se descobrirem, nunca conseguirão entrar. A nossa segurança é praticamente impenetrável. Além disso, temos câmaras por toda a parte. Conseguimos ver o que fazem antes mesmo de planearem fazê-lo. Mas não importa — continua. — Porque querem provocar uma luta e nós também. Não temos medo de um ataque. Além disso, não fazem ideia do que somos capazes. E treinamos para esta merda desde sempre.

— Tu... — Hesito. Coro. — Tu... quer dizer... também tens um... dom?

O Kenji sorri. E desaparece.

Desaparece mesmo.

Levanto-me. Tento tocar no espaço que ocupava.

Reaparece a tempo de se esquivar à minha mão.

— EI... cuidado... Posso estar invisível, mas isso não quer dizer que não sinta nada...

— Ah! — Afasto-me. Encolho-me. — Desculpa...

— Consegues ficar *invisível*? — O Adam parece mais irritado do que interessado.

— Não estavas à espera desta, pois não?

— Há quanto tempo me espias? — O Adam semicerra os olhos.

— Desde que comecei a precisar de o fazer. — Mas há malícia no seu sorriso.

— Então és... corpóreo? — pergunto.

— Olha para ti... a usar palavras complicadas. — O Kenji cruza os braços. Encosta-se à parede.

— Quer dizer... não podes... tipo... atravessar paredes ou algo assim?

Funga.

— Não. Não sou um fantasma. Consigo só... camuflar-me. Acho que essa é a melhor palavra. Consigo confundir-me com qualquer envolvimento. Mudo para me tornar impossível de ver. Demorei muito tempo a perceber isto.

— Uau.

— Costumava seguir o Adam até casa. Foi assim que descobri onde morava. E foi assim que consegui fugir... porque não conseguiam ver-me. Tentaram disparar, mesmo assim — acrescenta com azedume. — Mas consegui não morrer, pelo menos.

— Espera... Porque seguias o Adam até casa? Pensei que me procurasses a *mim*? — pergunto-lhe.

— Sim... bem... alistei-me pouco depois de sabermos do grande projeto do Warner. — Acena com a cabeça na minha direção. — Tentávamos encontrar-te, mas o Warner tinha autorizações de

segurança superiores e acesso a mais informação... Custava-nos encontrar-te. O Castle pensou que seria mais fácil ter alguém infiltrado a prestar atenção a todas as merdas tresloucadas que o Warner planeava. Quando ouvi dizer que o Adam era o tipo principal envolvido neste projeto em particular e que se tinha aproximado de ti, avisei o Castle. Disse-me que me mantivesse atento também ao Adam... como precaução se o Adam revelasse ser tão psicopata como o Warner. Queríamos ter a certeza de que não era uma ameaça para ti ou para os nossos planos. Mas não adivinhei que tentassem fugir juntos. Trocaram-me as voltas.

Houve um momento em silêncio.

— Até onde me espiaste? — pergunta-lhe o Adam.

— Vejam só. — O Kenji inclina a cabeça. — O Sr. Adam Kent sente-se um pouco intimidado de repente?

— Não sejas parvo.

— Escondes alguma coisa?

— Sim. A minha arma...

— Ei! — O Kenji bate com as mãos. — Então! Estamos prontos para sair daqui?

— Preciso de um par de calças.

Subitamente, o Kenji parece irritado.

— A sério, Kent? Não quero ouvir merdas dessas.

— A não ser que queiras ver-me nu, sugiro que me arranjes alguma coisa para vestir.

O Kenji fixa no Adam um olhar venenoso e afasta-se, resmungando qualquer coisa sobre emprestar a sua roupa toda às pessoas. A porta fecha-se depois de passar.

— Não estou mesmo nu — diz-me o Adam.

— Ah! — exclamo. Olho para ele. Os meus olhos traem-me.

Não consegue conter o sorriso a tempo. Os seus dedos acariciam-me a bochecha. — Só queria que nos deixasse em paz por um segundo.

Coro até ao tutano. Procuro alguma coisa para dizer.

— Fico tão feliz por estares bem.

Diz qualquer coisa que não ouço.

Pega-me na mão. Puxa-me para ele.

Debruça-se para mim e eu debruço-me também até estar praticamente em cima dele e abraça-me e beija-me com um novo tipo de desespero, um novo tipo de paixão, uma necessidade ardente. As suas mãos perdem-se no meu cabelo, os seus lábios são tão macios, tão urgentes contra os meus, como fogo e mel explodindo-me na boca. O meu corpo inteiro fumeja.

O Adam afasta-se só um pouco. Beija-me o lábio inferior. Morde-o por um segundo. A sua pele está 100 graus mais quente do que estava no momento anterior. Os seus lábios pressionam-se contra o meu pescoço e as minhas mãos viajam-lhe pelo tronco e penso porque haverá tantos comboios atravessando o meu coração a grande velocidade e porque o meu peito é uma harmónica partida. Passo os dedos sobre o pássaro suspenso em voo eterno na sua pele e percebo que, pela primeira vez, me deu asas. Ajudou-me a voar para longe e fiquei presa num movimento centrípeto, sobrevoando o centro de tudo. Volto a aproximar os lábios dele dos meus.

— Juliette — diz. 1 inspiração. 1 beijo. 10 dedos provocando-me a pele. — Preciso de te ver hoje à noite.

Sim.

Por favor.

2 batidas violentas na porta afastam-nos.

O Kenji bate com a porta.

— Sabem que esta parede é feita de *vidro*, não sabem? — Pela cara que faz, parece ter acabado de morder uma minhoca. — Ninguém quer ver isso.

Atira um par de calças ao Adam.

Acena-me com a cabeça.

— Anda. Levo-te até à Sonya e à Sara. Vão ajudar-te a instalares-te. — Vira-se para o Adam. — E não te atrevas a *devolver-me* essas calças.

— E se não quiser dormir? — pergunta o Adam, teimoso. — Não posso sair do quarto?

O Kenji pressiona os lábios. Semicerra os olhos.

— Não vou usar estas palavras muitas vezes, Kent, mas, *por favor*, não tentes sair às escondidas. Temos de controlar as coisas por um motivo. É a única maneira de sobrevivermos. Por isso, faz um favor a

toda a gente e mantém as calças vestidas. Vais vê-la de manhã.

Mas parece-me que a manhã fica a um milhão de anos de distância.

CINQUENTA

As gémeas ainda dormem quando alguém bate à porta. A Sonya e a Sara mostraram-me onde fica a casa de banho das senhoras e pude tomar banho ontem à noite, mas ainda visto as roupas demasiado largas do Kenji. Sinto-me um pouco ridícula enquanto me aproximo da porta.

Abro-a.

Pestanejo.

— Olá, Winston.

Olha-me de alto a baixo.

— O Castle pensou que talvez quisesses despir essa roupa.

— Tens alguma coisa que possa vestir?

— Sim... Lembras-te? Fizemos-te uma coisa especial.

— Ah. Uau. Sim, parece-me ótimo.

Saio em silêncio, seguindo o Winston pelos corredores escuros. O mundo subterrâneo está silencioso. Os seus habitantes ainda dormem. Pergunto ao Winston porque acordámos tão cedo.

— Achei que gostarias de conhecer toda a gente ao pequeno-almoço. Assim, podes aprender a rotina deste sítio... e podes mesmo começar o teu treino. — Olha para trás. — Todos precisamos de aprender a controlar os nossos talentos da melhor forma possível. Não serve de nada não conseguirmos controlar o nosso corpo.

— Espera... tu também tens um *talento*?

— Há exatamente 56 pessoas aqui com talentos. Os outros são familiares, filhos ou amigos próximos que ajudam com tudo o resto. Sim. Sou um dos 56. Tu também.

Quase lhe piso os pés num esforço para acompanhar os passos das suas pernas compridas.

— Que consegues fazer?

Não responde. E não posso ter a certeza, mas parece-me que cora.

— Desculpa — recuo. — Não queria ser intrusiva... Não devia ter perguntado...

— Não faz mal — interrompe. — Só acho que é um pouco estúpido.

— Ri-se com uma gargalhada curta e dura. — Com tudo o que poderia fazer... — suspira. — Tu, pelo menos, consegues fazer alguma coisa *interessante*.

Paro, atordoada. Horrorizada.

— Achas que isto é uma competição? Para ver quem faz o truque de magia mais retorcido? Para ver quem consegue provocar mais dor?

— Não foi isso o que quis dizer...

— Acho que não é *interessante* conseguir matar alguém por acidente. Acho que não é *interessante* ter medo de tocar numa coisa viva.

Tem o maxilar tenso.

— Não queria dizer isso. Só... gostava de ser mais útil. Mais nada.

Cruzo os braços.

— Não precisas de me dizer se não quiseses.

Revira os olhos. Passa uma mão pelo cabelo.

— Sou só... sou muito... flexível — diz.

Demoro um momento a processar o que me disse.

— Queres dizer que... consegues torcer-te todo?

— Sim. Ou esticar-me, se precisar.

Abro a boca com um espanto tão óbvio que deveria sentir vergonha.

— Posso ver?

Morde o lábio. Reajusta os óculos. Olha para ambas as direções no corredor vazio. E enrola um braço à cintura. Duas vezes.

A minha boca escancarada faz-me parecer um peixe morto.

— Uau.

— É estúpido — resmunga. — E inútil.

— Estás louco? — Afasto-me para o olhar. — Isso é *incrível*.

O braço dele voltou ao normal e volta a afastar-se. Preciso de me

apressar para conseguir alcançá-lo.

— Não seas tão duro contigo mesmo — tento dizer-lhe. — Não é motivo para teres vergonha. — Mas não me ouve e tento recordar quando me tornei oradora motivacional. Quando deixei de me odiar e passei a aceitar-me. Quando se tornou aceitável decidir viver a minha vida.

O Winston conduz-me à divisão onde o conheci. As mesmas paredes brancas. A mesma cama pequena. Só que, daquela vez, o Adam e o Kenji esperam no interior. O meu coração acelera e, subitamente, sinto-me nervosa.

O Adam está de pé. Não precisa de ajuda e parece perfeito. Belo. Incólume. Não se vê uma única gota de sangue. Avança apenas com um ligeiro desconforto, sorri-me sem esforço. A sua pele está um pouco mais pálida do que o normal, mas não deixa de estar muito melhor do que na noite em que chegámos. O seu bronzado natural contrasta com um par de olhos azuis que parecem um céu à meia-noite.

— Juliette — diz.

Não consigo parar de o olhar fixamente. De me maravilhar com ele. Espantada pela sensação incrível de saber que está bem.

— Olá. — Consigo sorrir.

— Bom dia também para ti — diz o Kenji.

Sobressalto-me. Estou mais rosada do que um pôr do sol de verão, esmorecendo com a mesma rapidez.

— Olá. — Aceno com uma mão débil na sua direção.

Funga.

— Está bem. Vamos despachar isto? — O Winston aproxima-se de uma das paredes, que revela ser um armário. Há uma mancha de cor no interior. Puxa-a do varão.

— Posso... humm... ter um momento a sós com ela?

O Winston tira os óculos. Esfrega os olhos.

— Preciso de seguir o protocolo. Preciso de explicar tudo...

— Eu sei... — diz o Adam. — Podes fazê-lo depois. Só preciso de um minuto, prometo. Não pude falar com ela desde que chegámos.

O Winston franze a testa. Olha para mim. Olha para o Adam.

Suspira.

— Tudo bem. Mas voltamos depois. Preciso de ter a certeza de que tudo serve e tenho de verificar o...

— Perfeito. Isso parece-me ótimo. Muito obrigado, pá... — E empurra-os pela porta fora.

— Espera! — O Winston volta a abrir a porta. — Pelo menos, pede-lhe que vista o fato enquanto esperamos. Assim, não será uma completa perda de tempo.

O Adam olha para o tecido na mão esticada do Winston. O Winston esfrega a testa e murmura qualquer coisa sobre pessoas que o fazem perder tempo e o Adam contém um sorriso. Olha-me. Encolho os ombros.

— Está bem — diz, pegando no fato. — Mas, agora, precisam de sair... — E empurra-os aos dois para o corredor.

— Vamos ficar *aqui à espera* — grita o Kenji. — A 5 segundos de distância...

O Adam fecha a porta depois de saírem. Vira-se. Os seus olhos fixam-se em mim.

Não sei como acalmar o coração. Tento falar e falho.

Ele é o primeiro a conseguir encontrar a voz.

— Nunca pude agradecer-te — diz.

Baixo os olhos. Finjo que o calor não trepa por mim acima até à cara. Belisco-me sem motivo válido.

Dá um passo em frente. Debruça-se. Pega-me nas mãos.

— Juliette.

Olho-o.

— *Salvaste-me a vida.*

Mordo o interior da bochecha. Parece tão tonto dizer «de nada» por ter salvado a vida de alguém. Não sei o que fazer.

— Fico tão feliz por estares bem — é tudo o que consigo dizer.

Olha-me fixamente os lábios e sinto dores por todo o lado. Se voltar a beijar-me, acho que não o deixarei parar. Inspira fundo. Parece recordar que segura alguma coisa.

— Ah, talvez devesse vestir isto? — Passa-me um pedaço de qualquer coisa roxa. Parece minúsculo. É como um fato-macaco para

crianças. Pesa menos que nada.

Fixo no Adam um olhar vazio.

Sorri.

— Experimenta-o.

Olho-o de outra forma.

— Ah. — Sobressalta-se, um pouco envergonhado. — Certo... viro-me ao contrário...

Espero até ficar de costas antes de expirar. Olho em redor. Não vejo espelhos ali. Dispo a roupa grande demais. Largo cada peça no chão. Estou ali, completamente nua, e, por um momento, fico demasiado petrificada para me mexer. Mas o Adam não se vira. Não diz nada. Examino o tecido roxo brilhante.

Imagino que esticará.

Estica.

Na verdade, é inesperadamente fácil de vestir... como se tivesse sido especialmente concebido para o meu corpo. Tem um forro na zona que ficaria coberta pela roupa interior, sobe-me até ao pescoço, as mangas descem-me até aos pulsos, as pernas alongam-se até aos tornozelos e um fecho compõe tudo. Examino o material incrivelmente fino. Sinto que não visto nada. É de um roxo vivo, justo, mas sem ser apertado. Deixa-me respirar a pele e é estranhamente confortável.

— Como fica...? — pergunta o Adam. Parece nervoso.

— Podes ajudar-me a puxar o fecho?

Vira-se. Os seus lábios abrem-se, vacila e esboça um sorriso incrível. As suas sobranceiras quase tocam no teto. Coro tanto que nem sei para onde olhar. Avança e viro-me, demasiado ávida para esconder a cara, sinto borboletas esvoaçando-me no peito. O Adam toca-me no cabelo e percebo que me chega quase ao fundo das costas. Talvez precise de o cortar.

Os dedos dele são tão cuidadosos. Passa-me o cabelo sobre o ombro para não ficar preso no fecho. As mãos descem da minha nuca até ao início do tecido e percorrem-me as costas até ao fundo. Mal consigo manter-me direita. Desce eletricidade suficiente pela minha coluna para iluminar uma cidade. Demora-se a correr o fecho. As suas mãos descem-me pelos flancos.

— Bolas, estás linda — é a primeira coisa que me diz.

Viro-me. Pressiona o punho contra a boca, tentando esconder o sorriso, e impedindo as palavras de escaparem entre os lábios.

Toco no tecido. Decido que talvez seja melhor dizer alguma coisa.

— É muito... confortável.

— Sexy.

Olho-o.

Abana a cabeça.

— É sexy como o raio.

Dá um passo em frente. Abraça-me.

— Pareço uma ginasta — murmuro.

— Não — sussurra, fazendo-me sentir o seu hálito quente nos lábios. — Pareces uma super-heroína.

EPÍLOGO

Ainda sinto um formigueiro quando o Kenji e o Winston voltam a entrar.

— Como vai este fato facilitar-me a vida? — pergunto a quem souber responder.

Mas o Kenji está paralisado, olhando fixamente sem arrependimento. Abre a boca. Fecha-a. Enfia as mãos nos bolsos.

É o Winston quem responde.

— Vai ajudar com o problema do contacto físico — diz-me. — Não precisas de te cobrir da cabeça aos pés com este tempo imprevisível. O tecido foi concebido para te manter fresca ou quente dependendo da temperatura. É leve e deixa respirar a pele para não sufocares. Vai impedir que magoes alguém sem querer, mas permite-te a flexibilidade de tocar em alguém... até intencionalmente. Se algum dia precisares de o fazer.

— É espantoso.

Sorri. Um grande sorriso.

— De nada.

Estudo o fato com mais atenção. Percebo uma coisa.

— Mas as minhas mãos e pés estão totalmente expostos. Como é que isso vai...

— Oh, bolas — interrompe o Winston. — Quase me esquecia. — Corre até ao armário e tira um par de botas rasas até ao tornozelo e um par de luvas pretas que chegam imediatamente abaixo do cotovelo. Passa-mas. Estudo o couro flexível dos acessórios e maravilho-me com a flexibilidade das botas. Poderia dançar balé e correr um quilómetro e

meio com elas calçadas. — Devem servir-te — diz. — Completam o fato.

Calço-as e ergo-me em bicos de pés, deleitando-me com a sensação do meu novo fato. Sinto-me invencível. Gostava mesmo de ter um espelho, por uma vez na vida. Movo o olhar entre o Kenji, o Adam e o Winston.

— Que te parece? Achas que... serve?

O Kenji produz um ruído estranho.

O Winston olha para o relógio.

O Adam não consegue parar de sorrir.

Juntos, seguimos o Kenji e o Winston para fora, mas o Adam faz uma pausa para me descalçar a luva esquerda. Pega-me na mão. Entrelaça os dedos nos meus. Esboça um sorriso que consegue beijar-me o coração.

E olho em redor.

Movo o pulso.

Toco o tecido que me cobre a pele.

Sinto-me incrível. Os meus ossos parecem mais jovens. A minha pele parece vibrante e saudável. Encho os pulmões com grandes inspirações e saboreio o ar.

As coisas mudam, mas, desta vez, não tenho medo. Desta vez, sei quem sou. Desta vez, tomei a decisão certa e luto pela equipa certa. Sinto-me segura. Confiante.

Excitada, até.

Porque, desta vez...

Estou preparada.

AGRADECIMENTOS

A minha gratidão infinita vai para:

O meu marido, o meu melhor amigo, o meu maior fã e o único homem no mundo que entende o que me vai na cabeça. És a estrela mais brilhante do meu universo.

Os meus pais, que me apoiaram em cada momento da minha vida, sem nunca duvidarem de mim, sem nunca me desencorajarem. Inspiraram-me todos os dias.

Os meus irmãos, porque ninguém conhece as nossas histórias como nós. Porque nos mantemos unidos. Porque sempre acreditaram em mim e porque nunca deixarei de acreditar em vocês.

Tana & Randa, por tudo. Por cada momento, cada palavra de encorajamento, cada gargalhada, cada recordação preciosa. Estiveram presentes desde o início.

Sarah, que me deu a força para ser corajosa. Deste-me a mão nos momentos em que mais precisava e nunca esquecerei isso.

Jodi Reamaer, a super-heroína mais incrível que alguma vez conheci. Preencheste os meus dias com estrelas cadentes e, um dia, arrancarei a lua do céu e enfiar-ta-ei na caixa de correio.

Alec Shane, que me deu a oportunidade única que mudou o meu mundo.

Tara Weikum, a melhor editora que uma rapariga poderia pedir. É um privilégio tão grande trabalhar com alguém que percebe de forma tão completa a minha história. As minhas personagens estão seguras contigo de uma forma que não seria possível em qualquer outro sítio e ainda não acredito na minha sorte. És incrível e adoro-te.

Um grande agradecimento à HarperCollins e à Writers House, que trabalham incansavelmente nos bastidores para concretizar os meus sonhos: a Melissa Miller, por ser fabulosa; a Christina Colangelo, Diane Naughton e Lauren Flower, pelo seu entusiasmo interminável e pelo génio no marketing; e Allison Verost, a minha intrépida publicista! Obrigada também a Alison Donalty, diretora artística, carregadora de bolsa e portadora do café salvador... és preciosa; a Ray Shappell, o homem brilhante responsável pelo design da capa; a Brenna Franzitta, cujos talentos de edição de texto valem milhões; a Cecilia de la Campa, pelos seus esforços inabaláveis para adquirir direitos internacionais; e a Beth Miller, por ter sido uma das minhas primeiras apoiantes.

A todos os meus primeiros leitores, incluindo Sumayyah, Bahareh e Saba, e também aos meus brilhantes amigos dos blogues e do *Twitter*, que tornam os meus dias muito mais animados e infinitamente mais belos: Obrigada por partilharem a minha viagem e por me honrarem com a vossa amizade... Espero que saibam que sempre vos apoiarei!

E a todos os leitores que pegarem neste livro: Bem. Sem vocês, onde estaríamos?

Obrigada, obrigada, obrigada!

Edição original

Título: *Shatter Me*

Texto: © 2011 Tahereh Mafi

Publicado pela HarperCollins Children's Books, uma chancela da HarperCollins Publishers,

Nova Iorque.

Todos os direitos reservados.

Edição em português

Título: *Intocável*

Tradução: Renato Carreira

Revisão: Débora Morais

Paginação eletrônica: Wonder Studio

ISBN edição impressa: 978-989-8864-75-8

ISBN edição ePub: 978-989-564-142-0

1.ª edição: julho de 2019

Versão 1.0: junho de 2020

© **2019 Topseller**, uma chancela da **20|20 Editora**.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem prévia autorização da editora.

2020

editora

TOP
SEL
LER

os livros em primeiro lugar

Rua Alfredo da Silva, 14 • 2610-016 Amadora • Portugal
Tel. +351 218936000 • GPS 38.742, -9.2304
contacto@topseller.pt • www.topseller.pt •  [topseller.pt](https://www.facebook.com/topseller.pt)

Garantia incondicional de satisfação e qualidade: se não ficar satisfeito com a qualidade deste livro, poderá contactar diretamente a Topseller, juntando a fatura, e será reembolsado sem mais perguntas. Esta garantia é adicional aos seus direitos de consumidor e em nada os limita.

Intocável é uma obra de ficção. Nomes, personagens e episódios resultam da imaginação da autora ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas, acontecimentos ou locais reais é pura coincidência.